

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

A DAMA E O UNICÓRNIO

TRACY CHEVALIER

Título original: "THE LADY AND THE UNICORN"

Tradução BEATRIZ HORTA

BERTRAND BRASIL

2006

A tradutora agradece a gentileza de Marina Slade, pela grande ajuda na terminologia específica das máquinas usadas na confecção das tapeçarias no século XV.

Para minha irmã Kim

I

PARIS

Da Quaresma à Páscoa de 1490

NICOLAS DÊS INNOCENTS

O mensageiro disse que eu fosse na mesma hora. Jean Lê Viste é assim: espera que todos façam imediatamente o que ele quer.

E eu fiz. Fui atrás, dando uma paradinha rápida para limpar meus pincéis.

Encomendas de Jean Lê Viste podem significar comida na mesa durante semanas. Só o Rei diz não a Jean Lê Viste, e eu, claro, não sou o Rei.

Por outro lado, quantas vezes já atravessei correndo uma ponte do Sena para ir à rue du Four e apenas voltar sem encomenda alguma? Não é que Jean Lê Viste seja indeciso - pelo contrário, é tão ponderado e decidido quanto seu amado Luís XI. E tão sem humor também. Jamais brinco com ele. É ótimo sair da casa dele para beber alguma coisa na taberna mais próxima, rir um pouco e dar uns abraços em alguma rapariga para reanimar.

Jean Lê Viste sabe o que quer. Às vezes, vou conversar com ele sobre mais um brasão para decorar a lareira, ou pintar algum na porta da carruagem da esposa, ou trabalhar num vitral da capela (as pessoas dizem que o brasão dos Lê Viste é tão comum quanto cocô de cavalo). No meio da conversa, de repente, ele pára, balança a cabeça e diz, franzindo a testa: "Isso não precisa. Eu não devia ficar me ocupando com essas bobagens. Pode ir." Eu vou, sentindo-me culpado, como se fosse falta minha ocupar a cabeça dele com decoração de carruagem, apesar de ter sido ele quem mandou me chamar.

Estive na mansão da rue du Four uma meia dúzia de vezes. Não é um lugar que impressione. Mesmo com todo o campo à volta, foi construída como se estivesse no centro da cidade, com os cômodos compridos e estreitos, as paredes escuras demais e as coqueiras muito perto, fazendo com que ela esteja sempre cheirando a cavalos. É o tipo da residência de uma família que comprou sua entrada na Corte: bem grande, mas mal localizada. Jean Lê Viste deve achar que fez bem em conseguir uma propriedade assim, enquanto a Corte ri dele pelas costas. Devia morar perto do Rei e da igreja de Notre Dame, e não fora dos muros da cidade, nos campos pantanosos em torno de SaintGermain-des-Prés.

Quando cheguei à casa, o mordomo não me conduziu ao aposento particular de Jean Lê Viste - que é cheio de mapas e onde ele resolve seus afazeres da Corte e do Rei, além dos assuntos da família. Não, o mordomo me levou para a Grande Salle, onde os Lê Viste recebem e distraem seus convidados. Eu nunca havia entrado lá. Era uma sala comprida, com uma grande lareira em frente à porta e uma mesa de carvalho no centro. Não tinha outros enfeites além do brasão na porta e outro na lareira, esculpido na chaminé de pedra - e o teto de bela madeira talhada.

Não é um cômodo tão grande, pensei, olhando em volta. Embora as venezianas estivessem abertas, a lareira não havia sido acesa e a sala estava fria, com suas paredes sem tapeçarias. -Aguarde meu patrão aqui - disse o mordomo, olhando-me firme.

Naquela casa, as pessoas ou respeitavam ou desprezavam os artistas.

Virei as costas para o mordomo e olhei por uma janela estreita, de onde se tinha uma boa visão das torres de SaintGermain-des-Prés. As pessoas dizem que

Lê Viste ficou com essa casa para que sua devota esposa pudesse ir sempre e com facilidade à igreja.

Atrás de mim, alguém abriu a porta da sala e virei-me, pronto para fazer uma reverência. Era só uma criada, que deu um risinho irônico ao me ver no meio da mesura.

Empertiguei-me e olhei-a passar pela sala, com um balde batendo nas saias.

Ajoelhou-se na frente da lareira e começou a recolher as cinzas.

Seria ela? Tentei me lembrar, pois naquela noite estava escuro atrás das cocheiras. A criada que se encontrava lá era mais gorda do que eu lembrava, e séria, com uma expressão pesada, mas de rosto bonito. Valia a pena falar com ela.

- Espere um instante - pedi, depois que ela se levantou, desajeitada, e se dirigiu para a porta. - Escute, pare um instante. vou lhe contar uma história.

A moça assustou-se.

- É a história do unicórnio?

Era ela. Abri a boca para responder, mas ela pulou na minha frente.

- É uma história que a mulher fica com um barrigão e pode perder o emprego? É essa a história?

Então era por isso que ela estava gorda. Voltei para a janela.

- Você devia ter tomado mais cuidado.

- Eu não devia ter dado confiança a você, isso sim! Devia ter esticado sua língua até ela chegar na sua traseira!

- Pode sair, seja boazinha. Isso é para você - falei, enfiando a mão no bolso e tirando algumas moedas, que coloquei na mesa. - Para ajudar com o bebê.

A moça se aproximou e cuspiu na minha cara. Quando terminei de limpar meus olhos, ela já havia desaparecido. Assim como as moedas.

Jean Lê Viste chegou pouco depois, acompanhado de Léon Lê Vieux. Quase todos os mecenas usam um comerciante como Léon para servir de intermediário, combinar os prazos, redigir o contrato, dar um adiantamento e o material, garantindo que a obra seja entregue. Eu já havia negociado com o velho comerciante sobre um brasão pintado numa chaminé de lareira, uma Anúnciação para os aposentos da esposa de Jean Lê Viste, e um vitral para a capela no castelo deles perto de Lyon.

Léon é muito estimado pelos Lê Viste. Eu o respeito, mas não consigo gostar dele. Descende de judeus e não faz segredo disso, mas tira vantagem do fato, pois Jean Lê Viste também é de uma família que mudou muito com os tempos. Por isso ele prefere Léon - são dois homens de fora da Corte que abriram caminho nela. Claro que Léon tem o cuidado de assistir à Missa duas ou três vezes por semana na Notre Dame, onde muita gente pode vê-lo, enquanto Jean Lê Viste se esmera em comportar-se como um verdadeiro nobre, encomendando obras para a casa, recebendo soberbamente seus convidados, fazendo reverências e medidas para o seu Rei.

Léon ficou me olhando com um sorriso no meio da barba como se tivesse visto um macaco atrás de mim. Virei-me para Jean Lê Viste.

- Bonjour, Monseigneur. Mandou me chamar? - Fiz uma reverência tão grande que minha cabeça chegou a latejar. Isso não me acontece quando a reverência é discreta.

O queixo de Jean Lê Viste parece uma machadinha, e os olhos, duas lâminas. Eles percorreram o aposento e pararam na janela por cima de meu ombro.

- Quero conversar com você, Nicolas dês Innocents, a respeito uma encomenda - disse, puxando as mangas da túnica debruada com pele de coelho e tingida no

vermelhoescuro dos jurisconsultos. - Uma encomenda para este aposento.

Olhei o aposento, sem pensar em nada. Era a melhor atitude que se devia tomar com Jean Lê Viste.

- O que tem em mente, Monseigneur?

- Tapeçarias.

Vi que a palavra estava no plural.

- Talvez dois brasões para dependurar de cada lado da porta?

Jean Lê Viste fez uma careta. Eu não devia ter perguntado nada.

- Quero tapeçarias em todas as paredes daqui.

- Todas?

- Sim.

Dei outra olhada pelo aposento, dessa vez com mais atenção. A Grande Salle tinha, no mínimo, dez pés de comprimento por cinco de largura. As paredes eram bem grossas, de pedra bruta cinzenta. Uma das paredes compridas tinha três janelas, e a lareira ocupava a metade da parede do fundo. Tapeçarias para forrar aquele aposento poderiam exigir anos de trabalho a um tapeceiro.

- Que tema gostaria, Monseigneur? - Já havia desenhado uma tapeçaria para Jean Lê Viste: um brasão, claro. Era bem simples, coloquei-o na proporção da tapeçaria e pintei um pouco de verde em volta.

Jean Lê Viste cruzou os braços.

- Fui indicado no ano passado para Presidente da Cour des Aides*. O cargo não me importava nada, mas eu sabia o que significava.

** Corte soberana que julga questões concernentes aos fundos de ajuda do Estado. (N.E.)*

O cargo não me importava nada, mas eu sabia o que significava.

- Sim, Monseigneur. Isso é uma grande honra para o senhor e sua família.

Léon revirou os olhos para o teto esculpido, enquanto Jean Lê Viste abanava a mão como se estivesse tirando fumaça do aposento. Tudo que eu falava parecia incomodá-lo.

- Quero comemorar o fato com um jogo de tapeçarias. Estou reservando este aposento para uma ocasião especial.

Desta vez, esperei para dizer alguma coisa.

- É fundamental, claro, que o brasão da família apareça nas tapeçarias.

- Certamente, Monseigneur.

A seguir, Jean Lê Viste me surpreendeu: - Mas não o brasão sozinho. Já temos muitos aqui e no resto da casa.

- Fez um gesto mostrando os brasões sobre a porta e a lareira, mais os que haviam sido esculpidos nas vigas do teto, que eu não tinha percebido antes. - Não, quero que o brasão faça parte de uma cena mais ampla, refletindo a minha posição em meio à Corte.

- Desejaria uma cena de procissão, talvez?

- Uma batalha.

- Batalha?

- Sim, a Batalha de Nancy, Fiquei pensativo. Cheguei a dar um sorrisinho. Mas, na verdade, eu pouco sabia de batalhas, e muito menos sobre essa de Nancy - quem havia participado, quem morrera e quem vencera. Já tinha visto quadros de batalhas, mas nunca havia feito um.

Cavalos, pensei. Teria de pintar, no mínimo, vinte cavalos para cobrir as paredes,

em meio a braços, pernas e armaduras de homens. Pensei, então, por que Jean Lê Viste (ou Léon, como era mais provável) me havia escolhido para aquele trabalho. Minha fama na Corte é de miniaturista, pintor de pequenos retratos de damas que elas dão para os

cavalheiros levarem no bolso. As miniaturas são apreciadas pela sua delicadeza, e recebo muitas encomendas. Para ter um dinheirinho para a taberna, pinto escudos em portas de carruagens de damas, mas a minha verdadeira arte é fazer um rosto do tamanho do meu polegar, usando pincéis com algumas cerdas de javali e misturando a cor com clara de ovo. É preciso mão firme, que eu tenho, mesmo depois de passar a noite toda bebendo no Lê Coq d'Or. Mas só de pensar em pintar vinte cavalos enormes comecei a transpirar, embora o aposento fosse frio.

- Tem certeza, então, de que deseja a Batalha de Nancy, Monseigneur... - considere, sem fazer bem uma pergunta.

Jean Lê Viste franziu o cenho.

- Por que eu não teria certeza?

- Por nada, Monseigneur - respondi rápido. - Será uma obra grande, e o senhor precisará ter certeza do que quer.

- Amaldiçoei-me pelas palavras inadequadas.

Jean Lê Viste bufou: - Eu sempre sei o que quero! Mas parece que você não se entusiasmou muito com a idéia. Talvez eu deva escolher um artista que se interesse mais pela encomenda.

Fiz outra grande medida.

- Não, Monseigneur, claro que estou muito honrado e grato em ser chamado para desenhar trabalho tão importante! Tenho certeza de que não mereço sua gentileza em se lembrar de mim. Mas esteja seguro de que colocarei todo o meu empenho nessas tapeçarias.

Jean Lê Viste concordou com a cabeça, como se essa bajulação lhe fosse devida.

- Vou deixar você aqui conversando sobre os detalhes com Léon e medindo as paredes - disse ele, virando-se para sair. - Espero ver os primeiros esboços pouco antes

da Páscoa - na Quinta-feira Santa -, e as pinturas, uns quarenta dias depois, na Ascensão.

Quando ficamos a sós, Léon Lê Vieux deu uma risadinha cacarejante e disse: - Como você é bobo! com ele, é melhor ir direto ao assunto e ignorar suas zombarias. Informei: - Meu preço são dez livres tournois *, sendo quatro agora, três quando eu entregar os esboços e mais três quando as pinturas estiverem prontas.

- Pago cinco livresparisis ** - retrucou ele, rápido. -A metade quando você entregar os esboços, o resto quando aprontar as pinturas e elas forem aprovadas por Monseigneur.

- De jeito nenhum. Não posso trabalhar sem um adiantamento. E só aceito livres tournois. - Era bem típico de Léon tentar esse golpe, pois as livres parisis valem menos.

Léon deu de ombros, os olhos brilhando.

- Estamos em Paris, ríest-cepasí Não deveríamos negociar em livresparisis? É o que prefiro.

- Oito livres tournois, sendo três agora, depois três e duas - contra-ataquei.

- Sete. Dou duas amanhã, depois mais duas, e três no final.

Mudei de assunto. É sempre bom deixar o comerciante esperar um pouco.

** Moeda de Tours. (N.E.) 1 Moeda de Paris. (N.E.) - Onde as tapeçarias serão feitas?*

- No Norte, provavelmente em Bruxelas. São os melhores tapeceiros.

No Norte? Eu me arrepiei. Estivera a negócios uma vez em Tournai e detestara a luz sem graça da cidade, as pessoas desconfiadas, e prometi nunca mais voltar lá.

Pelo menos eu só teria de fazer os desenhos, o que poderia fazer aqui mesmo.

Quando estivessem prontos, eu não teria mais nada a ver com a confecção das tapeçarias.

-Alors, o que sabe da batalha em Nancy? - perguntou Léon.

Dei de ombros.

- Que importa? Toda batalha é igual, n'est-cepas?

- É como dizer que todas as mulheres são iguais. Sorri.

- Insisto: todas as batalhas são iguais. Léon balançou a cabeça.

- Tenho pena da mulher com quem você se casar. Mas, diga: o que vai colocar nas tapeçarias?

- Cavalos, homens de armadura, estandartes, lanças, espadas, escudos, sangue.

- Qual será o traje de Luís XI?

- Armadura, naturalmente. Talvez uma pluma especial no capacete. Na verdade, não sei, mas tenho com quem me informar sobre essas coisas. Imagino que alguém carregará o estandarte real.

- Espero que seus amigos sejam mais inteligentes do que você e lhe informem que Luís XI não esteve na Batalha de Nancy e que foi um suíço que matou Charles, o Ousado com apoio de Luís XI, claro. Mas o Rei não esteve lá.

- Ah. - Era esse o jeito de Léon Lê Vieux: gostava de fazer todo mundo de bobo, menos o patrão. Ninguém faz Jean Lê Viste de bobo.

-Bon. - Léon tirou uns papéis do bolso e colocou-os na mesa. -Já discuti com Monseigneur o que as tapeçarias vão mostrar e tomei algumas medidas. Você vai ter de medir melhor, claro. Aqui estão - disse ele, mostrando seis retângulos mal desenhados. - São duas grandes tapeçarias aqui e quatro menores. Eis a seqüência da batalha.

Explicou a batalha com detalhes, sugerindo cenas para cada tapeçaria: os dois acampamentos, o começo da luta, duas cenas do caos da batalha, a morte de Charles, o Ousado, e o desfile da vitória dos suíços. Ouvi tudo que ele disse e fiz esboços no papel, mas fiquei meio distante, pensando no que estava aceitando.

Não teria nenhuma mulher naquelas tapeçarias, nada em miniatura, delicado, nada que me fosse fácil pintar. Ia ganhar meu sustento com suor e muitas horas de trabalho.

- Depois que pintar tudo, seu trabalho estará terminado - Léon me lembrou. - Levarei para o tapeceiro no norte e o cartonista dele ampliará as pinturas para serem confeccionadas.

Eu devia ficar contente de não ter de ampliar os cavalos. Mas fiquei preocupado com a minha obra.

- Como vou saber se esse cartonista é um bom artista? Não quero que prejudique meus desenhos!

- Ele não vai mudar o que Jean Lê Viste aprovou. Só fará mudanças que ajudem na confecção das tapeçarias. Você não fez muitas tapeçarias, não é, Nicolas? Acho que apenas um brasão.

- Mas eu mesmo o ampliei, não precisei de um cartonista. Certamente posso ampliar também nessa encomenda.

- Essas tapeçarias são bem diferentes de um brasão. Precisarão de um cartonista.

Tiens, esqueci de mencionar uma coisa! Não deixe de colocar o brasão dos Lê Viste

nelas. Monseigneur faz questão.

- Ele lutou contra os suíços? Léon riu.

- Durante a Batalha de Nancy, Jean Lê Viste estava a serviço do Rei no outro lado da França. Mas isso não importa, ponha o brasão em bandeiras e escudos com alguém carregando. Talvez você queira ver quadros dessa batalha e de outras. Procure

Página 6

Gérard, o gravador, na rue Vieille du Temple... ele lhe mostrará um livro com gravuras da Batalha de Nancy. Vou avisar que você irá procurá-lo. Agora, deixo-o aqui tirando as medidas da sala. Se tiver algum problema, procure-me. E me traga os desenhos lá pelo Domingo de Ramos, pois se eu quiser mudar alguma coisa, você terá tempo de aprontar até Monseigneur ver.

Claro que Léon Lê Vieux era os olhos de Lê Viste. Eu tinha de agradá-lo, e, se ele gostasse do que visse, o patrão também gostaria.

Não consegui resistir a uma última pergunta: - Por que me escolheu para essa encomenda?

Léon puxou as pontas do manto simples, sem debruns de pele.

- Não o escolhi. Por mim, preferiria alguém que tivesse feito mais tapeçarias, ou então procuraria direto o tapeceiro; eles têm desenhos prontos, que usam. É mais barato e os desenhos são bons. - Léon era sempre franco.

- Então, por que Jean Lê Viste me escolheu?

- Logo você vai saber. Alors, procure-me amanhã: terei os papéis prontos para você assinar, e o dinheiro.

- Ainda não aceitei as suas condições.

- Ah, aceitou sim. Há encomendas que um artista não recusa. Esta é uma delas, Nicolas dê Innocents. - E saiu, olhando-me de soslaio.

Ele tinha razão. Eu havia falado como se fosse fazê-la. Mesmo assim, as condições não eram más. Na verdade, Léon não regateara muito, só fiquei pensando se, no fim das contas, ele iria pagar em livres parisis.

Olhei para as paredes que teria de revestir com tanta suntuosidade. Dois meses para desenhar e pintar vinte cavalos e seus cavaleiros! Fiquei numa ponta da sala e andei até o outro lado, contando doze pés; depois, passei pelo meio. Deu seis pés de largura. Encostei uma cadeira na parede e subi nela, mas, mesmo esticando o

braço ao máximo, não consegui alcançar o teto. Coloquei a cadeira no lugar e, depois de ficar meio indeciso, subi na mesa de carvalho. Continuava faltando, pelo menos, uma altura minha para chegar ao teto.

Fiquei pensando aonde iria achar uma vara para medir a altura; nisso, ouvi um ruído atrás de mim e virei-me. Uma menina me olhava da porta. Uma linda menina: pele clara, testa alta, nariz comprido, cabelos cor de mel, olhos claros. Não a conhecia. Fiquei mudo por um instante.

- Olá, bela - consegui dizer, afinal. A menina riu e foi pulando num pé só.

Estava com um vestido azul simples, de corpete apertado, decote quadrado e mangas justas.

Era bem cortado e de ótima lã, mas sem enfeites. Usava também um lenço simples na cabeça, e seus cabelos iam quase até a cintura. Comparada com a criada que limpava a lareira, ela era muito fina para ser uma empregada. Talvez uma dama de companhia?

- A dona da casa quer ver você - disse ela, e depois virou-se indo embora, ainda rindo.

Não me mexi. com meus anos de experiência, aprendi que, se você ficar onde está, cães, falcões e damas sempre voltam. Ouvi os pés dela batendo no assoalho da sala ao lado, em seguida parando. Um instante depois, os passos recomeçaram e ela reapareceu na porta.

- Você não vem? - Continuava sorrindo.

- Vou, bela, se você for junto comigo e não sair correndo como se eu fosse um dragão.

A menina riu.

- Venha - chamou, fazendo um sinal, e então desci da mesa. Tive de andar rápido para acompanhá-la de um aposento a outro. A saia dela esvoaçava como se fosse soprada por um vento misterioso. De perto, a menina tinha um cheiro doce e forte, acentuado pelo suor. Mexia a boca como se mastigasse alguma coisa.

- O que tem na boca, bela?

- Dor de dente. - Mostrou a língua, que tinha na ponta rosada um cravoda-índia.

Quando vi aquela língua, fiquei enrijecido, tive vontade de pegar a menina nos meus braços.

- Hum, deve estar doendo. - Eu sou capaz de chupar melhor, pensei. - Mas por que a sua patroa quer me ver?

A menina olhou para mim, divertida.

- Espero que ela conte. Andei mais devagar.

- Por que correr? Será que ela se incomodaria se conversássemos um pouco no caminho?

- A respeito do quê, você quer falar? - perguntou a menina, antes de subir o degrau de uma escada em caracol.

Saltei no degrau à frente dela para impedi-la de seguir.

- Quais os bichos de que você gosta?

- Bichos?

- Não quero que me considere um dragão. Queria que me achasse um outro bicho.

Algun de que você goste.

A menina pensou.

- Um periquito, talvez. Gosto deles. Tenho quatro, e comem na minha mão. - Ela deu a volta para ficar nos degraus de cima da escada. Não conseguiu, entretanto.

Isso mesmo, pensei. Mostrei, então, as minhas mercadorias e agora ela está dando uma olhada. Chegue mais perto, minha cara, e veja meus ovos. Pegue-os, eu falava em pensamento.

- Periquito, não, claro que você não me acha um bicho falante e que fica repetindo o que os outros dizem.

- Meus periquitos não fazem barulho. Além do mais, você é um artista, n'est-cepas? Imita a vida, não é o que faz?

- Faço as coisas serem mais bonitas do que são, embora existam coisas, minha menina, que não possam

ser melhoradas com tinta. - Subi mais três degraus.

Queria ver se ela vinha atrás de mim. Veio. Seus olhos continuavam grandes e claros, mas a boca mostrava um sorriso de quem sabia. com a língua, ela passava o cravoda-índia de um lado para o outro. Vou possuir você, pensei. vou, sim.

- Talvez você seja uma raposa, seu cabelo tem um pouco de ruivo no meio do castanho - ela avaliou.

Eu me fiz de zangado: - Como você é má! Será que pareço um espertalhão? Eu seria capaz de enganar alguém? Será que fico fugindo do assunto, sem dizer logo o que pretendo? Pois sou mais parecido com um cão que fica aos pés da dona, fiel a ela para sempre.

- Os cães exigem muita atenção, pulam e sujam as minhas saias com as patas - disse ela. Passou à minha frente, e dessa vez não parou. - Venha, minha senhora o aguarda.

Não devemos fazê-la esperar.

Eu ia ter de correr com a conversa; havia perdido tempo demais com bichos.

- Sei qual o animal que eu quero ser - sugeri, correndo atrás dela.

- Qual é?

- Um unicórnio. Conhece o unicórnio?

A menina bufou. Tinha chegado ao alto da escada e estava abrindo a porta de outro aposento.

- Sei que ele gosta de descansar a cabeça no colo das donzelas. Você gosta de fazer isso?

- Ah, não me julgue tão vulgar! O unicórnio faz algo muito melhor do que isso. O chifre dele tem um poder especial, sabia?

A menina diminuiu o passo para me olhar.

- Qual é o poder?

- Se a água de um poço for envenenada...

- Ali tem um poço! - disse ela, parando e mostrando um pátio lá fora, pela janela. Uma menina menor,

debruçada na beira de um poço, olhava seu interior, o sol banhando os cabelos dela com uma luz dourada.

- Jeanne sempre faz isso. Gosta de se ver refletida na água - disse a menina.

Quando olhamos pela janela, a menina acabava de cuspir no poço.

- Se o seu poço estivesse envenenado, bela, ou cuspidor, como Jeanne acabou de fazer, um unicórnio colocaria o chifre na água e ela ficaria limpa outra vez. O que acha disso?

A menina mexeu o cravo na boca com a língua.

- O que você quer que eu ache?

- Quero que você pense em mim como sendo o seu unicórnio. Às vezes você fica suja, isso mesmo, até você fica, bela. Toda mulher fica, é o castigo de Eva. Mas pode ficar limpa outra vez, todo mês, se deixar que eu cuide de você.

Deixe que eu entre em você sem parar até você rir e gritar, pensei.

- Todo mês você voltará ao Paraíso. - Era essa última frase que jamais falhava quando eu estava atrás de uma mulher: a idéia daquele simples paraíso parecia encantá-las.

Elas sempre abriam as pernas para mim, esperando encontrar o Paraíso. Talvez algumas o tenham encontrado.

A menina riu, dessa vez um riso rouco. Estava pronta. Estiquei o braço para apertá-la e selar a nossa troca.

- Claude? É você? Por que demorou tanto? - Uma porta atrás de nós se abriu e uma mulher ficou nos olhando, de braços cruzados.

Puxei a minha mão.

- Pardon, mamãe. Aqui está ele. - Claude deu um passo para trás e me apontou. Fiz uma medida.

- O que tem na boca? - perguntou a mulher. Claude engoliu.

- Um cravoda-índia. Para o meu dente.
- Devia mastigar hortelã, é muito melhor contra dor de dente.

- Sim, mamãe.

Claude riu outra vez - provavelmente da minha cara. Virou-se e saiu correndo do aposento, batendo a porta. Seus passos ecoaram.

Estremeci. Eu havia tentado seduzir a filha de Jean Lê Viste!

Sempre que havia ido à casa da rue du Four, só via as três meninas Lê Viste de longe - correndo no pátio, saindo a cavalo, acompanhadas de um grupo de damas rumo à igreja de Saint-Germain-des-Prés. Claro que a menina à beira do poço era uma delas - se eu tivesse prestado atenção, teria percebido quando vi o cabelo e o jeito, e saberia que era irmã de Claude. Então eu teria sabido quem eram e jamais contaria a Claude a história do unicórnio. Só que eu não estava pensando em quem seria ela, mas em como levá-la para a cama.

Se Claude contasse ao pai o que eu lhe havia dito, certamente seria jogado na rua e perderia a encomenda. E nunca mais veria Claude.

Eu a desejava muito, mas não só para a cama. Queria ficar deitado ao lado dela, conversando, tocar aquela boca e aqueles cabelos, e fazê-la rir. Fiquei pensando para onde ela teria ido na casa. Jamais poderia entrar lá - eu, um artista parisiense, com a filha de um nobre!

Fiquei imóvel, pensando nessas coisas. Talvez tenha ficado um pouco demais. A mulher na porta se mexeu, o terço preso à cintura bateu nos botões da manga dela e afastei meus pensamentos. Estava me olhando como se adivinhasse tudo que ia dentro da minha cabeça. Não disse nada, mas abriu a porta e entrou. Segui-a.

Eu havia pintado miniaturas em muitos aposentos de damas - e aquele não era muito diferente dos demais.

Tinha uma cama de castanheiro e cortinas de seda azul e amarela.

Tinha cadeiras de carvalho arrumadas em semicírculo, com almofadas bordadas.

Tinha uma mesa lateral cheia de garrafas e uma caixa de jóias, vários baús para guardar os vestidos. Uma janela aberta emoldurava uma vista de Saint-Germaindes-Prés.

Num canto, as damas de companhia estavam bordando. Sorriram para mim como se fossem uma só pessoa, e não cinco, e me censurei por achar que Claude pudesse ser uma delas.

Geneviève de Nanterre, esposa de Jean Lê Viste e dona da casa, sentou-se ao lado da janela. Sem dúvida, tinha sido tão linda quanto a filha. Continuava uma bonita mulher, com a testa larga e um queixo delicado, mas o rosto de Claude era em forma de coração, enquanto o dela tinha ficado triangular. Os quinze anos de casamento com Jean Lê Viste haviam alisado suas curvas, endurecido o rosto, enrugado a testa. Seus olhos eram passas negras, enquanto os de Claude, marmelos viçosos.

Só num detalhe ela estava melhor do que a filha. O vestido era mais rico: de brocado verde e creme, estampado de flores e folhas. Usava jóias finas no pescoço, e os cabelos, trançados com seda e pérolas. Jamais seria confundida com uma dama de companhia: estava vestida para ser servida.

- Você esteve com meu esposo na Grande Salle, falando sobre as tapeçarias - disse ela.

- Sim, Madame.

- Creio que ele quer que o tema seja uma batalha.

- Sim, Madame. A Batalha de Nancy.

- E que cenas mostrarão as tapeçarias?

- Não tenho certeza, Madame. Monseigneur acaba de me falar delas. Preciso parar e fazer um esboço antes de

dizer qualquer coisa.

- Terá homens?
- Certamente, Madame.
- Cavalos?
- Sim.
- Sangue?
- Pardon, Madame?

Geneviève de Nanterre fez um gesto com a mão.

- Trata-se de uma batalha. Terá sangue escorrendo dos ferimentos?

- Creio que sim, Madame. Charles, o Ousado, foi morto nessa batalha.

- Já estive numa batalha, Nicolas dês Innocents?
- Não, Madame.
- Quero que se imagine um instante como soldado.
- Sou miniaturista da Corte, Madame.

- Eu sei, mas por um instante vamos supor que você seja um soldado que lutou na Batalha de Nancy. Perdeu um braço na luta. Está sentado na Grande Salle como convidado meu e de meu esposo. A seu lado está a sua esposa, a sua bonita e jovem esposa, que o ajuda nas pequenas dificuldades pelo fato de não ter as duas mãos: partir o pão, embainhar a espada, montar em seu cavalo.

- A voz de Geneviève de Nanterre tinha um ritmo como se entoasse uma canção de ninar.

Comecei a me sentir flutuando na correnteza de um rio sem saber para onde ele estava me levando.

Será que ela é meio doida?, pensei.

Geneviève de Nanterre cruzou os braços e inclinou a cabeça de lado.

- Enquanto você come, olhe as tapeçarias da batalha que lhe custou seu braço.

Reconhece Charles, o Ousado, sendo massacrado, e sua esposa vê o sangue escorrendo dos ferimentos dele. Por toda parte, você vê estandartes dos Lê Viste. Mas onde está Jean Lê Viste?

Tentei lembrar o que Léon havia dito.

- Monseigneur está ao lado do Rei, Madame.

- Isso mesmo. Durante essa batalha, meu esposo e o Rei estavam muito bem instalados na Corte em Paris, longe de Nancy. Então, imaginando que você seja esse soldado sem braço, como se sentiria sabendo que Jean Lê Viste jamais esteve na Batalha de Nancy, apesar de os estandartes dele se encontrarem em todas as tapeçarias?

- Eu pensaria que Monseigneur é um homem importante por estar ao lado do Rei, Madame. O conselho dele é mais importante do que suas qualidades na batalha.

- Ah, você é muito diplomático, Nicolas! Bem mais do que meu esposo. Mas creio que essa não seja a resposta certa. Quero que pense bem e diga o que esse soldado realmente acharia.

Nesse instante, eu já sabia para onde ia aquela torrente de palavras na qual eu flutuava. Só não sabia o que aconteceria quando eu saísse da água.

- O soldado e a esposa dele ficariam ofendidos, Madame. Geneviève de Nanterre concordou: - Isso mesmo.

- Mas isso não é motivo...

- Deplus, não quero que minhas filhas vejam um massacre sangrento enquanto entretêm seus convidados numa recepção. Você conheceu Claude: gostaria que ela ceasse vendo um cavalo com um corte profundo nas ancas ou um homem com a cabeça decepada?

- Não, Madame.

- Pois ela não verá.

No canto, as damas de companhia davam um risinho afetado para mim. Geneviève de Nanterre havia me conduzido exatamente aonde queria. Era mais inteligente do que a maioria das nobres que pintara. Por

isso, percebi que eu gostaria de agradá-la - o que poderia ser perigoso.

- Não posso discordar da vontade de Monseigneur, Madame.

Geneviève de Nanterre recostou-se na cadeira.

- Escute, Nicolas, sabe quem escolheu você para desenhar essas tapeçarias?

- Não, Madame.

- EU.

Olhei-a.

- Por quê, Madame?

- Vi as miniaturas das damas da Corte que você faz. Capta alguma coisa delas que me agrada.

- O que é, Madame?

- Sua natureza espiritual. Fiz uma reverência, surpreso.

- Obrigado, Madame.

- Claude poderia ter mais exemplos dessa natureza espiritual. Eu tento dar, mas ela não me ouve.

Fez-se um silêncio. Arrastei os pés, nervoso.

- O quê... o que gostaria que eu fizesse, em vez da batalha, Madame?

Os olhos de Geneviève de Nanterre brilharam.

- Um unicórnio. Gelei.

- Uma dama e um unicórnio - ela acrescentou.

Ela deve ter ouvido a minha conversa com Claude. Deve ter ouvido, ou não sugeriria aquilo. Será que tinha ouvido eu seduzir sua filha? Tentei adivinhar pelo rosto dela. Parecia satisfeita e até mesmo com um ar malicioso. Se sabia da minha tentativa de seduzir a sua filha, poderia contar para Jean Lê Viste (se Claude já não tivesse contado) e a encomenda estaria perdida. Mais ainda: bastava uma palavra de Geneviève de Nanterre para acabar com a minha reputação na Corte e eu nunca mais pintar outra miniatura.

Eu não tinha escolha senão tentar agradá-la: - Madame gosta de unicórnios?

Uma das damas de companhia riu. Geneviève de Nanterre franziu o cenho e a moça parou.

- Nunca vi um; portanto, como poderia saber? Não, a minha idéia é por causa de Claude. Ela gosta de unicórnios e é a mais velha; um dia vai herdar as tapeçarias.

Precisa ter algo de que goste.

Eu ouvira falar na família sans herdeiro e em como Jean Lê Viste sofria por não ter tido um filho para legar seu amado brasão. A culpa de ter três filhas era da esposa. Olhei-a com um pouco mais de simpatia.

- Como gostaria de mostrar o unicórnio, Madame? Geneviève de Nanterre fez um gesto com a mão: - Dê uma idéia do que ele poderia fazer.

- Poderia estar sendo caçado. Monseigneur iria gostar. Ela negou com a cabeça.

- Não quero cavalos e sangue. E Claude não iria gostar se matassem o unicórnio!

Eu não podia me arriscar contando a história do chifre mágico do unicórnio. Tive de repetir a idéia de Claude: - A Dama pode seduzir o unicórnio. Cada tapeçaria mostraria uma cena no bosque, provocando-o com música, comida e flores; no final, ele descansaria a cabeça no colo dela. É uma lenda popular.

- Talvez. Claro que Claude iria gostar. É uma menina começando a vida. Sim, a virgem domesticando o unicórnio pode ser uma boa idéia. Embora eu possa sofrer tanto com isso quanto com uma cena de batalha. - As últimas palavras foram ditas quase que para si mesma.

- Por quê, Madame?

- Porque eu ficaria rodeada de sedução, juventude, amor. O que essas coisas todas significam para mim?

Tentou mostrar desapego por tudo aquilo, mas parecia melancólica.

Achei que ela não dividia mais a mesma cama com o marido. Havia parido as filhas e cumprido a sua parte. Não tão bem, pois não tivera filhos homens. Agora, estava

separada dele e nada lhe sobrara. Eu não costumava sentir pena das nobres com suas lareiras quentes, suas barrigas rotundas e suas damas para atendê-las. Mas, naquela hora, fiquei penalizado com Geneviève de Nanterre. Pois pensei, de repente, em mim mesmo dali a dez anos - após longos dias de trabalho, invernos duros, doenças.

Estaría sozinho numa cama fria, as juntas do corpo doendo, as mãos entrevadas, sem conseguir segurar um pincel. O que seria de mim quando não pudesse mais ser útil?

A morte seria bem-vinda. Fiquei imaginando se ela também pensava assim.

Geneviève de Nanterre estava me observando através de seus olhos inteligentes e tristes.

Alguma coisa nessas tapeçarias será dela, pensei num átimo. O tema não será apenas sedução numa floresta, porém algo mais, não só uma virgem, mas uma mulher que poderia voltar a ser virgem, de modo que as tapeçarias mostrariam todo o ciclo de vida de uma mulher, do começo ao fim. Todas as suas escolhas, tudo junto, na mesma trama. Era isso que eu faria. Sorri para ela.

Um sino tocou na torre de Saint-Germain-des-Prés.

- Sexta hora, ma Dame - avisou uma das damas.

- Já vou - respondeu Geneviève de Nanterre. Perdemos os outros ofícios religiosos e não posso ir às Vésperas esta tarde, pois terei de ir à Corte com Monseigneur.

Ela se levantou da cadeira, enquanto outra dama trazia a caixa de jóias. Abriu o fecho do colar que estava usando, tirou-o, deixando que as jóias brilhassem um instante em suas mãos antes de serem colocadas na caixa e trancadas. A dama segurou uma cruz cravejada de pérolas numa comprida corrente, e quando Geneviève de Nanterre concordou, ela passou a corrente pela cabeça da patroa. As outras damas começaram a juntar suas costuras e seus apetrechos. Eu sabia que seria dispensado.

- Pardon, Madame, será que Monseigneur vai aceitar unicórnios no lugar de batalhas?

Geneviève de Nanterre estava arrumando o cinto de tecido trançado enquanto uma das damas soltava sua sobressaia vermelhoescuro, de forma que suas dobras caíssem até o chão e cobrissem as flores e folhas verdes e brancas do vestido.

- Você vai ter de convencê-lo...

- Mas teria de falar com ele, Madame. Afinal, consegui convencê-lo a me chamar para fazer os desenhos.

- Ah, isso foi fácil, as pessoas não fazem diferença para ele! Tanto faz um artista quanto outro, desde que seja aceito na Corte. Mas o tema da encomenda é entre você e ele, não posso ter nada com isso.

Então, é melhor ele ouvir isso de você.

- Talvez Léon Lê Vieux, pudesse falar com ele. Geneviève de Nanterre desprezou a idéia.

- Léon não vai discordar das vontades de meu esposo: ele se cuida. É inteligente, mas não sagaz, e para convencer Jean é preciso sagacidade.

Olhei para o chão, sério. A confusão dos desenhos que eu ia fazer me havia cegado e agora eu estava afundando naquela situação delicada. Preferia fazer uma dama e um unicórnio do que uma batalha com muitos cavalos, mas também não queria discordar de Jean Lê

Viste. Parecia não haver escolha. Tinha me enredado na trama formada por Jean Lê Viste, a esposa e a filha, e não sabia como sair dela. Essas tapeçarias vão me dar problemas, pensei.

- Tenho uma boa idéia, Madame. - A dama de companhia que falou isso era a mais simples, mas com olhos ágeis, que iam de um lado para outro enquanto ela falava. - Na verdade, é um jogo de palavras. Madame sabe como Monseigneur gosta de trocadilhos.

- Gosta mesmo - concordou Geneviève de Nanterre.

- Em francês, viste significa rápido. O unicórnio é viste, n'est-cepas? Nenhum animal corre mais do que ele. Portanto, quando se pensar em unicórnio, pensamos em Viste.

- Béatrice, você é tão inteligente! Se meu esposo gostar de sua idéia, você poderá se casar com esse Nicolas dês Innocents. Terá a minha bênção.

Levei um susto. Béatrice riu, e todas as damas também. Sorri, educado. Eu não tinha a menor idéia se Geneviève de Nanterre estava brincando.

Ainda rindo, Geneviève de Nanterre e suas damas saíram da sala, deixando-me a sós.

Fiquei parado na sala silenciosa. Tinha de encontrar uma vara comprida e voltar para a Grande Salle, para recomeçar a tomar as medidas. Mas estava tão agradável ali, sem damas rindo de mim! Naquele aposento eu conseguia pensar.

Olhei em volta. Havia duas tapeçarias nas paredes e mais o quadro da Anunciação da Virgem que eu havia pintado para o aposento ao lado. Estudei as tapeçarias. Mostrava colhedores de uva, homens cortando os cachos enquanto mulheres os esmagavam com os pés, as saias amarradas acima dos joelhos, mostrando suas pernas salpicadas de sumo. As tapeçarias eram bem maiores do que o quadro e tinham menos perspectiva.

A trama fazia com que as imagens parecessem grosseiras e não tão naturais e próximas quanto a Virgem no meu quadro. Mas aqueciam o aposento e davam um pouco de aconchego com seus vermelhos e azuis vivos.

Uma sala inteira cheia de tapeçarias - seria como compor um pequeno mundo cheio de mulheres em vez de cavalos e homens numa batalha. Eu preferia assim, por mais difícil que fosse convencer Jean Lê Viste.

Olhei pela janela. Geneviève de Nanterre e Claude Lê Viste iam à igreja com suas damas de companhia, as saias inflando em volta delas. O sol estava tão forte que meus olhos lacrimejaram e tive de fechá-los por um instante. Quando consegui abri-los, elas haviam sumido; no lugar estava a criada que tinha meu filho na barriga.

Carregava um cesto com esforço e ia na direção contrária à das damas.

Por que aquela dama de companhia achara tanta graça em casar-se comigo? Eu ainda não pensava em me casar, mas um dia teria uma esposa para cuidar de mim, quando ficasse velho. Eu tinha uma boa situação na Corte, recebia sempre encomendas, e agora aquelas tapeçarias poderiam sustentar a mim e a qualquer esposa. Meu cabelo não estava grisalho, eu só havia perdido dois dentes e conseguia ter relações sexuais com uma mulher três vezes por noite, se quisesse. É verdade que eu era um artista e não um escudeiro, nem um comerciante rico. Mas também não era ferreiro, nem sapateiro ou camponês. Minhas mãos eram limpas; minhas unhas, cortadas. Por que aquela moça rira tanto?

Resolvi primeiro acabar de medir o aposento, não importando o que eu fosse desenhar para as tais paredes. Precisava de uma vara e encontrei o mordomo na despensa, contando velas. Ele foi tão seco comigo quanto antes e me mandou procurar a vara nas cocheiras.

- Cuidado com essa vara, não vá causar estrago com ela - recomendou.

Ri com malícia.

- Não pensei que você fosse alcoviteiro - retruquei. O mordomo ficou mais sério.

- Não foi o que eu quis dizer. Mas não me surpreendo com a sua conclusão, pois você não consegue controlar a própria vara!

- O que quer dizer com isso?

- Você sabe... Estou falando do que fez com MarieCéleste.

Marie Céleste - o nome não me dizia nada.

Quando o mordomo viu que não entendi, ficou ríspido: - MarieCéleste é a criada em quem você fez um filho, seu velhaco!

- Ah, ela devia ter tomado mais cuidado.

- E você também. É uma boa moça, merecia alguém melhor do que você.

- Sinto muito. Dei um dinheiro a ela; ficará bem. Mas preciso da vara.

O mordomo resmungou. Quando me virei para ir embora, ele avisou: - Cuide-se, seu velhaco!

Achei uma vara nas cocheiras, e estava caminhando pelo pátio quando vi Jean Lê Viste saindo da casa, apressado. Passou por mim sem nem sequer me olhar - deve ter pensado que eu era mais um criado. E então chamei: - Monseigneur! Por favor, um instante! - Se eu não falasse naquela hora, poderia não ter outra chance de ficar a sós com ele.

Jean Lê Viste virou-se para ver quem chamava, depois resmungou e continuou andando. Corri para alcançá-lo.

- Por favor, Monseigneur, gostaria de conversar um pouco mais sobre as tapeçarias.

- Deve falar com Léon, não comigo.

- Sim, Monseigneur, mas achei que deveria consultá-lo diretamente num assunto tão importante quanto as

tapeçarias.

Segui atrás dele; a ponta da vara bateu numa pedra, soltou-se da minha mão e caiu com estrépito no chão. O som ecoou por todo o pátio. Jean Lê Viste parou e me olhou.

- Estou preocupado, Monseigneur - falei rápido. Achei que deveria colocar em suas paredes o que os demais membros da Corte esperariam de alguém tão importante, que é nada menos do que um Presidente da Cour desAides. - Fui andando e escolhendo as palavras.

- Qual é o assunto? Estou ocupado!

- Nesse último ano, vi os desenhos de diversas tapeçarias que os nobres encomendaram a meus colegas artistas. Todas tinham algo em comum: o fundo de millefleurs, aquelas pequenas florezinhas. - Era verdade, estava na moda o fundo com uma densa estampa de flores, principalmente depois que os tapeceiros do norte haviam aperfeiçoado a técnica de tecê-las.

- Flores? - repetiu Jean Lê Viste, olhando para os pés como se tivesse acabado de pisar em alguma coisa.

- Sim, Monseigneur.

- Batalhas não têm flores.

- Não, Monseigneur. Meus colegas não têm feito batalhas. Muitos desenham cenas com... unicórnios, Monseigneur.

- Unicórnios?

- Sim, Monseigneur.

Jean Lê Viste parecia tão incrédulo que logo menti mais um pouco, esperando que ele não descobrisse.

- Várias famílias nobres encomendaram: Jean d'Alençon, Charles de St Emilion, Philippe de Chartres. - Tentei dar nomes que Jean Lê Viste dificilmente visitaria - ou porque moravam longe ou por serem nobres demais para os Lê Viste, ou não tão nobres quanto.

- Não estão encomendando batalhas - repetiu Jean Lê Viste.

- Não, Monseigneur.

- Unicórnios.

- Sim, Monseigneur. Eles agora estão à la mode. E pensei que um unicórnio seria apropriado para a sua família. Conteí do jogo de palavras de Béatrice.

Jean Lê Viste não mudou de expressão, mas concordou e isso bastava.

- Sabe o que vai fazer com esse unicórnio?

- Sim, Monseigneur, sei.

- Então está certo. Avise Léon. E me traga os desenhos antes da Páscoa. -Jean Lê Viste virou-se para atravessar o pátio.

Fiz uma reverência às costas dele.

Não foi tão difícil convencê-lo quanto pensei. Eu estava certo em achar que Jean Lê Viste iria querer o que achava que todo mundo tinha. Assim é a nobreza que não tem antepassados nobres: ela imita em vez de criar. Não passou pela cabeça de Jean Lê Viste que ele poderia ser mais

respeitado por encomendar tapeçarias de batalha quando ninguém as tinha.

Convencido como parecia ser, não ia se opor aos outros. Caso não descobrisse que não havia outras tapeçarias de unicórnios, eu estaria salvo. Claro que teria de fazer os melhores desenhos de tapeçarias; assim, as outras famílias também iriam querer e Jean Lê Viste 'se orgulharia por ser o primeiro a tê-las.

Eu não queria agradar só a ele, mas à esposa e à filha também. Não sabia quem me interessava mais: o lindo rosto de Claude ou o rosto triste de Geneviève. Talvez houvesse espaço para ambos na floresta do unicórnio.

Naquela noite, fui beber no Lê Coq d'Or para comemorar a encomenda, e depois dormi mal. Sonhei com unicórnios e damas rodeadas de flores, uma menina mastigando cravoda-índia, outra se olhando no fundo de um poço, uma dama segurando jóias ao lado de um

cofrinho, uma menina alimentando um falcão. Tudo tão misturado que não Página 14

consegui entender. Não foi um pesadelo, mas um desejo.

Quando acordei, minha cabeça estava desanuviada, e eu, pronto para tornar os sonhos realidade.

CLAUDE LÊ VISTE

Depois que assistimos à Missa de Páscoa no domingo, mamãe perguntou a papai a respeito das tapeçarias, e então eu soube que o artista iria aparecer de novo. Estávamos todos retornando para a rue du Four; Jeanne e Petite Geneviève queriam que eu corresse na frente com elas e pulasse as poças d'água, mas fiquei ouvindo a conversa deles. Sou boa para ouvir o que não é da minha conta.

Mamãe é sempre cuidadosa em não incomodar papai, mas ele parecia estar de bom humor - decerto contente como eu, por estar ao sol depois de uma Missa tão longa!

Quando ela lhe perguntou das tapeçarias, ele disse que já estava com os desenhos e que Nicolas dês Innocents viria logo para conversar sobre eles. Ainda não havia adiantado muita coisa do trabalho, o que foi suficiente para irritar papai. Acho que ele se arrependeu de mudar o tema da batalha para o de um unicórnio: ele adora suas batalhas e seu Rei. No meio da conversa, papai foi embora abruptamente, dizendo que tinha de falar com o mordomo. Olhei para Béatrice e ambas rimos, o que fez mamãe franzir o cenho.

Obrigada, meu Deus, por Béatrice! Ela me contou tudo a mudança do tema da batalha para o do unicórnio, a observação esperta que fez sobre a palavra Viste e, o

melhor de tudo, disse o nome do artista: Nicolas. Mamãe nunca me contaria nada disso, além de a porta do aposento dela ser muito grossa não consegui ouvir uma única palavra quando Nicolas ficou lá dentro com ela, exceto o riso de Béatrice. Sorte que ela me conta as coisas - dentro de pouco tempo será minha dama de companhia. Mamãe pode abrir mão dela, e Béatrice ficará melhor comigo, irá se divertir muito mais.

Mamãe anda tão entediada - tudo que quer fazer é só rezar. Agora insiste em ir à Missa duas vezes ao dia. Às vezes, tenho lições de dança na hora da Terça ou da Sexta, mas ela me leva às Vésperas na igreja por causa da música, e fico tão impaciente que dá vontade de gritar. Quando sento num banco de SaintGermain-des-Prés, meus pés ficam batendo no chão, e as mulheres por perto percebem o movimento, mas não sabem de onde vem - só Béatrice, que põe a mão na minha perna para eu parar.

A primeira vez que ela fez isso, dei um pulo e gritei; fiquei tão assustada.

Mamãe inclinou-se e me olhou; o padre virou para trás no altar e também olhou.

Tive de enfiar a boca na manga da blusa para não rir.

Parece que agora eu irrito mamãe, embora não saiba o que a enerve tanto. Ela também me irrita - toda hora repete que estou rindo demais, ou andando depressa demais, ou que meu vestido está sujo, ou minha touca vive torta. Ela ainda me trata como uma menina, mas espera que eu também seja uma mulher. Não me deixa sair quando quero - diz que estou muito grande para brincar de dia na Feira em SaintGermain-des-Prés e que sou tão jovem para ir lá à noite. Não sou jovem demais - as outras meninas de catorze anos vão à feira de noite ver osjongleurs. Muitas já estão noivas.

Quando peço, mamãe diz que estou sendo desrespeitosa e devo esperar papai resolver quando e

com quem vou me casar. Fico tão frustrada! Se eu sou uma mulher, onde está o meu homem?

Ontem, tentei ouvir a confissão de mamãe na Saint Germain-des-Prés para ver se ela se sentia culpada por ser tão má comigo. Eu me escondi atrás de uma coluna, perto de onde ela estava sentada com o padre, mas falava tão baixo que tive de me agachar quase ao lado dela.

Tudo que consegui ouvir foi "Ca c'est mon seul désir", até um dos padres me ver e me mandar sair dali.

- Mon seul désir - murmurei para mim mesma. "Meu único desejo." A frase é tão encantadora que eu a repito o dia inteiro.

Quando tinha certeza de que Nicolas viria, decidia que teria de vê-lo. C'est mon seul désir. Ah! Ele é o meu homem! Desde que o conheci, penso nele todas as horas

de todos os dias. Claro que não comentei nada com ninguém, só com Béatrice, que, para minha surpresa, não se entusiasmou muito. E o único defeito dela. Eu estava descrevendo os olhos dele - marrons como castanhas e caídos nos cantos de forma que ele parece meio triste mesmo quando nem está.

- Nicolas não merece você - Béatrice me interrompeu.

- E apenas um artista e, portanto, não é digno de confiança. Você devia pensar em lordes, isso sim, - Se ele não fosse de confiança, meu pai jamais o contrataria; Oncle Léon não iria deixar - argumentei.

Léon não é meu tio de verdade, mas um velho comerciante que cuida dos negócios de meu pai. Ele me trata como sobrinha, e até pouco tempo atrás dava tapinhas no meu queixo e me trazia doces, mas agora diz para eu ficar em pé direito e pentear os cabelos. "Diga que tipo de esposo você quer e eu vejo se tem algum no ponto", ele gosta de dizer. Levaria um susto se eu falasse em Nicolas! Tenho certeza de que não tem o artista em alta conta: ouvi quando falava com papai, tentando

cancelar os unicórnios de Nicolas, dizendo que não seriam adequados para a Grande Salle.

A porta do aposento de papai não é tão grossa; e se eu colocar o ouvido no buraco da fechadura, consigo ouvir. Papai não vai mudar de idéia outra vez. Eu podia ter dito isso a Léon. Mudar uma vez já foi ruim, voltar atrás será impensável!

Assim que consegui a informação de que Nicolas viria à rue du Four, fui direto ao mordomo para saber exatamente quando. Como de hábito, o mordomo estava na despensa, contando coisas da casa. Está sempre achando que estamos sendo roubados. Quando falei em Nicolas, ele ficou ainda mais assustado do que Béatrice.

- Não queira nada com aquele tipo, Mademoiselle disse.

- Estou só perguntando quando ele virá. - Esbocei um meigo sorriso. - Se você não contar, digo a papai que não quis me ajudar.

O mordomo riu.

- Terça-feira, na hora da Sexta - resmungou. - Léon virá com ele.

- Está vendo? Não custou nada. Você devia sempre me dizer o que quero saber; assim me faz contente.

O mordomo fez uma reverência, mas continuou me olhando, quando me virei para sair da despensa. Parecia que ia dizer algo, mas desistiu. Achei aquilo muito engraçado, e saí correndo e rindo.

Na terça-feira, eu teria de passar o dia com mamãe e minhas irmãs na casa da vovó em Nanterre, e dormir lá, mas inventei que estava com dor no estômago e não fui.

Quando Jeanne viu que eu não ia, quis inventar como eu, embora não soubesse o verdadeiro motivo para eu ficar. Não podia contar de Nicolas - minha irmã é jovem demais para entender. Ficou atrás de mim até eu me zangar; então, chorou e saí correndo. Depois me senti horrível, não devia tratar minha irmã assim. Sempre

fomos muito unidas, e até pouco tempo dormíamos na mesma cama. Jeanne também chorou quando eu disse que queria dormir sozinha. Meu sono tem sido muito agitado: chuto as cobertas, rolo na cama, e só de pensar em ter outra pessoa ao lado (que não seja Nicolas) me incomoda.

Agora Jeanne é obrigada a ficar mais tempo com Petite Geneviève, que é um amor, mas tem só sete anos, e Jeanne sempre gostou de meninas mais velhas. Petite Geneviève também é a preferida de mamãe, o que irrita Jeanne. Claro que ela tem o lindo nome de mamãe, enquanto Jeanne e eu fomos batizadas de forma a lembrar que não somos os filhos homens que papai queria.

Mamãe mandou Béatrice ficar cuidando de mim, e as três finalmente foram para Nanterre. Mandeí, então, Béatrice comprar tiras de casca de laranja no mel, que adoro, explicando que fazem bem ao estômago. Insisti para ela ir até uma barraca que fica perto de Notre Dame. Ela fez uma cara de quem não gostou, mas foi assim mesmo.

Quando saiu, dei um grande suspiro e corri para o meu aposento. Os bicos de meus seios roçavam no forro do meu vestido, e então deitei na cama, colocando um travesseiro no meio das pernas e desejando uma resposta para a pergunta que meu corpo fazia.

Eu me sentia como um cântico da Missa que interrompem no meio.

Finalmente, levantei-me, ajeitei minha roupa e a touca, e corri para o aposento particular de meu pai. A porta estava aberta e dei uma olhada. Só MarieCéleste estava lá, ajoelhada ao lado da lareira para acender o fogo. Quando eu era mais jovem e passávamos o verão no Château d'Arcy, MarieCéleste costumava me levar com Jeanne e Petite Geneviève até a beira do rio e cantar músicas maliciosas enquanto lavava roupas. Eu

estava com vontade de contar para ela a respeito de Nicolas dês Innocents, dizer aonde gostaria que ele passasse as mãos em mim e o que eu faria com a minha língua. Afinal, havia aprendido tudo nas músicas que ela cantava e nas histórias que contava sobre essas coisas. Mas algo me impediu. Ela havia sido minha amiga quando eu era pequena; agora que crescera, a ponto de logo ter uma dama de companhia e me preparar para um esposo, não era certo falar essas coisas com ela. Preferi, então, perguntar alguma coisa, embora já soubesse a resposta: - Por que está acendendo a lareira, MarieCéleste?

Ela levantou os olhos para mim. Estava com cinzas riscadas na testa, como se ainda fosse Quarta-feira de Cinzas. Sempre foi uma garota desarrumada.

- Porque seu pai vai ter visitas, Mademoiselle - respondeu.

A lenha estava começando a fazer fumaça, e as chamas lambiam as achas aqui e ali. MarieCéleste segurou numa cadeira para se levantar com um resmungo. O rosto dela estava mais gordo; aliás, notei também o corpo dela crescendo horivelmente.

- Marie Céleste, você está de filho?

Ela abaixou a cabeça. Que estranho - apesar de todas aquelas músicas falando de criadas sendo agarradas por homens, ela não deve ter imaginado que fosse acontecer consigo própria. Claro que toda mulher quer ter filhos, mas não desse jeito, sem esposo.

- Sua boba. Quem é o pai? - perguntei, zangada. MarieCéleste balançou a mão como se quisesse afastar a pergunta.

- Ele trabalha aqui? Ela negou com a cabeça.

- Alors, vai se casar com você?

Ela se zangou: - Não.

- E o que você vai fazer?

- Não sei, Mademoiselle.

- Mamãe vai ficar furiosa! Ela já a viu?
- Não chego perto dela, Mademoiselle.
- Ela logo vai perceber. Você devia pelo menos usar um manto para esconder.

- Criadas não usam manto, Mademoiselle, não dá para trabalhar com manto.

- Pelo jeito, daqui a pouco você não vai mais conseguir trabalhar. Terá de voltar para a casa de seus pais. Atíends, invente alguma coisa para a mamãe. Já sei: diga que sua mãe está doente e que você precisa cuidar dela. Depois que a criança nascer, você volta.

- Não posso falar com a sua mãe assim, Mademoiselle. Ela irá perceber na hora qual é o problema.

- Eu conto, então, quando ela voltar de Nanterre. Fiquei com pena de Marie Céleste e queria mesmo ajudá-la.

Marie Céleste se animou: - Ah, muito obrigada, Mademoiselle. Que bondade!

- Melhor você ir embora assim que puder.

- Obrigada, Mademoiselle, obrigada. Quando eu voltar, procurarei você. - Ela se virou para ir, depois olhou para mim de novo e disse: - Se for menina, darei o seu nome.

- Está ótimo. E se for menino? Vai ter o nome do pai? MarieCéleste apertou os olhos com raiva.

-Jamais! O pai não quer saber de nada; então, eu também não quero nada com ele!

- zombou ela.

Depois que MarieCéleste saiu, dei uma olhada no aposento particular de papai.

Não é um lugar confortável. As cadeiras de carvalho não têm almofadas e rangem quando se toca nelas. Acho que papai quis assim de propósito, para ninguém ficar muito tempo com ele. Percebi que Oncle Léon sempre fica em pé quando vem falar com papai.

As paredes são cheias de mapas mostrando as propriedades dele (o Château d'Arcy, nossa casa na rue du Four, a mansão Lê Viste, em Lyon), além de mapas das disputas de terras que papai está resolvendo para o Rei. Os livros de papai ficam guardados nesse aposento, numa caixa trancada.

A sala tem duas mesas: numa, papai escreve; na outra, maior, ele abre mapas e documentos nas reuniões. Essa mesa costuma ficar vazia, mas hoje deixaram lá grandes folhas de papel. Olhei uma, e recuei, surpresa. A folha tinha um desenho em que eu estava entre um leão e um unicórnio, com um periquito pousado no meu dedo enluvado.

Eu usava um vestido e um colar lindos, um lenço simples na cabeça, e estava com os cabelos soltos. Olhava de lado para o unicórnio e sorria como se estivesse pensando num segredo agradável. O unicórnio era bonito, gorducho e branco, em pé nas patas traseiras, e tinha um comprido chifre espiralado. Ele não olhava para mim, como se não quisesse se enfeitar com a minha beleza. Tinha um pequeno manto com o brasão dos Lê Viste. O vento parecia soprar no desenho, levantando o manto do unicórnio e o do leão, além da ponta do meu lenço e o estandarte dos Lê Viste que o leão segurava.

Fiquei um bom tempo olhando o desenho. Não conseguia tirar os olhos dele, nem levantar a folha para ver os que estavam por baixo. Ele me havia desenhado.

Estava pensando em mim como eu nele. Meus seios intumesceram. Mon seul désir.

Então ouvi vozes no corredor. A porta se abriu e só deu tempo de me jogar no chão e me enfiar embaixo da mesa. Estava escuro, e era estranho ficar sozinha naquele chão de Pedra fria. Costumava me esconder aqui com as minhas irmãs, e ríamos tanto que éramos

descobertas na hora. Sentei abraçando os joelhos e rezei para não me descobrirem.

Dois homens entraram e vieram direto para a mesa. Um estava com aquela túnica longa e marrom que os comerciantes usam; devia ser Oncle Léon. O outro usava uma túnica verde na altura dos joelhos e meiascalças azul-escuro. Suas pernas eram torneadas e, antes de ele falar, eu já sabia que era Nicolas. Não havia passado tantos dias pensando nele por nada. Minha imaginação havia completado todos os detalhes - os ombros largos, o cabelo encaracolado caindo na nuca, o traseiro parecendo duas cerejas, as pernas esguias.

Naquele momento, minha imaginação teria de preencher mais detalhes, pois os homens começaram a falar e eu só via as pernas deles. Fiquei imaginando o rosto de Nicolas franzindo a testa lisa, os olhos penetrantes me vendo no desenho, seus dedos compridos percorrendo o papel áspero do desenho. Tudo isso eu imaginei enquanto estava ali sentada, quase no escuro, ouvindo-os falar.

- Monseigneur já vem - avisou Oncle Léon. Enquanto isso, vamos ver algumas coisas. - Ouvi o som de papel sendo desenrolado.

- Ele gostou dos desenhos? Elogiou? - perguntou Nicolas. Sua voz segura foi direto para o meio de minhas pernas, como se ele me tocasse lá.

Léon não respondeu. Nicolas insistiu: - Ele deve ter dito alguma coisa. O senhor pode ver que são desenhos esmerados.

Ele deve ter ficado muito entusiasmado.

Léon riu. - Monseigneur Lê Viste não se entusiasma com nada, não é do feitio dele.

- Mas deve ter aprovado os desenhos.

- Você está se antecipando, Nicolas. Nesse negócio, você tem de esperar o dono opinar. Alors, prepare-se

para encontrar Monseigneur. A primeira coisa que precisa entender é que ele não viu os desenhos.

- Mas já os entreguei há uma semana!

- Sim, e ele vai dizer que estudou bem os desenhos, mas não os viu.

- Por que não, em nome de Notre Dame?

- Monseigneur Lê Viste anda muito ocupado. Só pensa nas coisas na hora de decidir. Então, resolve logo e espera que o obedeçam sem perguntar nada.

Nicolas irritou-se: - É assim que um nobre como ele trata uma encomenda tão importante? Acho que um verdadeiro nobre não faria isso.

Oncle Léon baixou a voz: -Jean Lê Viste sabe que pensam isso dele. - Percebi que o tom era grave. - Ele faz do trabalho duro e da fidelidade ao Rei uma compensação para o desrespeito que muita gente tem por ele - até artistas como você, que trabalha para ele.

- Tenho respeito suficiente para aceitar trabalhar para ele - disse Nicolas, rápido.

- Claro. As pessoas precisam ser práticas. Dinheiro é dinheiro, quer venha de um nobre ou de um mendigo.

Os dois riram. Levantei a cabeça e quase bati no tampo da mesa. Não gostei daqueles risos. Não sou apegada a papai, ele é tão frio comigo quanto com todo mundo, mas não gostei que o nome e a reputação dele fossem jogados como um pau para um cão pegar. E nunca pensei que Oncle Léon pudesse ser desleal. Na próxima vez que o encontrasse, daria uma boa pisada no pé dele. Ou coisa pior!

- Não nego que os desenhos são promissores - disse meu tio.

- Promissores! São mais do que isso!

- Se você ficar quieto um instante, vou ajudá-lo a fazer com que essas tapeçarias fiquem melhores ainda do que são - melhores até do que você poderia imaginar.

Você está muito próximo de sua criação para saber o que vai melhorá-la. Precisa de mais um olho para ver os defeitos.

- Que defeitos? - Nicolas repetiu o que eu pensei. O que poderia melhorar aquele desenho onde eu estava?

- Pensei duas coisas ao olhar os desenhos, e é claro que Jean Lê Viste terá outras sugestões a fazer.

- Quais são as duas coisas?

- Serão seis tapeçarias cobrindo as paredes da Grande Salle, n'est-cepas? Duas grandes e quatro um pouco menores.

- Sim.

- Elas mostram em seqüência a Dama seduzindo o unicórnio, n'est-cepas?

- Como combinei com Monseigneur.

- A sedução está bem evidente, mas eu me pergunto se você não escondeu alguma coisa nos desenhos. Um outro jeito de olhá-los.

Nicolas esfregou os pés no chão, impaciente. - Como assim?

- Tenho a impressão de que eles se referem aos cinco sentidos. - Léon bateu com o dedo num dos desenhos e o som foi perto do meu ouvido. -A Dama tocando órgão para o unicórnio dá idéia de Audição, por exemplo. E segurando o chifre do unicórnio é certamente o sentido do Tato. Aqui. Ele bateu outra vez na mesa. -A Dama trançando uma coroa de cravos seria o Olfato, embora talvez não seja tão óbvio.

- As noivas usam coroas de cravos - explicou Nicolas. -A Dama está atraindo o unicórnio com a idéia de casamento e do leito nupcial. Não tem relação com o Olfato.

- Ah, bem que eu achava que você não era tão sutil! A ligação com os sentidos não passa de mero acaso, então.

- Eu...

- Mas você percebe que podia haver essa relação? Faça o unicórnio cheirar o cravo. Ou outro animal. E na tapeçaria em que ele põe a cabeça no colo da Dama você poderia fazer com que ela mostrasse um espelho para ele - o sentido da Visão.

- Mas isso faria o unicórnio parecer vaidoso, não?

- E daí? O unicórnio parece mesmo um pouco vaidoso. Nicolas não respondeu.

Talvez tenha me ouvido rir dele e do unicórnio, embaixo da mesa.

- Então você fez a Dama segurando o chifre do unicórnio, o Tato. Tocando órgão, a Audição. com os cravos, o Olfato. O espelho, a Visão. O que falta? O Paladar.

Sobram duas tapeçarias: a que mostra Claude e Dame Geneviève.

Mamãe? O que Léon queria dizer? Nicolas emitiu um som engraçado, como se risse e chorasse ao mesmo tempo.

- Como assim, Claude e Dame Geneviève?

- Ora, você sabe muito bem o que estou dizendo. Era essa a outra coisa que eu queria dizer. Os rostos estão muito parecidos com as duas. Jean Lê Viste não vai gostar.

Sei que você está acostumado a pintar retratos, mas nos desenhos definitivos você tem de fazer com que elas sejam mais parecidas com outras damas.

- Por quê?

- Jean Lê Viste queria tapeçarias mostrando batalhas. Você fez a esposa e a filha dele: não há comparação entre as duas coisas.

- Ele aceitou que eu fizesse as tapeçarias de unicórnio.

- Mas você não precisa dar a ele uma ode à esposa e à filha dele. Eu gosto de Dame Geneviève. Só que Jean Lê Viste é um homem difícil e você sabe que ela e Claude

são espinhos na vida dele. Não vai gostar que elas apareçam em algo tão importante quanto essas tapeçarias.

- Ah! - gritei, e dessa vez bati com a cabeça no tampo da mesa. Doeu.

Ouvi uns resmungos de surpresa, e duas caras apareceram embaixo da mesa. Léon estava sério, mas Nicolas sorriu ao ver que era eu. Estendeu a mão e me ajudou a sair de lá.

- Obrigada - agradei ao me levantar. Nicolas fez menção de beijar minha mão, mas puxei-a antes e arrumei meu vestido. Não estava disposta a perdoá-lo pelas grosserias que havia dito sobre meu pai.

- O que fazia embaixo da mesa, menina travessa? perguntou Oncle Léon. Por um instante, achei que ele fosse me dar umas palmadas, como se eu tivesse a mesma idade de Petite Geneviève, mas pareceu se dar conta antes: - Seu pai vai ficar bem zangado se souber que você estava nos espionando.

- Meu pai ficaria bem zangado se soubesse o que você, Oncle Léon, e você, Monsieur, disseram dele - acusei, olhando para Nicolas.

Fez-se silêncio. Vi que os dois estavam pensando no que haviam dito, tentando ver o que poderia ofender meu pai. Ficaram tão preocupados que tive de rir.

Oncle Léon me olhou sério.

- Claude, você é mesmo uma menina muito travessa...

- Dessa vez ele parecia menos severo, como se quisesse acalmar um cãozinho.

- Ah, sim. E você, Monsieur? Também acha que sou uma menina muito travessa? - perguntei para Nicolas. Era ótimo olhar para o lindo rosto dele.

Eu não sabia o que ele responderia, mas fiquei encantada ao ouvir: - Você é certamente a garota mais travessa que já vi, Mademoiselle. - Pela segunda vez, a

voz dele chegou ao meio das minhas pernas, e fiquei úmida.

Oncle Léon não gostou.

- Basta, Claude, pode sair. Seu pai já está chegando.

- Não, quero antes ver o retrato de minha mãe. Onde está? - Olhei os desenhos na mesa e mexi neles. Havia várias damas, estandartes dos Lê Viste, leões e unicórnios.

- Claude, por favor...

Não dei atenção ao pedido de Oncle Léon e perguntei a Nicolas: - Qual é o retrato de minha mãe? Gostaria de vê-lo.

Sem uma palavra, ele tirou um desenho da mesa e me mostrou.

Fiquei aliviada de ver que mamãe não estava tão bem no desenho quanto eu. Nem sequer seu traje era tão bonito quanto o meu; era bem mais simples. E o desenho dela não tinha vento soprando - o estandarte não ondeava, o leão e o unicórnio estavam quietos e não em pé, ameaçadores, como no meu. Na verdade, tudo estava bem parado - mamãe só tirava um colar de um cofre que uma das damas de companhia segurava.

Não me incomodei mais por mamãe também estar nas tapeçarias, já que a comparação me favorecia.

Mas, na opinião de Oncle Léon, nenhuma das duas deveria aparecer. Eu precisava fazer alguma coisa. O quê? Embora tivesse ameaçado contar para meu pai o que Léon dissera, sabia que papai não acreditaria em mim. Era bem ruim que mamãe e eu fôssemos chamadas de "espinhos", mas tio Léon tinha razão: mamãe não conseguira ter um filho homem. Toda vez que papai olhava para nós, ele lembrava que a fortuna dele iria um dia para o meu esposo e o meu filho, que não poderiam usar o nome nem o brasão dos Lê Viste. Por isso, mostrava-se ainda mais frio conosco. E Béatrice me contou que papai não dormia mais na cama com mamãe.

Nicolas tentou salvar mamãe e eu: - Se Monseigneur Lê Viste mandar, mudo os rostos das damas. Faça alterações para o patrão, mas não para o negociador do patrão - declarou.

Oncle Léon olhou sério para ele, mas, antes que pudesse reagir, ouvimos passos no corredor.

- Saia - disse Léon baixinho para mim, porém não dava mais para fugir.

Nicolas pôs a mão na minha cabeça e gentilmente me obrigou a entrar embaixo da mesa. Por um instante meu rosto ficou perto daquele volume que ele tem no meio das pernas. Levantei os olhos e vi que Nicolas sorria para mim. Depois, me empurrou para baixo da mesa.

Dessa vez estava ainda mais frio lá, mais duro e mais escuro; ainda bem que eu não teria de agüentar por muito tempo. Os pés de papai vieram direto para a mesa e ficaram entre os de Léon e Nicolas. Olhei bem as pernas de Nicolas. Ele parecia estar numa posição diferente, sabedor de que eu estava ali, embora eu não percebesse exatamente a diferença. Era como se as pernas tivessem olhos e me observassem.

As pernas de papai eram como ele mesmo: retas e neutras como as pernas de uma cadeira.

- Vamos aos desenhos - mandou papai. Alguém moveu os desenhos sobre a mesa.

- Aqui estão, Monseigneur - disse Nicolas. - Como pode ver, podem ter essa ordem. Primeiro, a Dama põe o colar, para atrair o unicórnio. Na tapeçaria seguinte, ela toca um órgão, para chamar a atenção do unicórnio. Nessa aqui, ela dá comida ao periquito e o unicórnio se aproxima, embora esteja rampante e com a cabeça virada para o outro lado. Está quase seduzido, mas precisa de mais tentação.

Percebi a pausa que Nicolas fez antes de dizer "ela dá comida ao periquito".

Portanto, eu havia me transformado em Paladar, pensei. Pois então prove logo um pedacinho de mim, artista.

- A seguir, a Dama trança uma coroa de cravos para ser usada num casamento. O casamento dela. Como o senhor pode ver, o unicórnio agora está sentado, calmo.

Finalmente, ele põe a cabeça no colo dela e os dois se olham - explicou Nicolas, batendo com os dedos na mesa. - Na última tapeçaria, ela o domina: segura-o pelo chifre. Pode ver que os animais ao fundo estão acorrentados, passaram a ser escravos do amor.

Nicolas terminou de falar e fez-se silêncio, como se ele esperasse meu pai dizer alguma coisa. Mas nada disse. Costuma fazer isso, fica calado para que as pessoas se sintam inseguras. Dessa vez também fez efeito, pois Nicolas voltou a falar, parecendo nervoso.

- Monseigneur pode ver que o unicórnio está sempre com o leão, que representa nobreza, força e coragem, como complemento à pureza e à impetuosidade do unicórnio.

O leão é exemplo de nobre selvageria domada.

- Naturalmente, o fundo será coberto com millefleurs, Monseigneur - acrescentou Léon. - Os tapeceiros de Bruxelas que farão as florezinhas são especialistas nisso.

Nicolas só deu uma indicação.

Fez-se outro silêncio. Percebi que eu havia prendido a respiração para ouvir o que papai diria dos desenhos de mamãe e eu.

- Há poucos brasões - disse ele, afinal.

- O unicórnio e o leão estão com os brasões e os estandartes dos Lê Viste em todas as tapeçarias - observou Nicolas, parecendo aborrecido. Cutuquei a perna dele para que não falasse naquele tom com meu pai. Nicolas arrastou os pés no chão.

- Há duas tapeçarias com apenas um estandarte observou papai.

- Posso colocar escudos no leão e no unicórnio, Monseigneur. - Nicolas deve ter levado em consideração a minha cutucada, pois parecia mais calmo. Passei a mão na perna dele.

- A insígnia e o estandarte devem ter as pontas em forma de lança e não arredondadas como você fez - observou papai outra vez.

- Mas, Monseigneur, lanças são para serem usadas em batalhas - disse Nicolas como se estivesse sendo estrangulado. Ri e subi a mão para a coxa dele.

- Quero que os estandartes tenham pontas de lança repetiu papai. - Essas tapeçarias estão com mulheres e flores demais. Tem de haver lanças de batalha e mais alguma coisa que lembre guerra. O que acontece com o unicórnio depois que a Dama o seduz?

Felizmente, Nicolas não teve de responder, pois não teria conseguido falar. Eu havia colocado a mão naquele volume no meio da perna dele, duro como um galho de árvore.

Nunca tinha tocado em algum antes.

- A Dama não leva o unicórnio para o caçador matar? continuou papai, que gosta de responder às próprias perguntas. - Tem de ter mais uma tapeçaria para finalizar a história.

- Creio que não há espaço na Grande Salle para outra tapeçaria - disse Oncle Léon.

- Então substitua uma das mulheres, essa com os cravos ou a que está dando comida ao pássaro.

Tirei a mão.

- Muito boa idéia, Monseigneur - disse Oncle Léon. Soltei uma exclamação.

Felizmente, Nicolas também fez algum ruído, por isso acho que papai não me ouviu.

Então Oncle Léon mostrou por que é um ótimo negociante.

- Muito boa idéia - repetiu. - Claro que a ousadia da morte vai fazer um bom contraste com a insinuação mais sutil das lanças de batalha. Mas não precisa ser sutil demais, não?

- O que você quer dizer com sutil demais?

- Bom, por exemplo, podemos apenas dar a entender que se trata de uma caçada, ou de uma batalha, se preferir, com as lanças em ponta, que, aliás, Monseigneur, são um belo detalhe. Além dos escudos de batalha que Nicolas sugeriu e mais algum pormenor de batalha. Deixe-me ver: que tal uma tenda, dessas armadas nos campos de batalha para o Rei se instalar? Isso lembraria não só o Rei como a batalha. Mas também poderia ser sutil demais. Talvez um caçador matando o unicórnio ficasse melhor.

- Não, quero a tenda do Rei.

Fiquei de cócoras, impressionada com a argúcia de Oncle Léon. Tinha fispado papai como se fosse um peixe sem que ele percebesse, e puxou-o para onde queria.

- A tenda seria bem grande, por isso deve estar numa das tapeçarias maiores - disse logo Léon para não deixar papai mudar de idéia. - Monseigneur prefere qual: a Dama com as jóias ou a Dama com o periquito?

Nicolas ia falar, mas papai o interrompeu: -A dama com as jóias é mais nobre do que a outra.

Antes que eu pudesse protestar alguma coisa, os pés de Nicolas procuraram os meus e deram uma pisada neles. Fiquei calada, mas ele continuou pisando.

- Certo, Nicolas, faça uma tenda nessa tapeçaria aqui disse Oncle Léon.

- Claro, Monseigneur. Gostaria de alguma coisa especial na tenda?

- Um brasão.

- Sim, nem precisava dizer, Monseigneur. Eu estava pensando num lema de batalha.

Algo que mostrasse que se trata de uma batalha por amor.

- Não entendo nada de amor. O que sugere? "Você tem jeito de entender bastante - resmungou papai.

Eu tinha uma idéia e bati na perna de Nicolas. Um instante depois, um dos desenhos caiu no chão. - Oh, pardon, Monseigneur! Sou um pouco desajeitado... - Nicolas abaixou-se para pegar o desenho e eu cochichei no ouvido dele: "C'est mon seul désir", e dei uma mordida na orelha dele.

Nicolas levantou-se.

- Sua orelha está sangrando? - perguntou papai.

- Pardon, Monseigneur. Bati na perna da mesa. Mas tenho uma sugestão: que tal "À tnon seul désir"? Quer dizer...

- Serve - papai cortou. Eu conhecia aquele tom de voz, mostrava que a reunião havia se prolongado demais. Mostre as alterações para Léon e traga os desenhos definitivos em 2 de maio, o dia seguinte à festa de limpeza das chaminés. Não poderá ser depois, pois iremos para o Château d'Arcy no dia da Ascensão.

- Pois não, Monseigneur.

As pernas de papai se afastaram da mesa.

- Léon, venha comigo, precisamos conversar. Pode me acompanhar até a Conciergerie.

A túnica de Léon moveu-se, depois parou.

- Talvez seja melhor ficarmos aqui, Monseigneur. É mais confortável para falarmos de negócios. Nicolas já está saindo, não é, Nicolas?

- Estou saindo, vou só juntar os desenhos, Monseigneur.

- Não, estou com pressa, venha. - E papai saiu do aposento.

Oncle Léon continuou indeciso. Não queria me deixar a sós com Nicolas.

- Vai - sussurrei. E ele foi.

Não saí debaixo da mesa; continuei ajoelhada lá. Um instante depois, Nicolas apareceu. Olhamo-nos.

- Bonjour, Mademoiselle - disse ele.

Sorri. Ele não tinha nada do homem que meus pais queriam para mim. Gostei.

- Vai me dar um beijo, então?

Antes que eu pudesse pensar qualquer coisa, ele me deitou no chão e ficou por cima de mim. Depois, enfiou a língua na minha boca e ficou apalpando meus seios. Que coisa estranha! Eu havia sonhado com aquele momento desde que o conhecera, mas na hora em que fiquei com um corpo em cima de mim, uma coisa entrando na minha barriga, uma língua molhada no meu ouvido, achei estranho como era diferente do que eu havia imaginado.

Uma parte de mim gostou - queria que aquela coisa entrasse ainda mais em mim e não com tantas saias por cima. Eu queria passar as mãos no corpo todo dele, apertar

seu traseiro que parecia uma cereja e apalpar suas costas largas. Minha boca entrou na dele como se estivesse mordendo um figo.

Foi um choque ter a língua molhada de alguém se enfiando pela minha boca, o peso de um corpo dificultando a minha respiração, mãos passando por lugares que nenhum

homem jamais havia tocado. E eu não esperava que fosse pensar tantas coisas quando um homem estivesse comigo. com Nicolas, encontrei palavras para definir tudo que estávamos fazendo: "Por que ele está fazendo isso? A língua dele no meu ouvido é tão molhada", e "O cinto dele está batendo do meu lado", e "Será que isso é gostoso?".

Pensei também em meu pai, por estar embaixo da mesa da sala dele e pela importância que dava à minha virgindade. Será que eu podia acabar com ela num

instante, como fizera MarieCéleste? Talvez fosse, acima de tudo, aquilo que me impedisse de gostar do que estava fazendo.

- Será que devíamos fazer isso? - sussurrei, quando Nicolas começou a morder meus seios por cima do vestido.

- Somos loucos, eu sei, mas talvez nunca mais tenhamos chance de fazer isso. - Nicolas começou a levantar a minha saia. - Eles jamais deixam você sozinha; a filha de Jean Lê Viste não pode ficar com um mero pintor. - Ele levantou a minha saia e a saia de baixo, e passou a mão em minha coxa. - Agora, minha bela, este é mon seuldésir. -Ao dizer isso, tocou na minha virgindade, e a onda de prazer que senti foi tão forte que me dispus a entregá-la a ele.

- Claude!

Virei para o lado e vi a cabeça de Béatrice para baixo, olhando para nós.

Nicolas tirou a mão debaixo das minhas saias, mas não saiu logo de cima de mim.

Aquilo me agradou. Olhou para Béatrice e me deu um longo beijo antes de, devagar, ficar de joelhos.

Béatrice ameaçou: - Por causa disso, vou mesmo me casar com você, Nicolas dês Innocents! Juro que vou!

GENEVIÈVE DE NANTERRE

Béatrice me avisou que os corpetes de meus vestidos estão ficando cada vez mais largos: - Madame, ou a senhora come mais ou teremos de chamar a costureira para apertá-los.

- Pois chame a costureira.

Não era a resposta que ela desejava, por isso seus olhos castanhos de cachorro grande recaíram sobre mim até eu dar as costas e desfiar meu rosário. Minha mãe havia me olhado do mesmo jeito (embora seus olhos sejam mais argutos do que os de Béatrice) quando levei as meninas para visitá-la em Nanterre. Expliquei a ela que Claude não tinha ido conosco porque estava com dor de estômago, assim como eu. Mamãe não acreditou, da mesma forma que eu não acreditei quando Claude me veio com a mesma desculpa. Talvez seja assim mesmo; as filhas mentem para as mães e estas fazem de conta que acreditam.

Gostei que Claude não tenha ido conosco, embora as duas irmãs não cessassem de implorar. Claude e eu somos como dois gatos, um com o pêlo sempre eriçado para o outro. Ela me trata mal e me critica com os olhos. Sei que está se comparando comigo e concluindo que não quer ser igual a mim.

Também não quero que ela seja como eu.

Ao voltar de Nanterre, estive com Père Hugo, que, quando sentei no banco ao lado dele, falou: - Vmiment, mon enfant, você não pode ter pecado tanto em três dias a ponto de precisar se confessar outra vez.

Ele foi gentil, mas amargo. Preocupa-se comigo, como eu também.

Olhando para as ranhuras no banco à nossa frente, repeti para ele a mesma coisa do outro dia de manhã: - Meu único desejo é entrar para o convento em Chelles. Mon seul désir. Minha avó fez isso antes de morrer, assim como minha mãe.

- Você não está morrendo, mon enfant. Nem seu esposo. Sua avó era viúva quando vestiu o hábito de freira.

- O senhor acha que a minha fé não é firme? Preciso prová-la ao senhor?

- Não, firme é a sua vontade de se livrar da vida que leva. Isso me preocupa.

Tenho certeza de sua fé, mas é preciso querer se entregar a Cristo...

- Mas eu quero!

- ... entregar-se a Ele sem pensar em si própria e na sua vida mundana. O convento não pode ser uma fuga da vida que você detesta...

- Vida que detesto! - Mordi a língua.

Père Hugo fez uma pausa e depois continuou: - As melhores freiras costumam ser as que são felizes fora do convento, pois continuarão felizes lá.

Calei-me e abaixei a cabeça. Vi que tinha sido um erro falar daquele jeito. Eu devia ter tido mais paciência - esperar meses, um ano, dois anos, para sugerir a Père Hugo, amaciá-lo, fazê-lo concordar. Falei impetuosamente, desesperada. Claro, Père Hugo não decidia quem entrava em Chelles - só quem tinha esse poder era a Abadessa Catherine de Lignièrès. Porém, eu precisava da autorização de meu esposo para ser freira e do apoio de homens influentes para me defenderem. E Père Hugo era um deles.

Eu ainda tinha um argumento que podia tocar Père Hugo. Alisei minha saia, limpei a garganta e falei, baixo: - Tenho um grande dote; garanto que, se eu for noiva de Cristo, poderei doar uma parte para SaintGermain-des-Prés, em retribuição à ajuda que me tem dado. Se o senhor pudesse falar com o meu esposo... - Não terminei a frase.

Foi a vez de Père Hugo ficar em silêncio. Aguardei, passando o dedo numa ranhura do banco. Quando ele finalmente falou, estava com a voz sinceramente triste - não sei se pelo que eu havia dito ou pelo dinheiro que não poderia receber.

- Geneviève, você sabe que Jean Lê Viste jamais a autorizará a entrar num convento. Ele quer uma esposa,

não uma freira.

- O senhor poderia falar com ele, dizer que eu quero muito entrar para Chelles.

- Você já falou, como sugeri no outro dia?

- Não, pois ele não me ouve. Mas ouviria o senhor, tenho certeza. Ele se interessa pelo que o senhor diz.

Père Hugo pigarreou.

- Sua alma está sem pecados, mon enfant. Não comece a mentir agora.

- Ele se interessa pela Igreja!

- A Igreja não tem tido tanta influência nele quanto você e eu gostaríamos - disse Père Hugo, com cuidado.

Fiquei quieta, sentindo-me castigada pela indiferença de meu esposo por mim.

Será que Jean iria queimar no fogo do inferno por causa disso?

- Vá para casa, Geneviève - pediu Père Hugo, com ternura. - Você tem três lindas filhas, uma bela casa e um esposo que é íntimo do Rei. São bênçãos que muitas mulheres gostariam de ter. Seja esposa e mãe, faça suas orações, e que Nossa Senhora sorria para você.

- Ela vai sorrir também para o meu leito frio?

- Vá em paz, mon enfant. - Père Hugo já estava se retirando.

Fiquei mais um pouco na igreja. Não queria voltar para a rue du Four, para o olhar crítico de Claude ou de Jean, que nem sequer me olhava. Era melhor ficar naquela igreja que havia se tornado meu abrigo.

Saint Germain-des-Prés é a igreja mais antiga de Paris, e gostei quando mudamos para bem perto dela. Seus pátios são lindos e silenciosos, e a vista é muito bonita: do lado que dá para o rio, pode-se ver até o Louvre. Antes de ir para a rue du Four, morávamos mais perto de Notre Dame de Paris, mas essa igreja é grande demais para mim - fico tonta quando olho para ela. Jean gostava, claro, como gostaria de qualquer lugar

imponente, onde o Rei costuma aparecer. Agora estamos tão perto de Saint Germain-des-Prés que nem sequer preciso que um criado me acompanhe até lá.

Meu lugar preferido na igreja é a capela de Sainte Geneviève, padroeira de Paris, que veio de Nanterre e de quem cujo nome recebi. Fica atrás do altar-mor e me dirigi para lá, depois de me confessar com Père Hugo. Ajoelhei-me e avisei minhas damas de companhia para me deixarem só. Elas se sentaram no degrau baixo que leva à capela, um pouco distante de mim, e ficaram cochichando até que me virei para trás e avisei: - É bom lembrar que essa é a casa de Deus e não um lugar para fazer mexericos.

Ou vocês rezam ou saem daqui.

Todas abaixaram a cabeça; só Béatrice ficou me encarando com aqueles olhos castanhos. Olhei bem para ela, até que também abaixou a cabeça e fechou os olhos. Quando finalmente vi seus lábios numa prece, virei-me para o pequeno altar.

Não rezei, fiquei olhando os dois vitrais que mostram cenas da vida da Virgem.

Já não enxergo tão bem quanto antes, mal distingo as figuras: vi as cores - os azuis, vermelhos, verdes e marrons. Fiquei contando os amarelos que contornavam o vitral e pensando que flores seriam aquelas.

Há meses Jean não vem ao meu leito. Na presença dos outros, ele sempre foi formal comigo, como exige nossa posição social. Mas era caloroso na cama. Depois que a Petite Geneviève nasceu, ele passou a me visitar com mais assiduidade ainda, querendo ter finalmente um filho e herdeiro. Engravidei algumas vezes, mas perdia logo a criança. Faz dois anos que não há mais sinal de filho. Na verdade, meu sangue secou, não contei para Jean. Ele descobriu, talvez por MarieCéleste ou por uma de minhas damas - quem sabe até por Béatrice. Ninguém sabe o que seja lealdade naquela casa. Até que

uma noite ele veio me dizer que eu havia fracassado na única coisa que se esperava de uma esposa e que nunca mais iria me tocar.

Ele tinha razão, eu havia falhado. Podia confirmar isso no rosto dos outros: de Béatrice e de minhas outras damas de companhia, de minha mãe, dos convidados que recebíamos para entretenimentos no salão, e até no rosto de Claude, que Participa desse fracasso. Lembro-me de que quando ela estava com sete anos, entrou em meu aposento depois que dei à luz Petite Geneviève. Olhou o bebê enrolado em panos no meu colo e, ao saber que não era um menino, torceu o nariz e foi embora. Claro que ela gosta da pequena, mas preferia ter um irmão e um pai satisfeito.

Sinto-me como um pássaro ferido por uma flecha, sem poder mais voar.

Seria uma bondade se Jean me deixasse entrar para o convento. Porém, ele não é generoso. E ainda precisa de mim mesmo me desprezando, quer que eu esteja por perto quando ceia em casa e quando recebemos convidados ou vamos à Corte atender ao Rei. Não ficaria bem para ele ter um espaço vazio ao lado. Além disso, ririam dele na Corte - o homem cuja esposa entrou para o convento. Sei que Père Hugo tem razão - Jean não me deseja mais, porém ainda quer que eu fique ao lado dele. A maioria dos homens é assim - as mulheres que entram para o convento costumam ser viúvas, e não casadas. Só uns poucos esposos permitem que suas mulheres entrem, sejam quais forem os pecados delas.

Às vezes, quando ando à beira do Sena para ver o Louvre, penso em me jogar no rio. É por isso que as damas de companhia ficam perto de mim. Elas sabem. Ouvi uma delas agora mesmo reclamando de tédio. Por um instante, tive pena delas, entediadas como eu.

Mas, pelo fato de viverem a meu lado, elas têm belos vestidos, comida farta e uma boa lareira para aquecê-las

à noite. O bolo que comem tem mais açúcar, e o cozinheiro não poupa temperos - canela, noz-moscada, macis e gengibre - pois prepara pratos para nobres.

Deixei meu rosário cair no chão e chamei: - Béatrice, pegue meu terço.

Duas damas vieram me ajudar a levantar na capela, enquanto Béatrice se abaixava para pegar meu rosário.

- Preciso falar com a senhora, Madame. A sós - disse ela, baixo, enquanto me entregava o terço.

Provavelmente era alguma coisa com Claude. Minha filha não precisava mais de pajem, como Jeanne e Petite Geneviève, mas de uma dama de companhia. Há algum tempo eu emprestava Béatrice para ela, e assim via como as duas se davam. Podia ceder uma de minhas damas, pois agora minhas necessidades eram mais simples. Uma mulher

no início da vida precisa mais de uma boa dama de companhia como Béatrice do que eu. Béatrice continuava me contando tudo sobre Claude para ajudar-me a prepará-la para a vida de mulher e não deixar que cometesse erros. Um dia Béatrice ficaria com a sua nova patroa e não voltaria para mim.

Esperei até sairmos da igreja e nos encaminharmos para o grande portão do convento. Ao sairmos na rua, falei: - Estou com vontade de dar um passeio pela margem do rio. Béatrice, venha comigo, as outras podem voltar para casa. Se virem minhas filhas, digam para irem ao meu aposento mais tarde. Quero falar com elas.

Antes que as damas pudessem responder, segurei Béatrice pelo braço e virei à esquerda, pela rua que dava no rio. As damas tinham de virar à direita, para casa. Elas não gostaram muito da idéia, mas devem ter obedecido, pois sumiram.

Na rue de Seine, as pessoas me olhavam, estranhando que uma nobre estivesse sem seu séquito.

Para mim era um alívio não ter as damas em volta como um bando de pombos.

Às vezes elas são barulhentas e cansativas, principalmente quando estou querendo sossego. Não conseguiriam passar um dia num convento, por isso nunca as levo quando visito Chelles - exceto Béatrice, claro.

Do outro lado da rua, um homem que passava com seu escriba fez uma enorme medida para mim, mas eu não podia saber quem era apenas pela copa de seu chapéu. Somente quando ele terminou a medida reconheci ser Michel d'Orléans, que conhece Jean da Corte e esteve ceando conosco.

- Dame Geneviève, estou à sua inteira disposição. Diga-me aonde posso levá-la.

Jamais me perdoaria deixar que andasse sozinha pelas ruas de Paris. O que Jean Lê Viste iria pensar de mim se eu fizesse tal coisa?

Ele me olhou por quanto tempo quis. Certa vez, deixou claro que poderíamos ser amantes se eu aceitasse. Eu não quis e, nas raras vezes em que nos vemos, os olhos dele ainda perguntam.

Jamais tive amantes, embora muitas mulheres tenham. Não quero entregar a Jean uma chibata para me açoitar. Se eu cometesse adultério, ele poderia escolher outra mulher para tentar ter um herdeiro. Não estou tão louca por companhia na cama a ponto de querer jogar fora meu título de esposa.

- Obrigada, Monsieur - falei, sorrindo, meiga. - Não estou desacompanhada, minha dama vai caminhar comigo pela margem do rio. Gostamos de ver os barcos passando.

- Então eu as acompanharei.

- Não, não, o senhor é muito gentil. Deve estar indo fazer algum trabalho importante com o seu escriba. Não vou prendê-lo.

- Dame Geneviève, nada é mais importante do que estar a seu lado.

Sorri outra vez, com mais firmeza e menos meiguice.

- Monsieur, se meu marido souber que deixou seus afazeres com o Rei e com a Corte para caminhar a meu lado, ficaria muito contrariado. O senhor quer que ele se zangue comigo?

com isso, Michel d'Orléans desanimou. Desculpou-se várias vezes e seguiu seu caminho. Béatrice e eu, então.

começamos a rir. Fazia algum tempo que não achávamos tanta graça em alguma coisa, e lembrei como estávamos sempre rindo quando éramos mais jovens. Iria sentir falta dela, depois que passasse a ser dama de Claude. Ela ficaria com Claude para sempre, a menos que minha filha permitisse que se casasse e deixasse de servi-la.

O rio estava cheio de barcos subindo e descendo. Homens descarregavam sacos de farinha na outra margem para as muitas cozinhas do palácio do Louvre. Ficamos olhando.

Sempre gostei de olhar o Sena - ele traz uma promessa de fuga.

- Tenho de contar uma coisa sobre Claude. Ela foi muito imprudente - disse então Béatrice.

Suspirei. Eu não queria saber, mas, como mãe, era obrigada.

- O que fez?

- A senhora lembra de Nicolas dês Innocents, aquele artista que está desenhando as tapeçarias para a Grande Salle?

Fiquei olhando uma pequena mancha de sol no rio.

- Lembro.

- Quando a senhora saiu, Claude ficou com ele sozinha, embaixo da mesa!

- Embaixo de uma mesa? Onde?

Ela hesitou, os grandes olhos temerosos. Béatrice se veste bem, como todas as minhas damas. Mas nem sequer a melhor seda entremeada de fios de ouro e jóias consegue melhorar seu rosto sem graça. Os olhos podem ser atentos, porém o rosto é encovado; o nariz, achatado; e a pele ruboriza por qualquer motivo. Como naquele momento.

- No aposento dela? - suponho.

- Não.

- Na Grande Salle?

- Não.

Minhas suposições estavam incomodando Béatrice, da mesma forma que a indecisão dela me incomodava. Olhei para o rio outra vez, contendo minha vontade de gritar com ela. É sempre melhor ter paciência com Béatrice.

Num barco, dois homens pescavam perto de nós. As linhas dos anzóis estavam frouxas, mas eles não pareciam se incomodar; conversavam e riam de alguma coisa.

Ótimo que não nos tenham percebido ali, pois, se nos vissem, remariam para longe. Há alguma coisa de animador em ver dois homens simples e alegres.

- Claude estava nos aposentos de seu esposo - sussurrou Béatrice, apesar de ninguém poder nos ouvir.

- Sainte Vierge! - exclamei, benzendo-me. - Quanto tempo ela ficou a sós com ele?

- Não sei, apenas alguns minutos, acho. Mas estavam...

- Béatrice parou.

Eu tinha vontade de sacudi-la para que continuasse.

- Estavam o quê?

- Não bem...

- E onde, em nome de Deus, você estava? Sua obrigação é acompanhar tudo que ela faz!

Quando fui para Nanterre, deixara Béatrice em casa com Claude para impedir que minha filha fizesse alguma bobagem.

- Eu estava cuidando dela! Mas ela me enganou, a danadinha. Pediu para eu buscar uma coisa... - Béatrice mexeu no seu rosário. - Ah, não tem importância. Mas não perdeu a virgindade, Madame.

- Tem certeza?

- Tenho, ele ainda não... não tinha tirado a roupa.

- Mas ela tirou?

- Só uma parte.

Apesar de ter ficado muito irritada, tive vontade de rir da ousadia de Claude.

Se Jean a descobrisse lá, eu nem conseguiria pensar no que ele faria.

- O que você fez?

- Mandei que ele saísse de lá na hora! Mandei mesmo. Não mandou - vi pela cara dela. Nicolas dês Innocents deve ter rido de Béatrice e demorado a ir embora.

- O que a senhora vai fazer, Madame?

- O que você fez quando ele foi embora? O que disse para Claude?

- Falei que a senhora certamente iria conversar com ela.

- Claude pediu para você não me contar? Béatrice franziu a testa.

- Não, ela riu na minha cara e correu.

Rangi os dentes de raiva. Claude sabe muito bem como a virgindade dela é importante para os Lê Viste: se for deflorada, nenhum homem de bem irá querer casar-se com ela. Um dia o esposo dela herdará a fortuna dos Lê Viste, já que não poderá herdar o nome. A casa na rue du Four, o Château d'Arcy, os móveis, as jóias, até as tapeçarias que Jean está encomendando - tudo será do esposo de Claude. Jean irá escolhê-lo com cuidado, e o

esposo, por sua vez, esperará que Claude seja piedosa, respeitosa, admirada - e virgem, naturalmente. Se Jean soubesse o que houve - fiquei arrepiada só de pensar.

- Vou falar com ela - prometi, transferindo minha raiva de Béatrice para Claude, por se arriscar por tão pouco. - Vou já falar com ela.

Quando Béatrice e eu chegamos à casa, as damas já haviam reunido as meninas no meu aposento. Petite Geneviève e Jeanne correram para me abraçar, enquanto Claude ficou na janela, brincando com um cachorrinho no colo, sem olhar para mim.

Eu havia esquecido por que chamara as meninas no meu aposento. Mas duas delas - especialmente Petite Geneviève - estavam tão contentes de me ver que tive de inventar um motivo.

- Meninas, vocês sabem que daqui a pouco as estradas estarão sem lama e poderemos passar o verão no Château d'Arcy?

Jeanne bateu palmas de alegria. Das três, era a que mais gostava de nossa temporada anual no castelo. Adorava brincar com as crianças das propriedades vizinhas e passava quase todo o verão descalça.

Claude deu um grande suspiro e pôs as mãos em concha na cabeça do cachorrinho.

- Eu quero ficar em Paris - anunciou.

- Resolvi que, antes de irmos para Arcy, seu pai e eu daremos uma festa de Primeiro de Maio - continuei. Vocês poderão usar seus vestidos novos. - Eu sempre encomendava vestidos para as meninas e minhas damas usarem na Páscoa.

As damas começaram a falar todas ao mesmo tempo, menos Béatrice.

- Claude, venha comigo, quero ver seu vestido. Não estou gostando do decote. - Encaminhei-me à porta e virei-me para esperá-la. - Só nós duas, não demoraremos

- acrescentei, quando as damas fizeram menção de nos acompanhar.

Claude apertou os lábios e não se mexeu, continuando a brincar com o cachorrinho, virando as orelhas dele para a frente e para trás.

- Venha comigo ou rasgarei o vestido com as próprias mãos - ameacei, ríspida.

As damas cochicharam, e Béatrice me olhou.

- Mamãe! -gritou Jeanne.

Claude arregalou os olhos, e um olhar de fúria percorreu seu rosto. Levantou-se e tirou o cachorrinho do colo com tanta raiva que ele chegou a ganir. Passou por mim e saiu da Sala sem sequer me olhar. Segui-a, passando pelos aposentos que nos separam.

O aposento de Claude é menor do que o meu, com menos móveis. Claro que ela não tem cinco damas ao seu lado quase o dia inteiro. Minhas damas precisam de cadeiras

e uma mesa. E também de almofadas, banquinhos para os pés, lareiras, tapeçarias nas paredes e jarros de vinho. O aposento de Claude tem apenas uma cama revestida de seda vermelha e amarela, uma cadeira, uma mesinha e uma arca para guardar os vestidos. A janela abre para o pátio e não para a igreja, como a minha.

Claude foi direto para a arca, tirou o vestido novo e jogou-o na cama. Por um instante ficamos olhando o vestido. Era lindo, de seda amarela e preta, com estampas de romãs e sobreveste amarelo-claro. Meu vestido novo era do mesmo modelo, de um tecido resistente como o da veste de baixo e saia de seda vermelhoescuro. Nós duas faríamos bonita figura juntas na festa, embora naquele momento eu achasse que deveríamos usar trajes bem diferentes, para evitar comparações.

- O decote do vestido não tem nada de errado. Não é isso que preciso conversar com você - avisei.

- Então, o que é? - perguntou Claude, indo para a janela.

- Se continuar se comportando assim, mandarei você morar com a sua avó. Ela lhe ensinará a respeitar sua mãe ameacei. Minha mãe não hesitaria em chicotear Claude, fosse ela herdeira de Jean Lê Viste ou não.

Um instante depois, Claude murmurou: - Pardon, Maman.

- Olhe para mim, Claude.

Ela finalmente me encarou, os olhos verdes mais confusos do que irritados.

- Béatrice me contou o que houve entre você e o artista. Claude revirou os olhos.

- Béatrice é traidora!

- Au contraire, ela fez exatamente o que devia. Ainda é minha dama; portanto, tem obrigação de ser leal a mim. Mas não se incomode com ela. O que está pensando? Ainda por cima fazer uma coisa dessas no aposento de seu pai?

- Eu o quero, Maman. - O rosto dela se desanuviou, como se uma tempestade tivesse passado e as nuvens sumido.

Zanguei-me com ela: - Não seja boba, é claro que você não quer esse homem! Nem sabe o que isso quer dizer!

A tempestade voltou: - O que você sabe de mim?

- Sei que você não foi feita para se misturar com homens dessa laia. Um artista é pouco mais do que um camponês!

- Não é verdade!

- Você sabe muito bem que se casará com quem seu pai escolher. Um nobre para a filha de um nobre. Não vai arruinar essa nobreza com um artista, ou outro qualquer.

Claude me olhou, cheia de rancor.

- Só porque você e meu pai não dormem juntos não quer dizer que eu também tenha de ficar dura e seca como uma velha pêra murcha!

Por um instante pensei que eu fosse estapear aquela boca polpuda e vermelha até sangrar. Respirei fundo.

- Ma filie, vê-se que você é que não sabe nada de mim! Abri a porta do aposento.

- Béatrice! - Chamei-a tão alto que o grito ecoou pela casa. O mordomo deve ter ouvido na despensa, a cozinheira na cozinha, os cavaleiros nas cocheiras, as criadas na escada. Se Jean estivesse em casa, certamente teria ouvido no aposento dele.

Fez-se um curto silêncio, como a pausa entre o raio e a tempestade. Depois, a porta do aposento ao lado se escancarou e Béatrice veio correndo, seguida pelas outras damas. Ela diminuiu a pressa quando me viu na porta. As damas pararam aos poucos no aposento, uma ao lado da outra, como pérolas num cordão. Jeanne e Petite Geneviève ficaram na porta do meu aposento, olhando.

Puxei com força o braço de Claude até ela ficar de frente para Béatrice, a quem avisei:

- Você agora é dama de companhia de minha filha. É obrigada a ficar ao lado dela todas as horas do dia e da noite. Irá com ela à Missa, ao mercado, às visitas, ao costureiro, às aulas de dança. Fará as refeições com ela, andarà a cavalo com ela, dormirá com ela - não ficará num quartinho ao lado, mas na mesma cama.

Jamais

sairá do lado dela. Ficarà a seu lado até quando ela urinar no penico.

Uma das damas fez uma exclamação: - Se ela ronca, você vai saber. Se ela arrotar ou peidar, você vai sentir o cheiro. Claude estava chorando.

- Vai saber se ela precisa pentear o cabelo, se as regras dela vieram ou se ela chorar - continuou

Geneviève. - Na recepção que vamos oferecer no Primeiro de Maio, sua tarefa e de todas as minhas damas será vigiar Claude, se ela se aproximar de qualquer homem - seja para falar, dançar ou até Para ficar perto, pois ela não merece confiança. Façam com que ela tenha uma péssima noite! -A coisa mais importante que minha filha precisa aprender é respeitar seus pais. Para isso, você vai levá-la já para passar uma semana na casa de minha mãe em Nanterre. Mandarei um mensageiro avisar que ela pode usar o chicote, se preciso for.

- Maman, por favor, não... - pediu Claude.

- Calada! Béatrice, entre e arrume as arcas de roupas falei, olhando firme para a dama.

Béatrice mordeu os lábios.

- Sim, Madame - disse ela, baixando os olhos. - Bien sûr. - Esgueirou-se entre Claude e eu, e se dirigiu à arca cheia de vestidos.

Saí do aposento e fui direto para o meu. À medida que eu caminhava, cada dama seguia atrás de mim e fazia sentir-me como uma pata à frente de quatro patinhas.

Ao chegar em meu aposento, minhas duas outras filhas estavam de pé, com a cabeça baixa. Elas também me seguiram quando passei. Uma das damas fechou a porta.

Virei-me e pedi:

- Vamos rezar para que a alma de Claude ainda possa ser salva - recomendei para elas, séria, e nos ajoelhamos.

II

BRUXELAS

A Festa de Pentecostes de 1490

GEORGES DE LA CHAPELLE

Assim que o vi, percebi que não ia gostar dele. Não costumo julgar ninguém tão rápido - deixo essa tarefa para minha esposa. Mas quando ele entrou com Léon Lê Vieux, olhou a minha oficina como se ela estivesse localizada em alguma rua fedorenta de Paris e não na rue Haute, perto da Place de la Chapelle, digna de um lissier. Depois, não se deu ao trabalho de olhar para mim, ficou observando Chnstme e Aliénor andando pela sala - ele, com sua túnica bem talhada e suas apertadas meiascalças parisienses. Esse sujeito é bastante convencido. Só vai criar confusão, pensei.

Fiquei surpreso com a visita. Há trinta anos faço tapeçarias, e jamais um artista veio de Paris para me conhecer. Não precisa - para mim, bastam os desenhos e um bom cartonista, como Philippe de la Tour, para ampliar os desenhos num papel-cartão bem grande. Artistas não ajudam um lissier em nada.

Léon não me avisara que viria com o tal Nicolas dês Innocents, e ainda chegaram antes do esperado. Estávamos todos no ateliê, preparando-nos para cortar uma tapeçaria Pronta. Eu havia tirado o cartão de baixo da tapeçaria e o estava enrolando para guardá-lo com os outros desenhos que tenho. Georges Lê Jeune tirava a última bobina

do tear. Luc varria o chão onde eu ia estender a tapeçaria depois de retirá-la do tear, cortando-a. Christine e Aliénor davam os últimos arremates entre as cores.

Philippe de la Tour estava ao lado, colocando linha na agulha de Aliénor, pegando-a no chão quando ela a deixava cair, procurando mais espaços entre as cores para ela arrematar.

Ele não era necessário no ateliê, mas, como sabia ser o dia do corte, achou melhor ficar por lá.

Léon Lê Vieux apareceu numa das janelas do ateliê que abrem para a rua: minha esposa e eu levantamos rápido, e ela correu para abrir a porta. Ficamos surpresos que um estrangeiro entrasse atrás dele, mas depois que Léon o apresentou como sendo Nicolas, o artista que havia desenhado as novas tapeçarias, cumprimentei-os: - Sejam bem-vindos, cavalheiros. Minha esposa vai lhes trazer comida e bebida.

Christine entrou pela porta que liga o ateliê à casa, nos fundos. São duas casas juntas: numa, comemos e dormimos, enquanto a outra serve de ateliê. Ambas têm janelas e portas que abrem para a rua, e, nos fundos, para o jardim. Assim, os tapeceiros dispõem sempre de luz natural para trabalhar. Aliénor levantou-se e seguiu a mãe.

- Diga para sua mãe trazer queijo e ostras - falei baixo, enquanto ela saía do ateliê. - Mande Madeleine comprar uns pães doces. E trazer a cerveja em canecos duplos, não nos pequenos. -Virei-me para os homens. - Chegaram agora a Bruxelas? - perguntei a Léon. - Esperava que viessem na próxima semana, na Festa de Corpus Christi.

- Chegamos ontem; as estradas estavam razoáveis, até bem secas - respondeu Léon.

- Bruxelas é sempre calma assim? - perguntou Nicolas, tirando fios de lã da túnica. Se ficasse muito tempo no ateliê, desistiria de fazer aquilo, pois lã gruda em tudo.

- Tem gente que já está achando-a muita habitada respondi, frio, pois ele começara a falar com arrogância. Embora aqui seja mais calmo do que nos arredores da GrandPlace.

Nosso trabalho não exige que fiquemos muito perto do centro da cidade. O senhor deve estar acostumado

com outra coisa em Paris. Sabemos como funciona por lá.

- Paris é a melhor cidade do mundo. Quando eu voltar, nunca mais sairei de lá.

- Se gosta tanto de Paris, por que veio aqui? - perguntou meu filho Georges Lê Jeune.

Balancei a cabeça; ele é tão franco, e, embora eu não pudesse culpá-lo, também tive vontade de perguntar. Quando um homem é rude comigo, também quero ser rude.

- Nicolas veio comigo porque essa encomenda é muito importante - Léon cortou a conversa, rápido. - Quando vir os desenhos, entenderá que são realmente muito especiais e exigem alguma supervisão.

Georges Lê Jeune não gostou do que ouviu.

- Não precisamos de inspetores - respondeu. Resolvi apresentar todos: - Este é meu filho, Georges Lê Jeune, e este é meu aprendiz, Luc, que está há dois anos treinando conosco e faz lindas millefleurs. E este aqui é Philippe de la Tour, que faz os cartões a partir do desenho dos artistas.

Nicolas olhou bem para Philippe, que enrubesceu.

- Não costumo ter outra pessoa modificando meu trabalho - ironizou Nicolas. - Por isso vim para essa cidade horrorosa, para garantir que meus desenhos ficarão exatamente como os fiz.

Eu nunca tinha visto um artista tão orgulhoso de sua obra. Ele devia saber que os desenhos sempre mudam quando são estampados pelo cartonista numa tela ou num cartão que os tecelões usarão como modelo para fazer a tapeçaria. Faz parte do trabalho que, às vezes, uma coisa muito bonita em pequena escala não fique tão bonita quando ampliada.

Há espaços que precisam ser preenchidos - e então se acrescentam personagens ou árvores, animais, flores. E o que um cartonista como Philippe faz muito bem:

quando amplia o desenho, ele preenche os espaços vazios, de forma que a tapeçaria fique completa e viva.

- Você precisa saber desenhar para tapeçarias e saber que precisam ser feitas alterações - avisei. Não o tratei de Monsieur - ele podia até ser um artista parisiense, mas eu era dono de um ótimo ateliê em Bruxelas. Não precisava lambe os pés dele.

Nicolas franziu o cenho.

- Na Corte, sou conhecido como...

- Nicolas tem ótima fama na Corte - interrompeu Léon. - E Jean Lê Viste gostou dos desenhos dele. - Léon falou bem rápido, e fiquei pensando qual deveria ser a verdadeira fama de Nicolas na Corte. Devia ter mandado meu filho descobrir a que guilda pertencia o pintor. Alguém já devia ter ouvido falar nele.

Na hora que as mulheres voltaram com a comida, estávamos prontos para cortar a tapeçaria. O dia do corte é muito auspicioso para o tapeceiro, pois a peça que foi trabalhada durante tanto tempo - nessa, foram oito meses em apenas uma tapeçaria - está pronta para ser tirada do tear. Trabalhamos só numa faixa da largura de uma mão, que depois é enrolada num rolo de madeira; por isso, só vemos a tapeçaria completa quando ela já está pronta. E trabalhamos pelo seu avesso; para conferir o desenho, temos de colocar um espelho embaixo para checar o trabalho. Só quando cortamos a tapeçaria do tear e a estendemos no chão é que temos uma idéia de todo o trabalho. Então, ficamos em silêncio, olhando o que fizemos.

Esse momento é parecido com saborear rabanetes frescos na primavera, depois de meses comendo nabos velhos no inverno. Algumas vezes - quando o patrão não dá um adiantamento para nós, os tintureiros, os comerciantes de lã e seda e os vendedores de arame começam a querer um dinheiro que não tenho, ou ainda quando os tapeceiros não querem trabalhar sem antes

receber o pagamento, ou quando Christine não diz nada, mas a sopa vai ficando cada vez mais rala - nessas ocasiões, é a lembrança desse momento de silêncio que me faz continuar trabalhando.

Eu preferia que Léon e Nicolas não estivessem lá na hora do corte. Eles não tinham ficado com as costas tortas de tanto se debruçar sobre o tear aqueles meses todos, ou com os dedos cheios de cruzeiros de tanto manejar os fios de ouro, ou tido dor de cabeça de tanto fixar os olhos na urdidura e na trama. Mas claro que eu não podia pedir para se retirarem, nem deixá-los perceber que eu estava aborrecido. Um tissier não demonstra essas coisas ao comerciante com quem precisa negociar.

- Por favor, sirvam-se - falei, mostrando os pratos que Christine e Aliénor haviam trazido. - Vamos tirar essa tapeçaria do tear e em seguida discutirmos a encomenda de Monseigneur L^he Viste, Léon concordou, mas Nicolas resmungou: - Será que alguém gosta das comidas de Bruxelas? Apesar da dúvida, o parisiense escolheu uma ostra, abriu-a e a engoliu, jogando a cabeça para trás. Depois, lambeu os lábios e sorriu para Aliénor, que queria entregar um banquinho para Léon. Ri comigo mesmo: daria um susto no artista, não exatamente naquela hora. Pelo jeito, ele não era tão esperto assim.

Antes de cortar a tapeçaria, ajoelhamo-nos no ateliê para fazer uma prece a São Maurício, padroeiro dos tecelões. Então, Georges L^he Jeune me entregou a tesoura.

Peguei um punhado de fios de urdidura, segurei-os firme e comecei a cortar.

Christine suspirou quando dei esse primeiro corte, mas não se ouviu um som enquanto cortava o resto.

Quando terminei, Georges L^he Jeune e Luc foram enrolando a tapeçaria à medida que a tiravam do tear. Eles teriam a honra de cortar a outra ponta antes de

colocar a tapeçaria no chão e abri-la. Dei sinal, e eles a desenrolaram de forma a ficar o lado direito para cima. Então, ficamos todos parados, olhando - exceto Aliénor, que voltou para a cozinha para pegar cerveja para os rapazes.

A tapeçaria era uma cena da Adoração dos Magos. O cliente de Hamburgo que a encomendara pagara regiamente por ela. Usamos fios de prata e de ouro entre a lã e a seda, e, sempre que possível, tecemos em linhas paralelas, com bastante hachura para o sombreado. Essas técnicas fazem com que o trabalho seja mais demorado; porém, eu tinha certeza de que o cliente acharia que o preço tinha valido a pena. A tapeçaria estava gloriosa, apesar de ser a opinião do lissier.

Eu esperava que Nicolas desse pelo menos uma olhada, ou zombasse dizendo que o desenho era ruim ou a execução inferior, comparada com os ateliês parisienses. Mas ele ficou calado, prestando atenção, o que me deixou mais tolerante com ele.

Georges Lê Jeune quebrou o silêncio:

- O manto da Virgem está ótimo; eu seria capaz de jurar que é de veludo - disse.

- Quase tão ótimo quanto o sombreado vermelho nas meiascalças verdes do jovem Rei. Ficou bem contrastante o vermelho e o verde juntos - observou Luc.

O sombreado estava mesmo ótimo. Eu havia deixado Georges Lê Jeune tecê-lo, e ele fizera um bom trabalho. Não é fácil tecer linhas finas de uma cor junto às de outra sem misturar as duas. Os fios coloridos devem ser colocados com precisão - se algum estiver fora do lugar, ele será percebido, e o sombreado ficará prejudicado.

Georges Lê Jeune e Luc costumam elogiar o trabalho reciprocamente. Depois, descobrem os próprios defeitos também, claro, mas primeiro tentam ver o que está bom.

Foi um gesto generoso de meu filho elogiar um aprendiz quando ele poderia apenas mandar que varresse o chão ou juntasse um novelo de lã. Mas os dois trabalham juntos há meses, e se alguma coisa não vai bem com eles, quem sofre são as tapeçarias, e nós também. O jovem Luc ainda está aprendendo, mas já tem o talento de tapeceiro.

- Há alguns anos vocês não fizeram uma Adoração dos Magos aqui em Bruxelas para Charles de Bourbon? - perguntou Léon. - Vi a tapeçaria na casa dele, em Paris. Lembro que o jovem Rei também tinha meiascalças verdes.

Aliénor vinha trazendo canecos de cerveja. Ao ouvir isso, estancou, e o súbito silêncio fez com que ouvíssemos a cerveja derramando no chão. Abri a boca para falar, mas fechei-a de novo. Léon me havia pego de surpresa e sem muita sutileza.

A Adoração dos Magos a que ele se referia tinha sido feita em outro ateliê de Bruxelas, mas o cartão com o desenho havia sido comprado por Charles de Bourbon para que a tapeçaria não pudesse ser copiada. Gostei muito das meiascalças verdes do Rei e usei-as nesse trabalho, achando que a família Bourbon não iria ver a tapeçaria encomendada pelo cliente de Hamburgo. Eu conhecia bem o outro lissier e podia subornar a guilda para não comentar a minha cópia. Podemos até roubar uma idéia de outro ateliê, mas há coisas em que nós, lissiers de Bruxelas, somos leais uns aos outros.

Mas havia esquecido Léon Lê Vieux. Ele acompanha quase tudo que entra ou sai de Paris, e nunca esquece um detalhe, principalmente meiascalças verdes com sombreado vermelho. Ao copiar outra tapeçaria, desrespeitei uma regra, e agora Léon podia usar isso no acerto de contas. Podia exigir o que quisesse pelas tapeçarias de Lê Viste - e eu teria de concordar. Senão,

ele poderia contar aos Bourbon que o desenho havia sido copiado e eu receberia uma pesada multa.

-Aceita uma ostra, Monseigneur? - Christine ofereceu um prato para Léon, bendita seja ela. Esposa inteligente. Embora não pudesse consertar o dano causado por Léon, podia ao menos distraí-lo do assunto.

Léon Lê Vieux olhou para ela.

- Ostras não combinam comigo, Madame, mesmo assim agradeço. Posso aceitar um pão doce.

Christine mordeu o lábio. Aquele era o jeito de Léon fazer com que até ela se sentisse deslocada na própria casa e mesmo assim continuasse sendo gentil. Não se podia ter raiva nem gostar de Léon. Eu já havia trabalhado para ele antes: gosta das millefleurs do nosso ateliê e já nos fez várias encomendas. Mesmo assim, não poderia chamá-lo de amigo. É uma pessoa muito fechada.

Convidei Léon e Nicolas: - Venham para a nossa casa; lá poderemos abrir os desenhos. - Fazendo um gesto que incluía Philippe também, eu queria que ele os visse. Georges Lê Jeune fez menção de ir junto, mas eu o impedi: -Você e Luc ficam aqui; comecem a limpar o tear.

Tirem dos rolos as sobras das linhas da urdidura. Volto já.

Georges Lê Jeune ficou desanimado e virou-se para o tear. Christine acompanhou-o com os olhos, depois franziu o cenho para mim. Devolvi o olhar, sério. Ela estava pensando em alguma coisa que depois me contaria - sempre conta.

Nesse instante, Nicolas dê Innocents perguntou: - O que ela está fazendo?-Ele se referia a Aliénor, que, ajoelhada ao lado da tapeçaria, alisava-a com as mãos.

- Checando o trabalho que fez - respondeu Philippe, enrubescendo outra vez.

Ele protege Aliénor como se fosse um irmão.

Levei os homens para dentro de casa, onde Christine e Madeleine haviam arrumado a comprida mesa sobre cavaletes onde fazemos as refeições. A casa estava mais escura e mais enfumaçada do que o ateliê, mas eu queria que os rapazes continuassem o trabalho sem se distraírem com a nova encomenda. Léon começou a desenrolar os desenhos, e Christine pegou pesados jarros e canecos de estanho para segurar as pontas das folhas. Enquanto fazia isso, percebi que observava os desenhos. Depois ela me daria sua opinião, quando estivéssemos a sós.

-Attendez, os desenhos têm uma determinada seqüência - disse Nicolas, colocando-os em outra ordem.

Eu não quis olhar enquanto ele mexia neles, por isso desviei os olhos dos vermelhos e azuis para a sala, tentando olhá-la do jeito que aqueles parisienses deviam estar vendo. Imagino que estejam acostumados com mais luxo: uma lareira maior, uma cozinha separada, mais madeiras entalhadas, mais almofadas nas cadeiras, mais utensílios de prata em vez de estanho, mais tapeçarias nas paredes. É estranho, faço tapeçarias para os outros, mas não tenho nenhuma. São muito caras - um lissier ganha bem, mas, mesmo assim, não consegue ter uma.

Talvez Nicolas esperasse que minha mulher e minha filha usassem roupas elegantes, jóias nos cabelos, e tivessem criadas para fazer tudo. Não desperdiçamos nosso dinheiro como os parisienses. Minha esposa tem jóias, mas ficam trancadas. Nossa criada Madeleine ajuda nos trabalhos da casa, mas Christine e Aliénor gostam de fazer as coisas, principalmente Aliénor, que está sempre disposta a mostrar que não precisa de ajuda. Se quisessem, as duas não teriam de costurar as tapeçarias, podiam não machucar os dedos e deixar que outra pessoa espetasse os dedos na agulha. Mas gostam de ajudar no ateliê: Christine sabe como preparar um

tear e tem braços fortes para esticar os fios do urdume tão bem quanto um homem. Se falta um tecelão no ateliê, ela consegue fazer as tarefas mais simples, embora a guilda não permita que seja por mais de dois dias.

Pronto, as cenas estão na ordem correta - disse Nicolas.

Virei-me e Fiquei ao lado de Philippe.

As primeiras coisas a fazer quando se negocia uma encomenda não são elogios.

Jamais digo o que acho dos desenhos. Sempre começo pelas dificuldades. Philippe também toma cuidado com o que diz; é um bom rapaz, aprendeu muito comigo sobre acerto de preços.

Ficamos olhando os desenhos. Quando finalmente falei, não demonstrei surpresa.

Isso eu deixava para depois, quando falasse com Christine. Em vez de surpresa, mostrei indignação: O artista nunca desenhou para tapeçarias antes, não? Isso são pinturas, e não desenhos. Cada tapeçaria não conta uma história, e há poucas figuras: vemos a Dama no centro como nos quadros da Madona com o Menino, em vez de ocupar toda a tapeçaria.

Nicolas ia dizer alguma coisa, mas Léon o interrompeu: É só o que você tem a dizer? Observe melhor, tjeorges. Talvez não veja nada parecido outra vez. Mas, então que história está sendo contada?

Alienor apareceu na soleira da cozinha para o ateliê com um caneco vazio em cada mão.

- É a história da Dama seduzindo o unicórnio - disse Nicolas, mudando de posição, de forma que pudesse ficar de frente para Alienor. Aquele idiota! - Há também referência aos cinco sentidos: Olfato, Audição, Paladar, Visão e Tato informou ele, apontando para cada uma.

Alienor se encaminhou para o barril de cerveja que ficava no canto do aposento.

Olhamos mais um pouco os desenhos.

- Tem bem poucas figuras, e, quando forem ampliadas para o tamanho das tapeçarias, sobrarão muito espaço para preencher. Teríamos de fazer um campo cheio de millefleurs.

- Você é famoso pelas millefleurs, por isso o escolhi disse Léon. - Para você, é simples fazer isso.

- Não é tão simples. Teremos de acrescentar outras coisas.

- Que coisas? - perguntou Nicolas.

Olhei para Philippe, esperando que ele falasse, pois seria trabalho dele aproveitar aqueles desenhos e preencher os espaços vazios. Ele nada disse; é um rapaz tímido e demora a falar. Achava que era uma pessoa sensível, mas o bobo estava com uma cara estranha, olhando os desenhos como se visse a mulher mais linda de Bruxelas.

Puxa, as mulheres da tapeçaria eram... sacudi a cabeça para clarear as idéias.

Não ia deixar que elas me seduzissem.

- Vai colocar mais gente, mais bichos, mais plantas, não é, Philippe? - perguntei.

Philippe conseguiu tirar os olhos dos desenhos.

- Bien sûr.

- O que mais colocaria, além de gente e bichos?

- Ah, hum, talvez umas árvores, para dar mais estrutura. Ou uma treliça com rosas.

- Proíbo qualquer alteração nos desenhos! Estão perfeitos assim - disse Nicolas.

Ouviu-se um estrépido; era Christine derrubando uma tigela de ostras. Em vez de se abaixar e pegar tudo no chão, ficou olhando para Nicolas.

- Não permito que se fale blasfêmia nesta casa! Nenhum artista desenha nada perfeito, só Deus tem o poder da perfeição. Você e seus desenhos têm tantos defeitos quanto todo mundo.

Sorri por dentro. Não demorou para Nicolas conhecer o temperamento de minha esposa. Ele logo fez uma reverência: - Desculpe, Madame, não tive a intenção de ofender.

- Devia se desculpar com Deus, e não comigo.

- Está bem, Christine. E melhor você começar a fazer a bainha da Adoração.

Vamos ter de levá-la logo para a Guilda - avisei.

A bainha podia esperar, mas, se Christine ficasse conosco, poderia obrigar Nicolas dê's Innocents a se ajoelhar e pedir perdão a Deus na frente dela. Seria engraçado, só que não ajudaria no acerto de preços.

Christine ficou me olhando, mas obedeceu. Aliénor agachou-se onde a mãe havia derrubado a tigela e começou a recolher as conchas. Philippe ia ajudá-la, mas fiz um sinal, apertando o cotovelo dele. Seus olhos iam de Aliénor para os desenhos e voltavam para ela. O rapaz mora perto de nossa casa e costuma ajudá-la quando está no ateliê - gosta dela desde que eram pequenos. Agora também me ajuda nos desenhos, e às vezes esqueço que não é meu filho.

- Quais as medidas de cada tapeçaria? - perguntei a Léon Lê Vieux.

O velho fez as contas enquanto eu também somava na minha cabeça.

- Vai querer fio de ouro ou de prata? Seda de Veneza? Lã inglesa? Quantas figuras tem cada tapeçaria? Vai querer muitas millefleurs? Quanto de lã azul?

Quanto de lã vermelha? Trama em linhas paralelas ou não? Sombreado?

Léon ia respondendo às minhas perguntas, e eu mudando o prazo de entrega e o preço.

- Poderei fazer as tapeçarias em três anos por quatrocentos livres toumois e com os desenhos ficando para mim - calculei, enfim.

- Monseigneur Lê Viste quer as tapeçarias prontas no Domingo de Ramos de 1492 - disse Léon, rápido. Ele sempre rebate logo, como se estivesse pensando bem à frente.

Pagará os livres toumois pelas tapeçarias e os desenhos, que ficarão com ele.

Ele quer cartões pintados para colocar no lugar das tapeçarias, caso as leve consigo para outra de suas propriedades.

- Impossível, você sabe que é impossível, Léon - argumentei. - O prazo dele é de menos de dois anos; não posso fazer tudo tão rápido por tão pouco. Aliás, sua proposta é uma ofensa! É melhor levar os desenhos para outro tapeceiro.

Realmente, era uma ofensa - preferia me arriscar a ser delatado por causa da cópia das meiascalças verdes a trabalhar por tão pouco dinheiro.

Aliénor pegou do chão a tigela de ostras e fez um pequeno sinal com a cabeça.

Ela é como a mãe, pensei, cuidando das coisas para mim. Mas sem o temperamento da mãe. Não consegue.

Nicolas dês Innocents continuava olhando para ela.

Claro, ela não percebia.

- Você pode contratar o dobro de artesãos e fazer o trabalho na metade do tempo - sugeriu Léon.

- Não é tão simples quanto você imagina. O ateliê comporta, no máximo, dois teares, e, mesmo com o dobro de artesãos, sou só eu para supervisionar. Um trabalho assim não pode ser feito às pressas. E tenho outras encomendas que aceitei bem antes de você me trazer essa.

Léon fez um gesto com a mão como se quisesse afastar meus fracos argumentos.

- Cancele as outras encomendas. Você vai conseguir terminar no prazo. Olhe para isto, Georges - disse ele, mostrando os desenhos. - Está vendo que é uma

encomenda importante, talvez a melhor que este ateliê já teve. Não deixe que um pequeno detalhe de tempo o impeça de aceitá-la.

Nicolas parecia satisfeito, pois era raro Léon elogiar alguma coisa.

- Só vejo que os desenhos foram feitos por alguém que não entende nada de tapeçarias. Vamos ter de alterar muitas coisas - falei.

- Talvez, se fizermos algumas mudanças, o preço melhore - disse Léon, calmo, sob os silenciosos protestos de Nicolas ao ouvir a palavra "mudanças".

Fiquei sem saber o que fazer. Léon queria pagar tão pouco que não dava nem para regatear. Se eu aceitasse, aquele trabalho poderia me levar à falência.

Philippe, então, sugeriu: - Por que usar fio de ouro? A Dama não é nobre, nem se trata da Virgem, apesar de ela e o unicórnio lembrarem a Madona e o Menino. O traje dela não precisa ser em fios de ouro.

Olhei feio para ele. Estava falando na hora em que eu não queria que falasse.

Era eu que devia negociar, não ele. Mesmo assim, Philippe tinha razão.

- E verdade, os fios de ouro são caros e difíceis de trabalhar; demora mais.

Léon deu de ombros.

- Então esqueçamos os fios de ouro. Isso economiza quanto?

- Podemos deixar de lado também a trama em linhas paralelas. É uma técnica difícil, além de mais demorada, embora fique um trabalho mais caprichado. Se simplesmente arrematarmos os espaços que ficam abertos entre as cores, economizaremos tempo. Se Monseigneur Lê Viste quer mesmo o melhor, terá de pagar mais e aumentar o prazo.

- Não há mais tempo, ele quer as tapeçarias para um evento importante na Páscoa de 1492. E ele não é uma

pessoa muito compreensiva, jamais aceitaria suas parcas explicações.

- Então ele não poderá querer fios de ouro nem linhas paralelas. Você resolve.

Fiquei observando Léon pensar. Ele tem uma expressão fechada, é difícil saber o que pensa. Por isso é bom no trabalho que faz, esconde o que pensa até resolver, e aí é difícil discordar dele.

- Concordo com a sua proposta - disse Léon.

- Ainda não aceitei o trabalho. Há mais o que acertar. Philippe, leve os desenhos com Nicolas para o ateliê. Daqui a pouco vamos lá. Aliénor, vá ajudar sua mãe na bainha da tapeçaria.

Aliénor fez uma careta, pois gostava de acompanhar o acerto de preço.

- Vá - repeti.

A sós com Léon, servi mais cerveja para nós. Sem os outros dependurados no nosso pescoço, eu poderia avaliar melhor a proposta que ele me fazia.

Naquela noite, Christine e eu fomos dar uma volta na GrandPlace. Quando chegamos lá, paramos para admirar o Hotel de Ville, com sua comprida torre onde Georges Lê Jeune e Luc gostam de ir apreciar a vista. Acompanhei a construção dela a vida inteira e, mesmo assim, surpreendo-me ao vê-la. Ela me deixa orgulhoso de morar em Bruxelas, por mais que Nicolas dê Innocents zombe de mim.

Passamos pelas guildas que ficam na praça - as associações dos alfaiates, dos pintores, dos confeitadores e de produtores de sebo, mais as dos carpinteiros, arqueiros, barqueiros. Era tarde, porém as lojas estavam movimentadas: os negócios não param quando anoitece. Christine e eu cumprimentamos e sorrimos para amigos e vizinhos, e passamos em frente à L' Arbre d'Or, a guilda dos tapeceiros. Vários lissiers se aproximaram de nós para saber da visita de Léon, dos desenhos, as

condições da encomenda e por que Nicolas dês Innocents tinha vindo também. Fiquei fugindo das perguntas como um menino num jogo de pega-pega.

Finalmente, seguimos - Christine gosta de ver a catedral de São Miguel e Santa Gudula ao anoitecer. Ao passarmos pela rue de la Montagne, minha esposa disse o que eu sabia estar na ponta da língua dela a tarde toda: - Você devia ter deixado Georges Lê Jeune ouvir a conversa entre você e Léon.

Se fosse outra esposa, teria apenas perguntado, tímida. Mas não a minha - ela diz o que pensa. Como não respondi, ela continuou: - Georges Lê Jeune é um bom rapaz e um bom tecelão. Você o treinou bem. Se ele um dia ficar com o ateliê, também precisará saber como negociar, como pechinchar, o que exigir. Por que você não deixa?

Dei de ombros.

- Ainda vou trabalhar por muito tempo. Não tem pressa.

Christine apertou os lábios.

- Georges, você está ficando de cabelos brancos. Seu filho já é homem e pode se casar, se quiser. Um dia, o ateliê será dele. Você quer que ele perca tudo que você construiu? Você tem de...

- Chega, Christine! - Nunca bati na minha esposa, mas conheço homens que bateriam se fossem casados com ela.

Christine se calou. Eu ia pensar no que ela havia dito tinha de pensar, pois estava claro que há homens que não ouvem suas esposas, mas eu ouço a minha.

Seria bobo se não a ouvisse, pois Christine é a filha de um tecelão que trabalhava perto de Notre Dame du Sablon, e por isso sabe quase tanto quanto eu sobre como administrar um ateliê. Fomos caminhando em silêncio na tarde que ia anoitecendo até as torres gêmeas da Catedral surgirem à nossa frente.

- O que os representantes de Bruxelas e Paris combinaram sobre os desenhos? - perguntei brincando, para acalmar as coisas entre nós.

Christine ficou brava só de lembrar.

- Aquele Nicolas dês Innocents se acha muito importante! Philippe vai ter a maior dificuldade para convencê-lo de que teremos de alterar os desenhos. Precisei intervir duas vezes: Philippe é um bom moço, mas não tem condições de competir com um galinho francês.

Achei graça.

- Tenho de ir. Os rapazes estão me esperando no L^eieux Chien para tomar um trago em comemoração ao corte da tapeçaria.

- Attends, Georges. O que você resolveu com Léon L^evieux? Aceitou a encomenda?

Chutei um estrume no chão.

- Não disse nem sim nem não. Mas acho que não tenho escolha, com esse problema das meiascalças verdes. Léon pode contar para os Bourbon que copiei o desenho.

- Você não copiou, apenas pegou emprestado um detalhe. A Guilda vai apoiá-lo. - Ela parou de repente, o que fez sua saia ficar balançando. - Diga-me, afinal: vamos ou não fazer as tapeçarias?

Eu não devia aceitar. Minha experiência de lissier dizia para não aceitar - o pagamento era pouco, o ateliê ia ficar sobrecarregado, eu ia perder outras encomendas e lutar para conseguir entregá-las no prazo que o cliente exigisse. Se não tomasse cuidado, poderia me arruinar. Mas respondi à pergunta de Christine, sentindo as tripas darem um nó: - Vamos fazer. Nunca vi desenhos tão lindos. - Pronto, pensei, deixei que as Damas das tapeçarias me seduzissem!

Christine deu uma risada aguda, como uma faca batendo no chão. Acho que sentiu um alívio.

- Elas vão nos dar fama, você vai ver.

PHILIPPE DE LA TOUR

Quando cheguei de manhã, o ateliê estava vazio. Gostei, pois assim poderia olhar sozinho os desenhos, sem Nicolas des Innocents contando bazófias, nem Christine se intrometendo, ou Aliénor levantando a cabeça e sorrindo enquanto costurava. Poderia olhar e pensar em paz.

O dia estava claro, com o sol entrando pelas janelas. Luc tinha varrido bem o chão e tirado do ateliê os novelos de lã que haviam sobrado da tapeçaria da Adoração dos Magos. Tirara também a lã que havia ficado no tear, agora pronto para os próximos fios de urdidura. Meus passos pelo ateliê faziam com que, de vez em quando, o piso de madeira rangesse como se eu fosse um cavalo batendo as patas no chão da cocheira.

Os desenhos de Nicolas estavam guardados e enrolados numa arca junto com os outros desenhos de tapeçarias. Eu sabia onde Georges deixava a chave: peguei-a e abri os desenhos no chão como havíamos feito na tarde anterior. Enquanto Nicolas e eu comentávamos os desenhos, o parisiense ficou olhando Aliénor sentada ao lado da mãe, costurando a tapeçaria que acabara de ser cortada. Virando os desenhos de um lado e de outro, ele achou que ela gostaria de olhá-los.

- Será que não pode largar a costura agora, bela? finalmente perguntou.

Aliénor e Christine levantaram a cabeça ao mesmo tempo. Ninguém jamais havia chamado Aliénor de bela, por mais que a achasse bonita. Eu mesmo a acho linda, principalmente seus cabelos, que são compridos e dourados, mas não teria coragem de dizer-lhe.

E difícil eu conseguir falar essas coisas. Decerto ela riria de mim e diria que sou bobo. Ela me trata como se eu fosse um irmão mais jovem e ingênuo, embora eu seja alguns anos mais velho do que ela. Nicolas continuou: - Está tão escuro aí nesse lugar! Vai acabar ficando cega. Devia se aproximar mais da janela, onde tem mais luz. Além do mais, ouvi falar que os tecelões de Bruxelas devem obedecer às leis. É proibido trabalhar depois que escurece, proibido trabalhar aos domingos. Se os pintores de Paris tivessem uma vida tão fácil, não prejudicariam suas vistas.

Christine e eu ficamos olhando para ele, surpresos, mas Aliénor inclinou a cabeça sobre a costura, contendo o riso. Acabamos todos rindo: ela, Christine e eu.

- Qual é a graça? - perguntou Nicolas, fazendo com que ríssemos mais ainda.

Fiquei pensando se devíamos ter pena dele e contar-lhe o que ainda não havia percebido.

A própria Aliénor resolveu falar, quando então finalmente paramos de rir.

- Essas leis não servem para as mulheres, não somos tecelãs; somos apenas da família.

- Sei - disse Nicolas, confuso, pois isso não explicava nosso riso. Mas não contaríamos para ele. Era bom fazer o parisiense de bobo.

Nicolas e eu produzimos pouca coisa naquela tarde. Logo depois, fomos à taberna Lê Vieux Chien com Georges Lê Jeune e Luc; mais tarde chegou o velho Georges para brindar à tapeçaria pronta e à nova encomenda. Nicolas mostrava-se bem animado e nos fez beber mais do que costumávamos.

Esse artista de Paris gosta de contar vantagem. Nunca fui a Paris. Só atravesso os muros de Bruxelas para pegar lenha e cogumelos nas florestas próximas ou para pescar no Sena. Mas já conheci parisienses em quantidade suficiente para saber que não gostaria de lá.

Eles são muito cheios de si. Sempre têm o melhor de tudo: o melhor vinho, os melhores sapatos, os melhores tecidos, os melhores pincéis, as melhores tintas. As mulheres deles têm mais filhos, as galinhas põem mais ovos e as vacas produzem mais leite. As catedrais são mais altas, os navios navegam mais rápido, as estradas são mais largas. Eles seguram melhor a caneca de cerveja, montam a cavalo com mais elegância, sempre vencem as batalhas. Vai ver que cagam mais cheiroso.

Ah, eu estava me sentindo tão bem no ateliê sem ele. Fui olhar os desenhos.

Minha cabeça doía por causa do barulho, da fumaça e da bebida da noite anterior na taberna; não costumo ir lá. Vou dizer uma coisa de Nicolas: posso não gostar de seu jeito parisiense, mas ele é um ótimo artista. E sabe disso; portanto, não preciso elogiar os desenhos dele.

É fácil encontrar defeitos nos desenhos, se eu considerar que foram feitos para uma tapeçaria. Só que, para ele, são pinturas; não percebeu que, nas tapeçarias, é preciso que haja uniformidade nos desenhos para que fiquem homogêneos, sem nada destoante. E o que faço quando desenho um cartão: amplio o desenho e pinto como sei que a lã vai ficar quando tecida, com menos mistura de cores e tons mais fortes e definidos. Os cartões não são tão bonitos quanto as pinturas, mas são fundamentais para o tecelão trabalhar. É como, em geral, me sinto: fundamental, mas ignorado, da mesma forma que Nicolas dês Innocents é como um quadro do qual não se consegue desgrudar os olhos, mas também não se pode levar.

Eu ainda estava olhando os desenhos, quando Georges entrou no ateliê. Sua fisionomia era de quem havia dormido mal, o cabelo desgrenhado como se tivesse passado a noite virando a cabeça de um lado para o outro. Ele se aproximou e ficou olhando as pinturas.

- Você pode fazer com que fiquem adequadas para uma tapeçaria? - perguntou.

- Posso.

- Bien, então faça pequenos esboços das mudanças para Léon ver. Quando ele aprovar, passe-os para os cartões.

Concordei.

Georges ficou olhando a Dama com o unicórnio em seu colo. Pigarreou.

- Nicolas vai ficar aqui e pintar os cartões. Recuei.

- Por quê? Você sabe que sou capaz de pintar tão bem quanto ele. Quem...

- Léon quer. Ficou combinado assim. Monseigneur Lê Viste vai comprar os cartões para dependurá-los no lugar das tapeçarias quando viajar com elas. Léon quer ter certeza de que os cartões ficarão exatamente como as tapeçarias, lemos tão pouco tempo para tecer que ele ficar aqui só irá nos ajudar.

Tive vontade de reclamar, embora soubesse que não devia. Georges é o lissier - resolve o que deve ser feito, e faz. Sei o meu lugar.

- Farei os desenhos nos cartões ou ele os fará também?

- Você desenhará e fará as mudanças necessárias. E ajudará Nicolas a pintar. Os dois trabalharão juntos, mas será ele quem mandará.

Fiquei quieto.

- Serão apenas algumas semanas - acrescentou Georges.

- Nicolas sabe disso?

- Léon vai contar para ele. Na verdade, vou vê-lo agora, para fazer o contrato.

- Olhou os desenhos e balançou a cabeça. - Isso vai me trazer problema... Preço baixo, pouco tempo, cliente difícil. Devo estar maluco.

- Quando vamos começar?

- Já. Georges Lê Jeune e Luc foram comprar o linho e voltam logo. Você e Nicolas poderão levar os desenhos, se preferirem, para sua casa e trabalhar lá, ou então ficar aqui.

- Prefiro trabalhar aqui - falei logo.

Quando posso, prefiro sempre trabalhar na rue Haute. A casa tem mais luz do que a casa de meu pai, que fica perto de uma das torres do muro da cidade, e também porque, apesar dos teares, há mais espaço no ateliê. Meu pai é pintor como eu, embora não seja tão bem-sucedido quanto Georges. Meus irmãos mais velhos trabalham com ele e sobra pouco espaço para mim, o caçula.

Além do mais, aqui eu fico perto dela. Não que ela se importe, jamais mostrou interesse por nenhum homem - até agora.

- Se o tempo continuar bom, você poderá pintar no jardim de Aliénor; assim não atrapalhará os tecelões. Aqui vai ficar apertado com dois teares - disse Georges, enquanto ia saindo.

Ficar no jardim era melhor ainda, embora eu não tivesse muita certeza de querer Nicolas tão perto dela. Não confiava nele.

Exatamente quando pensei nela, Aliénor surgiu na porta com a minha cerveja da manhã. Aliénor é uma coisinha miúda e delicada. O restante da família é bem mais alto.

- Estou aqui, Aliénor - avisei.

Ela veio vindo com um sorriso, o rosto alegre, mas tropeçou na sacola de apetrechos de desenho que, por descuido, eu havia deixado no chão. Segurei-a antes de cair, mas quase toda a cerveja derramou na manga da minha camisa.

- Dieu megarde! Desculpe! O que molhou? Espero que não tenha caído nas pinturas!

- Não, foi só na minha manga, não tem problema. Foi pouca cerveja.

Ela apalpou a manga molhada da camisa e balançou a cabeça, irritada consigo mesma.

- Não tem problema, sério! Foi burrice minha deixar a sacola ali. Não se preocupe com a cerveja, eu não estava com sede mesmo - falei.

- Não, vou pegar mais. - Ela não me ouviu, saiu rápido e voltou logo com outro caneco cheio, dessa vez andando com todo cuidado.

Ficou a meu lado, os desenhos a nossos pés, enquanto eu bebia. Tentei não engolir a cerveja fazendo barulho. Quando estou com ela, vejo como sou barulhento: minhas botas rangem, trinco os dentes, passo a mão nos cabelos, tusso e fungo.

- Conte-me a história - pediu ela. Aliénor tem voz baixa e suave - suave como o jeito com que ela anda, vira a cabeça, pega alguma coisa ou sorri. Ela é calma em tudo que faz.

- Que história?-perguntei. Minha voz não é tão suave.

- Das tapeçarias. A Dama e o unicórnio. Que história contam?

- Ah, sim. Bem, na primeira, tem uma Dama na frente de uma tenda azul onde está escrito o lema À mon seul désir. Li bem devagar.

-À mon seul désir-repetiu Aliénor.

- O leão e o unicórnio estão segurando as abas da tenda, além do estandarte e do emblema da família Lê Viste.

- Esses Lê Viste são muito importantes lá em Paris?

- Acho que sim, para encomendarem tapeçarias tão grandes! Então, nesse mesmo desenho, a Dama está pegando jóias numa caixinha, que usa também nas outras tapeçarias.

A seguir, vêm três tapeçarias onde a Dama se aproxima do unicórnio. Finalmente, ele apoia as patas

dianteiras no colo dela e se olha num espelho. Na última, ela o dirige, segurando no chifre dele.

- Qual é a Dama mais bonita?

- A que está dando comida ao periquito. Essa é a tapeçaria que simboliza um dos cinco sentidos, o Paladar. Nela tem também um macaco comendo alguma coisa aos pés da Dama, o que a torna mais vivaz do que as outras. O vento faz as pontas do lenço de cabeça voarem. E o unicórnio tem mais movimento.

Aliénor passou a língua no lábio superior.

- Já não gostei dela. Fale dos outros quatro sentidos em cada tapeçaria.

- O unicórnio olhando no espelho é a cena da Visão, e a Dama segurando no chifre dele é o Tato. Está bem evidente. Depois vem a Audição, onde a Dama está tocando órgão. E esta aqui acho que é a do Olfato, porque tem um macaco cheirando uma flor - expliquei, inclinando-me sobre a pintura.

- Que tipo de flor? - Aliénor sempre quer saber de flores.

- Não tenho certeza; acho que é uma rosa.

- Veja com seus próprios olhos, bela. - Nicolas estava na porta, olhando para nós. Parecia animado e disposto, como se a bebida da noite anterior não o tivesse alterado. Deve viver nas tabernas de Paris. Ele entrou no ateliê. - Soube que você tem um jardim; portanto, deve saber a diferença entre um cravo e uma rosa. Minha pintura é tão ruim assim que não dá para distinguir, bela?

- Não a chame assim; é a filha do Hssierl. Deve ser tratada com respeito - reclamei.

Aliénor enrubesceu, não sei se pelo que ele disse ou pelo que falei.

- O que acha das minhas pinturas, be... Aliénor? São bonitas, n'est-cepás?

- São desenhos - corrija. - Desenhos para tapeçarias, e não pinturas. Você esquece que são apenas uma orientação para o trabalho que alguém irá fazer - o pai e o irmão de Aliénor, e outros tecelões. Não será você. Os desenhos ficarão bem diferentes nas tapeçarias.

- Tão bons quanto? - zombou Nicolas.

- Melhores.

- Acho impossível fazer melhor; você acha que pode, Aliénor?

Ela apertou os lábios - prefere a modéstia à bazófia.

- O que sabe de unicórnios, bela? Posso lhe falar um pouco deles? - perguntou, com um olhar matreiro que não me agradou.

- Sei que são fortes - ela respondeu. - Assim está no Livro de Jó e no Deuteronômio, da Bíblia: "Seu chifre é como o chifre dos unicórnios: com ele você levará o povo até o fim da terra."

- Prefiro o que dizem os Salmos: "Vais exaltar meu chifre como o chifre de um unicórnio." Você sabe o que faz o chifre do unicórnio? - Nicolas piscou para mim ao perguntar isso.

Aliénor parecia não estar mais ouvindo o que Nicolas dizia: franzia o nariz, sentindo um cheiro. Também senti, assim como Nicolas, que gritou: - Dieu au ciei! Que cheiro é esse? Parece um barril de urina!

- É Jacques Lê Boeuf, que tingue lã com anil - falei.

- É esse o cheiro do anil? Nunca cheguei perto; em Paris eles são obrigados a trabalhar fora dos muros, num lugar onde ninguém passa perto.

- Aqui também, mas Jacques ainda entra na cidade. O cheiro gruda nele, mas não se pode proibir um homem de exercer seu ofício. Fique calmo, ele sempre resolve tudo rápido.

- Onde está a moça? - A voz possante de Jacques Lê Boeuf veio de dentro da casa.

- Georges saiu. Jacques, volte outro dia - ouvimos Christine responder.

- Não é ele que estou procurando. Quero ver a moça, apenas por um instante. Está no ateliê? - Jacques Lê Boeuf enfiou a cabeça despenteada na porta. Meus olhos sempre ficam lacrimejando por causa do cheiro dele.

- Olá, Philippe, seu velhaco! Onde está a filha de Georges? Ela está se escondendo de mim?

Aliénor havia se abaixado e estava escondida atrás do tear.

- Ela saiu, foi comprar ostras para mim - disse Nicolas, inclinando a cabeça de um lado e cruzando os braços.

- Saiu, agora? E quem é você para mandá-la fazer alguma coisa? - perguntou Jacques, aparecendo de corpo inteiro. É um homem grande como um barril, de barba pontuda e mãos manchadas do azul do anil.

- Sou Nicolas dês Innocents. Fiz os desenhos das tapeçarias que Georges vai tecer.

- O artista de Paris, então? Não gostamos muito dos Parisienses, não é, Philippe? - provocou Jacques, cruzando os braços também e encostando-se na porta.

Eu ia responder, mas Nicolas se adiantou: - Não me importo de esperá-la. Falei para ela comprar as Melhores ostras, sabe, aquelas próprias para os parisienses comerem. Aqui nessa cidade isso pode demorar um pouco, pois o mercado de peixes de vocês também não é dos melhores.

Fiquei olhando para Nicolas, sem entender por que estaria provocando um homem tão maior do que ele. Será que não queria continuar com a cara bonita para as mulheres?

Aliénor se mexeu ao lado do tear e tentei não olhar para ela. Talvez estivesse querendo aparecer e, assim, evitar que Nicolas discutisse.

Jacques Lê Boeuf também parecia surpreso. Não respondeu com um murro, mas amarrou a cara. - Então é pintor, não? - Aproximou-se e olhou as pinturas no chão. Tentei não sentir enjôo com o cheiro dele. - Têm mais vermelho do que azul. Talvez não valha a pena Georges aceitar esta encomenda. - Ele deu um risinho e fingiu que ia pisar na pintura da Dama com o unicórnio no colo.

- Jacques, o que está fazendo?

A pergunta ríspida de Christine fez Jacques Lê Boeuf gelar, com um pé balançando em cima da pintura. Deu um passo para trás e ficou tão sem jeito que foi engraçado ver seu rosto atônito.

Christine avançou para cima dele: - Se essa é a sua intenção, isso não tem graça! Já disse que Georges saiu. Ele vai falar logo com você sobre a lã azul para essas tapeçarias, se você não estragá-las antes. Pode sair agora, estamos ocupados aqui.

- Ela abriu a porta da rua e ficou de lado para ele passar.

Foi como ver um cachorro rondando uma vaca no pasto. Jacques abaixou a cabeça e se dirigiu para a porta. Só quando pisou na rua foi que enfiou a cabeça numa janela e disse:

- Diga à moça que procurei por ela.

Quando tivemos certeza de que havia ido embora, pois seu cheiro horrível diminuía, Nicolas inclinou-se e sorriu para Aliénor atrás do tear. - Pode sair, bela, a fera foi embora.

- Estendeu a mão para ela, que levou um instante para aceitar a ajuda e, quando ficou em pé, levantou o rosto e agradeceu: - Obrigada, Monsieur.

Era a primeira vez que olhava para ele daquele seu jeito: os olhos tentando encará-lo, mas sem conseguir ver ninguém. E o sorriso de Nicolas desapareceu ao olhar para o rosto de Aliénor; parecia atingido por um

golpe de vento. Finalmente ele percebeu, pensei. Para um artista, digamos que não é uma pessoa muito observadora.

Aliénor sabia que, finalmente, ele havia entendido - deixou que percebesse que era cega. Às vezes faz isso. Então, puxou sua mão da dele e abaixou a cabeça.

- Vamos, filha, senão nos atrasaremos - chamou Christine, olhando sério para Nicolas. E saiu pela mesma porta que Jacques Lê Boeuf - Vamos à Missa - disse Aliénor para mim, antes de correr ao encontro da mãe.

- Missa? - repetiu Nicolas, olhando o sol que entrava pela janela. - Já é a Sexta hora?

- É uma Missa especial dos tecelões, na igreja de Notre Dame du Sablon; aqui perto - falei.

- Os tecelões têm uma Missa só para eles?

- Três vezes por semana, pois é uma guilda poderosa. Nicolas, então, perguntou: - Desde quando Aliénor é assim?

Dei de ombros. - Toda a vida, por isso não se percebe logo. Para ela, é uma coisa natural.

- Mas como ela consegue... - Nicolas mostrou a tapeçaria da Adoração dos Magos que estava sobre o tear.

- Ela tem dedos muito sensíveis e hábeis, parece que a visão está em seus dedos.

Sabe diferenciar a lã azul da vermelha, diz que a tinta dá uma textura diferente.

E escuta coisas que não somos capazes de ouvir. Certa vez, ela me disse que cada pessoa tem um jeito diferente de andar. Eu não consigo perceber, mas depois que ela conhece uma pessoa, sempre sabe antes de todos quando ela está chegando.

Já deve conhecer seus passos.

- Ela ainda é donzela?

Franzi o cenho. - Não sei do que você está falando. De repente eu não queria mais falar nela.

Nicolas sorriu. -Você sabe sim. Já pensou nisso.

- Deixe-a em paz; se encostar um dedo nela, Georges acabará com você, seja artista parisiense ou não - avisei, ríspido.

- Tenho muitas mulheres na hora que eu quiser. Eu estava me referindo a você.

Imagino que as moças se sintam atraídas por você, com esses longos cílios. Elas adoram olhos assim.

Sem dizer nada, peguei a minha sacola e retirei dela papel e carvão para desenhar.

Nicolas riu. - Pelo jeito, vou ter de contar para os dois a história do chifre do unicórnio.

- Agora não. Temos de começar o trabalho. Eles só poderão tecer depois que pintarmos um dos cartões. - Rangi os dentes ao me referir a "nós".

- Ah, sim, a pintura. Que sorte eu ter trazido meus pincéis! Não confio nos de Bruxelas. Se pintasse meu unicórnio com um pincel daqui, ele iria ficar parecendo um cavalo!

Ajoelhei-me ao lado das pinturas - o que me impediu de lhe dar um pontapé.

- Alguma vez você já desenhou ou pintou cartões? Nicolas parou de sorrir daquele jeito afetado. Não gostava que lembrassem do que não sabia.

- Tapeçarias são bem diferentes de quadros - comecei.

- Quem não fez tapeçaria não sabe disso, acha que qualquer coisa que pintar poderá ser ampliada e tecida do jeito que fizer. Mas olhar uma tapeçaria não é a mesma coisa que olhar um quadro. Um quadro costuma ser menor, de modo que os olhos captam tudo de uma só vez. E a pessoa não fica muito perto, mas a dois passos de distância, como se estivesse falando com um padre ou um professor.

Ficamos perto da tapeçaria como se ela fosse um amigo. Você só vê uma parte dela, nem sempre a mais

importante. Por isso nada deve se destacar do resto, mas combinar de forma que os olhos sintam prazer em qualquer ponto dela. Essas pinturas que você fez não estão assim. O fundo de millefleurs vai ajudar, mas mesmo assim teremos de fazer algumas mudanças.

- Que mudanças? - perguntou Nicolas.

- Vamos acrescentar coisas, começando por mais figuras. A Dama deveria ter pelo menos uma dama de companhia, *riest-ce pás?* Alguém segurando cravos enquanto ela trança a coroa na tapeçaria do Olfato, ou acionando os foles do órgão na Audição, ou segurando uma tigela com comida para ela dar ao periquito no Paladar. Você fez uma criada segurando uma caixa de jóias em *Mon Seul Désir*. Por que não colocou uma criada nas outras também?

- Porque num momento de sedução uma dama deve estar sozinha.

- Damas de companhia devem ter assistido a muitas cenas de seduições.

- Como sabe? Já seduziu alguma nobre?

Enrubesci. Não podia nem sonhar em entrar nos aposentos particulares de uma nobre. Mal passo na mesma rua que elas, quanto mais no mesmo aposento. Só na Missa respiramos o mesmo ar, mas elas ficam longe, nos bancos da frente, separadas das outras pessoas. Saem da igreja primeiro, antes de nós, e suas carruagens levam-nas antes que eu alcance a porta da igreja. Aliénor diz que os nobres têm o cheiro da pele do animal que usam, mas nunca cheguei perto o suficiente para saber. O nariz dela é mais apurado.

Claro que Nicolas tinha estado com mulheres da nobreza. Deve saber tudo sobre elas.

- Que cheiro elas têm? - perguntei, sem me conter. Nicolas sorriu. - Cheiro de cravo. Cravo e hortelã. Aliénor tem cheiro de erva-cidreira. Está sempre pisando nela, em seu jardim.

-E sabe que sabor têm as nobres?-perguntou Nicolas.

- Não me diga. - Peguei o carvão, escolhi copiar a pintura do Olfato e comecei a fazer o esboço. Desenhei umas linhas do rosto da mulher e o ornato de sua cabeça, depois o colar, o corpete, as mangas e o vestido. - Não queremos grandes blocos de cor. Por exemplo, a saia de baixo, amarela, precisa de uma padronagem. No Paladar, e em À Mon Seul Désir, você usou um brocado com estampa de romãs. Então, vamos colocá-lo aqui, assim, para quebrar o amarelo liso.

Nicolas ficou olhando por cima dos meus ombros, enquanto eu preenchia o triângulo de tela com folhas e flores. -Alors, temos o leão e o unicórnio segurando os estandartes à esquerda e à direita. Entre a Dama e o unicórnio há um macaco num banco, segurando um cravo. Está muito bom. E se pusermos uma criada entre a Dama e o leão? Ela poderá segurar um prato com flores que a Dama usará para fazer a sua coroa. - Desenhei uma dama de companhia de perfil. - Assim já melhora bastante. O fundo com millefleurs vai completar a cena. Não vou desenhar aqui na pintura, mas no cartão. Aliénor poderá nos ajudar nisso. Nicolas balançou a cabeça, sem acreditar.

- Ela vai ajudar como? - perguntou, mostrando os próprios olhos.

Franzi o cenho. - Ela sempre ajuda o pai com as millefleurs. Tem um lindo pomar, conhece bem as plantas e para que servem. Pediremos a ela quando começarmos a desenhar os cartões. Alors, no meio das millefleurs colocaremos alguns animais. - Fui desenhando enquanto falava. - Vamos pôr um cachorro em algum lugar como símbolo de fidelidade, talvez. Alguns pássaros na cena em que a Dama caça o unicórnio. Um cordeiro aos pés dela para lembrar Cristo e Nossa Senhora. E, claro, um ou dois coelhos. E assim

que Georges assina suas tapeçarias: faz um coelho com a patinha na cara.

Terminei de desenhar e colocamos lado a lado a pintura e o esboço.

- Ainda não está bom - confessei.

- O que você acha que poderemos acrescentar, então?

- Árvores - respondi na hora.

- Onde?

- Atrás dos estandartes e das insígnias. Vão destacar mais o brasão no fundo vermelho. E mais duas árvores atrás do leão e do unicórnio. Quatro árvores, para indicar os quatro pontos cardeais e as quatro estações do ano.

- Um mundo contido num quadro - murmurou Nicolas.

- Isso mesmo. E o azul vai agradar a Jacques Lê Boeuf. Não que eu queira agradá-lo, pensei. Longe disso! Desenhei um carvalho atrás do estandarte para indicar o verão e o norte. Depois, um pinheiro atrás da insígnia, para o outono e o sul. E um azevinheiro atrás do unicórnio, para o inverno e o oeste. E uma laranjeira atrás do leão, para a primavera e o leste.

- Melhorou - disse Nicolas, quando terminei. Parecia surpreso. - Mas poderemos fazer tantas mudanças sem o cliente autorizar?

- Fazem parte da verdure. Os tecelões podem fazer plantas e animais no fundo das tapeçarias; só não podemos mudar as figuras. Há uma lei para isso aqui em Bruxelas; assim evita problemas entre clientes e tecelões.

- Ou entre artistas e cartunistas.

- Também.

Ele olhou para mim e perguntou: - Há algum problema entre nós?

Levei um susto. - Não! - Pelo menos quanto a trabalho, acrescentei para mim mesmo. Não sou tão

corajoso a ponto de falar sobre certas coisas.

- Muito bem. Agora faça essa cena - disse Nicolas, pegando o Paladar e colocando no lugar o Olfato.

Estudei a Dama alimentando o periquito. - Você fez o rosto dela com mais cuidado do que o das outras.

Nicolas brincou com o carvão, apertou-o, depois esfregou os dedos até ficarem cinzentos.

- Estou acostumado a fazer retratos de damas e prefiro pintar mulheres reais, se possível.

- Essa Dama se destaca demais, assim como a de A Mon SenlDésir, que aparenta ser triste demais.

- Não vou mudá-las.

- Você as conhece, então, não é?

Ele deu de ombros. - Pertencem à nobreza.

- E você as conhece bem.

Ele balançou a cabeça.

- Não tanto. Eu as vi algumas vezes, mas... Fiquei surpreso por ele estar inseguro.

- A última vez que as vi foi numa festa de Primeiro de Maio. Ela estava dançando em volta de um mastro - disse ele, mostrando a cena do Paladar -, enquanto a mãe olhava. Usavam vestidos iguais.

- O vestido de brocado com estampa de romãs.

- Isso mesmo. Eu não podia me aproximar dela na festa, as damas de companhia não deixavam. - Ele franziu o cenho ao lembrar. - Ainda acho que não deveríamos colocar criadas nessas tapeçarias.

- A Dama precisa de uma acompanhante; do contrário, fica malvista.

- Mas não na cena da sedução - insistiu ele.

- Por que não colocamos criadas em todas as tapeçarias, exceto na que ela captura o unicórnio? Na cena da Visão, em que ele põe a cabeça no colo dela?

- E no Tato - acrescentou ele -, quando segura seu chifre.

- Você não quer uma dama de companhia, então.

Ele sorriu à vontade outra vez, como se a tempestade tivesse passado. - Posso lhe contar agora a história do chifre do unicórnio? Poderá ser útil a você.

Antes que eu pudesse responder, Aliénor apareceu na mesma janela onde Jacques Lê Boeuf tinha enfiado a cabeça antes. Nicolas e eu pulamos.

- Estamos aqui, Aliénor, ao lado do tear - falei.

- Eu sei. Mamãe e eu já voltamos. Aquele Jacques nos atrasou tanto que chegamos quando a Missa já estava quase acabando. Aceitam um pouco de cerveja?

- Daqui a pouco - respondeu Nicolas.

Depois que ela entrou na casa, ele se virou para mim.

- Se você não quer saber do chifre do unicórnio, vou lhe contar outra coisa, então.

- Não. - Eu não queria que ele falasse essas histórias com Aliénor tão perto.

Ele sorriu, malicioso, para mim. Ia contar de qualquer jeito.

- Mulheres podem ter cheiro de cravos, mas têm sabor de ostras.

ALIENOR DE LA CHAPEIZE

Os dois homens me encontraram tirando mato entre os pés de morango.

Plantei-os porque assim tenho um lugar para me ajoelhar com facilidade e arrancar as ervas daninhas. Não considero plantas os morangos, já que as flores não cheiram e as folhas não são macias, não espetam e não são finas nem grossas. Mas a fruta é deliciosa. Agora, no começo do verão, eles começaram a brotar, embora ainda estejam pequenos e duros, quase sem cheiro. Quando amadurecem, tenho vontade de passar o dia inteiro nesse canteiro do pomar, apertando os frutos nos dedos para cheirá-los e comê-los.

Ouvi Philippe vindo pelo caminho entre os canteiros ele arrasta um pé ao andar - e o passo firme de Nicolas dêe Innocents atrás dele. Na primeira vez que Nicolas veio ao meu pomar, disse: "Sainte Vierge, que paraíso! Nunca vi um pomar desses em Paris. Lá tem tantas casas que, com sorte, só sobra espaço para uma fileira de repolhos." Foi a única vez que o ouvi dizer que Bruxelas tinha alguma coisa melhor do que Paris.

As pessoas sempre ficam surpresas com o meu pomar. Tem seis canteiros em forma de cruz com árvores frutíferas nas pontas - macieiras, pereiras e cerejeiras.

Dois canteiros são de legumes, onde planto repolho, alho-poró, lentilha, alface, rabanete, aipo. Um canteiro é só de morangos e ervas aromáticas - era aonde eu estava tirando o mato quando os rapazes chegaram. Logo em seguida tem um roseiral de que não gosto muito - os espinhos me machucam -, mas mamãe gosta, e mais dois canteiros de flores e mais ervas.

Meu pomar é o lugar onde me sinto mais feliz. O lugar mais seguro do mundo.

Conheço cada planta, cada árvore, cada pedra, cada pedaço de chão. Ele é cercado por uma treliça de madeira coberta de rosas espinhentas para manter longe os bichos e os estranhos. Em geral, fico sozinha no meu pomar. Os passarinhos pousam nas árvores frutíferas e roubam os morangos maduros; as borboletas voam por entre as flores. Não entendo muito delas: às vezes, estou parada e sinto um movimento perto do rosto ou do braço - são as asas das borboletas -, mas nunca peguei uma. Papai disse que soltam um pó quando se toca nelas. Aí, a borboleta não pode mais voar e é comida pelos passarinhos. Por isso não mexo nelas e peço para as pessoas descreverem-nas como são.

Achei graça quando Philippe avisou: - Aliénor, somos nós chegando, eu e Nicolas dês Innocents. Estamos aqui, ao lado da moita de lavanda.

Ele me conhece desde criança, e sempre diz aonde está, embora eu já saiba.

Naquela hora, sentia o cheiro oleoso da lavanda em que eles estavam roçando.

Fiquei de cócoras e virei o rosto para o sol. O começo do verão é bom para tomar sol, pois ele fica bem no alto por mais tempo. Sempre gostei do calor, mas não do fogo. O fogo me assusta. Já chamei minhas saias várias vezes.

- Pode me dar um morango, Mademoiselle? Estou com muita vontade de comer um. - Era Nicolas.

- Ainda não estão maduros - respondi, brusca. Queria mostrar-me gentil, mas ele não me deixava à vontade. E estava falando alto demais. As pessoas sempre fazem isso, quando descobrem que sou cega.

- Ah, não tem importância, espero que amadureçam antes de eu voltar para Paris.

Inclinei-me de novo, tateei o chão em volta dos pés de morango, esmigalhei a terra ensolarada nos dedos enquanto procurava alsina, tasneira, bolsa-de-pastor.

Havia pouco mato e só uma sementeira, pois limpou tudo alguns dias antes. Senti o olhar dos dois rapazes em mim como se fossem seixos batendo em minhas costas. É estranho eu sentir essas coisas sem saber como eles são, qual é a aparência deles.

Os dois me olhavam e eu sabia o que estavam pensando: como eu podia encontrar o mato e saber que era mato? O matinho é igual a qualquer planta, só que ninguém o quer: tem folhas, flores, cheiro, caule e seiva. Pelo tato e olfato, conheço-o tão bem quanto as demais plantas.

- Aliénor, precisamos da sua ajuda nas millejleurs das tapeçarias - disse Philippe. - Desenhamos algumas no cartão, mas queremos que nos mostre flores para usarmos.

Fiquei de cócoras outra vez. Gosto quando me pedem ajuda. Sou muito prestativa.

Assim, meus pais jamais me acharão um peso na vida deles e me mandarão embora de casa.

As pessoas sempre elogiam o meu trabalho: "Como seu ponto é uniforme"; "Como suas flores são viçosas"; "Como são vermelhos os seus morangos; é uma pena que não possa vê-los." Sinto dó na voz deles, assim como surpresa por eu ser tão útil. Não conseguem imaginar alguém sem a visão, da mesma forma que eu não consigo pensar em alguém com ela. Os olhos são apenas duas bolas que se mexem no meu rosto, como minha boca mastiga ou as narinas inflam. Tenho outras formas de conhecer o mundo.

Por exemplo: conheço as tapeçarias que faço. Posso sentir cada sulco da urdidura, cada saliência da trama, acompanhar o desenho das flores, seguir os pontos que dei com a agulha contornando a perna traseira de um cachorro, a orelha de um coelho ou a manga da túnica de um camponês. Sinto as cores. O vermelho é de um macio sedoso, o amarelo espeta, o azul é escorregadio.

As tapeçarias formam um mapa sob meus dedos. As pessoas falam na visão com tal reverência que às vezes penso que, tivesse eu olhos, a primeira coisa que veria seria Nossa Senhora. Ela estaria com um sedoso manto azul e sua pele seria macia; o rosto, cálido. Ela teria cheiro de morango e poria as mãos em meus ombros, mãos que seriam leves e, ao mesmo tempo, firmes, e depois eu sentiria para sempre aquele toque.

As vezes, também fico pensando se a visão faria o mel ser mais doce, a lavanda mais cheirosa e o sol mais quente no meu rosto.

Você tem de descrever as tapeçarias para mim - pedi para Philippe.

- Já as descrevi no outro dia.

- com mais detalhes. Por exemplo: a Dama olha para o unicórnio ou o leão? Que roupa ela usa? Tem uma expressão alegre ou triste? Ela se sente bem em seu jardim?

O que faz o leão? O unicórnio está em pé ou sentado? Ele gosta de ser capturado ou quer fugir? A Dama gosta do unicórnio?

Philippe começou a mexer em papel, vendo os desenhos. O ruído me incomodou.

Virei-me para Nicolas: Monsieur, já que foi o senhor quem desenhou, pode descrever as cenas sem precisar vê-las. Philippe parou de mexer nos papéis.

- Claro, Mademoiselle - respondeu Nicolas. A voz dele tinha um sorriso. Seus pés esmigalharam as pedrinhas quando se ajoelhou ao lado do canteiro.

Está pisando na hortelã - avisei, ríspida, quando senti o cheiro.

- Ah, pardon! - Ele se afastou um pouco. - Bon, o que você deseja saber? - perguntou.

Não consegui dizer o que eu queria. Não estava acostumada a ter a atenção de um homem.

- Quanto de azul tem nas tapeçarias? - perguntei, enfim. Não gosto quando as tapeçarias que meu pai faz têm muito azul, porque sei que então Jacques Lê Boeuf virá muitas vezes ao ateliê, com seu passo pesado, seu linguajar rude e, claro, seu cheiro. Só uma moça sem dinheiro e insensata seria capaz de conviver com aquele cheiro.

- Quanto de azul gostaria que tivesse, Mademoiselle?

- Nenhum azul, a menos que você queira ficar aqui e brigar com Jacques Lê Boeuf toda vez que ele aparecer.

Nicolas riu.

- A Dama fica sobre uma vegetação azul que faz o fundo de cada tapeçaria. Mas, se você quiser, poderemos diminuir a parte relvada. Talvez uma ilha de relva no meio do vermelho, circundando a Dama, o unicórnio e o leão. Isso mesmo, poderia ficar bom. E podemos fazer essa mudança, não é, Philippe? Faz parte da verdure, n'est-cepas?

Philippe não respondeu. Fez-se um silêncio zangado no ar.

- Obrigada, Monsieur - respondi. -Eh bien, como é a Dama? Descreva-a para mim.

Diga como é a cena do Paladar.

- Escolhi a Dama de que não gostava.

Nicolas resmungou: - Por que essa?

- Estou me castigando. Ela é realmente muito linda?

- É.

Senti que eu estava no meio dos pés de morango e, casualmente, peguei um e joguei no chão.

- Ela está sorrindo?

- Um ligeiro sorriso, sim. Está olhando para a esquerda e pensando em alguma coisa.

- Está pensando em quê?

- No chifre do unicórnio.

- Não, Nicolas - disse Philippe, ríspido. Aquela recomendação me deixou mais curiosa.

- O que tem o chifre do unicórnio?

- É mágico, tem poderes especiais. Dizem que, se ele mergulhar seu chifre num poço envenenado, a água se purificará. O chifre consegue purificar outras coisas também disse Nicolas.

- Que outras coisas? Fez-se um silêncio.

- Por enquanto, isso basta. Talvez eu conte para você numa outra vez. - Nicolas falou baixo a última frase, de forma que só eu ouvi. Meus ouvidos são mais aguçados do que os de Philippe.

-Bon, deixe-me pensar nas plantas - falei. - É preciso que haja hortelã no meio das millefleurs, porque é bom contra veneno. E também uma erva chamada selo-de-salomão.

E verônicas, margaridas e rosas-da-índia, que são boas contra problemas do estômago. Além de morangos, contra veneno e para Nosso Senhor, pois a Dama e o unicórnio simbolizam também Nossa Senhora e Jesus Cristo. Então, você vai querer flores para a Virgem Maria - líriosdo-vale, erva-dedal, aquilégia e violetas. Sim, rosas-de-cão brancas lembrando a pureza de Nossa Senhora, e vermelhas para simbolizar o sangue de Cristo. Cravos, pelas lágrimas que Nossa Senhora chorou por Seu Filho - não deixe de colocar na tapeçaria do unicórnio, no colo da Dama, pois essa cena lembra a cena da Pietà, n'est-cepás? Em que tapeçaria está? - perguntei. Mas eu sabia qual era, lembro de tudo, só queria provocar Philippe e Nicolas.

Houve uma pausa. Philippe pigarreou. - Na da Visão.

- Ah, isso mesmo. - Continuei: - Ponha cravos na tapeçaria da Dama fazendo a coroa de noiva, sim?

- Sim, é a do Olfato.

- Às vezes, colocam-se pervincas nas coroas das noivas, pois é a flor da fidelidade. E você vai querer constâncias e miosótis para simbolizar amor sincero.

- Attends, Aliénor, você está falando depressa demais. vou pegar mais papel para os desenhos e bancos para nos sentarmos.

Philippe correu para o ateliê.

Fiquei sozinha com Nicolas. Nunca havia ficado a sós com um homem como ele.

- Por que chamam você de Nicolas dês Innocents? perguntei.

- Porque moro perto do cemitério dos Inocentes, em Paris, depois da rue St Denis.

- Ah, bem que eu achava que não era por você ser inocente.

Nicolas riu. -Você já me conhece bem, bela.

- Gostaria de tocar seu rosto, para conhecê-lo melhor.

- Foi um pedido ousado, eu jamais quisera tocar o rosto de Philippe e convivo com ele desde criança.

Mas Nicolas é de Paris, deve estar acostumado com ousadias.

- Bien sûr - disse ele. Pisou no canteiro de morangos, e suas botas esmagaram as hortelãs, as ervas-cidreiras e as frutas verdes. Ajoelhou-se na minha frente e colocou minhas mãos no rosto dele. Tinha cabelos macios caindo nos ombros; o queixo e o rosto estavam com a barba por fazer. A testa era larga, o queixo tinha uma covinha.

Vincos profundos dos dois lados da boca rasgada. Apertei o nariz dele, que era comprido e fino. Nicolas riu.

Toquei o rosto dele só por um instante; ele se levantou logo e ficou de novo ao lado do canteiro. Quando Philippe voltou, arrastando banquinhos no chão de pedras,

Nicolas e eu estávamos como antes.

- Alors, quer ver as flores que vai desenhar? - perguntei, levantando tão rápido que fiquei tonta.

- Quero - respondeu Philippe.

Fui andando com eles até os canteiros. - Muitas estão floridas agora, outras ainda não. Não há mais violetas, lírios-do-vale e pervincas; estão com folhas, mas sem flores. E o selo-de-salomão está começando a murchar. As dedaleiras e verônicas já estão floridas, assim como dois pés de malmequer. Estão vendo, ali perto das macieiras?

- Sim - respondeu Nicolas. - Você plantou de tudo aqui, n'est-ce pás? Por que cuida tão bem das flores, se não pode vê-las?

- Para os outros verem, principalmente papai, para ele conhecer as flores que tece e copiar suas formas e cores. Assim é mais prático. Esse é o segredo do ateliê - por isso nossas tapeçarias com millefleurs são tão lindas.

-Bon, aqui fica o goiveiro. Planto nas quinas dos canteiros por causa do perfume, assim posso localizar aonde estou. Aqui ficam as aquilégias, que têm tudo em três: três folhas em três cachos e três caules, simbolizando a Santíssima Trindade.

Ali estão os cravos, as boninas e as margaridas. O que mais querem ver?

Philippe perguntou que plantas eram aquelas que estavam ao lado dele; então, eu me abaixei e toquei-as: eram aljofareiras azuis, saxífragas e gencianas. Ele se sentou num banquinho e começou a desenhar, raspando o carvão no papel áspero.

- Você talvez queira algumas plantas que são as primeiras a florir na primavera - lembrei. - Galantos e jacintos. Claro que não estão floridos agora, mas pode olhar os desenhos de papai, se não se lembrar de como são. E narcisos também, para a tapeçaria da Visão - a que o unicórnio se olha no espelho como Narciso no lago.

- Você decerto conversou com Léon Lê Vieux quando ele esteve aqui, pois os dois acham que o unicórnio é um animal vaidoso e convencido - protestou Nicolas.

Sorri.

- Léon é uma ótima pessoa. Realmente, ele sempre é gentil comigo, trata-me quase como uma filha. Certa vez me contou que sua família descende de judeus, embora ele assista à Missa conosco, quando está em Bruxelas. Portanto, ele também sabe o que é ser diferente dos outros e da necessidade que nós, os diferentes, temos de nos adaptarmos e sermos prestativos sempre.

- Nicolas, pegue no ateliê para mim a tela em que comecei a desenhar a Audição; vou acrescentar as millefleurs pediu Philippe bruscamente.

Pensei que Nicolas fosse dar uma resposta também brusca, mas ele seguiu na direção do ateliê sem uma palavra. Eu não sabia o motivo, mas, de repente, não queria ficar sozinha com Philippe; talvez ele quisesse me dizer algo. Antes que dissesse, fui falar com mamãe.

Senti o cheiro do que ela estava preparando para o jantar: trutas, cenouras recém-colhidas, vagem seca e purê de lentilhas.

- Nicolas e Philippe também vão jantar aqui? - perguntei, pondo canecos na mesa.

- Acho que sim. - Mamãe depositou alguma coisa pesada na mesa: a tigela com o purê de lentilhas, creio. Depois, voltou para o fogão e logo ouvi o chiado de mais peixe fritando. Comecei a servir a bebida, conheço o barulho quando a cerveja chega na borda do caneco.

Não sou tão segura no fogão quanto no jardim, pois prefiro coisas que não mudem de repente. Por isso gosto de tapeçarias; elas levam muito tempo para serem feitas, meses, como as plantas no meu jardim levam para crescer. Mamãe sempre muda as coisas de lugar quando cozinha, nunca sei se uma faca vai estar onde deixei ou um saco de ervilhas não foi largado aonde eu vá tropeçar nele, ou uma tigela de ovos não está encostada na parede para que eu os quebre. No fogão, não sou

muito útil para minha mãe. Não posso cuidar do fogo, muitas vezes ele se apagou sem que eu percebesse.

Uma vez, acendi uma labareda tão alta, que chaminé pegou fogo e quase nos queimou, não fosse meu irmão apagá-la com uma lenha úmida. Depois disso, papai me proibiu de lidar com o fogão. Não posso assar carne ou galinha. Não posso pôr ou tirar as panelas do fogo. Não posso nem mexer nas panelas com uma colher de pau, pois a sopa quente espirra na minha mão.

Mas posso cortar legumes; mamãe diz que corto as cenouras melhor que o necessário, mas não sei fazer de outro jeito, senão corto o dedo. Posso arear panelas. Posso levar coisas para jogar fora. Posso temperar a comida, embora devagar; primeiro tenho de sentir o bastão de canela ou a pimenta na mão e provar bem. Esforço-me para ajudar.

- O que você acha desse Nicolas dês Innocents? - perguntou mamãe.

Sorri. - Um sujeito vaidoso e convencido.

- É mesmo. Mas é um homem bonito. Imagino que esteja sempre metido com moças, em Paris, Espero que não se meta com ninguém por aqui. Cuidado com ele, ma filie.

- O que ele pode querer com uma cega como eu?

- Não são os olhos que ele quer.

Meu rosto ardeu. Virei de costas para ela e abri a caixa de madeira onde guardamos o pão. Pelo som, percebi que só havia migalhas. Tateei em volta da mesinha ao lado do fogão, depois na mesa grande sobre cavaletes. - Não tem pão para acompanhar a refeição? - perguntei. Detesto mostrar que não consigo achar uma coisa.

- Madeleine foi comprar.

Sempre achei que tínhamos uma criada por culpa minha. Madeleine trabalhava em nossa casa para ser meus olhos, fazia tudo que uma filha devia fazer para

ajudar a mãe. Mas como o ateliê de papai ficou famoso pelas millejeurs e ele recebeu cada vez mais encomendas, precisou de mamãe e de mim para ajudar, e assim Madeleine veio trabalhar aqui. Hoje não conseguimos viver sem ela, embora mamãe ainda prefira cozinhar quando pode - reclama que os assados de Madeleine são muito sem graça e provocam dor de barriga nela. Quando estamos ocupadas no ateliê, gostamos das refeições que Madeleine prepara, de tomar banho com a água que ela pega no poço, de sentar ao lado da lareira que ela acendeu com a lenha que foi buscar.

Madeleine entrou na cozinha com o pão. É uma moça grande, da altura de mamãe, porém mais encorpada. Certa vez, peguei no braço dela e vi que é forte como a perna de um carneiro! Os homens gostam dela. Certa noite, ouvi os ruídos que ela fazia no jardim com Georges Lê Jeune. Devem achar que não ouço os ruídos nem percebo que meus narcisos ao lado das treliças foram pisados. Claro que não digo nada. O que poderia dizer?

Logo depois que Madeleine voltou com o pão, papai e os rapazes chegaram de uma reunião com o comerciante de lã.

- Encomendei a lã e a seda - disse ele para mamãe. Em Ostend tem bastante lã para o tear e um pouco de seda para começarmos a tecer. Vão trazê-las daqui a alguns dias e poderemos preparar o tear. O resto dependerá dos navios e das condições de navegação entre a Inglaterra e aqui. Mamãe concordou.

- O jantar está pronto. Aonde estão Philippe e Nicolas?

- No jardim - respondi. Senti os olhos dela nas minhas costas quando fui chamá-los.

Durante o jantar, papai perguntou a Nicolas sobre Paris. Gostamos de saber a respeito de outras cidades;

papai estivera em Ostend e em outras cidades de tecelões, como Lille e Tournai, mas nunca fora tão longe, como Paris. Mamãe e meu irmão, certa vez, foram com ele à Antuérpia, enquanto eu nunca pisei fora dos muros da cidade - poderia ficar muito assustada. Basta-me conhecer os lugares de Bruxelas: a igreja de Notre Dame de la Chapelle, que fica aqui perto, na place em frente ao mercado; a igreja de Notre Dame du Sablon; o portão para entrar nos muros internos e chegar à GrandPlace, os mercados da praça, a Catedral. É esse o mundo que conheço. Mas gosto de ouvir falar em outros lugares e imaginar como devem ser. O mar, por exemplo adoraria conhecer o cheiro do sal e dos peixes à minha volta, ouvir o vaivém das ondas e sentir o seu borrífo no rosto. Papai me descreveu o mar, porém gostaria de ir lá para sentir também como imenso e poderoso ele deve ser.

- Como é a igreja de Notre Dame de Paris? Ouvi dizer que é maior ainda que a nossa Catedral aqui - comentou papai.

Nicolas riu.

- Sua Catedral é uma cabana de pastor comparada com a Notre Dame, que é o céu trazido para a Terra. Tem as torres mais lindas, os sinos mais possantes, os vitrais mais impressionantes. O que eu não daria para desenhar aqueles vitrais.

Eu já ia perguntar dos sinos quando Philippe disse, calmo: - Enfait, nós, bruxelenses, temos orgulho de nossa Catedral. A fachada oeste será terminada no final desse ano. E nos orgulhamos também de nossas outras igrejas - Notre Dame de la Chapelle, que também é linda, e a pequena Notre Dame du Sablon, outra muito bonita, pelo menos a Parte que já está pronta. Os vitrais são tão belos quanto qualquer um de Paris.

- Podem ser, mas nenhuma delas é tão grandiosa quanto a Notre Dame de Paris.

Gosto de ficar na frente dela, vendo todo mundo admirado, boquiaberto. Há mais batedores de carteiras ali do que em qualquer outro lugar da cidade, porque as pessoas ficam tão encantadas que não reparam nos ladrões - explicou Nicolas.

- Lá tem gente que rouba? Não têm medo de serem enforcados? - perguntou mamãe.

- Há muitas forcas em Paris e muitos ladrões também. Os ricos são tantos que os ladrões não resistem. Em Notre Dame, vêem-se homens e mulheres da nobreza entrando e saindo o dia todo, vestindo as melhores roupas do mundo. As parisienses se vestem melhor do que as mulheres de qualquer outro lugar.

- Você conhece outras cidades? - perguntou Georges Lejeune, -Ah, muitas.

- Quais?

- Lyon. Tem lindas mulheres.

- Que outras cidades?

- Tournai.

- Papai esteve lá, disse que é bem movimentada.

- Cidade horrível, jurei nunca mais voltar - disse Nicolas.

- Tem ótimas tecelagens; algumas podem competir com as que temos aqui em Bruxelas.

- As mulheres têm peitos pequenos demais e estão sempre sérias - avaliou Nicolas, de boca cheia. Não gostei.

- Já esteve em Norwich? Eu gostaria de um dia ver o mercado de lãs - disse papai.

- Pois eu gostaria de ir a "Veneza - disse Nicolas.

- Por quê, Monsieur? Prefere a seda à lã? - perguntei.

- Não se trata apenas da seda, lá tem de tudo: especiarias, quadros, jóias, peles. Tudo que se possa pensar, além de todo tipo de gente: mouros, judeus, turcos.

É uma festa para os olhos. Ah, pardon, Mademoiselle - desculpou-se ele depois de pensar por um instante.

Nem sequer me incomodei. Todo mundo fala em ver por mim -já me acostumei.

- Então as venezianas também o agradam, imagino? perguntou Philippe.

Madeleine e eu rimos. Sabia que Philippe tinha feito a pergunta para desanuviar a conversa. Ele é assim.

- Como é a casa de Jean Lê Viste? Enorme? - quis saber mamãe.

- Bem grande. Fica logo depois dos muros da cidade, ao lado da abadia de SaintGermain-des-Prés, que é muito bonita, além de ser a igreja mais antiga de Paris. A esposa dele vai muito lá.

- Monseigneur Lê Viste também?

- Ele é muito ocupado, está sempre fazendo alguma coisa para o Rei. Não tem tempo de ir à Missa.

- Não ter tempo para a Missa! - Mamãe ficou indignada.

- Ele tem filhos, Monsieur? - perguntei, pegando minha tigela onde ainda havia um pouco de purê de lentilhas. Estava muito interessada na conversa para conseguir comer.

- Três filhas, Mademoiselle.

- Nenhum rapaz? Ele devia ter rezado mais - observou mamãe. - Deve ser um sofrimento para ele não ter um herdeiro. O que seria de nosso ateliê se não tivéssemos Georges Lejeune?

Papai resmungou; não gosta que lembrem que o ateliê um dia ficará para o meu irmão.

- Quanto tempo se leva para percorrer toda Paris? perguntou Luc.

- No mínimo, o tempo de duas missas. Isso, sem parar em nenhuma tenda ou taberna, nem interromper a caminhada para falar com algum conhecido. As ruas são

apinhadas de gente, dia e noite. Nelas, pode-se encontrar tudo que se imagina e comprar o que quiser.

- Não parece tão diferente de Bruxelas - senão maior e com mais estrangeiros - observou Georges Lê Jeune. Nicolas não gostou: - E bem diferente daqui.

- Diferente como? Só nas mulheres, acho.

- Na verdade, as moças aqui são mais bonitas do que eu esperava. Basta prestar atenção nelas.

Enrubesci. Madeleine riu outra vez e mexeu no banco onde estávamos sentadas; com isso, fui empurrada contra mamãe.

- Agora chega, Monsieur - disse minha mãe, ríspida.

- Tenha um pouco de respeito nesta casa ou - artista de Paris ou não - vai sair com um pé no traseiro.

- Christine. - disse papai, enquanto Georges Lê Jeune e Luc riam.

- Falo o que sinto. Além de mim, Aliénor e Madeleine também estão aqui. Não quero que um sedutor de bico de mel se meta com elas.

Papai ia dizer alguma coisa, mas Nicolas o interrompeu.

- Garanto, Madame, que não quis desrespeitar a senhora e sua filha, nem a bonita Madeleine.

Madeleine riu outra vez e tive de cutucá-la com meu sapato.

- Veremos. E é melhor que mostre seu respeito indo à Missa. Desde que chegou, não foi nenhuma vez - avisou mamãe.

- Tem razão, Madame, esqueci - um lapso imperdoável. Hoje assistirei às Nonas.

Talvez eu vá à Notre Dame du Sablon; assim poderei também ver o seu famoso vitral.

- Não - apartou papai. - A Missa pode esperar. Preciso daquele primeiro desenho, o mais rápido possível, para podermos começar a tecer. Você e Philippe vão trabalhar até terminar, depois poderá ir à Missa.

Mamãe tremia de raiva, mas não disse nada. Ela jamais colocaria o trabalho antes da Missa, mas papai é o lissier - ele j decide. Mamãe não ficou zangada com ele por muito tempo; aliás, nunca fica. Depois do jantar, os dois foram para o ateliê. Por ser mulher, mamãe não pode tecer - papai seria multado pela Guilda -, mas ela costuma ajudá-lo em outras coisas. É filha de tecelão e sabe preparar o tear, enfiar nos liços os fios da urdidura, enrolar e separar a lã, calcular a quantidade de lã e seda necessárias para cada tapeçaria, e quanto tempo levarão para ficar prontas.

Não posso ajudá-la nessas coisas, mas posso costurar. À noite, depois que os tecelões vão embora, passo horas Tateando a tapeçaria no tear, procurando os espaços

abertos que se formam quando uma cor acaba e outra começa. Assim, conheço as tapeçarias tão bem quanto os tecelões que trabalham nelas.

Claro que se o cliente aceita pagar e o desenho permite, Papai entremeia cores diferentes, tecendo as linhas coloridas uma por trás da outra, entrelaçando-as de forma que não haja espaços para costurar. São os detalhes de acabamento que dão mais trabalho e custam mais caro, por isso muitos clientes dispensam, como fez Monseigneur Lê Viste. Parece que ele é bem sovina e apressado, como imagino que seja um nobre parisiense. Vou ter de costurar muito nos próximos meses.

Enquanto meus pais estavam no ateliê, voltei a tirar mato no jardim e mostrar aos rapazes as flores que eles precisavam ver, enquanto desenhavam e pintavam o cartão numa grande tela. Ficamos tranquilos, os três juntos, e me alegrei. Acho melhor do que ficarmos brigando.

Mais tarde, Georges Lê Jeune e Luc vieram olhar Nicolas e Philippe pintar no jardim. O sol estava quase sumindo. Peguei dois baldes para molhar as plantas, e estava passando pela cozinha rumo ao poço na rua

quando ouvi o nome de Jacques Lê Boeuf. Parei na porta que dava para o ateliê.

- Falei com ele hoje que vou encomendar logo a lã azul. Ele perguntou por ela outra vez - disse papai.

- Não há pressa, não é? Ela tem apenas dezenove anos.

Muitas moças esperam mais do que isso para se casarem bem ou para o esposo ter boas condições financeiras, ou para fazer o enxoval. E não é Jacques que tem uma fila de moças na porta querendo se casar com ele - ponderou mamãe.

-Aquele cheiro mataria todas - disse papai. Os dois riram.

Segurei os baldes com cuidado e nem sequer respirei, com medo de meus pais me ouvirem. Senti alguém no jardim parar atrás de mim.

- Em todo caso, foi uma proposta de casamento, a única que ela recebeu até hoje.

Não podemos dispensá-la - disse papai.

- Ela pode fazer outras coisas, além de se casar com um tintureiro de lãs. E isso que você quer para a sua filha? - Não é muito fácil achar um esposo para uma moça cega.

- Ela não é obrigada a se casar.

- O quê? Vai ser um peso no ateliê a vida toda?

Eu me encolhi. Estava claro que eu não era muito útil. A pessoa que estava atrás de mim voltou em silêncio para o jardim, escondendo-me com as minhas lágrimas silenciosas. Essa função meus olhos conseguem ter igual aos de qualquer pessoa: eles produzem lágrimas.

CHRISTINE DU SABLON

Não consegui desgrudar os olhos das roupas. A Dama que está tocando órgão usa uma linda sobreveste estampada de romãs amarelas e vermelhas, debruada de pérolas e pedras escuras para combinar com o colar. A saia de baixo é azul, com mangas em ponta que caem com graça; Georges vai mostrar como sabe fazer sombreado nessas mangas, em tons do azul-escuro ao claro.

Até a criada que aciona os foles do órgão tem roupas lindas, melhores do que qualquer uma de Ajiénor ou minha. Deve ser assim que as damas de companhia se vestem em Paris. Apesar de, claro, o vestido ser mais simples do que o da patroa, é de um tecido achamalotado azul-escuro debruado de vermelho (mais sombreado para Georges

fazer) e de mangas compridas, amarelas - arredondadas e não em ponta. Se eu usasse um vestido desses, as mangas entrariam na sopa ou se enrolariam nos fios do tear.

A dama de companhia usa também duas correntes com pingentes de flores. Não tão ricas quanto as da patroa, mas são de ouro. E a coíffã dela tem jóias. Gostaria de ter umas jóias assim. Tenho um colar de esmalte com rubis que Georges me deu quando ficou com o ateliê. Eu o uso nos banquetes da Guilda e fico andando pela GrandPlace feito uma rainha.

Às vezes penso como essas damas e eu vivemos distantes, mesmo que não pareça, e fico imaginando o que Georges diria se eu resolvesse ser uma dama como as dessas tapeçarias. E se usasse roupas finas, comesse amêndoas cristalizadas, tivesse damas de companhia para pentear meus cabelos, carregar meu livro de

orações, meus cofres de jóias e lencinhos, arrumar minhas coisas e acender a lareira nos meus aposentos. Acender a lareira é a primeira tarefa que Madeleine deve fazer todos os dias, mas muitas vezes eu me levanto antes dela e acabo eu mesma acendendo-a.

Não tenho nada em comum com essas damas dos desenhos. Não sei tocar órgão, não tenho tempo de dar comida a passarinho, nem de fazer coroa de cravos ou me olhar no espelho. A única Dama que eu entendo um pouco é essa que segura o unicórnio pelo chifre. Era o que eu faria: segurá-lo bem.

Temos dinheiro, só que Georges não gasta em coisas finas. É verdade que moramos numa casa maior do que a da maioria das pessoas, pois juntamos duas casas, de forma que tem um aposento grande para o ateliê, camas para o aprendiz e os outros artesãos que nos ajudam. Tenho meu colar e uma boa cama de castanheiro. A arca onde guardamos as roupas é simples, porém de qualidade e bem-feita. Aliénor e eu temos três vestidos cada uma, enquanto as outras mulheres têm só dois, ou um. Só que usamos as roupas para trabalhar, não para nos exibirmos. Nossas mangas não atrapalham nosso serviço. Georges não gosta de se vangloriar de nossos bens e usa o dinheiro para comprar desenhos de tapeçaria; tem mais desenhos do que os outros lissiers da cidade. E temos dois bons teares horizontais, enquanto os outros ateliês, somente um.

Ele Paga muito bem as Missas rezadas por intenção da nossa família e ajuda com doações para construir a Igreja de Notre Dame du Sablon.

De vez em quando, eu gostaria que meu vestido fosse azul em vez de marrom e tivesse uns fios de seda, em vez de ser todo de lã. Também gostaria de ter uma pele para me aquecer no inverno e tempo para arrumar meus cabelos, além de uma criada que soubesse penteá-los direito. Madeleine, certa vez, tentou, e minha cabeça

ficou parecendo um ninho de passarinho. Gostaria também que minhas mãos fossem macias como as pétalas de rosa que as Damas dessas tapeçarias devem esfregar nas mãos. Aliénor fez um óleo de pétalas para mim, porém lido com muita lã áspera; não adianta usar.

Seria bom ter sempre uma lareira acesa para ficar ao lado, e comida de sobra.

Só às vezes penso nessas coisas.

Andei tão ocupada no ateliê, enfiando os fios de urdidura nos liços de metal com os outros artesãos, que foi bom ficar um pouco no jardim, olhando o que Nicolas dêe Innocents e Philippe pintavam. Eles até agora só haviam ampliado a Audição e depois encostaram o cartão no muro do jardim onde estavam trabalhando. Foi Philippe

quem fez todos os desenhos, pois Nicolas não conseguia entender que tecemos pelo avesso e por isso precisamos que os cartões mostrem as estampas ao contrário, como se vistas num espelho. É preciso um talento especial para ver um desenho pequeno e ampliá-lo da esquerda para a direita, em vez de da direita para a esquerda.

Todos nós rimos da cara de Nicolas logo que ele viu a cena da Audição desenhada ao contrário. Mas acabou se acostumando e conseguiu pintá-la bem. Apesar de ser tão convencido, é um ótimo artista e aprende rápido.

Aliénor e Nicolas estavam no jardim: ele pintava, e ela, tendo subido numa escada, podava as cerejeiras. Philippe tinha ido pegar mais tinta com o pai.

Apesar de Nicolas e Aliénor estarem bem longe um do outro, cada um ocupado numa tarefa, não gostei de vê-los sozinhos. Não podia fazer nada, sou muito ocupada para ficar cuidando de minha filha. Ela é uma moça sensível, percebi que muda de comportamento quando ele aparece.

Nicolas estava trabalhando no outro cartão, pintando numa grande tela onde fez um esboço da cena, a carvão. Era o Olfato, com a Dama fazendo uma coroa de noiva com cravos, a flor do matrimônio. Essa Dama devia estar certa de que ia pegar o unicórnio, já" que estava fazendo a coroa. Nicolas pintava o rosto dela, mas ainda não havia começado o vestido. Fiquei ansiosa para ver.

Ele parou de pintar e ficou a meu lado, olhando o cartão da Audição.

- O que acha da pintura, Madame? A senhora não disse nada. É muito bonita, n'est-cepas?

- Você nunca espera alguém elogiar, não é? Vai logo se auto-elogiando.

- Gostou do vestido dela? Dei de ombros.

- O vestido é lindo, mas as millefleurs são mais lindas. Philippe fez um ótimo trabalho, inclusive nos animais que desenhou na grama.

- Eu fiz o unicórnio e o leão. O que acha deles?

- O unicórnio está muito gordo e eu esperava que ele fosse mais vivaz.

Nicolas ficou sério. Então eu disse: - Agora não dá tempo de mudar. Serve assim mesmo. Pelo menos o leão tem muita pose. Tu sais, com aqueles olhos redondos e a boca larga, parece um pouco o Philippe.

De cima da escada, ao lado da cerejeira, Aliénor riu. Fui olhar o desenho do Olfato.

- Como é o traje da Dama nessa cena? E o da criada?

Nicolas sorriu.

- Ela usa o brocado estampado de romãs vermelhas por baixo de uma túnica azul com a sobreveste fechando na cintura, deixando aparecer o vermelho por baixo. O traje da criada é parecido com o da dama, azul sobre vermelho, mas o tecido é um achamalotado mais simples.

Ele parecia tão presunçoso ao falar nos trajes que tive de criticar alguma coisa.

- Uma criada não devia usar dois colares. Bastava um, uma corrente simples - observei.

Nicolas fez uma reverência para mim.

- Mais alguma coisa, Madame?

- Não seja atrevido e fique longe da minha filha - falei, mais baixo.

Aliénor parou de podar a cerejeira e gritou de lá: - Mamãe!

Fico sempre surpresa ao constatar como ela escuta bem.

Antes que pudéssemos comentar mais alguma coisa, Georges nos chamou para urdir o tear. Já tínhamos começado a nos preparar para tecer - amarramos os fios de urdume na trave e a prendemos ao cilindro numa das extremidades do tear. Agora era preciso enrolar o urdume nesse cilindro posterior, antes de prendê-lo ao da frente, para preparar a superfície onde íamos tecer.

Os fios de urdume são mais grossos do que a trama e usamos uma lã mais grossa também. Acho que esses fios são parecidos com as esposas, porque a função deles não aparece, só se vêem os sulcos sob a trama colorida. Mas, se não fossem eles, não haveria tapeçaria. Sem mim, Georges ficaria todo atrapalhado.

Urdir um tear numa tapeçaria assim exige, no mínimo, quatro pessoas para segurar os novelos dos fios da urdidura e esticá-los enquanto dois homens giram a manivela, enrolando a urdidura no cilindro posterior. Outra pessoa confere a tensão dos fios à medida que o cilindro vai girando. Desde o começo do trabalho, os fios têm de estar no ponto certo de tensão; senão, depois aparecem defeitos. Aliénor sempre faz isso; tem mãos muito sensíveis, perfeitas mesmo.

Quando entramos no ateliê, Georges e Georges Lê Jeune já estavam de cada lado do cilindro do tear. Aliénor foi para junto do pai, enquanto eu mostrava a Nicolas os novelos da urdidura que íamos segurar. Luc

estava do outro lado do tear, segurando os fios numa ponta. Faltava alguém.

- Onde está Philippe? - perguntou Georges.

- Ainda não voltou da casa do pai dele - respondeu Nicolas.

- Madeleine, tire do fogo a panela de lentilhas e venha cá! - chamei.

Ela veio da cozinha, transpirando e calorenta. Coloquei-a entre mim e Luc, para não ficar perto de Nicolas - não queria que ficassem trocando olhares, em vez de trabalhar. Nós (Christine, Madeleine, Luc e Nicolas) seguramos um novelo em cada mão, mantendo certa distância do tear. Mostrei a Nicolas e Madeleine como segurar

os fios com firmeza e puxar, enrolando-os nas mãos para mantê-los com a mesma tensão. Não é fácil fazer com que todos os fios fiquem esticados por igual.

Segurávamos nossos novelos e éramos puxados devagar em direção ao tear à medida que Georges e Georges Lê Jeune giravam as manivelas nas duas extremidades do cilindro.

Pararam um instante, Aliénor se aproximou da urdidura na parte junto ao cilindro e veio passando a mão ao longo das linhas. Ficamos todos em silêncio. O rosto dela estava alerta e atento, como fica Georges quando está tecendo. Por um instante, cheguei a achar que ela enxergava. Quando chegou ao fim, voltou e parou a mão nas linhas que Nicolas estava segurando.

- Está muito frouxo - disse ela. - Aqui e aqui - disse também, pegando os fios que Madeleine segurava.

- Puxem mais com a mão esquerda - falei para os dois.

- A esquerda é a mão mais fraca, por isso vocês precisam puxar mais com ela - expliquei.

Os fios ficaram todos com a mesma tensão; então, Georges e Georges Lê Jeune giraram as manivelas de novo, enrolando devagar a urdidura em volta do rolo do

tear, enquanto nós quatro puxávamos com força. Quando já tinham sido puxados até junto do tear, soltamos os fios e começamos tudo de novo, prendendo-os e puxando-os.

Aliénor conferiu outra vez a tensão dos fios. Agora, eram as linhas da mão direita de Nicolas que estavam muito frouxas e as da mão esquerda de Luc.

Depois, as de Madeleine e as de Nicolas outra vez. Aliénor e eu explicamos o quanto precisavam puxar.

Nicolas reclamou: - Isso vai levar horas, meus braços estão doendo.

- Se prestar atenção irá mais rápido - esbravejei. Georges e Georges Lê Jeune giravam a manivela de novo quando senti cheiro de alguma coisa queimando. -As lentilhas! Madeleine pulou.

- Não largue o fioí - gritei para ela. E, virando para minha filha: -Aliénor, vá lá e tire do fogo a panela de lentilhas!

Uma expressão amedrontada passou pelo rosto de Aliénor, roubando-lhe o brilho.

Sei que ela tem medo do fogo, mas não havia outro jeito, era a única pessoa com as mãos desocupadas.

- Madeleine, você tirou as lentilhas do fogo, como mandei? - perguntei, enquanto Aliénor corria para a cozinha.

A moça olhou com raiva os fios de lã que segurava. Os dedos dela estavam vermelhos e brancos, apertados pela lã.

- Desatenta!

Nicolas fez um muxoxo. - E igual a MarieCéleste. Madeleine levantou a cabeça e perguntou: - Quem é essa pessoa?

- Uma criada da casa dos Lê Viste. Insolente como você. Madeleine fez uma careta para Nicolas, e Georges Lê Jeune franziu o cenho para ambos. Aliénor voltou.

- Coloquei a panela no chão - disse.

Voltamos a urdir a lã, nós três puxávamos os fios, enquanto Georges girava a manivela e Aliénor conferia. Ninguém mais estava achando graça no trabalho. Meus braços também doíam, embora não fosse confessar isso. Estava aborrecida com o jantar e com o que iria servir. Teria de comprar uma torta com a mulher do padeiro - ela vende em casa, enquanto o esposo fica no Mercado do Pão. A meu lado, Madeleine reclamava, suspirava e zangava, e Nicolas começou a fazer cara de tédio.

- O que vocês fazem depois desse trabalho tão aborrecido? - perguntou.

- Preparamos os liços de metal para formar a cala - respondi.

Nicolas fez uma expressão de quem não havia entendido nada.

- Liços são arames finos que puxam e separam os fios da urdidura, um sim e outro não, para podermos passar a trama - expliquei. - Você aperta um pedal e a urdidura se divide em duas partes. O

espaço entre esses dois grupos de fios do urdume é a cala.

- Onde fica a tapeçaria que vai sendo tecida?

- Enrolada nesse rolo do tear aqui na nossa frente. Nicolas pensou por um instante.

- Mas, então, vocês não vêem o que estão fazendo disse.

- É, só vemos a tira que estamos tecendo, que vai sendo enrolada no cilindro. Só podemos ver a tapeçaria inteira quando está terminada.

- Que coisa complicada, é como pintar no escuro, sem enxergar! -Ao perceber o que havia acabado de dizer, olhou para Aliénor, que continuou apalpando os fios de lã como se não tivesse ouvido.

Nicolas continuou perguntando: - Onde vocês colocam o cartão?

- Colocamos numa mesa por baixo da trama, para vê-lo enquanto tecemos. Philippe vai passar o desenho nos fios do urdume também.

- E o que se faz ali? - Nicolas apontou para o canto onde enrolávamos as lãs em novelos e enchíamos as lançadeiras.

- Meu Deus, será que ele nunca pára de falar? - perguntou Georges Lê Jeune.

E era o que todo mundo estava pensando.

Nosso ateliê é silencioso, enquanto os outros são barulhentos e agitados. Quando meu esposo traz outros tecelões para ajudar (como nessas tapeçarias de agora), sempre escolhe os que são silenciosos. Certa vez tivemos um que falava o dia inteiro, e Georges teve de dispensá-lo. Nicolas também não pára de falar - em geral, conta intrigas de Paris; só bobagens.

faz tantas perguntas que fico com vontade de dar um tapa nele. Ainda bem que passa a maior parte do tempo trabalhando no pomar, senão Georges gritaria com ele.

Meu esposo é um homem simpático, mas não agüenta ouvir bobagens. Nicolas abriu a boca para perguntar mais uma coisa, mas Aliénor não aprovou alguns fios e ele teve de firmar melhor a mão esquerda.

- Menos conversa e mais atenção ao trabalho, senão vamos ficar aqui até a noite - avisou Georges.

Porém, não demorou tanto. Terminamos o trabalho e pude cuidar do jantar.

- Viens, Aliénor, ajude-me a escolher a torta mais cheirosa - pedi. Ela gosta de ir à casa do padeiro.

- Por favor, Madame, eu vou buscá-la para a senhora, se também puder comer a torta - disse Madeleine.

- Você vai comer lentilhas esturricadas, garota. Sirva uma bebida aos homens e, quando terminar, esfregue aquela panela.

Madeleine suspirou, apesar de Nicolas ter piscado para ela. Georges Lê Jeune não gostou de novo. Nicolas

deu, então, um passo para trás e levantou as mãos para o alto, como para mostrar que não havia tocado nela. De repente, fiquei pensando se meu filho sentia alguma coisa por Madeleine; talvez Nicolas tivesse percebido algo, e eu não.

Antes de sair com Aliénor, olhei se ela estava arrumada. Minha filha sabe se aprontar, mas às vezes ignora que está com cinzas do fogão no rosto ou com cascas

de cerejeira no cabelo, como naquela hora. Ela é bonita, tem longos cabelos louros como os meus, nariz reto e rosto redondo. Só os grandes olhos vazios e o sorriso zangado fazem com que as pessoas sintam pena dela.

Saímos de casa e, quando pisamos na rue Haute, Aliénor segurou a manga do meu vestido. Ela anda depressa, e quem não sabe que é cega nem percebe, como aconteceu com Nicolás. Ela conhece tão bem o caminho que não precisa que eu a guie; só a ajudo a não pisar em estrume nem ficar embaixo das janelas de onde despejam os penicos na rua, ou de chocar-se com cavalos soltos. Afora isso, ela anda pelas ruas como se fosse levada por anjos.

Depois que estive uma única vez num lugar, é capaz de voltar sempre. Certa vez, tentou explicar como consegue fazer isso: pelo som dos próprios passos, pelo número de passos, pelos muros e paredes que sente ao seu redor, pelos cheiros. Mesmo assim, ainda acho um milagre seu andar firme, embora ela prefira segurar meu braço.

Um dia, quando era pequena, deixei-a sozinha. Estávamos no outono; era dia de mercado e a Place de la Chapelle estava cheia de gente e de produtos: maçãs e pêras, cenouras e abóboras, pães e tortas, mel, galinhas, coelhos, gansos, couros, foices, panos, cestos. Avistei uma velha amiga que estivera de cama várias semanas

com febre; ambas fomos andando e contando as novidades. Só percebi que Aliénor havia sumido quando minha amiga perguntou por ela e vi que não estava sentindo sua mão na manga do meu vestido. Procuramos por toda parte, até encontrá-la no meio da confusão, assustada e chorando, torcendo as mãos. Ela havia parado para apalpar um couro de carneiro e então soltara-se de mim. É raro ela ficar em dificuldades por causa da falta de visão.

À nossa frente, senti o cheiro das tortas de carne que a esposa do padeiro prepara. Ela usa zimbro nos ingredientes e faz um palhaço sorridente na massa de cobertura. Sempre rio.

Aliénor não estava achando graça: franzia o nariz, o rosto mostrando ansiedade e tristeza.

- O que foi? - perguntei.

- Por favor, mamãe, podemos entrar na igreja de Notre Dame du Sablon por um instante?

Sem esperar resposta, ela me puxou para a rue dês Chandeliers. Mesmo transtornada como estava, contou os passos e viu aonde estava.

Parei. - Daqui a pouco a mulher do padeiro não vai mais vender tortas; não podemos perder a hora - avisei.

- Por favor, mamãe - repetiu Aliénor, puxando meu braço.

Foi então que senti o cheiro que ela já havia percebido, além do perfume das tortas de carne com zimbro. Era Jacques Lê Boeuf. De repente, aquele odor horrível estava em toda parte. Chegamos à rue dês Samaritaines e estávamos entrando nela quando ouvi Jacques chamar: - Christine!

- Corra - sussurrei, apoiando o braço nos ombros dela. Fomos tropeçando nas pedras irregulares da rua, batendo nos muros e nos pedestres. - Por aqui. - Puxei-a para a esquerda. - A igreja de Sablon está muito longe; é melhor irmos à Chapelle.

Ele não vai nos procurar lá. - Ainda com as mãos nos ombros dela, orientei-a na direção da place onde os barraqueiros se preparavam para jantar em casa.

Chegamos à igreja e entramos. Puxei Aliénor para a capela de Nossa Senhora da Solidão, que fica perto da porta, e fiz com que ela se ajoelhasse atrás de uma coluna; assim, Jacques Lê Boeuf não poderia vê-la, se entrasse. Ajoelhei-me também e murmurei uma prece; depois fiquei pensando. Mantivemos silêncio por um momento, até nos acalmarmos. Se não estivéssemos fugindo de Jacques, eu poderia até rir, pois a situação era cômica. Mas não ri: Aliénor estava muito apreensiva.

Olhei em torno. A igreja estava vazia, a cerimônia da Sexta havia terminado e as pessoas tinham ido jantar. Gosto muito da Chapelle - é grande e clara, com muitas janelas, e fica perto de nossa casa. Mesmo assim, prefiro a igreja de Sablon.

Cresci bem ao lado de seus muros e ela é freqüentada pelos tecelões que moram nessa área. É menor e feita com mais esmero; seus vitrais são mais bonitos, as pedras têm animais esculpidos, e as pessoas que passam pelos muros de fora ficam olhando. Claro que essas coisas Aliénor não pode apreciar as melhores partes de uma igreja não significam nada para ela.

- Mamãe, por favor, não me obrigue a ficar com ele. Prefiro entrar para um convento do que viver com um homem com esse cheiro - falou ela, baixinho.

Aquele cheiro - de urina fermentada de ovelha onde o anil é mergulhado para fixar a cor - é que faz com que, há gerações, os tintureiros só se casem com suas primas.

Jacques Lê Boeuf deve ter considerado que Aliénor significava sangue novo na família, além de um dote e uma ligação com o ateliê de um ótimo lissier.

- Como posso conviver com aquele mau cheiro para fazer uma cor que nem posso ver? - perguntou ela.

-Você trabalha com tapeçarias que também não pode ver.

- É, mas não fedem. E posso senti-las pelo tato. com os meus dedos, consigo ver toda a história que contam.

Suspirei. - Todo homem tem defeitos, e isso não é nada considerando o que nos dão em troca: casa e comida, roupas, sustento, cama. Jacques Lê Boeuf vai lhe dar tudo isso, e você devia agradecer a Deus. - Eu parecia mais convicta do que imaginava.

-Agradeço, mas por que não posso ter um homem mais do meu gosto, como as outras mulheres têm? Se ninguém quer Jacques, aquele brutamontes fedido, por que eu haveria

de querer? - Aliénor tremia, o corpo agitado de insatisfação.

Percebi que os dois não teriam um bom relacionamento. Era difícil pensar naquelas mãos azuladas de anil passando no corpo de minha filha sem ela estremecer.

- Seria um bom matrimônio de interesses - considere.

Se você se casar com Jacques, ajudará a tinturaria dele e o ateliê de seu pai. Ele terá muitas encomendas de seu pai que, por sua vez, comprará mais barato a lã azul. Tu saís, seu pai e eu nos casamos para juntar os ateliês de nossos pais. Meu pai não teve filho e escolheu Georges como filho ao se casar comigo. Isso não impediu que fôssemos felizes.

- Você sabe que não seria um matrimônio de interesses, mamãe. Você poderia me casar com alguém de qualquer outro ofício: comerciante de lã ou de seda, tecelão, até um artista. Mas quis um homem tão cheio de defeitos só para que ele aceitasse o meu - disse Aliénor.

- Não é verdade! - protestei, embora fosse. - Qualquer pessoa vê como você nos ajuda, que a sua cegueira não

é um empecilho para cuidar da casa, ajudar no ateliê e ter seu jardim.

- Esforcei-me tanto para agradar você, mas não adiantou, mamãe. Que homem escolheria uma cega em vez de uma moça de visão perfeita? Muitas moças em Bruxelas serão escolhidas esposas antes de mim, como muitos homens serão aceitos como esposos antes de Jacques Lê Boeuf. Ele e eu somos a raspa do tacho, por isso seremos obrigados a ficar juntos.

Não falei nada - ela argumentou por mim, embora não parecesse convencida do que dissera. Estava com o rosto crispado e torcia a saia com as mãos. Segurei-a para que parasse de mexer na saia.

- Não há nada decidido ainda - garanti, alisando sua saia amassada. - vou falar com seu pai. Precisamos de seu trabalho nessas novas tapeçarias; não poderemos dispensar você agora. Tiens, Jacques já deve ter ido embora. Vamos à casa do padeiro, antes que eles comam a nossa torta.

O padeiro já havia chegado em casa e a família estava à mesa do jantar. Só consegui que a mulher nos vendesse uma torta, prometendo-lhe uma cesta de lentilhas da horta de Aliénor. Não tinha mais torta de carne, só de capão, de que Georges não gosta muito.

Estávamos perto de casa quando Aliénor estacou como um cavalo empacado e apertou meu braço. Cheiro de urina de ovelha - Jacques Lê Boeuf devia ter vindo ver Georges quando nos avistara na rue Haute. Claro que escolhera a hora em que fazíamos a refeição; assim, teríamos de convidá-lo para a mesa.

- Fique na casa dos vizinhos. vou buscar você depois que ele for embora - falei, deixando-a na porta do tecelão de tecidos, que fica a duas portas da nossa. Ela entrou rápido.

Jacques estava no pomar, tomando cerveja com Georges.

- Sempre que ele aparece, nós o levamos para lá, a menos que esteja fazendo muito frio. Acho que já deve estar acostumado. As cenas da Audição e do Olfato que Nicolas pintara ainda estavam encostadas no muro, mas o pintor havia se retirado. E o efeito que Jacques provoca, aonde quer que apareça.

- Olá, Jacques - cumprimentei, entrando no jardim e tentando não rir.

- Você e a menina fugiram de mim agora mesmo. Por que fizeram isso? - trovejou ele.

- Não sei do que você está falando. Aliénor e eu fomos à Chapelle rezar antes de passarmos na casa do padeiro. Tínhamos de correr, senão o padeiro fechava; não corremos de você. Fica para o jantar? Bien sûr, temos torta. - Fosse ele uma presença insuportável ou não, convidá-lo era o que eu tinha de fazer, principalmente vindo a se tornar o nosso futuro genro.

- Vocês correram de mim, mas não deviam ter feito isso.

E aonde está a moça? - insistiu ele.

- Fazendo uma visita.

- Bien.

- Jacques quer conversar conosco sobre Aliénor interrompeu Georges.

- Não, quero falar que encomendaram muito pouco azul para essas tapeçarias - disse Jacques Lê Boeuf, mostrando a cena da Audição. - Olha só: quase não há azul, mesmo com todas as flores. Essa mania de mttlejeurs vai acabar comigo, são todas vermelhas e amarelas! E a outra tapeçaria parece que tem menos azul ainda. - Ele olhava a cena do Olfato, que estava esboçada, só com o rosto e os ombros da Dama. Vocês disseram que iam colocar muito mais azul nessas tapeçarias, que a metade do chão seria de vegetação azul. Agora só há partes azuis e muito vermelho.

- Colocamos árvores nos desenhos. O azul delas vai compensar o que falta em vegetação - explicou Georges.

- Não basta, pois a metade das folhas é amarela - argumentou Jacques Lê Boeuf, exaltado.

Tínhamos realmente mudado a quantidade de azul que íamos encomendar dele. Na noite anterior, quando a ampliação de uma das cenas ficou pronta, Georges e eu calculamos quanto iríamos precisar para todas as tapeçarias. De manhã, ele mandou nosso filho avisar Jacques Lê Boeuf.

- Depois da nossa primeira conversa, os desenhos foram mudados; é comum acontecer isso. Não prometi usar uma determinada quantidade de azul - disse Georges, calmo.

- Você me enganou e vai ter de consertar isso - insistiu Jacques.

Interrompi a conversa: - Quer comer a torta aqui fora? De vez em quando é ótimo comer ao ar livre. Madeleine, traga a torta - mandei.

- Jacques, você sabe que não posso garantir exatamente quanto vou precisar - explicou Georges. - Nosso trabalho não é assim, as coisas vão mudando à medida que as executamos.

- Não vou mandar lá nenhuma antes de você concordar com o que vou pedir.

- Você vai entregar a lá amanhã, como me garantiu Georges falava devagar, como se estivesse explicando a uma criança.

- Só se você me prometer uma coisa.

- Prometer o quê?

- Sua filha.

Georges olhou para mim.

- Ainda não conversamos sobre isso com Aliénor retrucou.

- Conversar o quê? Você me dá o dote e ela se torna minha esposa. E só o que têm a dizer para ela.

- Há um porém nisso: precisamos do trabalho dela no ateliê - interrompi. - Essas tapeçarias são a maior encomenda que já tivemos, e precisamos de todos trabalhando.

Se dispensarmos Aliénor, não as terminaremos no prazo e você não terá nenhuma encomenda de azul.

Jacques Lê Boeuf não tomou conhecimento do que falei.

- Deixem sua filha se casar comigo e mandarei a lã azul - disse ele, enquanto Madeleine trazia a torta e uma faca. Ela prendia a respiração para não sentir o cheiro dele e bufou de raiva com o que ouviu, surpresa. Franzi o cenho e balancei a cabeça quando ela colocou, rápido, a torta na mesa e entrou em casa.

- Christine e eu precisamos discutir esse assunto. Amanhã darei a minha resposta - disse Georges.

- Ótimo. Você me dá a moça e eu lhe dou o azul. E não tente procurar outros tintureiros; eles me conhecem mais do que a você - ameaçou.

Claro que os tintureiros o conheciam - eram todos primos!

Georges ia cortar uma fatia de torta, mas parou com a faca no ar. Fechei os olhos para não ver a raiva dele. Quando abri os olhos, vi que tinha enfiado a faca até o cabo e a deixado lá.

Preciso trabalhar, falo com você amanhã - disse ele a Jacques, levantando-se.

Jacques Lê Bceuf engoliu um grande pedaço de torta, sem se importar por Georges ter ido embora enquanto ele comia.

Também saí. Fui procurar Madeleine. Ela estava ao fogão, debruçada no caldeirão de lentilhas, o rosto vermelho por causa do calor.

- Não diga nada a Aliénor, ela não precisa saber já - avisei. - Além do mais, não decidimos o casamento.

Madeleine olhou para mim, prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha e voltou a esfregar o caldeirão.

Jacques devorou a metade da torta antes de ir embora. Eu não comi - não estava com vontade.

Aliénor ficou calada quando fui buscá-la na casa do vizinho. Foi direto para o jardim e encheu um cesto de lentilhas para a esposa do padeiro. Achei bom, pois não sei o que poderia dizer a ela naquela hora.

Depois, pediu para levar as lentilhas para a esposa do padeiro e, quando saiu, levei Georges para o fundo do jardim, ao lado da treliça de roseiras, onde ninguém poderia ouvir a nossa conversa. Nicolas e Philippe estavam trabalhando lado a lado na cena do Olfato; Nicolas pintava os braços da Dama, enquanto Philippe começava a desenhar o leão.

- O que faremos com Jacques Lê Boeuf? - perguntei. Georges olhou umas rosas-bravas como se estivesse ouvindo a elas e não a mim. -Alors? - insisti.

Georges suspirou.

- Temos de deixá-lo ficar com ela.

- Outro dia você brincou que o cheiro dele a mataria.

- Outro dia eu não sabia que íamos diminuir a quantidade de azul nas tapeçarias.

Se não receber logo essa lâ, vamos nos atrasar e Léon nos multará. Jacques sabe disso. Estou de mãos e pés atados.

Lembrei de Aliénor tremendo na Chapelle.

- Ela o detesta.

- Christine, você sabe que essa é a melhor proposta de casamento que ela poderá receber. Tem sorte. Jacques vai cuidar dela, não é má pessoa, só tem o problema do cheiro, que ela acabará se acostumando. Tem gente que reclama do cheiro da lâ aqui em casa, mas nós nem percebemos, não é?

- Ela tem o olfato mais apurado do que o nosso. Georges deu de ombros.

- Jacques vai bater nela - avisei.
- Não, se ela o obedecer. Não gostei do que ouvi.
- Por favor, Christine, você é uma mulher prática... em geral, até mais do que eu.

Lembrei de Jacques Lê Boeuf comendo a metade de nossa torta e a ameaça que fez de acabar com o ateliê de Georges. Como meu esposo podia aceitar um homem daqueles para sua filha? Mas sabia também que eu não poderia fazer muito. Conhecia meu esposo e sabia que já se havia decidido.

- Não podemos dispensar Aliénor agora, precisamos que ela costure as tapeçarias.

Além disso, não fiz nada ainda para o enxoval dela - falei.

- Ela não vai agora, mas poderia ir quando as tapeçarias estiverem quase prontas. Você poderia costurar as duas últimas no final do ano que vem, digamos.

E ela certamente poderia ir morar com Jacques no Natal.

Ficamos calados, olhando a roseira-brava subindo pela treliça. Uma abelha enfiava e tirava a cabeça numa das flores.

- Por enquanto, ela não pode saber de nada. Explique bem a Jacques que ele não pode ficar contando vantagem sobre a futura esposa. Se disser qualquer coisa, romperemos o contrato de casamento - falei por fim.

Georges concordou.

Talvez aquilo fosse maldade minha, talvez Aliénor devesse saber logo da combinação. Mas eu não iria suportar seu rosto triste durante um ano e meio, enquanto aguardava o casamento que não desejava. Seria melhor para todos se ela só soubesse na hora.

Voltamos para casa passando pelo jardim de Aliénor, que estava todo florido, cheio de lentilhas, com fileiras

de alfaces frescas, muitas podadas de tomilho, alecrim e lavanda, de hortelã e erva-cidreira. Quem irá cuidar de tudo isso depois que ela sair de casa?, pensei.

- Philippe, pare de desenhar, preciso que desenhe na urdidura, depois que colocarmos o cartão embaixo - mandou Georges, que caminhava na minha frente. Ele pegou a pintura da Audição e disse: - Tiens, ajude-me a levá-la para dentro, se a tinta estiver seca. Georges, Luc, venham! - chamou. Parecia decidido e ríspido, era o jeito de ele cortar uma conversa.

Philippe enfiou o pincel numa tigela com água. Os rapazes correram para o ateliê. Georges Lê Jeune subiu numa escada para retirar a pintura que haviam colocado no muro. Depois, um de cada lado, levaram-na para o ateliê.

Sem o cartão, o jardim de repente pareceu vazio. Nicolas e eu ficamos a sós. Ele estava pintando as mãos da Dama segurando um cravo. Nicolas também segurava um cravo e não se virou para falar comigo, o que é raro. Sempre aproveita Para falar com uma mulher a sós, mesmo que ela seja mais velha e casada.

Ele estava bem ereto e tenso-percebi que estava zangado. Olhei o cravo branco que segurava entre os dedos. Aliénor plantou um canteiro de cravos perto das roseiras, e ele devia ter pego um na hora em que Georges e eu estávamos lá no fundo, conversando.

- Não nos julgue mal, esse casamento será melhor para a nossa filha - falei, calma.

Nicolas não respondeu logo, ficou com a mão suspensa no ar, o pincel sobre a tela.

- Bruxelas está começando a me entediar. Ficarei feliz em partir. Quanto antes eu for embora, melhor. - Olhou para o cravo, jogou-o no chão e pisou-o com a bota.

Naquele dia, ele pintou até bem tarde. As noites de verão têm luz quase até a hora das Completas na igreja.

III

PARIS E CHELLES

Páscoa de 1491

NICOLAS DÊS INNOCENTS

Eu achava que nunca mais veria as tapeçarias nem os desenhos delas. Quando faço uma miniatura, enfeito um escudo ou desenho um vitral, só vejo o trabalho enquanto o estou fazendo. O que acontece com eles depois não me interessa. Nem sequer penso neles; trato de fazer outra miniatura, decorar a porta de uma carruagem, pintar uma Madona com o Menino para uma capela, ou um brasão num escudo. Sou assim também em relação às mulheres: pego uma e me divirto, depois outra e me divirto.

Não penso mais nelas depois.

Não, isso não é totalmente verdade. Há uma mulher na qual penso o tempo todo, embora não a tenha possuído.

Aquelas tapeçarias de Bruxelas ficaram na minha cabeça por muito tempo. Lembrava delas nas horas mais estranhas: quando via um buquê de violetas numa banca do mercado na rue St Denis, ou sentia o cheiro de uma torta de ameixas saindo por uma janela aberta, ou ouvia os monges cantando as Vésperas na Notre Dame, ou mastigava um cravoda-índia num assado. Certa vez, quando estava com uma mulher, pensei de repente se o leão da cena do Tato não havia ficado muito parecido com um cachorro e murchei na mão da moça como uma alface velha.

Esqueço logo quase todos os trabalhos, mas lembro de vários detalhes dos cartões: as longas mangas de cor laranja do vestido da criada, na Audição; o macaco de corrente no pescoço, no Tato; o vento levantando o lenço de cabeça da Dama, no Paladar; o escuro por trás do unicórnio refletido no espelho, na "visão.

Consegui provar alguma coisa com aqueles desenhos. Léon Lê Vieux, tratava-me agora com mais respeito, quase como se fôssemos iguais, e não um comerciante rico tolerando um mau pintor. Eu continuava fazendo miniaturas, mas ele passou a trazer encomendas de tapeçarias de outras famílias nobres. Espertamente, ficou com as pinturas que fiz das seis Damas - deu uma desculpa para não entregá-las a Jean Lê Viste, embora pertencessem ao cliente. Léon mostrava as pinturas para os Monseigneurs que, por sua vez, comentavam com outros nobres, e assim passei a receber mais encomendas de tapeçarias. Fiz outras com unicórnios, às vezes sozinhos no bosque, outras sendo caçados ou ao lado de uma Dama, embora tomasse sempre o cuidado de fazê-las diferentes das Damas Lê Viste. Léon estava satisfeito.

- Veja como as pessoas se entusiasmam apenas com os desenhos - ele dizia. - Imagina como vão ficar quando virem as tapeçarias dependuradas na Grande Salle de Jean Lê Viste: você vai ter trabalho pelo resto de seus dias.

E com o dinheiro no bolso, Léon deveria acrescentar. Mas eu estava contente: se as coisas continuassem assim, nunca mais teria de pintar um escudo ou uma porta de carruagem. Um dia, fui à casa de Léon discutir a encomenda de uma nova tapeçaria - não de unicórnios, mas de falcoeiros caçando no campo. Léon vive muito bem de suas comissões nas encomendas. Tem uma casa grande perto da rue dês Rosiers, com um aposento só para trabalhar. Espalhados pela sala há lindos objetos de lugares distantes - baixelas de prata gravadas com letras esquisitas, caixas para especiarias em filigrana do Oriente, espessos tapetes persas, arcas de teca com entalhes de madreperla. Olhei em volta, lembrei do meu quarto simples em cima do Lê Coq d'Or e fiquei sério.

Provavelmente já devia ter ido a Veneza, pensei. Provavelmente já devia ter ido a todo canto.

E achei que algum dia eu também ganharia o bastante para ter aqueles lindos objetos.

Enquanto falávamos da encomenda, desenhei as asas e a cauda de um falcão Depois larguei o carvão, recostei-me na cadeira e anunciei: - Já que a temperatura melhorou, acho que termino esse desenho e vou viajar.

Estou cansado de Paris.

Léon também se recostou.

- Aonde vai?

- Não sei. Uma peregrinação, talvez.

Léon revirou os olhos, sabia que eu não era muito de freqüentar a igreja.

- Verdade - insisti. - Quero ir ao Sul, a Toulouse, a Lourdes. Talvez percorra todo o caminho de Santiago de Compostela.

- O que você espera encontrar num lugar desses? Dei de ombros.

- O que se encontra ao fazer uma peregrinação. - Só não disse que jamais havia feito uma. - Mas acho que você não entende muito disso - acrescentei, para provocá-lo.

Léon não se incomodou com a brincadeira.

- Uma peregrinação é uma longa viagem para uma Pequena recompensa. Pensou nisso?

Pense nas encomendas que você terá de recusar só para ver pouca coisa. Um pouquinho do todo.

- Não estou entendendo aonde você quer chegar.

- Estou falando dessas relíquias que os peregrinos viajam para ver. Toulouse não guarda uma lasca da cruz de Nosso Salvador? Quanto de uma cruz você pode ver numa lasca? Você verá e se desapontará!

- Eu não me desapontaria - insisti. - Estranho você não ter feito uma peregrinação, como bom cristão que é.

Peguei uma das caixas de prata para especiarias. O esmerado trabalho em filigrana tinha uma tampa com dobradiças e cadeado.

- De onde veio isso? - perguntei.

- De Jerusalém.

Fechei os olhos. - Talvez eu deva ir lá. Léon riu alto.

- Gostaria de ver isso, Nicolas dês Innocents. Ttens, você está falando em viajar. As estradas de Paris a Bruxelas agora estão boas, e um comerciante comentou comigo das suas tapeçarias. Deu uma passada no ateliê de Georges para mim.

Léon e eu não falávamos daquelas tapeçarias há meses. No começo do Advento, as estradas estavam ruins demais para alguém ir facilmente de Paris a Bruxelas.

Léon não tinha mais ouvido falar delas e eu parei de perguntar. Coloquei no lugar a caixa de especiarias.

- O que disse o comerciante?

- Os tecelões terminaram as duas primeiras cenas depois do Natal e começaram as duas seguintes no Dia de Reis, aquelas duas grandes. Mas estão atrasados porque duas pessoas adoeceram.

- Quem?

- Georges Lê Jeune e um dos tecelões que contrataram. Já estão melhor, mas perderam tempo.

Senti um alívio ao saber que não havia sido Aliénor. E me surpreendi. Peguei o carvão e desenhei a cabeça e o bico do falcão.

- Como ficaram as tapeçarias?

- Georges mostrou a ele as duas primeiras, a Audição e o Olfato, e o comerciante disse que estavam ótimas.

Acrescentei um olho na cabeça do falcão.

- E as duas que estão fazendo agora? Como estão?

- Estavam fazendo o cachorro que fica na cauda do vestido da Dama, no Paladar. E já estão fazendo a criada em À Mon Seul Désir. Claro que só se pode ver uma tira

do que estão tecendo. Uma pequena parte do todo - acrescentou ele, sorrindo.

Tentei lembrar os detalhes dos desenhos. Conhecia, de tanto tempo, tão bem os desenhos, que conseguia desenhá-los de olhos fechados. Estranhei que eu tivesse esquecido um cachorro sentado ao lado do vestido da Dama.

- Léon, me dê as pinturas, quero dar uma olhada nelas. Léon riu.

- Faz tempo que você não pede para vê-las - disse ele, pegando as chaves no cinto e abrindo a arca de teca. Tirou os desenhos e colocou-os na mesa.

Olhei o cachorro, no Paladar, e calculei quanto tempo os tecelões levariam para chegar ao rosto da Dama. O rosto de Claude.

Há meses eu não via Claude Lê Viste. Não estivera mais na casa da rue du Four depois que voltara de Bruxelas, no verão. Não fizeram outras encomendas, e a família estava no castelo perto de Lyon. Na Festa de São Miguel, soube que tinham voltado e passei algumas vezes por SaintGermain-des-Prés, esperando ver Claude.

Um dia eu a vi com a mãe e as damas de companhia na rue du Four. Quando passaram, fui acompanhando pelo outro lado da rua, esperando que ela me visse.

E viu. Parou como se tivesse estacado. As damas ficaram dos lados de ambas até só restar ela e Béatrice na rua. Claude fez sinal para a dama e abaixou-se como se fosse arrumar os sapatos. Deixei uma moeda cair perto e também me abaixei para pegá-la, e, nesse instante, sorrimos um para o outro. Não ousei tocar nela, pois um homem da minha situação não pode tocar numa moça na rua.

- Tentei ver você - sussurrou Claude.

- E eu a você. Vai à minha casa?

- Vou tentar, mas...

Antes que ela pudesse terminar ou eu dizer aonde morava, Béatrice e o mordomo que a acompanhavam correram até nós.

- Vá embora, antes que Dame Geneviève o veja! - disse Béatrice, ríspida.

O mordomo me empurrou para longe de Claude, que continuou abaixada, com os olhos claros me seguindo pela rua.

Depois disso, eu a vi umas duas vezes de longe, mas não pude fazer nada. Afinal, tratava-se de uma nobre e eu não devia ser visto com ela na rua. Embora tivesse vontade de tê-la na minha cama, achava que não conseguiria passar pela vigilância das damas. Saí com outras mulheres, mas nenhuma me agradava. Toda vez eu acabava concluindo que não estava totalmente vazio, como um caneco que ainda tinha um gole de cerveja no fundo. Ao ver a Dama, do Paladar, senti a mesma coisa. Não bastava.

Léon mostrou as pinturas.

- Un moment - pedi, pegando a cena de À Mon Seul Désir, onde a Dama segura as jóias. Ela estava colocando ou tirando as jóias? Eu nunca tinha certeza.

Léon estalou a língua e cruzou os braços.

- Não quer olhar? - perguntei. Ele deu de ombros. - Já vi todas.

- Você não gosta delas, embora as elogie tanto para os outros - observei.

Léon pegou a caixinha de especiarias que eu havia examinado e colocou-a numa prateleira ao lado das outras.

- São boas para vender. E vão fazer com que a Grande Salle de Jean Lê Viste fique um aposento onde valha a pena dar recepções. Mas, realmente, suas Damas não me seduzem. Prefiro coisas úteis: pratos, arcas, castiçais - disse.

- As tapeçarias também são úteis, escondem as paredes ásperas e deixam os aposentos mais quentes e mais bonitos.

- É verdade. Mas, para a minha casa, prefiro desenhos meramente decorativos, como esse. - E apontou para uma pequena tapeçaria dependurada numa parede que tinha apenas millejleurs, sem pessoas ou animais. - Não quero Damas num mundo onírico, embora para você elas talvez sejam reais.

Gostaria que fossem, pensei. - Você é muito pé no chão.

Léon inclinou a cabeça de lado. - Sou assim. E é assim que vivemos. Vai desenhar alguma coisa agora ou não? perguntou, juntando as pinturas.

Rápido, desenhei falcões atacando uma garça, enquanto homens e damas olhavam, e cachorros corriam ao fundo, deixando um grande espaço a ser preenchido com millejleurs.

Já tinha desenhado tantas tapeçarias que conseguia fazê-las com facilidade.

Graças ao jardim de Aliénor, eu conseguia desenhar até as millejleurs com precisão.

Léon ficou me olhando desenhar. As pessoas costumam fazer isso, acham que desenhar é uma coisa mágica, como uma atração na feira. Para mim sempre foi fácil, só que a maioria das pessoas pega num carvão para desenhar como se estivesse segurando um toco de vela.

- Você aprendeu bastante nesses meses - avaliou ele. Dei de ombros. - Eu também posso ser pé no chão.

Naquela noite, sonhei com uma tira de tapeçaria que tinha o rosto de Claude, e acordei excitado.

Há muito isso não acontecia. No dia seguinte, achei um motivo para ir a SaintGermain-des-Prés: um amigo que morava lá poderia me dar mais informações sobre a caça com falcões. Claro que eu podia perguntar a

alguém na rue St Denis, mas assim me dava a oportunidade de passar pela rue du Four e olhar a casa dos Lê Viste. Também fazia tempo que não passava por lá. As janelas estavam fechadas, embora a Páscoa mal tivesse passado e fosse pouco provável que eles já se encontrassem em Lyon. Esperei, mas ninguém saiu nem entrou.

Meu amigo também não estava em casa e fiquei caminhando. Atravessei os muros da cidade na porta de St Germain, passei pelas barracas do mercado em volta dos muros e então vi uma mulher conhecida, olhando atenta alguns pés de alface. Não estava mais tão gorda.

- MarieCéleste! - chamei, sem saber que ainda lembrava seu nome.

Ela se virou e me olhou sem surpresa quando me aproximei.

- O que quer? - perguntou.

- Ver seu sorriso.

MarieCéleste resmungou e virou-se de novo para as alfaces.

- Essa aqui está com as folhas queimadas - disse para o vendedor.

- Então pegue outra - resmungou ele.

- Está fazendo compras para os Lê Viste? MarieCéleste mexeu nas alfaces, a boca crispada.

- Não trabalho mais lá, você deveria saber.

- Por que saiu?

- Tive de sair para ter o bebê. Claude disse que ia falar com a patroa, mas, quando voltei, tinha outra criada no meu lugar e a patroa não queria mais saber de mim.

Ao ouvir o nome de Claude, estremeci de desejo. MarieCéleste me olhou e tentei pensar em outra coisa.

- Alors, como está o bebê?

Ela parou de mexer nas alfaces, voltou a mexer de novo e respondeu: - Entreguei a menina para as freiras

no convento. Pegou uma alface e a sacudiu.

- O quê? Por que fez isso?

- Tinha de trabalhar para sustentar minha mãe. Ela está muito velha e doente para cuidar de um bebê. Eu não podia fazer outra coisa. E nem sequer tinha aonde trabalhar.

Fiquei calado, pensando numa filha em algum lugar, cuidada por freiras, Não era o que esperava de qualquer filho que pudesse ter.

- Que nome você deu à menina?

- Claude.

Dei um tapa tão forte na cara de MarieCéleste que a alface voou da mão dela.

-Holà! Deixou cair, paga! - gritou o vendedor de alfaces.

MarieCéleste começou a chorar, pegou a cesta de compras e correu.

- Pega a alface no chão! - gritou o vendedor.

Peguei a alface, que estava com as folhas se soltando, coloquei-a em cima das outras e corri atrás dela. Quando alcancei MarieCéleste, ela estava com o rosto afogueado de correr e chorar ao mesmo tempo.

- Por que lhe deu esse nome? - perguntei, agarrando o braço dela.

Ela balançou a cabeça e tentou se desvencilhar de mim. Juntou gente em volta: num mercado, qualquer coisa é atração.

- Vai bater nela outra vez? - quis saber uma mulher. Se vai, espere minha filha voltar para ver!

Empurrei MarieCéleste para longe das pessoas até chegarmos num beco. Os vendedores jogavam lá restos do mercado: repolhos velhos, peixes podres, estrume de cavalo.

Um rato passou correndo enquanto eu a empurrava pela pilha de mercadorias estragadas.

- Por que deu esse nome a minha filha? - perguntei, dessa vez mais baixo. Era estranho usar a palavra filha.

Marie-Céleste me olhou magoada. Tinha parado de chorar. Seu rosto flácido parecia um bolo com duas passas enfiadas no lugar dos olhos, os cabelos pretos escapando da touca. Perguntei-me por que havia ido para a cama com ela.

- Prometi a Claude que daria esse nome; ela foi tão gentil ao se oferecer para falar com a patroa! Mas não falou. Quando procurei Dame Geneviève, elajurou que Mademoiselle não lhe havia dito nada. A patroa pensou que eu tinha ido embora para casa, e pronto. Então, o bebê ficou com o nome dela por nada, depois de tudo que fiz por Mademoiselle quando pequena. Ainda bem que consegui outro trabalho com os Belleville, uma família na rue des Cordeliers. Não são tão ricos quanto os Lê Viste, mas serve. As vezes até convidam as Lê Viste para uma visita.

- As Lê Viste freqüentam a casa onde você trabalha?

- Quando elas aparecem, fico bem longe. - MarieCéleste recuperara-se do tapa.

Olhou o beco e sorriu. Nunca pensei em vir parar num beco outra vez com você.

- Quais são as Lê Viste que aparecem nas visitas? Apenas Madame Geneviève ou ela vai com as filhas?

- Claude costuma vir com a mãe. Gosta de encontrar uma filha dos Belleville da idade dela.

- Elas sempre vão lá?

MarieCéleste franziu o cenho como a velha que um dia seria - O que isso interessa a você? Dei de ombros.

- Só por curiosidade: como você sabe, trabalhei para Monseigneur Lê Viste e fiquei imaginando como devem ser as mulheres da família.

Um olhar sagaz mostrou-se no rosto de MarieCéleste.

- Você deve estar querendo ir lá me ver, não é? Fiquei pasmo com aquela pergunta e que ela estivesse

flertando comigo depois de tudo que havia acontecido. Mas ela poderia ser útil.

Sorri e tirei uma pena de ave que tinha ido parar no ombro dela.

- Pode ser - respondi.

Quando ela passou a mão em mim, fiquei imediatamente excitado, e o rosto dela, menos sem graça e mais corado. com a mesma rapidez com que me tocou, ela tirou a mão.

- Tenho de voltar, venha me ver um dia. - E descreveu como era a casa na rue dês Cordeliers.

- Pode ser que eu vá quando as Lê Viste também forem. Assim poderei dar uma olhada nelas e satisfazer a minha curiosidade - acrescentei.

- Se quiser. Enfait, elas irão lá depois de amanhã, ouvi a patroa dizer.

Era fácil demais. Assim que MarieCéleste foi embora, balançando a cesta de compras, fiquei pensando o que ela esperava conseguir nesse encontro, além de um instante de prazer entre as pernas. Não pensei por muito tempo. Iria ver Claude Lê Viste e isso era o bastante.

Claro que estava fácil demais. MarieCéleste não era tão bondosa assim.

A casa dos Belleville realmente não era tão grande quanto a dos Lê Viste. Tinha dois andares e algumas janelas envidraçadas, mas ficava espremida entre outras casas, e uma parte do madeirame estava podre. Fiquei prestando atenção enquanto esperava MarieCéleste do outro lado da rua, pensando se veria Claude chegar.

Não imaginava como poderia falar com ela a sós, já que estaria com a mãe e Béatrice, além das damas da casa. E eu ainda teria de possuir MarieCéleste só para me livrar dela.

Meu plano era apenas ficar alerta e dar uma olhada. Pelo menos tentaria ver Claude num instante para

marcar outro encontro. Cheguei a pagar um homem para escrever um bilhete para mim: Claude sabia ler, embora eu não soubesse. O homem zombou de minhas palavras, mas acabou escrevendo. Os homens são capazes de fazer quase qualquer coisa em troca de umas moedas.

MarieCéleste abriu a porta da frente, olhou e fez sinal para mim. Corri e entrei na casa, sorrateiro. Ela me fez passar por um aposento, depois por outro com tapeçarias nas paredes (embora fosse escuro demais para enxergá-las direito), em seguida pela cozinha, onde o cozinheiro me olhou, agachado ao lado de uma panela no fogo.

- Não faça barulho, senão vai dar problema - resmungou ele.

Eu não lembrava se MarieCéleste era barulhenta quando abria as pernas, mas continuei seguindo-a e olhei o cozinheiro quando saíamos pela porta dos fundos.

- Idiota! -xingou ele, entredentes.

Não tive tempo de entender o aviso latente no xingamento. Cheguei ao jardim dos fundos e ouvi alguma coisa atrás de mim no mesmo instante em que me deram um soco na cabeça que me fez ver estrelas.

Parei e, sem ver quem me atacava, levei um chute nas costas e caí no chão. O homem, então, passou a me chutar dos lados e na cabeça. Consegui olhar para cima, com sangue escorrendo dos olhos, e vi MarieCéleste em pé, com os braços cruzados.

- Cuidado com a roupa lavada! - disse ela para o homem que eu não conseguia ver.

Tarde demais: o lençol atrás de mim já estava com espirros de sangue.

Consegui gemer antes de o homem me dar outro chute. Fez-se um estranho silêncio, só ouvi o som dos socos e dos sapatos de MarieCéleste no chão, mudando

o peso do corpo de um pé para outro. Enrosquei-me como uma bola, tentando proteger as vísceras e receber os socos nas costas. Depois de dois chutes na cabeça, tudo escureceu.

Quando acordei, ouvi uma espécie de guincho alto, como de um coelho pego numa armadilha. Por que MarieCéleste está fazendo esse ruído?, pensei, - Fique quieto - murmurou ela, e percebi que o guincho era meu.

- Chuta o saco dele! - mandou MarieCéleste. Chuta bastante para ele nunca mais fazer filho em ninguém!

O homem chutou meus joelhos para eu me desenroscar, e, quando ia dar o conp degrâce, fechei os olhos. Ouvi, então, uma janela rangendo ao ser aberta. Descerrei os olhos e vi uma pessoa: era Claude, debruçada numa janela, bem em cima de mim.

Arregalou os olhos claros. Parecia uma tira de tapeçaria.

- Arrêtez! - gritou MarieCéleste.

O homem que me batia parou, olhou para cima e sumiu. Nunca pensei que alguém pudesse desaparecer tão rápido! Mas vi bem a cara dele: era o mordomo dos Lê Viste. Eu devia mesmo tomar cuidado, pois ele sempre me detestara; pelo visto, odiava-me bastante para arriscar perder o emprego. Era esse o motivo, ou então ele também se engraçava com MarieCéleste.

- O que foi? É você, MarieCéleste? - gritou Claude.

- E esse é... Nicolas?

Surgiram outros rostos ao lado de Claude: Geneviève de Nanterre, Béatrice, Madame e Mademoiselle de Belleville. Era tão estranho ver aquelas cabeças juntas olhando para mim, lá embaixo, como pássaros numa árvore olhando um verme - tão estranho que fechei os olhos outra vez.

- Oh, Mademoiselle, um homem atacou esse Monsieur! Não sei de onde veio, pulou em cima dele - dizia MarieCéleste, chorando.

De repente, os socos que levei doeram no corpo todo. Gemi sem querer, sentindo o gosto de sangue na boca.

- Vou descer - disse Claude.

- Não, não vai. Béatrice, ajude MarieCéleste a socorrer o homem! - Era a voz da mãe de Claude.

Quando abri os olhos, as cabeças haviam sumido; só restava a de Claude. Ela me olhava; e estava bem calma. Sorrimos. Ver o rosto dela era como apreciar um céu azul em meio à folhagem de uma árvore. De repente ela sumiu, como se tivesse sido puxada da janela.

- Não abra a boca - avisou MarieCéleste, baixo. Você estava me visitando e um homem tentou roubá-lo.

Continuei deitado no chão. Não ia ganhar nada se dissesse para Béatrice o que realmente havia acontecido. Ainda por cima MarieCéleste podia contar que tínhamos uma filha e Claude ficaria sabendo. Eu não queria que ela soubesse.

Béatrice veio segurando uma tigela de água e um pano. Ajoelhou-se a meu lado, colocou minha cabeça no colo e começou a tirar o sangue do meu rosto. Só de mexer a cabeça fiquei nauseado e tive de fechar os olhos.

Quando MarieCéleste repetiu que um homem me atacara, tentando me roubar, Béatrice não disse nada. MarieCéleste, então, ficou agitada, foi inventando uma história cada vez mais complicada com disputas e bolsas de dinheiro, amigos de irmãos e palavrões. Criou uma grande confusão.

Finalmente, Béatrice cortou a conversa: - Como foi que o homem entrou na casa? Devia conhecer alguém aqui dentro.

MarieCéleste começou a falar, mas acabou percebendo que as palavras eram suas inimigas e calou-se como se tivessem enfiado um pano em sua boca.

Béatrice abriu minha túnica e apertou o pano nos meus ombros e peito, fazendo-me gemer e reclamar.

Meus gritos soltaram a língua de MarieCéleste outra vez: - Não sei o que aquele homem estava fazendo...

- Vá buscar água limpa e morna! - mandou Béatrice. Quando MarieCéleste entrou na casa, alguém deve ter aparecido na porta, atrás de mim, pois Béatrice virou a cabeça.

- Pergunte se têm dorônico. Se não, pode ser um maço de margaridas secas ou calêndulas com água morna.

A pessoa, não sei quem era, mexeu-se e sumiu.

- Era Claude? - perguntei, mal conseguindo mexer os lábios.

Béatrice não respondeu. Vi aqueles olhos castanhos que ocupavam grande parte de seu rosto sem graça.

- Não, era a menina da casa - respondeu ela.

Não podia saber se estava ou não mentindo. Virei a cabeça e cuspi dois dentes.

Eles quase bateram na brilhosa saia azul de Béatrice e caíram no chão.

- O que você fez para apanhar tanto? Seja o que for devia merecer - disse Béatrice, calma.

- Béatrice, enfie a mão no meu bolso.

Suas sobrancelhas pintadas em forma de arco ficaram ainda mais arqueadas.

- Por favor, tem um papel no meu bolso para você entregar.

Ela ficou indecisa, mas tirou o papel do meu gibão. Estava manchado de sangue.

- Entregue-o a Claude. Béatrice olhou para trás.

- Você sabe que não posso fazer isso - sussurrou.

- Pode sim, por favor! Ela vai gostar que você o faça. Você é dama de companhia dela, n 'est-ce pás? Tem de fazer o que for melhor para ela. - Olhei firme. As mulheres sempre dizem que meus olhos são o de que mais gostam em mim. Ainda bem que não são meus dentes...

Béatrice sorriu, inclinou a cabeça, e o queixo tocou no pescoço e as narinas se abriram. Não disse nada, mas enfiou o bilhete na manga do vestido.

MarieCéleste voltou com uma tigela cheirando a flores. Fechei os olhos e deixei que as duas me lavassem. Se fosse outra a situação, eu teria gostado de merecer as atenções de dois pares de mãos femininas. Porém, naquela hora, eu estava tão doído que só queria dormir para não sentir mais dor. Madame de Belleville apareceu por um instante e mandou que chamassem os homens para me levarem de charrete para casa. Eu estava quase dormindo quando a voz áspera da mulher falou com MarieCéleste.

Fiquei três dias de cama, até conseguir me mexer. Minhas juntas estavam duras, os olhos com manchas escuras, o nariz inchado, e eu tinha uma costela quebrada, que causava uma dor aguda ao menor gesto. Fiquei na cama, bebi cerveja e não Comi nada; dormia quase o dia todo, e à noite ficava maldizendo a dor.

Esperava que Claude viesse. No quarto dia, ouvi passos na escada, mas não foi ela quem abriu a porta. Foi Léon Lê Vieux, que parou na porta e deu uma olhada no quarto frio e sujo - a moça do Lê Coq d'Or ainda não tinha vindo acender a lareira e levar a comida que trouxera no dia anterior. Léon não costuma me visitar, manda um mensageiro me chamar. Fiz um esforço para me sentar na cama.

- Você foi bem inocente, não?

Eu ia reclamar, mas parei. Léon parecia saber de tudo não valia a pena mentir para ele. Deitei-me outra vez.

- Levei uma surra e tanto. Léon riu.

- Agora descanse, precisa ficar bom logo. Por causa de seus males, vou mandá-lo a uma peregrinação.

Olhei para ele.

- Como? Onde?

Léon sorriu. - Não ao Sul, mas ao Norte. Para ver uma relíquia em Bruxelas.

GENEVIÈVE DE NANTERRE

Claude não olhou Para mim enquanto caminhávamos a pé para a rue du Four. Ela ia tão rápido que quase atropelou um rapaz que varria o estrume e o lixo da rua. Beatnce corria atrás. É

menor do que Claude, que puxou ao pai, na altura. Se fosse uma outra situação, eu acharia engraçado ver Beatnce trotando atrás da patroa como um cavalinho. Mas hoje não achei graça nenhuma.

Desisti de acompanhar minha filha e fui andando mais devagar com as minhas damas de companhia.

Daí, a pouco Claude e Beatnce estavam longe, dando trabalho ao cavaleiro que nos acompanhara na ida e na volta da rue des Cordehers. Ele ia até elas e voltava para nós, não ousando pedir para Claude andar mais devagar, nem para eu andar mais depressa. Falou com Béatrice, mas não adiantou, e quando chegamos à Porte St Germain, as duas estavam fora do alcance de nossas vistas.

- Deixe-as. De qualquer jeito, elas estão perto de casa falei para o cavaleiro, quando ele voltou para o nosso lado As damas não paravam de falar, e devem ter estranhado essa minha ordem, pois no último ano eu mativera Claude sob vigilância severa. E, naquela hora, deixava-a sumir exatamente quando o homem que eu não queria que ela encontrasse aparecera na casa onde fazíamos uma visita. Como Claude conseguira aquele encontro debaixo dos nossos narizes? Eu mal conseguia acreditar, embora tivesse reconhecido Nicolas des Innocents no mesmo instante em que o vira estirado no

chão, com o rosto machucado e ensangüentado. Levei um susto e tive de me controlar para Claude não perceber. Ela também não se mexeu, como se quisesse esconder o que sentia. Ficamos as duas lado a lado, petrificadas, olhando para ele. Só Béatrice ficou zoando como uma abelha em volta das flores.

Foi um alívio mandar que descesse para acudi-lo.

Estou cansada de me preocupar com Claude. Não agüento mais pensar no que pode acontecer, embora ela mesma não se importe. Chegou uma hora em que tive vontade de jogá-la nos braços do pintor e nunca mais pensar nesse problema. Claro que eu não poderia fazer uma coisa dessas, mas deixei que ela e Béatrice sumissem na nossa frente na rua, para ver que atitude ela tomaria por mim.

Ao chegarmos em casa, o mordomo avisou que Claude tinha ido para seu aposento.

Subi para o meu e mandei chamar Béatrice, enquanto uma das minhas damas ficava no lugar dela ao lado de Claude.

Béatrice entrou, caiu de joelhos ao lado da cadeira onde eu estava sentada e começou a falar antes de eu pronunciar qualquer palavra.

- Madame, ela diz que não sabia que Nicolas dês Innocents estaria na rue dês Cordeliers. Ficou tão surpresa quanto nós ao vê-lo, ainda por cima do jeito em que o pintor se encontrava. Claude jura por Nossa Senhora que não teve qualquer contato com ele.

- E você acredita nela?

- Ela não pode ter tido qualquer contato, senão eu saberia. Fiquei ao lado dela todos esses meses.

- À noite também? Você deve dormir...

- Nunca durmo antes dela. Eu me belisco para manter-me acordada. - Os olhos de Béatrice estavam arregalados como eu nunca tinha visto. - E quando ela

dorme, amarro uma corda de seda no calcanhar dela, para que não se levante sem eu perceber.

- Claude sabe desatar nós.

Eu estava me divertindo com o nervosismo de Béatrice. Era evidente que temia perder sua posição.

- Madame, ela não viu Nicolas. Juro para a senhora. Béatrice enfiou a mão na manga do vestido e tirou um papel dobrado. O papel tinha respingos de sangue, bem como a manga e o corpete dela.

- Olhe, talvez esse papel nos mostre como isso aconteceu. Nicolas me deu para entregar a ela.

Peguei o papel e o abri com cuidado. O sangue já estava seco.

MonAmour, Venha me ver: quarto em cima, Lê Coq d'Or, depois da rue St Denis. Qualquer noite, o mais rápido. Ca c'est mon seul désir. Nicolas Um grito rasgou minha garganta. Béatrice caiu para trás de susto e afastou-se de mim como se eu fosse um javali prestes a atacar. Todas as damas se levantaram causando uma confusão.

Não consegui evitar. Era demais ler minhas próprias palavras - pois eu sabia que Nicolas estava repetindo o que eu falara - num pedaço de papel ensangüentado, escritas numa taberna pelas mãos ignorantes de algum bêbado sarcástico.

Claude ia me pagar por aquilo. Se eu não podia realizar mon seul désir, ela também não.

- Vá lavar seu vestido, está imundo! - falei para Béatrice, amassando o papel.

Ela me olhou, puxou o vestido com as mãos trêmulas e levantou-se.

Depois que saiu, falei às minhas damas: - Venham mudar meu traje e fazer meu cabelo. vou ver meu senhor.

No último ano, não comentei nada com Jean acerca dos problemas que enfrentava com nossa filha rebelde.

Sabia o que ele faria: jogaria as minhas próprias palavras na minha cara e me culparia de não cuidar direito de Claude. Ele não é amoroso com Claude nem com as outras filhas - embora seja um pouco mais carinhoso com Jeanne.

Mas Claude é a herdeira dele, queira ele ou não. Há certas coisas que se esperam dela e compete a mim prepará-la. Se Jean soubesse a verdade - que Claude preferia perder a virgindade para um artista parisiense do que preservá-la para o esposo -, bateria em mim, não nela. E por que em mim? Por não tê-la ensinado a obedecer.

Fui obrigada a quebrar meu silêncio. O que ia propor exigia a autorização dele - a mesma autorização que Père Hugo disse que eu não teria, um ano antes.

Jean estava em seu aposento com o administrador, cuidando das contas da propriedade. Era uma tarefa que eu devia fazer, mas Jean preferia ele mesmo cuidar, como em tudo. Fiz uma pequena reverência ao lado da mesa onde estavam.

- Monseigneur, gostaria de lhe falar a sós - disse eu. Jean e o administrador levantaram a cabeça e franziram o cenho, como se fossem marionetes controladas pela mesma pessoa. Meus olhos se fixaram na gola de pele do traje de Jean.

- Não pode esperar? O administrador esteve fora e acabamos de começar a trabalhar.

- Perdão, Monseigneur, mas é urgente.

Jean pensou por um instante e disse ao administrador: - Espere aí fora.

O administrador concordou com um gesto da cabeça como se tivesse dormido mal e ficado com o pescoço duro. Fiz o mesmo. Ele retribuiu com uma pequena reverência e saiu.

- O que é, Geneviève? Estou muito ocupado. Eu precisava falar com todo tato.

- E a respeito de Claude. Ela deverá se casar no próximo ano, como convém, e Monseigneur irá resolver logo - ou talvez já tenha resolvido - quem será seu lorde e senhor. Já comecei a prepará-la para a nova vida, ensinei-lhe como se cuidar, como se vestir, como lidar com os criados e as tarefas da casa, como receber convidados.

Ensinei também alguns passos de dança. Ela vai indo bem em tudo.

Jean permanecia calado, apenas martelando um dedo na mesa. O silêncio dele costuma fazer com que eu use mais palavras para tentar preencher o vazio. Ele fica me olhando e tudo que digo parece o palavrório de um bufão no mercado. Comecei a andar de um lado para o outro.

- Mas ela precisa de uma determinada orientação que não posso lhe dar. Claude ainda não compreendeu a vontade da Igreja, de Nossa Senhora e de Nosso Senhor Jesus Cristo. Jean sacudiu a mão num gesto de impaciência que conheço bem. Já o vira fazer isso com homens que falavam de coisas que não interessavam muito a ele. A indiferença de Claude pela Igreja podia bem vir do pai - ele sempre menosprezara a importância da religião para a sua alma e só se interessava pelo poder da Igreja sobre o Rei.

Para ele, os padres não passam de homens para se negociar, e a Missa, de um local de encontro para negócios da Corte.

Continuei, firme: - Para uma dama da nobreza, é importante ter uma firme fé na Igreja. A Dama nobre deve ser pura, espiritual e fisicamente. E o que um cavalheiro nobre espera dela.

Jean franziu o cenho e fiquei pensando se eu havia ido longe demais. Ele não gosta de ser lembrado de que muitos não o consideram um autêntico nobre. Pensei no choque que tive quando meu pai me disse que me

casaria com Jean Lê Viste. Minha mãe se trancou em seu aposento e chorou, mas eu tive o cuidado de não demonstrar meus sentimentos por me unirem a um homem cuja família comprara a sua nobreza. Minhas amigas foram gentis comigo, mas eu sabia que riam pelas minhas costas e sentiam pena de mim: "Pobre Geneviève, serviu de fantoche nas jogadas do pai na Corte!" Nunca fiquei sabendo o que papai ganhou por me dar em casamento a Jean Lê Viste. Pois, certamente, Jean se fez graças ao apoio que recebeu da família de meu pai. Eu é que perdi.

Fui uma menina feliz, parecida com Claude na idade dela. Mas, depois de passar anos com um homem tão frio, meu sorriso desapareceu.

- Diga logo o que é - disse Jean.

- Claude é agitada e, às vezes, difícil. Acho que seria bom para ela ficar num convento até a data do enlace - falei.

- Num convento? Minha filha não é freira!

- Claro que não. Mas passar uma temporada lá irá ajudá-la a entender o valor da Missa, das orações, da confissão e da comunhão. Ela mal recita as orações! O padre diz que ela inventa pecados na confissão e não sei se engole a hóstia na comunhão. Uma de minhas damas acha que Claude já cuspiu a hóstia no pátio da igreja, depois da Missa.

Jean parecia desdenhoso, e, então, recorri a algo mais próximo da verdade: - Ela tem um jeito impetuoso que nenhum esposo vai aceitar. Temo que isso a prejudique. O convento irá acalmá-la.

Existe um fora de Paris, em Chelles, onde tenho certeza de que as freiras poderão ajudá-la.

Jean estremeceu de raiva.

-Jamais gostei de freiras. Minha irmã virou freira.

- Claude não vai ser freira. Vai ficar segura lá e não poderá fazer nenhuma bobagem. Os muros são bem

altos.

Eu não devia ter dito essa última frase. Jean se empertigou na cadeira e jogou um pedaço de papel no chão.

- Claude tem saído de casa sem acompanhantes?

- Claro que não, mas acho que gostaria. Quanto antes ela se casar, melhor - falei, abaixando-me para pegar o papel no chão. Mas ele o pegou antes, os joelhos rangendo.

- Creio, porém, que ela gostaria. Quanto mais cedo ela se casar, melhor.

- Por que você não cuida melhor de sua filha, em vez de encarcerá-la com freiras?

- Eu cuido muito bem dela, mas uma cidade como Paris tem suas tentações. O convento seria também uma forma de completar sua educação religiosa.

Jean pegou uma pena de ganso e fez uma marca no papel.

- As pessoas vão pensar que você não consegue controlar sua filha, ou que tem alguma coisa errada com ela, já que precisa escondê-la.

Ele quis dizer que ela podia estar esperando um filho.

- Não é errado uma dama ficar num convento antes de casar-se. Minha avó ficou, minha mãe também. E Claude pode vir nos visitar de vez em quando, nos dias santos

- na Assunção de Nossa Senhora, nos Finados e no Dia do Advento -, para que as pessoas vejam que não há nada de errado com ela.

- Não consegui evitar a zombaria na minha voz.

Jean apenas me olhou.

- Se preferir, também poderemos adiantar a data do enlace, se Monseigneur já terminou as conversas com a família do noivo - falei, rápido. - Converse agora, em vez de na próxima primavera. A recepção poderá não ser tão grandiosa, mas isso não importará.

- Não. Não vai parecer direito apressar as núpcias. E as tapeçarias só estarão prontas na próxima Páscoa.

Mais uma vez as tapeçarias! Tive de morder o lábio para não cuspir de raiva, - As tapeçarias precisarão mesmo ser vistas no casamento? - Tentei parecer menos cerimoniosa. - Poderíamos colocá-las na Festa de São Miguel, depois que voltássemos de Arcy, e as tapeçarias seriam presente de núpcias para Claude.

- Não! -Jean largou a pena de ganso e parou. - As tapeçarias não serão presente de núpcias; se fossem, teriam o brasão do esposo também. Elas comemoram meu cargo na Corte. Quero que meu genro veja o brasão dos Lê Viste nelas e saiba com que família estará se unindo pelo casamento. Assim, jamais esquecerá. -Jean dirigiu-se até a janela e olhou para fora. O dia estivera ensolarado, mas, naquele momento, começava a chover.

Fiquei calada. Jean olhou meu rosto impassível.

- Podíamos adiantar o enlace por um mês ou dois. Fevereiro não tem um dia dedicado às núpcias? - perguntou ele, para me acalmar.

- Tem a Festa de São Valentim.

-Então? Poderíamos fazer nessa data. Léon Lê Vieux me disse outro dia que o ateliê de Bruxelas está um pouco atrasado com as tapeçarias. vou mandar pressioná-los cortando dois meses de pagamento, assim eles trabalharão mais. Nunca entendi por que demoram tanto para fazer uma tapeçaria. Afinal, é só tecer. Enfiar a lâ de um lado, tirá-la do outro; até as mulheres são capazes de fazer isso. - Ele se afastou da janela. - E peça a Claude para falar comigo antes de mandá-la para o convento.

Fiz uma reverência. - Sim, meu senhor. - Quando me levantei, olhei bem para ele.

- Obrigada, Jean.

Ele concordou e, embora não sorrisse, seu rosto se suavizou. É um homem duro, mas às vezes me ouve.

- Com quem ela se casará, Monseigneur? - perguntei. Ele balançou a cabeça.

- Isso é problema meu, não é para você se preocupar. Cuide só da noiva.

- Mas...

- Já que não me deu um filho, tenho o direito de escolher um. - Ele se virou de costas para mim, e o instante de ternura acabou. Estava me castigando por só ter tido filhas. Eu podia chorar, mas já tinha chorado tudo por causa disso.

Voltei para meu aposento e mandei chamar Béatrice outra vez. Ela apareceu num traje de brocado amarelo, que achei vistoso demais. Contudo, pelo menos, não estava manchado com o sangue do artista.

- Ponha as coisas de Claude na arca de viagem. Só as roupas mais simples, sem nenhuma jóia. Vou levar vocês duas a passeio - falei.

- Aonde, Madame? - Béatrice parecia amedrontada; deveria estar mesmo. Passar nove meses no convento seria um castigo para ela também. Mas eu ainda gostava dela.

- Não se preocupe, cuide bem de Claude e será recompensada.

Mandei chamar um cavaleiro, recomendei que preparasse minha carruagem e enviasse antes um mensageiro ao convento, anunciando nossa visita. Depois, mandei Claude falar com o pai. Irritada, minha vontade era encostar na porta e ficar ouvindo a conversa, mas não seria uma atitude digna e, então, ocupei-me em me preparar.

Troquei a roupa de brocado que usei para falar com Jean por uma outra simples, de lã escura, que vesti na Sexta-feira Santa. Tirei as jóias dos cabelos e troquei o crucifixo de pedras preciosas por uma cruz de madeira. Ouvi uma batida na porta e, em seguida, Claude entrou. Estava com os olhos vermelhos, e fiquei pensando o que

Jean teria dito a ela. Pedi para meu esposo não dizer aonde ela ia, assim não ficaria chorando.

Ela veio direto para mim e ajoelhou-se a meus pés.

- Perdão, mamãe, faço qualquer coisa que você quiser. Percebi que a voz tinha medo e um pouco de obediência, embora no fundo ainda houvesse um toque de rebeldia.

Em vez de ficar de olhos baixos, em sinal de respeito, ela me olhava de soslaio, como um passarinho faz quando está sob a pata de um gato, buscando um jeito de escapar.

As freiras iam ter muito o que fazer com ela. Entrei com Claude e Béatrice na carruagem. As duas ficaram surpresas, esperavam um passeio a cavalo; deviam estar achando que íamos à casa de minha mãe em Nanterre. Fizemos outro caminho: depois de atravessarmos o Sena na Pont de Notre Dame, viramos para leste e saímos de Paris pela Bastille. Claude ficou sentada longe de mim, com Béatrice apertada entre nós duas. Pouco falamos. Minha carruagem não é para viagens longas, mas para pequenos passeios pela cidade, íamos aos solavancos e às vezes eu tinha a impressão de que as rodas se soltariam. Não consegui dormir; Claude e Béatrice cochilaram um pouco quando escureceu; não viram os campos passando pela janela.

Chegamos aos muros da cidade quase ao amanhecer. Dali a pouco as igrejas estariam rezando as Landes. Claude nunca havia ido a Chelles, e não fez nada quando paramos na frente da pequena porta no grande muro. Béatrice reconheceu o lugar na hora e ficou preocupada. Saltei e toquei o sino ao lado da porta.

- Madame... - começou ela a dizer, mas fiz sinal para se calar.

Só quando uma freira abriu a porta e Claude viu o hábito branco emoldurando o rosto à luz da tocha foi que, de repente, entendeu que lugar era aquele.

- Não! - gritou, encolhendo-se no canto da carruagem. Não dei atenção e falei baixo com a freira.

Ouvi um barulho, e Béatrice gritou: - Madame, ela fugiu!

- Peguem-na! - falei baixo para os cavaleiros que estavam limpando os cavalos.

Um deles deixou cair o pano e correu pela estrada no escuro, onde a luz da tocha não chegava. Foi por isso que eu havia trazido Claude de carruagem - se estivéssemos a cavalo, ela poderia fugir a galope. Logo depois o cavaleiro voltou, trazendo Claude. Ela estava mole como um saco de centeio e não ficou em pé quando o cavaleiro a colocou a meu lado.

- Leve-a para dentro - mandei. A freira levantou a tocha bem alto e fizemos nossa lastimável entrada no convento.

Levaram Claude. Béatrice foi atrás dela como um pintinho que perdeu a mãe. Fui assistir à cerimônia das Landes na capela com as freiras e caí de joelhos, sentindo

uma leveza espiritual que não experimentava há tempos. Depois, fui ao encontro da abadessa, para tomar uma taça de vinho, e dormi um pouco. Descansei tão bem no estreito catre de palha como nunca na minha enorme cama com as damas perto, na rue du Four.

Não vi Claude antes de ir embora. Só mandei chamar Béatrice, que parecia cansada e submissa. Sua reverência foi menos animada que o normal e vi que não conseguiu arrumar direito o cabelo - em geral, minhas damas arrumam umas o cabelo das outras. Além disso, não havia espelhos em Chelles. Gostei de ver que ela havia trocado o traje de brocado amarelo por algo mais discreto. Andamos pelos pátios, depois percorremos o jardim central onde algumas freiras estavam ocupadas plantando e capinando, cavando e amarrando. Não sou

jardineira, mas sei apreciar o prazer simples da cor e do perfume de uma flor.

Alguns narcisos e jacintos ainda estavam floridos, e as violetas e pervincas começavam a desabrochar. Ramos de lavanda, alecrim e tomilho saíam dos arbustos, e a hortelã crescia em moitas. Naquele jardim calmo, ao sol da manhã, com as freiras ocupadas em silêncio à minha volta e o sino que em breve as chamaria para as Terças, senti uma ponta de inveja por Claude poder ficar lá e eu não. Pensei naquele lugar como um castigo para ela, além de uma proteção e educação. Mas, para mim, também era um castigo ela ter o que eu não podia.

- Olhe esse jardim, Béatrice, é como o Paraíso. Como o céu na Terra - falei, afastando meus pensamentos.

Béatrice não respondeu.

- Aonde vocês estavam na hora das Laudes? Sei que era bem cedo, mas vão se acostumar.

- Eu estava cuidando de Mademoiselle.

- Como está ela?

Béatrice deu de ombros. Em geral, ela não faria um gesto tão rude. Estava zangada comigo, embora, claro, não pudesse dizer.

- Ela não falou desde que chegou aqui. Também não comeu, embora não tenha perdido grande coisa.

É verdade que o mingau aqui é ralo, e o pão, duro.

- Ela vai se acostumar com o tempo. Este é o melhor lugar para ela ficar, como você sabe. Ela vai melhorar aqui falei, calma.

- Espero que esteja certa, Madame. Empertiguei-me.

- Acaso está questionando minha decisão de trazê-la para cá?

Béatrice abaixou a cabeça.

- Não, Madame.

- Ela vai estar bem melhor na Festa da Purificação da Virgem, em fevereiro.

Béatrice levantou a cabeça, surpresa. - A Purificação? Mas essa festa já passou faz tempo!

- Estou falando da próxima.

- Vamos ficar aqui até lá? - A voz dela se elevou. Sorri.

- O tempo vai passar mais rápido do que você pensa. Se quiser, arrumo um casamento para você, com a condição de ficarem direito e se comportarem, as duas - destaquei, para que ela entendesse.

A coitada tinha um rosto desanimado e uma boca triste, mas olhos ansiosos.

- Sabe que serão bem cuidadas aqui. Seja carinhosa com Claude, obedeça à abadessa e tudo dará certo - recomendei.

com isso, deixei-a naquele lindo jardim, lastimando entrar na minha carruagem para a longa viagem de volta à rue du Four. Confesso que chorei um pouco ao ver os campos passando, e de novo quando chegamos aos portões de Paris. Não queria voltar mais para a rue du Four. Mas era preciso.

Ao chegarmos, chamei os cavaleiros antes que levassem os cavalos e paguei-os muito bem para manterem a boca fechada sobre aonde havíamos estado. Só eles e Jean sabiam aonde Claude estava - não contei aonde havíamos ido nem para as minhas damas. Não queria que Nicolas descobrisse e fosse lá importunar as freiras.

Tomei todos os cuidados, porém ainda estava insegura e gostaria que Nicolas se mantivesse bem longe. Não confiava nele. Vi como olhou minha filha quando estava lá, ensanguentado, no chão. Era um olhar que jamais Jean me havia dado. Fiquei roída de inveja.

Ao entrar no pátio, tive uma idéia e corri para as cocheiras.

- vou sair de novo, levem-me à rue des Rosiers - falei para os surpresos cavaleiros.

Léon Lê Vieux também se surpreendeu - é raro que uma nobre o visite, ainda mais sem acompanhantes. Foi muito gentil e me fez sentar ao lado da lareira. Léon vai muito bem de vida, tem uma ótima casa, cheia de tapetes, arcas entalhadas e baixelas de prata. contei dois criados, embora tenha sido a esposa quem nos trouxe vinho doce e me fez uma profunda reverência. Parecia bem contente, e seu traje de lã era entremeado de seda.

- Como tem passado, Dame Geneviève? - perguntou Léon, quando nos acomodamos. - E Claude? Jeanne e Petite Geneviève? - Léon jamais deixava de perguntar sobre cada uma de minhas filhas. Sempre gostei dele, embora tema por sua alma. A família dele se converteu, mas ele ainda não é como nós. Olhei em volta, buscando algum sinal, e vi apenas um crucifixo na parede.

- Preciso de sua ajuda, Léon - avisei, dando um gole em meu vinho. - Tem falado com meu esposo?

- A respeito das tapeçarias? Sim, falei esta manhã. Estava acabando de combinar como ir a Bruxelas quando Madame chegou.

- Quero lhe pedir uma coisa. Poderá ser bom para você também. Mande aquele Nicolas dê's Innocents para Bruxelas em seu lugar.

Léon parou a taça a meio caminho da boca.

- É um pedido inesperado. Posso saber por quê, Madame Geneviève?

Eu queria contar a alguém. Léon é um homem discreto - eu poderia falar com ele sem que o assunto virasse intriga no dia seguinte. Então contei-lhe tudo que evitara dizer a Jean - como Claude e Nicolas haviam se encontrado pela primeira vez no aposento de Jean, tudo que eu fizera para afastá-los desde então, e o episódio na rue dê's Cordeliers.

- Levei-a para Chelles, onde ficará até a data das núpcias - terminei. - Só quem sabe disso é você, Jean e

eu. Por isso adiantamos o enlace para pouco antes da Quaresma, em vez de após a Páscoa. Mas não confio em Nicolas.

Quero que ele passe um tempo fora de Paris até que eu tenha certeza de que não descobrirá onde Claude está. Você tem negócios com ele, diga para ir a Bruxelas em seu lugar.

Léon Lê Vieux ouviu impassível. Quando terminei de falar, ele balançou a cabeça.

- Eu não devia ter deixado os dois sozinhos - resmungou.

- Quem?

- Nada, Madame Geneviève. Alors, vou fazer como deseja. Para mim será ótimo, pois não estava nada disposto a ir a Bruxelas agora. Essas tapeçarias parecem estar causando problemas, n'est-ce pás? - resmungou.

Suspirei e olhei para a lareira. - Sim. Estão dando mais problemas do que o preço de qualquer outra tapeçaria!

CLAUDE LÊ VISTE

No começo, não saí de minha cela, não comi, nem falei com ninguém, a não ser com Béatrice - e bem pouco, pois havia olhado o conteúdo das minhas arcas. As roupas que ela colocara lá eram os trajes mais simples - nada de seda, brocado ou veludo. Não havia jóias para meu cabelo e pescoço, nem toucas, mas simples lenços, nada para tingir meus lábios, e apenas um pente de madeira. Acusei-a de saber para onde estávamos indo e não me ter contado, mas ela negou que soubesse.

Não acredito nela.

Foi fácil não comer, pois o que me deram não serve nem para alimentar porcos. A cela, então, é tão pequena e despojada que, apenas um dia passado, já estou louca para sair daqui. Há espaço só para um catre com colchão de palha e um penico; nas paredes de pedra, apenas um pequeno crucifixo de madeira. Béatrice não conseguiu colocar seu catre na minha cela - dormiu do lado de fora, colada na minha porta.

Eu nunca havia dormido num colchão de palha. É espinhento e faz barulho quando eu me mexo; sinto falta das macias penas de ganso que tenho em casa. Papai ficaria muito zangado se visse a filha dele dormindo sobre palha.

Béatrice trouxe papel, uma pena de ganso e tinta de escrever. Pensei em mandar um bilhete para papai vir me buscar.

Afinal, ele não disse nada a respeito de conventos quando conversou comigo; só me lembrou que eu levava o nome dele e que devia obedecer mamãe em tudo. Pode ser verdade, mas não acho que ele estava querendo dizer que eu ia ficar trancafiada num convento, dormindo sobre palha e quebrando os dentes num pão duro como pedra.

Nunca consegui ficar à vontade para falar com papai. Queria dizer a ele que não pode confiar no mordomo que tem, que eu o vi batendo em Nicolas, na rue dès Cordeliers.

Claro que eu não podia falar em Nicolas; portanto, nada disse, só fiquei ouvindo ele contar do homem com quem vou me casar um dia e da importância de eu continuar virgem e piedosa para honrar o nome da família. Chorei de frustração. Depois disso, não chorei mais, porém continuo zangada com todos: papai, mamãe, Béatrice, e até Nicolas, por ter ajudado a me enfiar nesse convento, mesmo que nem saiba.

Na quarta manhã em que acordei, estava tão entediada com a minha cela que rompi o silêncio com Béatrice e implorei para que procurasse um mensageiro. Ela voltou mais tarde, dizendo que a abadessa informara que eu não podia enviar nem receber recados. O que quer dizer, então, que estou realmente encarcerada.

Mandeí Béatrice sair da cela e depois também saí com o bilhete que havia escrito para meu pai. Amarrei uma pedra nele e tentei jogar por cima do muro, esperando que algum nobre do outro lado o achasse, sentisse pena de mim e desse um jeito de entregá-lo a papai. Tentei jogar mais duas vezes, porém o papel soltava da pedra e, além disso, eu estava me sentindo muito fraca para conseguir jogá-lo por cima daquele muro alto.

Então chorei lágrimas amargas. Mas não voltei para a cela. Fazia sol e tinha um jardim no meio do pátio, que era bem melhor do que minha pequena cela. Sentei num dos bancos de pedra em volta do pátio, sem me importar que o sol me queimasse. Algumas freiras estavam trabalhando no jardim e me olharam, curiosas. Não lhes dei atenção. Na minha frente, um canteiro de rosas que começavam a florir, e a roseira mais perto de mim estava carregada de botões brancos. Olhei-os, peguei um espinho e enfiei-o no dedo. Pingou uma gota de sangue e deixei-a escorrer pela mão.

Ouvi, então, algo que jamais imaginei ouvir num convento. Em algum lugar lá dentro, uma criança riu. Um instante depois, ouvi pequenos passos vindo da porta mais próxima e uma menininha surgiu na soleira. Usava um traje cinza, uma touca branca e parecia Petite Geneviève quando menorzinha. Era quase um bebê e dava passos incertos, como se estivesse prestes a cair e quebrar a cabeça. Tinha uma carinha engraçada, bem decidida e séria, como se caminhar fosse um jogo de xadrez que ela precisasse vencer. Eu não era capaz de

dizer se seria bonita quando crescesse - o rosto parecia o de uma velha, o que nem sempre é bonito num bebê. Era bochechuda e tinha a testa pequena sobre penetrantes olhos castanhos - que poderiam ser mais claros. Mas os cabelos eram lindos, ruivos, caindo em grandes cachos.

- Venha aqui, mapetite, sente-se ao meu lado - chamei, limpando no vestido o sangue de minha mão.

Atrás da menina apareceu uma freira com seu longo hábito branco. Aqui em Chelles elas usam branco; pelo menos não fico rodeada de freiras de preto - cor que não combina com o rosto feminino.

- Achei você, sua malcriada! Tiens, venha aqui - ralhou a freira, e o efeito foi igual ao que se estivesse falando com uma cabrita, pois a menina nem se importou.

Passou pela Porta, sem firmeza, tropeçou no degrau e caiu esparramada no pátio.

-Ai! - gritei, e corri para acudir. Nem precisava: ela se levantou como se nada tivesse acontecido, e correu.

A freira não foi atrás; ficou me olhando de cima a baixo.

- Quer dizer que você saiu da cela - concluiu, azeda.

- Não vou ficar muito tempo aqui, voltarei logo para casa - respondi, rápido.

A freira ficou calada, olhando-me. Parecia muito interessada na minha roupa sem graça. Mas não tão sem graça, comparada com a dela, que era de lã branca áspera e caía no corpo como um saco. Meu vestido tinha sido marrom, mas estava desbotado; entretanto, a lã era ótima e o corpete tinha pequenos bordados brancos e amarelos.

Ela olhava para eles, quando eu disse: - Foi bordado por uma de nossas criadas, que é - aliás, foi - muito boa bordadeira.

A freira fez uma cara esquisita e olhou para a menina, que já havia percorrido dois lados do pátio e estava chegando ao terceiro.

- Attention, monpetit chou! Olha onde pisa! - disse a freira.

O aviso pareceu ter o efeito de provocar o que pretendia evitar. A menina caiu de novo, e desta vez ficou no chão e começou a chorar.

A freira correu pelo pátio, com a cauda do hábito se arrastando atrás. Conseguiu pegar a menina e zangou-se. Era evidente que não estava acostumada com crianças.

Corri para onde estavam, ajoelhei-me no chão e abracei a menina, colocando-a no colo como fiz muitas vezes com Petite Geneviève.

- Pronto - falei, fazendo carinho nos braços e nos joelhos dela, e limpando sua roupinha. - Pronto, deve ter se machucado... Onde foi? Na mão? No joelho?

A menina continuou chorando; abracei-a firme e fiquei ninando-a até se acalmar.

A freira continuava ralhando, embora a menina, claro, não conseguisse entender nada.

- Você é uma boba, não devia correr assim! Não teria caído se me obedecesse.

Agora vai ficar ajoelhada de castigo, durante a Sexta.

Fiquei irritada por alguém querer que uma menina tão pequena rezasse, pedindo perdão. Ela mal conseguia dizer "mamãe", quanto mais "Notre père, qui est au ciel".

Só levamos Petite Geneviève à Missa depois que ela fez três anos, e mesmo assim minha irmã era uma coisinha barulhenta, não ficava quieta um instante. Aquela menina não parecia ter mais de um ano. Era como uma boneca no meu colo.

- Está arrependida agora, Claude? Está? Olhei para a freira.

- A senhora deve me chamar de Mademoiselle. E não tenho do que me arrepender, não fiz nada de errado, seja lá o que mamãe lhe tenha contado! É uma ofensa a senhora me dizer isso; vou falar com a Abadessa!

A menina começou a chorar de novo ao ouvir minha voz zangada.

- Psiu, psiu - sussurrei, virando-me de costas para a freira. - Psiu, psiu. - E comecei a cantar uma música que MarieCéleste me havia ensinado: Sou tão alegre, tão meiga, tão gentil.

Sou uma jovem criada que ainda não fez quinze anos. Meus peitinhos estão brotando como devem.

Eu devia estar aprendendo as coisas do amor e do coração, mas estou na prisão. Que Deus castigue quem me pôs aqui!

A freira tentou dizer alguma coisa, mas cantei mais alto, ninando o bebê: Foi um erro, um mal e um pecado colocarem essa criadinha num convento.

Foi mesmo, posso jurar. No convento eu vivo cheia de tristeza, ó Deus, pois sou tão jovem. Sinto os primeiros desejos por baixo do meu cinto. Maldito seja quem me obrigou a ser freira!

A menina parou de chorar e dava uns resmungos como se também tentasse cantar, mas não soubesse pronunciar as palavras. Foi muito bom eu niná-la e cantar enquanto falava mal de tudo aquilo ali para a freira ouvir. Bem que a música podia ter sido feita por mim.

Ouvi passos às minhas costas e sabia que era Béatrice, minha carcereira. Ela era tão má quanto as freiras.

- Não cante isso! - falou, baixo. Não dei importância.

- Quer correr de novo? - perguntei à menina. Vamos correr? Vamos correr pelo pátio, vem! - Coloquei-a no chão, segurei sua mão e comecei a puxá-la de forma que ficou meio que correndo e meio que dependurada na

minha mão. Seus gritinhos e os meus ecoaram pelas arcadas do pátio. O convento não ouvia tanto barulho desde que um leitão fugira do chiqueiro ou que formigas subiram pelas pernas de uma freira quando ela fazia jardinagem.

Surgiram freiras nas portas e janelas para nos olhar. Até a Abadessa Catherine de Lignièrès apareceu e ficou olhando, os braços cruzados. Segurei a menina no colo e corri uma, duas, cinco vezes em volta do pátio, gritando sem que ninguém nos impedisse. Cada vez que passávamos por Béatrice, ela parecia mais constrangida.

Ninguém nos fez parar - só um sino. Quando ele tocou, as freiras sumiram.

- Hora da Sexta - avisou a freira ao lado de Béatrice, e saiu.

Béatrice procurou pela freira, depois por mim. Eu continuava correndo mais rápido ainda, com a menina rindo no meu colo. Depois que dei a sexta volta no pátio, Béatrice também havia sumido e ficamos só nós duas. Dei mais uns passos e parei, pois não havia mais por que correr. Sentei num banco e coloquei a menina ao lado.

Ela imediatamente deitou a cabeça no meu colo. Estava com o rosto corado e, em seguida, dormiu. Engraçado como um bebê dorme rápido quando está cansado.

- Era por isso que estava chorando, chérie - falei, baixinho, segurando seus cachos. - Você precisa dormir em vez de rezar. Essas freiras idiotas não sabem nada do que as menininhas precisam.

Fiquei satisfeita, sentada com ela no colo, tomando sol, sozinha e olhando o jardim. Mas dali a pouco minhas costas começaram a doer de sentar ereta, sem ter onde encostar.

Estava esquentando, e como eu não tinha chapéu, fiquei preocupada que o sol criasse sardas em meu rosto. Não queria ficar parecendo uma mulher do povo

que vive semeando no campo. Desejei que aparecesse alguém para eu entregar a menina, mas não apareceu - continuavam rezando. Não há nada de errado em rezar, mas não sei para que elas precisam rezar oito vezes ao dia!

Eu não sabia o que fazer com aquela coisinha, então peguei-a no colo e levei-a para a minha cela. Ela continuou dormindo quando a coloquei no catre. Procurei na minha bolsa algum bordado para fazer, saí da cela e sentei num banco na sombra.

Não gosto muito de bordar, só que não tinha outra coisa a fazer.

Não há cavalos para montar, nem danças, nem música; não podia jogar gamão com Jeanne, nem ter aula de escrita ou soltar falcões com mamãe no campo atrás de Saint-Germaindes-Prés, nem visitar minha avó em Nanterre. Também não tinha feiras ou mercados para ir, nem bufões ou jongleurs para assistir. Não há banquetes - enfait, não tem nem comida que eu consiga comer. No dia em que sair daqui, estarei um feixe de ossos - seja lá quando for esse dia. Béatrice não vai me dizer.

Não há homens para olhar, nem sequer um velho jardineiro curvado, empurrando um carrinho de mão. Nem um mordomo suspeito. Nunca pensei que gostaria de ver a cara mesquinha do mordomo de meu pai, mas, se pudesse sair do convento naquela hora, sorriria e estenderia a mão para ele beijar, apesar de ter surrado Nicolas.

Agora só tenho mulheres para olhar, e mulheres bem sem graça, observando-me com a cara numa moldura oval e branca, sem cabelos ou jóias para suavizá-las. Elas parecem rudes e vermelhas, com bochechas, queixos e narizes saltados como um monte de nabos, olhos pequenos como passas. É verdade que freiras não precisam ser bonitas.

Béatrice um dia me contou que mamãe gostaria de ter entrado para Chelles. Nunca havia pensado muito nisso até vir para cá. Agora não consigo imaginar o rosto delicado de mamãe metido num grosseiro hábito de freira, nem vê-la cavando com uma enxada, cercada de alhos-porós e repolhos, nem correndo para rezar oito vezes ao dia, nem vivendo numa cela simples e dormindo num catre.

Mamãe acha que a vida no convento é parecida com as visitas que ela faz aqui, quando a Abadessa a adula, preparando deliciosos pratos com os produtos que o convento só planta para vender no mercado. Ela deve ficar num lindo aposento especial, cheio de almofadas, tapeçarias e cruzes douradas.

Se mamãe entrasse para o convento e se tornasse esposa de Cristo, o convento receberia um enorme dote. Por isso a Abadessa é tão simpática com ela e com outras mulheres ricas que vêm aqui visitar.

No convento, o assento dos bancos não tem almofadas nem tapeçarias para aquecer as paredes. Tenho de me contentar com as cruzes de madeira, a lã áspera e os sapatos simples; sopa sem temperos e pão feito com farinha escura.

Tudo isso eu havia percebido em apenas quatro dias no convento.

Olhei o que estava bordando e não gostei. Era para ser um falcão para uma almofada e estava parecendo uma cobra de asas. Além do mais, acabara de dar um ponto na cor errada, vermelho onde devia ser marrom, e a linha estava toda enroscada.

Suspirei.

Então, ouvi passos e alguém disse: "Ora!". Olhei. MarieCéleste estava do outro lado do pátio, parecendo confusa.

- MarieCéleste, que bom que você veio, ajude-me a desenroscar a linha - falei.

Era como se nós duas estivéssemos em casa, na rue du Four, bordando no pátio, enquanto Jeanne e Petite Geneviève brincavam em volta. Só que não estávamos. Levantei-me: - O que você está fazendo aqui? MarieCéleste fez uma reverência e começou a chorar.

- Venha aqui, MarieCéleste.

Ela estava tão acostumada a me obedecer que não hesitou; só ficou pensando que caminho fazer no pátio para chegar até onde eu estava. Chegou, fez outra reverência, enxugando os olhos na manga do vestido.

- Veio me buscar? - perguntei, ansiosa, pois não conseguia imaginar outro motivo para ela estar ali.

MarieCéleste pareceu ainda mais confusa: - Buscar Mademoiselle? Nem sabia que estava aqui; vim ver minha filha!

- Não foi meu pai que mandou você aqui? Ou mamãe? Ela balançou negativamente a cabeça. - Não trabalho mais na sua casa, Mademoiselle. Sabe disso e também sabe por quê. - Ela franziu a testa de um jeito estranhamente familiar, igual a sentir de repente na boca um gosto de bolo de amêndoas que já havia experimentado.

- Por que veio, se não foi por minha causa? - Eu só conseguia achar que ela era a solução para eu sair daquele lugar.

MarieCéleste olhou em volta. - Eu soube que minha filha está aqui. Sei que não devia, e ela nem sabe que sou sua mãe, mas tive de vir.

Olhei para ela, surpresa. - Então a menina é sua filha?

MarieCéleste parecia tão surpresa quanto eu. - Não sabia? Não lhe contaram?

Chama-se Claude, como você.

- Elas aqui não contam nada para mim. Alors, ela está dormindo ali, na quarta porta - falei, mostrando o corredor de minha cela.

MarieCéleste agradeceu com a cabeça. - vou só dar uma olhadinha nela, Mademoiselle. Pardon. - Atravessou o pátio e entrou no corredor.

Enquanto eu esperava, lembrei do dia em que ela me dissera que daria meu nome ao bebê. E lembrei-me de outra coisa: prometera falar para mamãe que MarieCéleste tinha ido cuidar da mãe e depois voltaria para a nossa casa. Só que esqueci de falar. Mamãe tinha ficado tão dura comigo desde aquela época que eu falava com ela o menos possível. E assim MarieCéleste não trabalhou mais para nós. Não costumo me sentir culpada, mas, naquela hora, fiquei bastante.

Quando ela voltou, abri espaço no banco.

- Sente-se aqui comigo - convidei, batendo no lugar a meu lado.

Ela parecia pouco à vontade.

- Tenho de voltar, Mademoiselle. Minha mãe não sabe que vim aqui, está me esperando.

- Só um pouquinho, você pode me ajudar no bordado. Regarde, estou com um vestido que você bordou. - Passei a mão no meu corpete.

Ela se sentou pouco à vontade. Devia estar zangada comigo. Eu teria de fazer as coisas direito se quisesse a ajuda dela.

- Como conhece esse lugar? - perguntei, fazendo de conta que éramos duas amigas conversando. Tínhamos sido, antes.

- Venho aqui desde pequena. Moramos perto e às vezes mamãe trabalhava aqui. Não como freira, claro, ajudava na horta e na cozinha. As freiras rezam tanto que precisam de ajuda nas tarefas domésticas.

Eu então entendi. - E mamãe conseguiu você aqui. MarieCéleste concordou.

- Ela queria uma nova criada e pediu às freiras. Suamãe vinha aqui umas três ou quatro vezes por ano. Queria entrar para o convento, só que não podia, claro.

- E você deu meu nome à sua filha.

- Sim. - MarieCéleste parecia se arrepender do nome e devia mesmo.

- O pai a conhece?

- Não! - Ela balançou a cabeça com força, como se espantasse uma mosca. - Ele não quer saber de mim nem da criança. Estivemos juntos uma única vez; ele não quis mais nada. Dois anos depois, teve o atrevimento de vir me procurar. Queria ficar comigo de novo, para depois não se importar se eu tivesse outro filho. bom, mostrei

para ele como são as coisas, não é? - disse ela, mostrando a mão fechada em punho. - Ele merecia tudo que levou. Se você não tivesse enfiado a cabeça na janela...

- Ela parou de falar, temendo dizer o que poderia ter acontecido, de repente.

Minha irmã Jeanne tem um brinquedo que gosta muito - um bilboquê, que consiste numa taça de madeira com uma bola presa na ponta de um barbante. Ela joga a bola para cima e tenta encaixá-la na taça. Naquele momento,

foi como se eu estivesse tentando acertar a bola na taça e, de repente, ouvisse o som da madeira batendo na madeira.

Talvez o convento já estivesse fazendo efeito em mim. Se estivesse em qualquer outro lugar e soubesse de uma coisa como aquela que tinha acabado de ouvir, eu teria gritado. Naquele momento, entretanto, sentada naquele tranquilo jardim, não gritei, não arranquei os olhos de MarieCéleste, nem chorei. Mais tarde eu choraria.

Na hora, só perguntei: - Nicolas dês Innocents é o pai da Petite Claude? MarieCéleste concordou.

- Só nos encontramos uma vez, quando ele veio falar de um quadro com seu pai. Só nessa vez.

- Então, por que você estava com ele no pátio daquela casa, no outro dia?

Mandando baterem nele? Foi o que me pareceu.

Ela me olhou amedrontada e voltou a chorar. Rangi os dentes. - Pare. Pare com esse choro! Ela engoliu em seco, enxugou os olhos e passou o nariz na manga do vestido.

Realmente, MarieCéleste é bem idiota. Se estivéssemos em Paris, mandava-a direto para o tronco, para ficar de castigo, com os braços e as pernas presos durante horas. Ou a mandava para alguma coisa pior, por ter atacado um homem daquele jeito. Mas eu estava presa num convento, não podia fazer nada para castigá-la.

Ela também deve ter pensado isso, pois parou de chorar, olhou-me de soslaio e disse: - O que está fazendo aqui, Mademoiselle? Ainda não me disse.

Claro que eu não podia dizer nada sobre Nicolas. MarieCéleste não sabia o que eu sentia por ele nem o que tinha feito com ele... ou tentado fazer o que ela já havia feito. Eu estava com ódio dela, mas não podia deixar que percebesse. Tinha de fingir que queria estar no convento. Peguei meu bordado, assim podia ficar olhando para ele.

- Mamãe e papai acharam que seria bom eu passar os últimos meses antes de meu casamento aqui, para conhecer melhor a vontade da Igreja. Quando uma mulher se casa, perde a pureza do corpo de donzela. Mas é importante que sua alma permaneça pura, que ela não seja atraída pela luxúria, esquecendo-se de Nossa Senhora e do sacrifício feito por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Eu parecia mamãe falando, só que não era tão convincente. Vi que não havia convencido MarieCéleste, pois ela revirou os olhos. E verdade que ela havia

perdido a virgindade há muito tempo e não dava tanto valor a isso quanto a minha família.

- Ele perguntou por você -- anunciou MarieCéleste de repente.

- Ele? Quem? - Meu coração disparou. Enfie a agulha no bordado. MarieCéleste estranhou a incrível confusão que eu estava fazendo com os fios. Estendeu a mão e entreguei o bordado para ela.

- Aquele artista bastardo - disse ela, puxando os fios para desembaraçá-los. - Ele queria saber como você era e quando iria visitar as Belleville.

Quer dizer que Nicolas tinha mesmo ido à rue dès Cordeliers para me ver! Eu sabia que ele não podia ter ido lá por causa de MarieCéleste.

Olhei-a, a cabeça inclinada sobre o meu bordado, corrigindo todos os meus erros com destreza. Como eu poderia mandar um recado por ela sem que desconfiasse? Ela era boba, só que sempre adivinhava quando eu estava mentindo. Ouvimos uma tosse e uma vozinha chamando na minha cela. MarieCéleste olhou para mim, ansiosa.

- Vá lá, Mademoiselle - pediu.

- Você é a mãe!

- Ela não sabe. Fui lá olhar, porém não falo com ela, nem a seguro no colo. Se faço isso, depois sofro demais.

A menina tossiu outra vez e MarieCéleste me olhou como se alguém lhe tivesse pisado o pé. Por um instante, senti pena dela.

Fui até a porta da minha cela e olhei. Dormindo, Petite Claude mexia a cabeça no travesseiro. Franziu a pequena testa, depois esqueceu e relaxou o rosto num sorriso.

Naquele momento, depois de saber a história, achei incrível não ter visto Nicolas nela: os olhos apertados, o cabelo ruivo, o queixo bem desenhado. Quando sorria, parecia-se com ele, e, quando ficava séria, com a mãe.

Voltei e disse: - Ela está ótima. Estava vendo demônios no sono, mas agora eles foram embora.

Não me sentei no banco, fiquei em pé, esfregando os sapatos nos seixos do pátio.

MarieCéleste concordou. Ela bordava rápido e meu falcão já estava mais parecido com uma ave do que com uma cobra.

Depois de ver Petite Claude, tive uma idéia.

- Nicolas ajudou você com a criança? - perguntei. MarieCéleste ficou zangada.

- Jogou umas moedas em mim. Mas o dinheiro não deu para nada.

Eu não queria saber o que ele tinha feito ou não com a filha - para mim, MarieCéleste é que tinha se metido em encrenca. Só que não falei isso.

- Ele devia ter-lhe dado mais do que umas moedas considere, andando de um lado para outro na frente do banco onde ela estava. - Você sabe que ele desenhou tapeçarias para meu pai que vão lhe trazer dinheiro e fama. Devia dar um pouco de dinheiro para a pequena Claude.

Deixei-a pensando nisso enquanto dava uma volta pelo canteiro de rosas. O lugar onde espetei um espinho no polegar dava uma dorzinha agradável. Voltei para o banco e sugeri: - Posso ajudar você a receber dinheiro dele; faça com que ele pague, e assim Petite Claude poderá sair daqui e ficar com você e sua mãe.

- Como? - perguntou ela, rápido. Espantei uma mosca da manga do vestido.

- Posso dizer que meu pai não pagará as tapeçarias se ele não der um dinheiro para a filha.

- Pode mesmo fazer isso, Mademoiselle?

- Vou escrever um bilhete já e você o entregará a ele.

- Eu? Por que não a senhora ou uma de suas damas de companhia? - perguntou ela, parecendo não entender.

- Deve ter uma dama sua aqui, Béatrice talvez. Sua mãe sempre

quis que ela ficasse com Mademoiselle, não? Ela vai ficar surpresa de vir morar aqui outra vez.

- Outra vez? Ela já morou aqui? MarieCéleste deu de ombros.

- Bien sûr. Cresceu aqui, como eu.

Eu não tinha pensado nisso, mas reparei que Béatrice parecia conhecer o convento e seu funcionamento, pois sabia onde ficavam as coisas e conhecia até algumas freiras.

- Béatrice poderá levar o bilhete, Mademoiselle - sugeriu MarieCéleste.

Esqueci que MarieCéleste não sabia que eu estava presa lá; achava que Béatrice e eu podíamos entrar e sair quando quiséssemos. E não podia saber. Se soubesse, talvez não me ajudasse a falar com Nicolas.

- Nem eu nem Béatrice podemos sair daqui. Faz parte da purificação da alma antes do meu enlace. Não posso ver ninguém, principalmente homens - falei.

- Eu também não posso levar o bilhete, depois do que aconteceu. Ele poderia me bater ou fazer algo pior.

Bem que ela merece, pensei.

- Então deixe-o no quarto dele, quando ele não estiver lá - sugeri.

Como ela parecia continuar na dúvida, perguntei: - Quer que eu conte a papai que você mandou o mordomo dele espancar o artista que ele tanto admira?

MarieCéleste sabia que estava numa enrascada. Fez cara de quem ia chorar outra vez.

- Então me dê o bilhete - murmurou.

- Espere aqui.

Corri para a minha cela antes que ela pudesse mudar de idéia. Procurei papel na minha bolsa, ajoelhei-me no chão e escrevi rápido um bilhete, contando para Nicolas onde eu estava e implorando que me tirasse dali.

Não havia lacre para fechar o bilhete, mas não tinha importância, pois MarieCéleste certamente não sabia ler nem devia conhecer alguém que soubesse.

Esqueci de fazer tudo em silêncio, e, quando estava terminando o bilhete, Petite Claude sentou-se no catre e começou a chorar, esfregando os olhos. Os cachos castanhos caíam em volta do rosto. Estava tão parecida com MarieCéleste que tive vontade de rir.

- Venha, chérie, venha ver a bobinha da sua mãe - falei baixo, pegando-a no colo.

Saímos da cela quando as freiras voltavam das preces da Sexta e MarieCéleste conversava com Béatrice. Ficavam engraçadas, uma ao lado da outra: uma, gigante; a outra, uma boneca. Era difícil imaginá-las como moças. Ao me verem, as duas se separaram e MarieCéleste nem sequer olhou para Petite Claude.

- Segure-a um instante, vou levar MarieCéleste ao portão - falei, entregando a menina para Béatrice, que estava muito surpresa.

Minha dama virou-se para mim com aqueles olhinhos de cachorro.

- Sabe que as freiras não vão deixá-la sair.

Fiz uma careta para ela e dei o braço a MarieCéleste. Quando tive certeza de que Béatrice não ia ver, enfiei o bilhete na mão dela.

- Sabe onde ele mora? - cochichei. MarieCéleste negou com a cabeça.

- O mordomo de papai sabe, mandou mensageiros lá para dar-lhe recados. Pergunte a ele; se não der o endereço, mandarei castigá-lo.

MarieCéleste concordou e soltou meu braço. Parecia cansada. A idéia de dividir um mesmo homem com ela não me agradava. Eu não entendia como Nicolas podia tê-la desejado, principalmente se pudesse vê-la naquela hora, com aquele nariz vermelho, aqueles olhinhos e aquela cara brava. Eu não entendia.

No portão do convento, uma freira entregou a ela uma cesta de ovos, pão e lentilhas - a cesta da caridade que davam aos pobres. MarieCéleste foi embora sem olhar para mim nem para a filha.

Fui falar com Béatrice, que ainda carregava no colo a agitada Petite Claude, e falei: - Você e MarieCéleste foram criadas aqui. Béatrice pareceu assustada, depois concordou.

- Meu pai morreu quando eu era pequena, e minha mãe, então, entrou para o convento.

Petite Claude esticou o bracinho e pegou uma mecha de cabelo de Béatrice, que gritou. A menina e eu achamos muita graça.

- Está contente de voltar para cá? - perguntei. Fiquei surpresa quando ela me olhou triste e disse: - O dia mais feliz da minha vida foi quando sua mãe me escolheu para ser dama de companhia. Para mim, está sendo horrível ter de ficar aqui outra vez.

Coloquei Petite Claude no chão, para que andasse pelo jardim. - Então me ajude a fugir daqui - disse.

Béatrice balançou a cabeça.

- É melhor ficar, Mademoiselle. Sabe disso. Por que estragar a sua vida? Vai se casar com um nobre e ter uma vida maravilhosa. Por que querer outra coisa? Não existe alegria maior para uma mulher do que se casar, n'est-cepás? De qualquer mulher.

Peguei o bordado que MarieCéleste deixara dobrado sobre o banco, com a agulha enfiada nele. Tirei a agulha e espetei meu dedo, só para sentir o choque da dor.

- Ai, olha o que fiz - falei. Depois, para atormentar Béatrice por ser carcereira em vez de dama de companhia, cantei a música que a deixou constrangida. Certamente ela havia cantado no convento, quando era menina: Eu devia estar aprendendo As coisas do amor e do coração, Mas estou na prisão.

Que Deus castigue Quem me pôs aqui!

IV

BRUXELAS

**De Primeiro de Maio de 1491 ao Domingo da
Septuagésima de 1492**

GEORGES DE LA CHAPELLE

Quando ele chegou, já havíamos começado a trabalhar há muito tempo. O ateliê estava em silêncio. SvFazia pelo menos uma hora que ninguém abria a boca, sequer para pedir lã, uma lançadeira ou agulha. Quase não se ouvia o ruído dos pedais dos teares; pareciam acolchoados. As mulheres também mantinham-se caladas: Christine enrolava fios de lã numa lançadeira, Aliénor trabalhava em seu jardim, e Madeleine tinha ido ao mercado.

Com silêncio, eu trabalho melhor. Posso tecer horas, sem sentir o tempo passar, pensando só nos fios coloridos em meus dedos enquanto eu os puxo para a frente e para trás por entre o urdume. Mas um tecelão agitado ou uma mulher faladeira pode deixar o ateliê sem condições de produzir. Precisaremos de silêncio para fazer o trabalho direito, se quisermos terminar no prazo. Mesmo quando está tudo calmo, só penso no prazo: o que já fizemos e o que ainda falta fazer, como conseguiremos e o que poderemos fazer para compensar o atraso.

Eu estava sentado entre Georges Lê Jeune e Luc, terminando as jóias que a Dama segura em À Mon Seul Désir, ao mesmo tempo em que prestava atenção em meu filho, que começava o sombreado do ombro da Dama em tons que iam do amarelo ao Vermelho. Ele estava fazendo um bom trabalho - realmente eu não precisava mais acompanhar seu serviço. É difícil largar esse hábito de fiscalizar.

Os dois tecelões contratados, Joseph e seu filho Thornas, faziam as millejeurs no Paladar. Já tinham feito isso antes para mim, e eram competentes e rápidos.

Além de calados, embora Thomas costume usar os pedais do tear mais vezes do que o necessário. Às vezes acho que é de propósito, só para fazer barulho, coisa de que os jovens gostam. Tive de ensinar Georges Lê Jeune a mexer nos pedais o mais silenciosamente possível, e só fazê-lo quando é preciso separar bem os fios do urdume para passar a trama. Claro que não posso ensinar a um tecelão contratado, mas fico nervoso quando Thomas faz essa barulheira toda.

Não é fácil ser o lissier. Além de fiscalizar os outros, sou eu que teço as partes mais difíceis: os rostos e as mãos, a juba do leão, a cara e o chifre do unicórnio, o tecido intrincado. Fico entre as duas tapeçarias, tentando acompanhar, enquanto os outros fazem as millejeurs e os animais, esperando que eu preencha o que falta no meio.

Avisei aos tecelões que estivessem sentados em seus teares, prontos para começar o trabalho, assim que os sinos da Chapelle tocassem - eles têm tocado mais cedo, agora que estamos em maio. Hoje, começamos a trabalhar às sete da manhã. Os outros ateliês usam os sinos como sinal para preparar o dia, mas as leis da Guilda permitem que os tecelões cheguem mais cedo, estudem os cartões do que vão tecer naquele dia e preparem as lançadeiras. Assim, quando os sinos tocam, eles já estão prontos para começar.

Não me preocupo com Georges Lê Jeune nem com Luc - eles sabem que não podemos perder tempo pela manhã. Os outros dois tecelões vão indo bem, mas não são sócios do ateliê nem receberão comissão pelo trabalho, embora eu confie neles, pois fazem millejeurs tão bem quanto eu. Fico achando que um dia encontrarão um trabalho menos exigente e sumirão daqui. Joseph não reclama, mas tenho visto o filho Thomas, sentado, olhando para o tear depois que os sinos tocam e, logo em seguida, pegar nos fios como se

tivesse pedras amarradas nos pulsos. E ainda preciso do trabalho dele por mais dez meses, quer faça barulho ou não com os pedais. Vai ver, ele não se recuperou bem da doença que teve nesse inverno.

Aliénor deu remédios para ele e Georges Lê Jeune quando ambos tiveram febre, mas os dois custaram a se recuperar. Contudo, o tempo perdido ainda não recuperamos também.

Christine está sempre recomendando para rezarmos. Mas perde-se muito tempo; então, mando-a ir à Notre Dame du Sablon rezar por todos nós; só assim podemos ficar aqui tecendo.

Ouçó vozes na cozinha. Madeleine acaba de chegar do mercado e está acompanhada de um homem. Não dou muita importância, pois ela tem sempre um abelhudo zunindo em volta. Qualquer dia vai levar uma ferroadada!

Então, Aliénor vem do jardim, com uma expressão estranha.

- O que foi? - perguntou Christine, quebrando o precioso silêncio do ateliê.

Aliénor estava prestando atenção aos sons da casa.

- Ele voltou - disse.

Georges Lê Jeune levantou os olhos: - Ele quem?

Não precisava perguntar. Eu sabia quem era. Nossa paz estava prestes a acabar: aquele sujeito jamais conseguia ficar Parado.

Madeleine entrou no ateliê com um sorriso bobo, - O homem de Paris está aqui - anunciou.

Nicolas dê Innocents apareceu por trás dela, ainda com pingos de lama da estrada, e sorriu irônico para nós.

- Vocês estão sentados exatamente como os deixei no verão passado. O mundo gira, mas Bruxelas nunca se mexe - zombou.

Levantei-me. - Seja bem-vindo. Christine, traga bebida para a nossa visita. Um caneco pequeno de cerveja - mandei.

Embora ele fosse um incômodo, ninguém poderia me acusar de que não recebo bem as visitas, principalmente as que vêm de longe.

Georges Lê Jeune e Luc também fizeram menção de se levantar, mas fiz sinal para que continuassem trabalhando. Nicolas não precisava atrapalhar o ateliê inteiro.

Ao passar para a cozinha, Christine cumprimentou Nicolas, e perguntou: - Quer dizer que veio dar outra olhada, não? - Fazendo um gesto com a cabeça que abrangia não só os teares, mas também Aliénor, que ainda estava parada na soleira da porta.

- Isso mesmo, Madame. Queria ver Aliénor dançando em volta do mastro na festa de Primeiro de Maio, mas cheguei tarde.

Christine entrou em casa sem dizer a ele que costumamos trabalhar no dia 1º também, embora eu tenha liberado Luc e Thomas mais cedo para irem à festa.

Nicolas entrou mancando no ateliê, como se tivesse pisado num prego.

- Você está bem? - perguntei.

Ele fez um gesto querendo dizer que não era nada, mas continuou sem mexer um braço.

- Estou um pouco cansado da viagem, só isso. - Virou-se para Aliénor: - E você, como vai? - perguntou, e, quando sorriu para ela, notei que estava sem dois dentes e com um machucado em volta do olho. Devia ter caído do cavalo ou se metido em alguma briga. Talvez as estradas estivessem cheias de ladrões.

- Estou muito bem, Monsieur, e o jardim vai melhor ainda. Venha sentir o perfume das flores - ela convidou.

- Daqui a pouco, bela. Primeiro, quero dar uma olhada nas tapeçarias.

Aliénor sorriu, desapontada. - Quer ver a sua Dama, não é? bom, veio cedo demais.

Não entendi o que ela quis dizer até Nicolas olhar a faixa pronta do Paladar no tear.

- Ah! - exclamou, frustrado.

Ele viu apenas um braço da dama com a mão segurando o periquito, a dobra de uma sobreveste, o começo de um macaco e a ponta da asa de uma pega. E muitas millefleurs, claro. Um tapeceiro teria muito com que se admirar, mas percebi que, para alguém como Nicolas, aquela faixa devia ser um desapontamento. Olhou À Mon Seul Désir, talvez esperando ver um rosto, mas havia apenas outro braço da Dama segurando as jóias, outra sobreveste, um macaco e uma dobra azul da tenda com chamas douradas espalhadas.

- Poderia ser mais decepcionante seja tivéssemos feito o rosto, pois então ele estaria enrolado no cilindro e você só poderia vê-lo quando a tapeçaria estivesse pronta - disse Aliénor.

-A menos que você o desenrolasse para mim, Mademoiselle.

- Papai não desenrola tapeçarias para ninguém, pois prejudica a tensão da urdidura - explicou Aliénor, rápido, dando uma resposta de filha de lissier.

Nicolas sorriu outra vez. - bom, nesse caso terei de ficar aqui até vocês terminarem de tecer a Dama.

- Veio de tão longe só para ver uma faixa de tapeçaria? Uma longa viagem por um rosto de mulher? - perguntei.

Nicolas negou com a cabeça. - Tenho de conversar com o senhor, em nome de Léon Lê Vieux.

Franzi o cenho. O que Léon poderia querer agora? Sabia que eu estava muito ocupado, que não aceitaria outras encomendas. E por que havia mandado aquele

artista em vez de vir pessoalmente? Os tecelões ficaram me olhando. De todo jeito, eu queria que eles trabalhassem em vez de ficarem ouvindo a conversa.

- Então vamos para o jardim. Assim você poderá ver as flores de Menor enquanto conversamos - convidei.

Fui na frente. Nicolas me seguiu, e Aliénor afastou-se da porta para nos deixar passar.

- Vá ajudar sua mãe - sugeri, quando ela veio atrás de nós.

Foi a vez de ela ficar frustrada, mas é claro que me obedeceu.

Em maio, o jardim de Aliénor está na apoteose. As flores são novas e viçosas, ainda não murcharam com o sol. Selos-de-salomão, pervincas, violetas, aquilégias, margaridas, cravos, miosótis: tudo está florido. Ainda por cima, por toda parte há lírios-do-vale com suas flores efêmeras e seu perfume estranho e sedutor.

Sentei-me num banco enquanto Nicolas caminhava um pouco, sentindo o aroma e admirando-o.

- Esquecera-me de como é lindo este jardim; tem o efeito de um bálsamo curativo, principalmente depois de vários dias na estrada - disse ele ao voltar.

- Qual o motivo de sua viagem, então? Nicolas riu. - Brusco, como sempre - disse ele.

Dei de ombros. Minhas mãos estavam coçando, precisavam tecer.

- Estou ocupado, ainda temos muito o que fazer expliquei.

Nicolas colheu uma margarida. Aliénor detesta que as pessoas arranquem suas flores: dá muito trabalho cuidar delas, e aí vem alguém e as mata. Nicolas ficou girando a flor nos dedos, até que disse: - Vim porque Jean Lê Viste está preocupado com a entrega das tapeçarias no prazo.

Lembrei-me daquele maldito comerciante que tinha aparecido no ateliê na Quaresma. Eu sabia que ele

estava espionando para Léon, embora se mostrasse ansioso em me fazer uma encomenda. Depois disso, nunca mais soube dele.

Ouvi um rumor atrás de mim: era Aliénor, abaixada no canteiro de ervas com uma tesoura de cozinha. Estava tentando não ser vista, mas é difícil para uma menina cega se esconder direito.

- O que faz aí, filha? Mandei você ajudar sua mãe - reclamei.

- Estou ajudando; ela pediu cerefólio para a sopa.

A mãe dela mandava-a ouvir a conversa; conheço minha esposa; não gosta de ser excluída de coisa alguma. Não mandei Aliénor de volta para a cozinha, já que ela e Christine iam mesmo saber de tudo, mas recomendei: - Não conte o que ouviu para os tecelões, nem para os vizinhos; ninguém!

Ela concordou com a cabeça, cortou os temperos e colocou-os no avental.

- O atraso não é preocupante - tranqüilizei Nicolas. Atrasamos no inverno por motivo de doença, mas estamos compensando agora. Até a Páscoa teremos tudo terminado, como Monseigneur Lê Viste pediu.

Nicolas pigarreou e abaixou-se para cheirar alguns cravos e tocar nas pétalas.

Eu sabia que ele queria dizer mais alguma coisa; só estava esperando o momento certo.

Christine surgiu na porta com canecos de cerveja, e ele pareceu aliviado.

- Ah, obrigado, Madame! - exclamou, tratando de se servir.

Em geral, Christine manda Madeleine ou Aliénor servir às visitas, mas dessa vez veio pessoalmente, para ouvir as notícias de Nicolas, em vez de esperar. Fiquei com pena dela e mandei que se sentasse no banco ao meu lado. Ela poderia ouvir, mas que não esperasse nada de bom. Ficamos de frente para Nicolas, enquanto

Aliénor cortava os temperos em silêncio atrás de nós, aguardando.

Nicolas bebeu a cerveja, admirou mais flores e finalmente disse: -Jean Lê Viste quer as tapeçarias para o dia da Festa da Candelária.

Atrás de nós, Aliénor parou.

- Impossível! Estamos trabalhando sem parar cada minuto que Deus nos dá - protestou Christine.

- Não pode contratar mais tecelões? Colocar três em cada tear? - sugeriu Nicolas.

- Não - respondi. - Se pagarmos mais um homem, estaremos perdendo dinheiro.

Seria como se eu pagasse a Jean Lê Viste pelo privilégio de fazer as tapeçarias para ele.

- Se você terminar mais rápido, poderá começar logo outro trabalho e, assim, ganhar mais dinheiro - raciocinou Nicolas.

Balancei a cabeça. - Não tenho dinheiro sobrando para pagar ninguém, e não poderia contratar um tecelão sem dar-lhe um adiantamento.

Nicolas fez um gesto de quem não estava interessado em detalhes.

- Jean Lê Viste quer a encomenda para a Candelária e vai mandar soldados buscá-las. Se não estiverem prontas, pegará tudo sem pagar o que deve.

Fiquei irritado. - Soldados de quem?

Nicolas parou um pouco e disse, calmo: - Do Rei.

- Mas o contrato diz que a encomenda é para a Páscoa! Ele não pode desrespeitar o acordo - argumentou Christine.

Não dei atenção ao que ela disse. Nobres podem fazer o que bem entendem. Além do mais, Léon ainda poderia me ameaçar por causa da tapeçaria que copiei. Se eu fosse obrigado a pagar uma multa por isso, estaria arruinado.

- Por que Léon não veio? Eu preferia discutir isso com ele - falei, zangado.

Nicolas deu de ombros. - Estava muito ocupado.

Aliénor parou de lidar no canteiro outra vez. Minha filha parece-se comigo ao avaliar as pessoas. Seus ouvidos percebem as mentiras na voz, da mesma forma que eu as vejo nos olhos. Ela ouviu alguma coisa como eu vi a mentira nos olhos dele, tentando não me encarar. Nicolas estava escondendo uma parte da história, mas não perguntei nada. Achei que não me diria naquela hora: talvez contasse mais tarde, num lugar onde se sentisse mais à vontade.

- Depois conversamos no Lê Vieux Chien. - Virei-me para Christine: - O jantar está pronto? - perguntei.

Ela se levantou rápido. - Já, já.

Deixei Nicolas no jardim, terminando a cerveja, e voltei para o ateliê. Não fui tecer: fiquei na porta, observando os tecelões. Estavam debruçados no trabalho, sem se mexer, como quatro passarinhos empoleirados num galho de árvore. De vez em quando, um apertava os pedais para trocar as linhas de posição e mudar a cala, porém, afóra esse barulho de Cadeira, tudo estava calmo.

Christine chegou do meu lado e disse, baixo:-Você sabe o que podemos fazer.

Respondi, no mesmo tom: - Não podemos trabalhar à noite. Além de nos ser proibido pela Guida, forçamos a vista no escuro e as velas pingam cera nas tapeçarias.

É difícil tirar os pingos, além de ser uma pista fácil para qualquer membro da Guilda armar uma confusão, - Não quis dizer isso. Nem você é capaz de tecer direito sem luz.

-Então você está querendo que trabalhemos aos domingos? Estranho que sugira isso, embora talvez possa subornar o padre; afinal, ele ouve você.

- Também não é isso que quero dizer. Claro que não tecemos aos domingos - é dia sagrado.

- Então, o que quer?

Os olhos de Christine brilharam. - Deixe que eu teça as millefleurs enquanto Georges Lê Fils e você fazem as partes mais difíceis.

Fiquei calado. Ela continuou a argumentar: - Como você disse, não podemos contratar outro tecelão. Mas posso ser aproveitada e deixe nosso filho fazer o que sabe. Você ensinou tudo a ele; está na hora de ele se tornar um tecelão -, disse ela, olhando firme para mim.

Christine estava tentando fazer de conta que era só aquilo mesmo, porém eu sabia o que estava por trás de suas palavras: ela queria tecer. !

- Tiens, estou com fome; o jantar ainda não está pronto?

- Foi só o que respondi.

Assim que os sinos tocaram, anunciando o fim do trabalho, levei Nicolas à taberna Lê Vieux Chien, Não gostava muito de ficar no meio de homens falando alto, mas era o melhor lugar para conversar com ele sobre as exigências de Jean Lê Viste. Georges Lê Jeune nos acompanhou e mandei Luc chamar Philippe também; fazia tempo que não bebíamos juntos.

- Ah, cerveja e amigos, tudo de Bruxelas! - suspirou Nicolas, estalando os lábios num gole da cerveja. - Como esquecer tudo isso? Tabernas que parecem túmulos, onde servem uma água que chamam de cerveja! Foi para isso que enfrentei dez dias de estradas ruins?

Achei ótimo que a taberna estivesse calma. - Mais tarde isso aqui ficará mais animado e você irá se divertir!

Georges Lê Jeune queria saber como havia sido a viagem de Nicolas: se o cavalo dele era bom, com quem ele viajara, onde se hospedara no caminho. Georges gosta de saber de outras cidades, mas, quando foi

comigo à Antuérpia e Bruges, ele dormiu mal, comeu pouco e teve medo dos estranhos. Fica contente de voltar para casa.

Diz que um dia quer conhecer Paris, mas sei que jamais irá.

- Tinha ladrões nas estradas? - perguntou Georges Lê Jeune.

- Não, nada além de lama e do meu cavalo manco.

- Então, como você conseguiu isso? - perguntou Georges Lê Jeune, mostrando as manchas amareladas em volta do olho de Nicolas. - E você se machucou aí do lado.

Nicolas não deu importância. - Houve uma briga numa das tabernas onde costumo beber em Paris. Pegaram-me, embora eu não tivesse nada a ver com a história. - Depois, virou-se para mim e perguntou: - Como vai Aliénor? Preparando o enxoval?

Franzi o cenho. Como ele sabia do enxoval de minha filha? Só Christine e Georges Lê Jeune sabiam do acordo que eu havia feito com Jacques Lê Boeuf Christine insistira para contarmos a nosso filho, com o intuito de ele saber o que teria de enfrentar quando assumisse o ateliê. E nosso filho não contou a ninguém: ele sabe guardar segredos.

Antes que eu pensasse numa resposta, chegaram Philippe e Luc que, sentando-se, disse a Nicolas: - Pensamos que você não fosse voltar. Pintou com tanta pressa no verão passado, que achei que queria ir embora logo. E acho que jurou nunca mais sair de Paris novamente.

Nicolas sorriu. - Tenho negócios com Georges e queria ver como vão indo as tapeçarias. Claro que é sempre um prazer ver Christine e Aliénor. Estava acabando de perguntar a Georges pela filha. -Virou-se para mim outra vez: - Então, como vai ela?

- Está muito ocupada, costura as tapeçarias à noite para não nos atrapalhar de dia - respondi, sem entrar em detalhes.

- Alors, você tem uma vantagem em relação aos outros ateliês - disse Nicolas. - Se ela pudesse enxergar, não conseguiria costurar à noite. Sendo cega, pode trabalhar a noite inteira e não apenas entre os toques dos sinos. Você deve agradecer por Aliénor ser tão útil.

Eu ainda não tinha visto a questão sob esse ângulo.

Nicolas continuou: - Claro que ela então fica sem tempo para fazer o enxoval.

Philippe se surpreendeu ao ouvir isso. Acho que qualquer pessoa ficaria surpresa, pois ninguém espera que Aliénor se case.

- Minha filha não está preocupada com o enxoval, mas com essas tapeçarias, como todos nós - resmunguei. - E agora que o prazo de entrega foi reduzido em dois meses, ainda será pior. - Eu não queria falar sem pensar, mas Nicolas me incomodava tanto que não me contive.

Georges Lê Jeune ficou me olhando: - Por que menos dois meses, se já estamos atrasados?

- Pergunte a Nicolas.

Meu filho, Luc, Philippe e eu viramos para Nicolas, que ficou sem jeito e olhou a cerveja no caneco. Finalmente ele disse:

- Não sei, Léon só avisou que Jean Lê Viste quer as tapeçarias antes do prazo, mas não explicou por quê.

Se nem ele não sabia, não tínhamos muito o que discutir.

- Léon deve saber, sabe de tudo - falei, cheio de ironia.

- Por que ele não veio? Não me diga que está muito ocupado; isso nunca o impediu de vir, principalmente quando é do interesse de Jean Lê Viste.

Nicolas fez um olhar de desafio, mostrando que não gostava de ser rejeitado.

Pegou o caneco e bebeu toda a cerveja. Ficamos olhando-o encher o caneco de novo e beber de um só gole. Enfiei as unhas nas palmas de minhas mãos, mas não disse nada, embora ele estivesse bebendo demais.

Nicolas deu um arrote. - A esposa de Lê Viste mandou Léon me tirar de Paris; não queria que eu ficasse lá.

- O que você fez a ela? - perguntou Philippe. Falava baixo, mas deu para ouvirmos bem.

- Tentei encontrar-me com a filha dela.

- Idiota - resmunguei.

- Você não diria isso se visse a moça.

- Ele viu, nós todos vimos; ela está na cena do Paladar - disse Philippe.

- E agora estamos pagando pela besteira que você fez reclamei. - Se Léon estivesse aqui, eu poderia combinar direito as coisas e ele conversaria com Jean Lê Viste.

Mas você é só um moleque de recados. Não podemos acertar nada com você.

- Desculpe, Georges, mas não creio que Léon pudesse ajudar. Jean Lê Viste é uma pessoa difícil depois que resolve uma coisa; não é fácil fazê-lo mudar de idéia.

Só consegui uma vez, quando ele queria que as tapeçarias mostrassem uma batalha.

Mas acho que dessa vez nem eu nem Léon conseguiríamos nada - disse Nicolas.

- Foi você que mudou o tema de batalha para unicórnios? Eu devia ter imaginado, vendo como você favorece suas damas.

- Na verdade, foi a mulher dele quem mudou. Enfait, vocês deveriam culpá-la.

Culpem as mulheres. - Dizendo isso, ele levantou o caneco de cerveja e brindou uma dama da noite de traje amarelo, que estava do outro lado do salão. Ela sorriu.

As damas da noite de Bruxelas gostam de estrangeiros, acham que um sujeito de Paris deve pagar melhor e ser mais gentil. Vai ver estão certas. Então,

começaram a rodear Nicolas como gaivotas em volta de tripas de peixe. Só estive com uma dama da noite uma vez na vida, antes de me casar com Christine, mas tinha bebido tanta cerveja que não lembro o que ela fez comigo. Hoje em dia, às vezes as damas da noite ficam no meu colo, na falta de outro lugar para se sentarem ou se a noite está meio parada. Mas sabem que não vão conseguir nada comigo.

- Tiens, Georges, lastimo tudo isso - desculpou-se Nicolas. - Posso lhe dar uma ajuda no ateliê, se adiantar.

Zanguei-me: - Você... - Parei o que ia dizer, pois lembrei de Christine no meu ouvido: "Aceite qualquer ajuda que pudermos ter." Então aceitei. - Chegou uma nova remessa de lã que precisa ser arrumada. Você pode ajudar.

- Nicolas, você não quis saber como ficaram as duas primeiras tapeçarias: o Olfato e a Audição. Afinal, sua Dama do Paladar não é a única mulher do mundo - disse Philippe.

O Olfato e a Audição estavam enroladas com ramos de alecrim para afastar as traças e trancadas numa comprida caixa de madeira, no canto do ateliê. Não consigo dormir direito quando há tapeçarias prontas no ateliê. Apesar de Georges Lê Jeune e Luc dormirem perto, todo passo que ouço na rua já acho que é um ladrão querendo roubá-las; qualquer chorna no fogão, já acho que uma fagulha vai queimá-las.

- Você não mudou nada nas damas, não é? - perguntou Nicolas a Philippe.

- Não, não, estão como nós as pintamos. E ficaram ótimas depois de dependuradas.

São como dois pequenos mundos.

Georges Lê Jeune perguntou a Nicolas: - É só isso que as nobres fazem o dia inteiro? Tocam música, dão comida a pássaros e usam lindas jóias para passear na floresta?

Nicolas irritou-se: -Algumas, talvez. - Pegou o caneco de cerveja e balançou-o.

Não fez barulho no fundo, sinal de que a cerveja tinha acabado.

- Luc, vá buscar mais cerveja - mandei. Eu havia desistido de me aborrecer com Nicolas. Talvez ele estivesse certo: Jean Lê Viste exigia porque exigia as coisas e só nos restava obedecer.

Luc pegou a jarra de cerveja e levou-a até o rapaz que ficava ao lado do barril, no canto da taberna. Enquanto esperava encher a jarra, a dama da noite de traje amarelo veio conversar com ele, apontando Nicolas. Luc arregalou os olhos (não está acostumado às atenções das mulheres) e balançou a cabeça.

- E você já viu um unicórnio? - Georges Lê Jeune continuou fazendo perguntas a Nicolas.

- Não, mas tenho um amigo que viu, num bosque a dois dias de viagem a cavalo de Paris - respondeu Nicolas.

- É mesmo? - Sempre achei que os unicórnios viviam longe, no Oriente, junto com os elefantes. Mas como não entendo nada disso, então não abri a minha boca.

- Meu amigo disse que o unicórnio é rápido como um raio branco e luminoso no meio das árvores e que não conseguiu ver direito como ele era, afora o chifre.

Só disse que parecia sorrir para ele; por isso eu o fiz tão contente nas pinturas.

- As mulheres também estão contentes? - perguntou Philippe.

Nicolas deu de ombros.

O rapaz do barril encheu a jarra de cerveja e entregou-a à dama da noite, e não a Luc, que foi atrás dela. A mulher segurou a jarra bem perto do peito e veio saracoteando em nossa direção.

- Aqui está a cerveja, senhores - disse, plantando-se na frente de Nicolas e debruçando-se para mostrar os

peitos ao colocar a jarra na mesa. - Tem lugar para mim aqui?

- Claro, uma mesa não está completa se não tiver uma ou duas damas da noite - disse Nicolas, puxando-a para o banco ao lado dele.

Eu jamais diria uma coisa assim para alguma mulher, mesmo sendo ela uma dama da noite, mas aquela de amarelo riu.

- Então vou chamar minhas amigas - anunciou ela. Dali a pouco havia mais duas na mesa e nosso canto se transformou no mais barulhento da taberna.

Resolvi não demorar. Damas da noite são coisa para jovens. Quando saí, a de amarelo estava sentada no colo de Nicolas; uma de verde abraçava o ruborizado Georges Lê Jeune, e uma terceira, de vermelho, mexia com Luc e Philippe.

Na volta para casa, urinei quase toda a cerveja na rua. Christine estava sentada em casa me esperando e não perguntou nada da conversa. Eu sabia o que ela queria ouvir.

- Alors, você pode tecer a tapeçaria. É o único jeito de conseguirmos terminá-las. Mas não diga nada a ninguém falei.

Christine concordou com a cabeça, sorriu e me deu um beijo. Depois, puxou-me para o nosso quarto. Isso mesmo, é melhor deixar as damas da noite para os jovens.

ALIÉNOR DE LA CHAPELLE

Nunca pensei que fosse ficar outra vez sozinha no jardim com Nicolas dês Innocents. Meus pais nos deixaram lá; estavam tão preocupados com as notícias

que Nicolas trouxera de Paris, que mamãe nem me disse para sair do jardim.

Abaixei-me com cuidado para não pisar nos líriosdo-vale. Eles roçaram em minhas pernas, e a qualquer toque soltavam um perfume doce no ar.

No verão passado, quando Nicolas foi embora, achei que nunca mais voltaria. Logo que chegou ao ateliê, ele ficou à vontade conosco, mas de repente parou de ser simpático comigo e se tornou ríspido com meus pais. Ao mesmo tempo, passou a pintar mais depressa. Até que um dia não veio ao ateliê e Philippe avisou que Nicolas tinha ido embora e deixado para ele terminar o último cartão. Talvez nós o tivéssemos ofendido com nosso jeito simples de Bruxelas. Ou não tivéssemos elogiado bastante o trabalho dele. Amigos de papai estiveram várias vezes no ateliê, postaram-se atrás do banco onde Nicolas sentava para pintar e mostravam erros no que ele estava fazendo: diziam que o unicórnio estava muito Parecido com um cavalo ou um bode, que o leão parecia um cachorro, ou o ginete parecia uma raposa, ou a laranjeira, uma nogueira. Nicolas detestava esses palpites.

Naquele momento, ele estava do meu lado. Levantei-me. Não me afastei, fiquei bem perto dele, tanto que senti o calor de sua túnica, as mãos com cheiro das rédeas do cavalo, o suor no cabelo e o rosto quente de sol.

- Você está parecendo cansada, bela.

- Passo quase a noite inteira costurando. Agora, depois do que você contou, não vou nem dormir.

- Sinto muito. Não gosto de dar más notícias para ninguém.

Recuei. - Por que você foi embora no verão, sem se despedir?

Nicolas não gostou: - Você é igual a seu pai: bem franca. Fiquei calada.

- Eu tinha trabalho me aguardando em Paris. Pela voz, eu sei quando um homem está mentindo. Nicolas esfregou a sola dos sapatos no chão.

- Qual é o problema de eu ter ido embora, bela? Para você e sua família eu não passo de um incômodo artista parisiense.

Sorri. - Talvez, mas sempre se espera merecer a boa graça de uma despedida.

Jamais eu iria contar que, depois que ele foi embora, fiquei três dias em silêncio. Ninguém percebeu - sou quieta assim mesmo -, só mamãe deu um beijo na minha testa quando finalmente abri a boca. É raro ela dar um beijo em alguém.

Nicolas suspirou. - Naquela época, soube de algumas coisas que preferia ignorar.

Talvez um dia conte a você. Não agora.

Antes que pudéssemos falar mais, mamãe nos chamou para a mesa. Depois da refeição, Nicolas saiu e só voltou quando os sinos da tarde anunciaram o fim do trabalho.

Papai e os rapazes foram com ele para a taberna, enquanto mamãe costurava o Paladar e eu À Mon Seul Désir. Ficamos bem quietas. Preocupada com as tapeçarias, mamãe nem sequer perguntou o que achei da volta de Nicolas.

Papai chegou mais tarde, foi para o quarto com mamãe e eu fiquei costurando.

Georges Lê Jeune e Luc voltaram da taberna mais tarde ainda. Luc tinha bebido muita cerveja e ficou na rua.

Sem querer, perguntei a meu irmão, que tinha se jogado num catre a meus pés: - Nicolas não veio com você?

Georges estava com o cheiro da cerveja e da fumaça da lareira da taberna e - meu nariz farejou - uma água-

decheiro barata que as damas da noite compram no mercado.

Meu irmão achou graça da pergunta e riu alto; tinha bebido demais para perceber o barulho que fazia. Mandeí-o ficar quieto; podia acordar nossos pais ou Madeleine, - Nicolas não deve voltar hoje. Achou uma dama de amarelo - disse Georges, rindo outra vez.

Levantei, passei ao lado dele e entrei em casa. Preferia dormir a ficar no ateliê com aquele fedor de cerveja, ouvindo as bobagens que ele ia ficar dizendo, por mais que eu tivesse costura a fazer. Acordaria cedo e trabalharia enquanto os homens ainda estivessem dormindo.

Nicolas só voltou bem tarde no dia seguinte, quando já estávamos trabalhando há horas. Luc também não estava trabalhando - passara tão mal da bebedeira que não servia para nada; ficou dormindo em casa.

Os tecelões estavam ocupados nos teares. Mamãe e eu ficamos com a remessa nova de lã que tinha acabado de chegar. Algumas lãs eram para as tapeçarias que estávamos fazendo naquele momento, e o restante para as duas últimas.

Mamãe estava separando a lã, usando uma noveleira de madeira que lhe batia pela cintura para enrolar as lãs em novelos, que depois pendurava, conforme a cor, em rolos. ela estava preparando as lançadeiras: puxava os fios de lã dos rolos e os enrolava nos pequenos bastões, que iam ficando prontos para os tecelões usarem.

- Aonde ele está? - mamãe não parava de perguntar, enquanto esticava a lã.

Papai não parecia se incomodar com a demora de Nicolas: - Daqui a pouco ele chega.

- Estamos precisando dele agora.

Eu não sabia por que mamãe estava tão zangada. Nicolas não tinha qualquer obrigação conosco, nem nós

estávamos precisando dele. Se queria dormir a manhã toda com a sua dama da noite, isso era problema dele. Não tínhamos de nos preocupar em saber onde ele estava.

Até chegou, quase tão fedido quanto Jacques Lê Boeul Continuava meio embriagado, depois de uma noite no Lê Vieux Chien, enquanto todo mundo no ateliê estava quieto, preocupado. Cumprimentou papai e Georges Lê Jeune com um tapa nas costas de cada um, e perguntou, dirigindo-se a mamãe e a mim: - Sabiam que Philippe se dedica agora aos prazeres da carne? Praticou ontem à noite com uma dama da noite, ou, melhor, aprendeu com ela. Agora eleja sabe.

- Essas últimas palavras pareciam uma flecha que atravessou a sala e entrou direto em mim. Abaixei a cabeça sobre a lançadeira e enrolei mais rápido a lâ.

Mamãe colocou a mão em cima da minha para que eu fosse mais devagar com o meu trabalho. Senti a raiva dela pelo toque.

- Não fale nesses pecados na frente de Aliénor e pode levar agora a sua dama da noite para Paris - resmungou ela.

- Christine! - ralhou papai.

- Não permito que um homem tão grosseiro fique na minha casa, por mais que precisemos da ajuda dele.

- Pare com isso! - mandou papai.

Mamãe parou. Quando meu pai usa um determinado tom de voz, ela sempre o obedece.

Ele pigarreou e eu parei de encher a bobina - papai costuma pigarrear quando vai dizer algo importante.

- Alors, Nicolas, na noite passada você disse que ia nos ajudar por um tempo.

Talvez a cerveja tenha apagado sua intenção, por isso a repito para você lembrar. Pode nos ajudar nessa nova remessa de lâ junto com Aliénor, assim Christine fará

outra coisa. Aliénor lhe ensinará e você servirá de olhos para ela - disse papai.

Levei um susto. Não queria que ele sentasse a meu lado, cheirando a outra mulher.

Papai, então, deu-nos um susto ainda maior. - Christine, você, por enquanto, vai tecer no lugar de Luc. Quando ele melhorar da bebedeira, você ficará no lugar de nosso filho. E você, Georges Lê Jeune, vai fazer as figuras em À Mon Seul Désir.

- As figuras? Mas que partes? - perguntou meu irmão.

- Todas. Comece pelo rosto da Dama, quando a lã estiver pronta. Já pode fazer isso sem eu ficar do seu lado.

Meu irmão apertou com força os pedais do tear, fazendo um barulhão. - Obrigado, papai.

- Também pode começar, Christine - mandou papai. O banco rangeu quando mamãe e meu irmão se sentaram lado a lado. O resto da sala permanecia em silêncio.

- Temos de fazer essa mudança, senão não terminaremos as tapeçarias no prazo.

Ninguém pode comentar nada fora do ateliê. Se a Guilda souber que Christine está tecendo, poderá nos multar ou até fechar nossos teares. Christine vai trabalhar só no tear do fundo, ao lado da porta do jardim, para não ser vista, caso alguém olhe pela janela da frente. Joseph e Christophe Jean, vocês receberão uma quantia extra no final do trabalho para ficar de boca calada.

Joseph e Thomas não disseram nada. O que poderiam dizer? O emprego deles dependia de mamãe também trabalhar. Como dissera papai, não tínhamos escolha.

Nicolas se aproximou de mim: - Então, bela, o que devo fazer? Mostre, aqui estão as minhas mãos. - Colocou sua mão sobre a minha. Estava com cheiro de cama dormida.

Retirei minhas mãos. - Não me toque.

Nicolas riu. - Não está com ciúme de uma dama da noite, está? Achei que você nem sequer gostasse de mim!

- Mamãe! - chamei.

Mas ela estava rindo de alguma coisa com meu irmão. Já havia esquecido a raiva de Nicolas, contente por estar tecendo. Eu teria de me defender sozinha.

Virei de costas para ele e coloquei as mãos na noveleira que mamãe havia deixado, dedilhando os fios esticados.

- Estamos enrolando essa lã em novelos - falei, ríspida.

- Depois, enchemos as lançadeiras com elas. Tiens, teremos de desmanchar o que mamãe fez e começar de novo. Segure a lã enquanto irei desenrolando. Não deixe cair no chão, senão sujará.

Nicolas pegou o fio e eu fui girando a noveleira cada vez mais depressa, para ele não conseguir acompanhar.

- Devagar, lembre-se de que nunca fiz isso. Tem de ter paciência comigo - pediu ele.

- Não dá para ser devagar. Você e Jean Lê Viste deixaram isso bem claro.

Acompanhe-me.

- Certo, bela. Como quiser.

No começo, tive o cuidado de ficar o mais longe possível de Nicolas e não deixar nossas mãos se tocarem - o que é difícil quando se trabalha com lã. Não dei conversa e respondi com poucas palavras às perguntas que ele fazia. Toda hora eu corrigia alguma coisa e não elogiava nada que acertava.

Mas, em vez disso, fazer com que ele ficasse irritado ou distante parecia agradá-lo ainda mais. Começou a me chamar de Dona da Lã, e quanto mais lacônicas eram as minhas respostas, mais ele perguntava. Mesmo depois de aprender a fazer um novelo bem-feito, ele embaraçava os fios só para eu tirar os nós e tocar nele.

Era um bom aluno. Em poucos dias já conseguia fazer novelos e preparar as lançadeiras quase tão bem quando mamãe e eu. Às vezes eu podia até deixá-lo trabalhando sozinho, enquanto cuidava de minhas plantas, pois em maio não se pode negligenciar um jardim.

Nicolas tinha jeito com as cores e fez novelos em mais tonalidades do que mamãe teria feito. Percebeu até que um love de lã vermelha estava misturado com outro que não combinava. Papai devolveu toda a remessa e exigiu que o tintureiro pagasse para não ser denunciado à guilda dos tintureiros.

Naquela noite, papai levou Nicolas mais uma vez à taberna, para comemorar, e o artista só voltou no meio da manhã seguinte. Dessa vez ninguém se zangou com ele: entreguei a lançadeira que estava enchendo e fugi para o jardim - assim não teria que sentir aquele cheiro de dama da noite.

Mamãe passou a se preocupar menos por Nicolas ficar comigo agora que ele estava nos ajudando e enquanto ela tecia. Nunca a vi tão feliz quanto trabalhando no tear.

Quase não prestava atenção em Madeleine e em mim, a menos que Nicolas e eu pedíssemos uma ajuda com a lã. De dia, ela ficava calada no tear, trabalhando tanto quanto qualquer tecelão, e à noite, quando eu costurava as partes que ela havia tecido, via que estavam bem-feitas, firmes e por igual. À noite, ela comentava com papai o que havia feito e o que ainda faltava. Papai não argumentava muito quando ela falava desse assunto; só negava quando ela pedia para aprender a fazer sombreado na tapeçaria.

Quase todas as noites, Nicolas ia ao Lê Vieux Chien, embora nem sempre ficasse a noite inteira. Às vezes, Georges Lê Jeune ia com ele, mas Luc não; foi convencido a parar com a cerveja depois da última vez. Em geral, Nicolas ia sozinho, e de madrugada eu o ouvia

descendo a rua, cantando ou conversando com homens que conhecera na taberna. Fiquei surpresa por ele arrumar amigos com tanta facilidade. No verão passado, não era tão simpático e afável, mas um arrogante artista parisiense.

Agora, havia homens (e mulheres também) no mercado perguntando e querendo saber notícias dele.

Quando ele voltava para casa, eu costumava estar ainda costurando. Fiquei com mais trabalho, já que mamãe não ajudava mais: depois de tecer o dia inteiro, ela ficava exausta e precisava descansar a vista para o dia seguinte. Dessa vez, Nicolas ficou conosco para não pagar uma hospedaria e, quando voltava da taberna, deitava-se no catre ao lado do tear onde o Paladar estava sendo feito. Quando eu costurava uma tapeçaria, ele ficava deitado quase a meus pés. Toda noite, ficávamos lá, juntos no escuro e quase sem falar, pois eu não queria acordar Georges Lê Jeune e Luc.

Mas às vezes eu sentia que ele estava virado para mim. Se enxergar for como um fio de urdidura amarrado aos dois rolos de um tear, eu podia sentir o fio dele, tenso.

Uma noite, Nicolas chegou bem tarde. Todos estavam dormindo, menos eu. Costurava o rosto da Dama, no Paladar, enfiando a agulha com cuidado em volta de um olho.

O rosto estava quase pronto e logo Nicolas poderia realizar seu desejo de vê-la.

Quando ele se deitou no catre, a meus pés, senti esticar-se a linha invisível que existia entre nós. Ele queria dizer alguma coisa, mas desistiu. O silêncio estava pesado. Esperei até não agüentar mais.

- O que foi? - perguntei, na sala silenciosa, sentindo que estava finalmente coçando uma picada de pulga.

- É uma coisa que estou querendo contar faz tempo, bela. Desde o verão passado.

- Foi por isso que você foi embora?

- Sim.

Contive a respiração.

- Jacques Lê Boeuf esteve hoje na taberna, Apertei os lábios.-Alors?

- E um homem grosseiro.

- Isso não é novidade.

- Não consigo imaginar...

- O quê?

Nicolas parou de falar. Senti com os dedos uma abertura junto ao olho da dama na tapeçaria e enfiei a agulha nela.

- No verão passado, ouvi uma conversa de seus pais sobre Jacques Lê Boeuf. Seu pai fez um acordo com ele. Sobre você.

Ele estava com dificuldade para falar, mas não o ajudei.

- Você tem de se casar com ele. Será no Natal, foi o que combinaram, embora possam mudar a data agora que as tapeçarias terão de ser entregues antes. Mas será quando elas estiverem prontas; na Quaresma, acho.

- Eu já sabia disso - falei.

- Sabia?

- Madeleine me disse. Meu irmão contou para ela. Eles... - fiz um gesto com a mão sem terminar de mostrar o que Georges Lê Jeune e Madeleine andavam fazendo. Nicolas podia adivinhar. - Ela disse, então, que não ia contar para mais ninguém, porém Bruxelas inteira já deve saber. Por que se interessa pelo que acontece comigo? Não sou nada para você, senão uma cega que não pode admirar seu rosto bonito.

- Não me agrada que uma moça bonita se case com um brutamontes, c'est tout. - Pela voz dele, não parecia ser tudo. Aguardei.

- É estranho, essas tapeçarias me fazem ver as mulheres de outro jeito. Algumas mulheres - consertou

ele.

- Mas essas tapeçarias não mostram mulheres de verdade fazendo coisas de verdade - falei.

Nicolas riu. -Algumas têm rostos de verdade. É por isso que sou conhecido; afinal, pinto rostos de damas. E, agora, faço tapeçarias.

- Ganhou bem por esses desenhos, alors"?

- Pelo jeito, ganhei mais do que seu pai.

- Coitado de papai, ele está se arruinando com o seu Jean Lê Viste.

- Sinto muito.

Ficamos por um instante em silêncio. Dava para ouvir a respiração calma dele.

- O que você vai fazer quanto a Jacques Lê Bceuf? perguntou Nicolas.

Luc virou-se no catre onde dormia e resmungou alguma coisa.

Achei certa graça. - O que posso fazer? Sou uma moça cega que teve a sorte de, finalmente, ter uma proposta de casamento.

- Proposta de um homem que tem cheiro de urina de carneiro?

Dei de ombros, embora me sentisse um pouco sem jeito"

- Tu sais, Aliénor, você pode fazer uma coisa.

A voz dele mudou ao dizer isso. Gelei. Sabia o que ele estava pensando. Também havia pensado a mesma coisa. Só que, se aceitasse, eu poderia acabar ficando numa situação pior do que casada com Jacques Lê Bceuf.

Entretanto, Nicolas parecia muito convicto.

- Venha, bela, vou lhe contar toda a história do chifre do unicórnio.

Passei de leve os dedos sobre os sulcos que a urdidura deixa na tapeçaria. A lã e a seda da trama firme e áspera faziam cócegas nas pontas de meus dedos e deixei minhas mãos descansarem ali por um instante.

Mamãe e o padre já haviam dito que seria pecado, a não ser que o homem e a mulher fossem casados, mas também nunca soubera que isso impedisse alguém de fazê-lo - mamãe mesma havia feito. Por mais que ela e papai digam que se casaram para manter os ateliês dos pais, meu irmão nasceu apenas um mês depois que eles passaram a dormir na mesma cama como esposos. Madeleine e meu irmão também não pareciam temer o pecado, nem Nicolas, nem os casais que eu ouvia nos becos, nem as mulheres rindo dessas coisas ao lado da fonte ou no mercado.

Enfiei a agulha na boca da Dama para saber a partir de onde deveria continuar e estendi as mãos para Nicolas. Ele me levantou do banco, carregou-me no colo por cima dos tecelões dormindo e me levou para o jardim. Segurei bem no pescoço dele e enfiei o nariz em sua pele cálida. Tinha um cheiro delicioso.

Ele me deitou num canteiro de flores - margaridas e cravos, miosótis e aquilégias. Não me incomodei de amassá-las, só não gostei dos líriosdo-vale caindo sobre o meu rosto. Eles são difíceis de cultivar, duram pouco e têm um perfume tão suave que me afastei dos lírios e deitei a cabeça numa moita de erva-cidreira. As folhas frias e felpudas ficaram roçando a minha testa e meu rosto. Sorte que a erva-cidreira cresce logo outra vez, mesmo quando alguém pisa nela.

Jamais imaginei que finalmente fosse estar com um homem e ainda me preocupar com minhas plantas.

- Do que está rindo, bela? - perguntou Nicolas, com o rosto bem em cima do meu.

- De nada - respondi, e toquei no rosto dele com a mão.

Ele ficou por cima de mim, com as pernas nas minhas coxas, o peito sobre meus seios, seu sexo pressionando com força o meu. Nunca havia sentido um peso assim

sobre mim; mesmo assim não me assustei. Queria que ele me apertasse mais ainda.

Ele me beijou, a boca ávida, a língua entrando na minha boca, e tive vontade de rir outra vez. Era macio e, ao mesmo tempo, duro e molhado, e se mexia. Ele chupou minha língua para dentro da sua boca e lá era quente, com gosto da cerveja que ele bebera e de outra coisa que eu não sabia o que era; acho que o gosto dele.

Nicolas pegou o meu vestido, levantou as saias e abaixou o corpete. Minha pele arrepiou com o frio e também ao sentir a pele dele.

Todos os meus sentidos estavam alertas, com exceção de um. Pensei como seria enxergar enquanto fazia aquilo. Pelo pouco que eu sabia do que se passava entre homens e mulheres, só pelo que ouvira de meus pais à noite, de meu irmão com Madeleine no jardim, ou das mulheres fazendo chacota no mercado ou cantando músicas maliciosas, sempre achara que seriam necessários olhos para poder desfrutar, o que era uma coisa que eu não poderia fazer, ou só poderia com um homem como Jacques Lê Boeuf, e que ele me machucaria, e eu sempre ficaria com medo de fazer de novo. Doeu só um instante, quando Nicolas me penetrou pela primeira vez, depois senti o corpo dele no meu, lambendo-me, tocandome, cheirando-me e ouvindo-me.

- O que você está olhando? - perguntei, enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, e entre nós ficava molhado, ao mesmo tempo que fazia um som parecido com o de um pé saindo da lama - Não estou olhando nada, fechei os olhos - é melhor assim. Sinto melhor. De qualquer jeito, a noite está muito escura, não há lua.

Então, eu não estava perdendo nada. Estava realmente ali com ele, tanto quanto qualquer mulher poderia estar. com isso, descobria que aquele era um prazer que eu também podia sentir.

Alguma coisa começou a crescer dentro de mim e foi crescendo conforme o ritmo dele, até que não consegui segurar mais e gritei, enquanto meu corpo inteiro se esticou e depois relaxou: uma mão fechada que em seguida se abria.

Nicolas colocou sua mão sobre a minha boca. - Psiu! fez, mas também estava rindo. - Quer que todos ouçam?

Dei um longo suspiro. Não estava assustada, apenas surpresa.

Nicolas se movimentava mais rápido e emitia alguns sons; sua respiração estava rápida como a minha, e então uma coisa quente espalhou-se dentro de mim. Ele parou

e desabou sobre meu corpo, tão pesado que eu mal conseguia respirar. Em seguida, rolou para o lado. Ouvi as plantas sendo esmagadas, senti o cheiro doce dos líriosdo-vale e tive certeza de que estavam amassados. Mas tudo aquilo era tão doce como o mel sem o pão para passar por cima. Além daquele cheiro forte, senti o perfume de outra coisa, mais real e parecida com terra. Era o cheiro de cama que já havia sentido nos outros, só que fresco como brotos de planta e terra molhada de chuva.

Ficamos inspirando e expirando juntos, cada vez mais lentamente, até que nos acalmamos.

- É isso, então, o que você faz com as damas da noite? perguntei.

Nicolas respondeu-me irritado: - Mais ou menos. Às vezes é bom; outras, não.

Costuma ser melhor quando a mulher fica feliz.

Eu estava feliz.

- Que cheiro é esse? - perguntou ele.

- Qual deles?

- O cheiro doce. O outro eu conheço.

- É do lírio-do-vale. Você está deitado sobre um, Ele riu.

- Nicolas, quero fazer isso de novo.

- Agora? Vai ter de me dar um tempo, bela. Deixa eu descansar um pouco, depois vejo o que poderei fazer - disse ele, rindo mais ainda.

- Amanhã e depois de amanhã, e depois de depois de amanhã - falei.

Nicolas virou o rosto para mim: - Tem certeza, Aliénor? Sabe o que pode acontecer?

- Sei. - Todas as conversas, as canções, as piadas me haviam ensinado isso também. Eu sabia o que queria. Deixaram de me informar tantas coisas só porque meus olhos não vêem. Eu ia ter aquilo e também as suas conseqüências.

Durante duas semanas, trabalhamos juntos no ateliê e deitamos no jardim à noite, amassando todas as minhas flores. No final, a lã estava separada; as Damas do Paladar e de À Mon Seul Désir, prontas; e tínhamos terminado.

Papai colocou um espelho sob o Paladar no tear para Nicolas ver todo o rosto da Dama. Naquela noite, ele se despediu de mim no jardim e, ao descansar a cabeça no meu colo, disse: - Não fique triste, bela.

- Não estou triste e não sou bela - respondi. No dia seguinte, ele voltou para Paris.

CHRISTINE DU SABLON

Ele foi bem esperto, esse Nicolas dês Innocents, tenho de admitir. Fez uma travessura embaixo do nosso nariz e eu só percebi muito depois de ele ter ido embora. Acho que as tapeçarias não me deixaram ver as coisas. Estava tão ocupada, prestando atenção no trabalho, que nem sequer percebi o que estava acontecendo à minha volta. Eu me culpei por ter cometido o pecado do orgulho de tecer, orgulho que se transformou em arrogância - além de não ter ido à Missa na Notre Dame du Sablon a semana inteira, como sempre fazia religiosamente. Descuidei de Nossa Senhora e Nosso Senhor, e fomos todos castigados.

Num domingo, depois da Missa, Georges e Georges Lê Jeune desenrolaram e dependuraram as tapeçarias da Audição e do Olfato para Nicolas ver, pois foram as primeiras a ficar prontas. Encostei-me na soleira da porta, admirando-as. Mas percebi que as mãos da Dama tocando órgão poderiam estar mais bem-feitas. Se Georges me tivesse deixado há mais tempo tecer, ele teria tido a oportunidade de fazer melhor aquelas mãos. Mas não comentei nada com ninguém.

- A senhora está satisfeita, Madame? - perguntou Nicolas, então.

Balancei a cabeça. - Estava admirando a perícia de meu marido. - Nicolas continuou rindo para mim até que bati palmas e mandei: - Agora chega de olhar.

Enrolem de novo as tapeçarias, senão as traças atacam. Aliénor, corte um pouco de alecrim para colocar no meio das tapeçarias.

Nicolas tinha visto as duas primeiras tapeçarias, além da terceira e da quarta enquanto estavam sendo feitas, e queria ver os desenhos das duas últimas (a Visão e o

Tato) para garantir que tudo estava correto. Foi o que disse.

Confesso que não pensei muito a esse respeito. Luc pegou os cartões para Nicolas, que os olhou sozinho no jardim enquanto todos trabalhávamos no ateliê.

Logo em seguida, ele entrou e disse: - Gostaria de mudar uma coisa.

- Por quê? Já estavam aprovadas - disse Georges.

- Quero repintar os líriosdo-vale, agora que pude conhecê-los bem no jardim de Aliénor.

Atrás do tear, Aliénor deu uma risada como eu nunca tinha visto. Na hora, não desconfiei de nada, embora devesse.

- Mudaremos quando começarmos a tecer. Lembre-se de que os tecelões podem mudar a verdure como quiser explicou Georges.

- Mesmo assim, eu queria repintar. Como sempre, meus dedos ficaram tão ásperos de lidar com a lã que não sei o que as mulheres irão dizer quando eu tocar nelas.

- Ele piscou para Georges Lê Jeune, e Aliénor riu outra vez.

Franzi o cenho, mas meu marido só deu de ombros. Como queira, a lã está separada; não vamos precisar mais de sua ajuda mesmo.

Agora, quando penso nisso, lembro que ninguém foi ver o que Nicolas havia feito nos cartões. Ele havia mostrado sua perícia no verão anterior, quando pintara os cartões, e não tivemos tempo de ficar acompanhando por cima do ombro dele Pintara no jardim e, quando secaram, enrolara e guardarajunto com os demais.

A despedida dele era para ser em grande estilo, mas estávamos ocupados demais para pensar a respeito. Tecíamos catorze horas por dia, mal tínhamos tempo de comer, e eu estava tonta com a trama da tapeçaria na minha frente, mesmo quando não estava tecendo.

Toda noite eu caía na cama e dormia sem me mexer, até Madeleine me acordar pela manhã. Não dispunha de muito tempo para pensar na viagem dele. Na noite anterior à partida, Nicolas foi à taberna com os homens, mas estavam todos tão cansados que dormiram em cima dos canecos de cerveja.

Nicolas voltou para Paris sem se despedir daquela dama da noite que usava traje amarelo. Parecia ter-se afastado dela naquelas últimas semanas. Só agora, claro, eu sabia por quê.

Depois, seguiram-se lindos dias de verão, incessantes, em que tecemos quase sem abrir a boca para dizer qualquer coisa. Os dias de verão costumam ser compridos, com menos festas do que as outras épocas do ano. Começávamos a trabalhar mais cedo e terminávamos mais tarde. Eram quinze, dezesseis horas por dia nos teares, no calor, parados e em silêncio. Não falávamos, e até Joseph e o filho Thomas passaram a respeitar o silêncio. Minhas costas doíam muito, meus dedos estavam esfolados pela lã, e meus olhos, vermelhos. Mesmo assim, nunca estive mais contente.

Estava tecendo.

Madeleine nos deixou em paz, trazendo cerveja sem que fosse preciso pedir, servindo as refeições depressa e sem confusão. Estava cozinhando melhor desde que a encarreguei disso, assim como meu Georges Lê Jeune estava tecendo muito bem, tanto, a ponto de eu não conseguir diferenciar o que havia sido feito por ele ou pelo pai.

Aliénor mantinha-se calada, mas sempre foi assim. Costurava para nós, cuidava do jardim e ajudava Madeleine nos afazeres da casa. As vezes dormia de dia para costurar a noite toda, depois que as tapeçarias eram liberadas pelos tecelões.

No final do verão, pouco depois da Festa da Natividade da Virgem, conseguimos terminar. Há

semanas eu sabia que estávamos perto do fim - pelos dedos, eu sentia a barra da tapeçaria se aproximando lentamente à medida que eu ia finalizando as diversas cores: verde, depois amarelo, depois vermelho. Pensei que fosse comemorar, mas, quando terminei a última barra vermelha, dei um nó na última lançadeira e ajudei Aliénor a costurar os últimos espaços abertos na troca de cores; estava me sentindo como um assado sem pimenta. O dia havia sido igual a todos os outros.

Claro que fiquei orgulhosa quando Georges me deixou participar do corte da tapeçaria. Era a primeira vez que tinha permissão de cortar os fios da urdidura.

E quando desdobramos as tapeçarias para vê-las integralmente, foi uma alegria. Meu trabalho em À Mon Seul Désir estava igual ao dos outros tecelões, como se eu sempre tivesse sido um deles.

Não tínhamos tempo de descansar. Ainda havia duas tapeçarias para serem feitas em cinco meses. Georges não disse, mas eu sabia que também iria tecê-las. Os dias estavam ficando mais curtos e precisávamos de todos os artesãos. Se Aliénor pudesse enxergar, Georges provavelmente a aproveitaria também.

Num domingo, após a Missa, única ocasião em que eu agora saía para ver gente, estávamos caminhando pela GrandPlace, quando Aliénor agarrou meu braço: - Jacques Lê Bceuf! - murmurou. Seu nariz havia identificado o cheiro: Jacques estava do outro lado da praça, vindo em nossa direção. Confesso que nem pensei no tintureiro de anil naquele verão inteiro. Não conversamos com Aliénor a respeito das bodas, nem fiz nada para o enxoval dela.

Coloquei sua mão no braço de Georges Lê Jeune e ordenei, baixo: - Leve-a para o U Arbre d'Or. É a Guilda onde só os tecelões e suas famílias podem entrar.

Os dois seguiram rápido, eu agarrei o braço de meu esposo e ficamos bem juntos, como se esperássemos

uma tempestade que pudesse nos derrubar. Ficamos olhando o Hotel de Ville, construção sólida e marcante com seus arcos, esculturas e torre. Seria bom se também fôssemos tão sólidos.

Jacques surgiu, agitado. - Onde foi a menina? Sempre foge de mim! - gritou. - Assim não vale a pena ter uma esposa que corre toda vez que o esposo aparece!

- Psiu! - fez Georges.

- Não me mande falar baixo! Estou cansado de ficar quieto. Não fiquei quieto o ano passado inteiro? Não fiquei calado quando os mexeriqueiros do mercado perguntaram se eu ia me casar com ela? Por que não posso falar? E por que não posso me encontrar com ela? Um dia ela terá de se acostumar comigo, por que não desde já? - perguntou ele e virou-se na direção do U Arbore d'Or.

Georges segurou o braço dele. - Não vá lá, Jacques, você sabe que não pode entrar na Guilda. E só estou pedindo para guardar segredo mais um pouquinho.

- Por quê?

Georges largou o braço de Jacques e olhou para o chão.

- Porque ainda não comuniquei a ela.

- Ela não sabe? - Jacques falou ainda mais alto do que antes. As pessoas foram se juntando em volta, à distância de um cuspe, por causa do cheiro dele.

Tossi. - Tenha paciência conosco, Jacques. Sabe que estávamos muito ocupados com as tapeçarias, onde suas lãs azuis foram muito importantes. Tanto que tenho certeza

de que vai receber uma enxurrada de encomendas de azul quando as pessoas começarem a ver - falei, segurando no braço dele, e, com calma, afastando-o dali, apesar de meus olhos lacrimejarem com seu cheiro.

Os olhos de Jacques brilharam por um instante, mas só por um instante.

- E a moça? Ela virá para a minha casa no Natal, não é? Já compraram a cama?

- vou encomendá-la amanhã, de castanheiro. A nossa é da mesma madeira, muito boa - disse Georges.

Jacques deu uma risadinha que revirou minhas tripas, e expliquei: - Meu esposo vai conversar com você logo, pois não podemos discutir negócios no sabá. - Olhei firme, e ele abaixou a cabeça. Ralhei um pouco mais, consegui que ele fosse embora e que as pessoas em volta sumissem sem descobrir o motivo de seus gritos, embora já devessem saber, pelo que ele disse dos mexericos no mercado.

Georges e eu nos entreolhamos.

- A cama - disse ele.

- O enxoval - falei ao mesmo tempo.

- Onde vou achar dinheiro para comprar a cama?

- Quando vou ter tempo de fazer o enxoval?

Georges balançou a cabeça. - E o que ele vai dizer quando souber que o casamento não será no Natal, mas na Candelária?

Pouco depois tive todas as respostas para todas essas perguntas, embora não fossem as que esperava.

No começo, ninguém percebeu. Os teares estavam prontos para fazer a Visão e o Tato, e passávamos quase o dia todo urdindo, com a ajuda de Philippe e Madeleine.

Depois, Georges desenrolou os cartões para colocá-los embaixo da urdidura.

Prestei atenção na borda dos desenhos, para ver se dispúnhamos das cores certas. Nisso, olhei a Dama no cartão da Visão. Levei um instante para perceber e então recuei como se tivesse levado um soco no peito.

Não havia dúvida de que Nicolas tinha mudado alguma coisa, e não haviam sido apenas os líriosdo-vale.

Georges Lê Jeune viu também e começou a rir.

- Regards, mamãe! Foi isso que Nicolas foi pintar no jardim; você devia ficar contente - gritou ele.

Fiquei tão irritada com aquele riso que dei um tapa em seu rosto. Georges Lê Jeune me olhou, surpreso. Nem esfregou o rosto, embora eu tivesse dado um tapa tão forte que a pele avermelhou.

- Christine, o que é isso? - perguntou meu esposo. Olhei para Aliénor, que estava sentada num banquinho, desembaraçando a lã. Claro que ela não podia ver o que Nicolas fizera com a Visão.

- Eu só disse para mamãe que Nicolas fez a Dama parecida com ela no Tato, e ela me estapeou! - reclamou meu filho.

Olhei para ele, depois para a tapeçaria. Olhei bem. Ele tinha razão: a Dama era parecida comigo, com meus cabelos compridos e rosto longo, o queixo pontudo e o maxilar marcado, as sobrancelhas em arco. Eu era a orgulhosa esposa do tecelão empunhando, satisfeita, o estandarte numa das mãos e segurando o chifre do unicórnio na outra. Lembro do instante que ele captou, quando eu estava na porta, pensando no que estava tecendo. Nicolas dês Innocents me conhecia bem.

- Desculpe, meu filho, pensei que você estivesse falando da Visão, onde a Dama é parecida com Aliénor - falei.

Todos olharam para a tapeçaria, e Aliénor levantou a cabeça. -Zanguei-me porque achei cruel colocar uma moça cega na tapeçaria da Visão - expliquei logo. Não comentei o fato de o unicórnio estar com a cabeça no colo de minha filha e o que isso poderia significar. Meu esposo e os outros ficaram olhando, mas pareciam não perceber nada. Os homens às vezes são inocentes.

- Parece mesmo com você, Aliénor, com seus olhos tortos e seu sorriso torto - disse Georges Lê Jeune.

Aliénor enrubesceu e se atrapalhou com a lã que tinha no colo.

- Vamos deixar os cartões assim mesmo, papai? Não podemos mudar as figuras depois de serem aprovadas

pelo cliente - considerou meu filho.

Meu esposo passou a mão no rosto, sério. - Podemos usar assim mesmo, não lembro como eram os rostos antes. Você lembra, Philippe?

Philippe olhou bem o cartão. Depois, levantou os olhos redondos para Aliénor e vi que estava tão preocupado quanto eu com a mudança nos desenhos e o que aquilo podia significar. Por sorte, Philippe é discreto, quase tão calado quanto Aliénor.

- Não lembro como eram os rostos, por isso não conseguiria refazer os desenhos - disse ele.

- Então está bem. Vamos tecer assim, esperando que ninguém perceba - decidiu Georges. - Dane-se o pintor, não preciso de mais uma preocupação.

Ao ouvir isso, Aliénor mexeu a cabeça com força, e, por um instante, ficou tão triste quanto a Dama da Visão. Mordi o lábio. Será que Nicolas a retratou na virgem

que segura o unicórnio porque a desejava ou porque havia realizado o desejo?

Comecei a observar minha filha - do jeito como deveria ter feito quando Nicolas se encontrava entre nós. Observei-a com olhos de mãe. Não parecia diferente. Ela não sentia dor de estômago, nem estava mais cansada do que todos nós, nem sentindo dor de cabeça ou irritada. Tive tudo isso quando a estava esperando e, depois, o mesmo com Georges Lê Jeune. Ela também não estava com a cintura grossa nem a barriga redonda.

Talvez tivesse conseguido escapar da armadilha que os homens preparam para as mulheres.

Mas ela havia mudado numa coisa: não era mais tão curiosa como sempre fora.

Costumava pedir para eu descrever uma coisa, ou dizer o que eu ou os outros estávamos fazendo. Eu havia começado a preparar seu enxoval à noite, quando não podíamos tecer, pois, à medida que os dias passavam e

iam ficando mais curtos, eu já não estava tão cansada no fim da jornada e podia costurar após a ceia. Nas noites em que eu fazia vestidos, lencinhos ou lenços de cabeça para a arca do enxoval dela, Aliénor não perguntava por que eu não estava costurando as tapeçarias com ela, ou o que eu estava fazendo. Na verdade, ela parecia contente de costurar sozinha. Às vezes, eu a olhava lidando com as lãs ou no jardim, ou ajudando Madeleine no fogão, ou debruçada sobre a tapeçaria, e ela estava sorrindo de um jeito que eu nunca tinha visto, como um gato que comeu bem e achou um canto ao lado da lareira. Nessa hora eu ficava preocupada e achava que minha filha tinha caído na armadilha dos homens, O problema era aquela cegueira. Aliénor jamais pudera saber como os outros a viam. Eu estava sempre tirando folhas do cabelo dela, graxa de seu queixo ou alisando sua saia porque ela não imaginava que as pessoas percebessem. Assim, quando começou a ficar mais redonda, achou que o pesado casaco de inverno escondesse a barriga, sem saber que o jeito e o andar dela haviam mudado.

Eu tinha certeza de que ela estava grávida. Fui percebendo aos poucos, como um amanhecer chegando, e num certo dia de novembro, quando a vi andando pelos canteiros da horta, desajeitada, colhendo os repolhos antes que começasse a nevar, simplesmente me perguntei quando deveria dar a notícia a Georges. Claro que já deveria ter contado há semanas, quando ele estava pensando em encomendar a cama de casal. Todo dote deve ter uma cama, e ele procurara um carpinteiro, preocupado com o preço.

- Não tenho um centavo para pagar a cama, a não ser que eu use o dinheiro que devo a Jacques pela última remessa de lã - explicou ele. - E Jacques vai ficar furioso, porque na mesma ocasião também terei de dizer que ela não poderá se casar antes de fevereiro.

- Quando você vai avisá-la do casamento? - perguntei. Aliénor ainda não sabia o que ele estava planejando para ela.

Georges deu de ombros. Meu esposo não é covarde, mas não queria ver a filha infeliz.

Eu também não sou covarde, mas não contei do que desconfiava, nem perguntei nada para Aliénor. Claro que devia ter perguntado, mas não queria perturbar a tranqüilidade do ateliê. Naqueles muitos meses de trabalho, Georges e eu mantivéramos distância dos problemas. Só voltaríamos a pensar neles depois que as tapeçarias estivessem prontas. Estava tudo parado: a casa suja; o jardim de Aliénor, largado; Georges, sem procurar trabalho para o ano seguinte; eu não ia ao mercado, nem queria saber o que estava acontecendo na cidade. Tenho vergonha de dizer que até nossas preces acabaram sendo suspensas e não respeitávamos os dias de guarda.

Trabalhamos no Dia de Todos os Santos e nos Finados, quando devíamos ter ficado na igreja.

Mas o problema de Aliénor não podia esperar. Um bebê não pode ser adiado para outra ocasião.

Foi Thomas quem percebeu. De todos os tecelões, era ele quem tinha os olhos mais atentos - não ficavam parados acompanhando o que seus dedos faziam no tear. Se alguém se mexia no ateliê (principalmente Aliénor ou Madeleine), seus olhos iam atrás.

Uma manhã, Aliénor ficou ao lado de um dos teares para entregar uma lançadeira de linha branca para Georges, que começava o rosto da Dama, na Visão. Ela ficou com Joseph e Thomas, um de cada lado, e, quando se inclinou sobre o tear, mostrou a barriga para quem quisesse ver. Ninguém quis, exceto Thomas, que, ao lado dela, procurava uma desculpa para interromper o trabalho.

- Alors, Dona da Lã - disse ele, repetindo o apelido que Nicolas havia dado a ela, embora sem a mesma graça do artista. - Vejo que a plantinha está crescendo.

Quando vai ser a colheita?

Pisei nos pedais com tanta força que o barulho ecoou pelo ateliê inteiro - mesmo assim, não deu para abafar o que ele disse. Quando meu tear silenciou, o ateliê também ficou em silêncio.

Aliénor deixou cair a lançadeira sobre o urdume e recuou. Abaixou as mãos e agarrou a saia, e com isso a repuxou, delineando a barriga de tal modo que, se alguém ainda não havia entendido o que Thomas havia dito, passou a entender.

Meu esposo foi quem mais demorou. Quando tece, Georges fica absorto e leva tempo para tomar conhecimento das coisas ao redor. Olhou para Aliénor, mas não parecia vê-la, embora ela continuasse de frente para ele, as mãos caídas, a cabeça inclinada. No momento em que finalmente entendeu, Georges me olhou e confirmou na linha séria da minha boca o que estava pensando. Levantou-se, e o banco rangeu. Joseph e o filho Thomas abriram caminho para ele passar.

- Tem alguma coisa a me dizer, Aliénor? - perguntou ele.

- Não. - Aliénor estava mais calma ainda.

- De quem é? Silêncio.

- Quem é ele?

Ela não se mexeu nem falou. Seu rosto estava desolado.

Georges passou por cima do banco e deu-lhe um tapa que a derrubou no chão. Como qualquer mãe, ao cair, Aliénor colocou as mãos na barriga para proteger o filho.

Bateu a cabeça no banco do tear. Levantei do meu banco e me coloquei entre eles.

- Não faça isso, Christine - mandou Georges.

Parei. Há situações em que a mãe não pode proteger seu filho.

Alguém se mexeu na porta; Madeleine estava assistindo a tudo e desapareceu. Um instante depois, eu a vi passar rápido pelas janelas do ateliê.

Aliénor levantou-se. De seu nariz escorria sangue. Talvez por ver isso, Georges se conteve. Ela se levantou, vacilante, saiu do ateliê e dirigiu-se para o jardim, sempre com passos inseguros.

Georges olhou para Joseph, Thomas, Georges Lê Jeune e Luc, sentados em fila como juizes, olhando para ele.

- Voltem ao trabalho - mandou.

Um a um, eles inclinaram a cabeça sobre as tapeçarias.

Georges me olhou, desesperado. Fiz sinal com a cabeça para dentro de casa e me seguiu. Ficamos lado a lado, olhando a lareira acesa. Só quando senti o calor do fogo foi que percebi o frio que fazia no ateliê.

- Quem você acha que é o pai? - perguntou Georges. Ele não tinha feito uma ligação entre o que a Dama da Visão estava fazendo e o que Aliénor tinha feito.

De certa forma, eu esperava que ele jamais fizesse.

- Não sei - menti.

- Talvez seja o próprio Jacques Lê Boeuf - Georges tentava ser otimista.

- Você sabe que não é. Ela jamais faria amor com ele.

- O que faremos agora, Christine? Jacques não vai aceitá-la assim, e decerto nunca mais tingirá lã para nós. E tem a cama que já paguei com o dinheiro que era para ele.

Lembrei de Aliénor tremendo na igreja quando falou em Jacques e senti uma certa alegria por ela não ter de dormir naquela cama com ele, embora, claro, eu não pudesse dizer isso.

Antes que eu respondesse, ouvimos passos do lado de fora e Madeleine entrou seguida por Philippe de la Tour. Suspirei: mais um estranho para testemunhar nossa vergonha e o sofrimento de Aliénor.

- Saia, estamos ocupados - disse Georges, antes que Philippe abrisse a boca.

Philippe não obedeceu a ordem agressiva.

- Queria falar com você - disse ele; depois pareceu perder a coragem. Madeleine deu-lhe, então, um safanão e ele continuou: - É sobre Aliénor.

Georges fechou os olhos por um instante e perguntou a Madeleine: - Você já foi contar para todo mundo, não é? Por que não berra a notícia no mercado? Ou traz Jacques aqui, para ver a loucura que acabou de acontecer?

Madeleine zangou-se com Georges: - Vocês são todos cegos, não viram até agora como ele gosta dela? - Ficamos olhando para ela, que jamais rebatia coisa alguma.

Será que estava se referindo a Jacques Lê Boeuf? Não era o tipo de homem que gostasse de alguém.

- Georges, deixe Madeleine falar, ela sabe o que diz explicou Philippe, inseguro. - Não vim aqui para zombar da situação, é que... - Parou, como se estivesse com muito receio de falar.

- O que é, então? No que você pode nos ajudar?

- E que eu... eu sou o pai.

- Você?

Philippe me olhava firme e, num lampejo, compreendi. Fiz um leve sinal para ele tomar coragem e prosseguir. Madeleine devia ter razão: Philippe amava Aliénor e ia ajudá-la. A ela e a nós também.

Philippe engoliu em seco e continuou olhando para mim em busca de apoio.

- Sou o pai da criança e quero que Aliénor seja minha esposa, se ela me aceitar.

PHILIPPE DE LA TOUR

Minha esposa é uma mulher calada. Isso não é ruim, pois mulheres caladas não fazem nem causam intrigas.

Mesmo assim, gostaria que ela conversasse mais comigo.

Ela não disse nada quando nos casamos, só respondeu as perguntas do padre na igreja. Também nunca falou no bebê que esperava, nem em Nicolas. Nunca me agradeceu.

Uma vez, falei que estava contente por tê-la ajudado, e ela disse: "Eu me ajudei", e virou-me as costas.

Ainda não estávamos morando na casa de meus pais, só iríamos para lá depois que as tapeçarias ficassem prontas. Precisavam que ela costurasse à noite, não que dormisse comigo. Embora tivéssemos ajoelhado na frente do padre na igreja de Notre Dame du Sablon, ainda não tínhamos dormido juntos para fazer as coisas que aprendera com uma dama da noite, no verão. Aliénor estava muito barriguda e ainda não queria.

Eu esperava que, com o tempo, ela aceitasse.

Quando Georges e Christine foram falar com Jacques Lê Boeuf, mandaram que, por segurança, eu ficasse na casa de vizinhos. Recusei-me, pois não poderia me esconder dele a vida inteira. Eles nunca me contaram a reação de Jacques ao saber que Aliénor seria minha esposa, mas alguns dias depois eu o vi. Ele também me viu no mercado da Plâce de la Chapelle, onde eu estava comprando nozes. Dava tempo de eu correr, mas fiquei parado, vendo-o caminhar na minha direção como um touro. Bem que eu poderia ter-me assustado, mas na hora só pensei no sorriso triste de Aliénor. Ela sorria pouco para mim e não sorriria nunca para aquele brutamontes fedido. Mesmo com ele se aproximando

naquela hora, eu estava satisfeito por tê-la salvado de suas garras.

Ficou tudo preto depois que ele me deu um soco. Quando voltei à consciência, estava deitado na neve (a primeira do inverno) com as nozes espalhadas à minha volta, e Jacques Lê Bceuf em cima de mim. Olhei as altas e delicadas janelas da Chapelle que apareciam por trás dele e fiquei pensando se iria me matar. Na verdade, ele é um homem simples, com ambições simples, e me derrubar foi o bastante.

Inclinou-se e resmungou: - Pois fique com ela. Para que serve uma esposa sem olhos? Caso com minha prima e ela me será mais útil.

Eu não ia discutir com ele. Nem podia: o cheiro fazia tudo escurecer outra vez.

Quando voltei a mim de novo, ele já havia ido embora e eu estava sendo carregado pela rue Haute para a casa de Georges. Aliénor lavou meus machucados, segurando minha cabeça por cima do barrigão. Ela não respondeu quando perguntei o que tinha acontecido. Só quando eu quis saber que planta era aquela misturada na água, ela respondeu: "Verbena". Foi só uma palavra, mas soou como música.

Depois daquela cena, Jacques Lê Bceuf me deixou em paz, mas insistiu para Georges pagar adiantado a última remessa de lã azul, senão ele não a mandaria.

Georges já havia dado o dinheiro para pagar a cama do dote de Aliénor. Então, pude ajudá-lo; seria a minha primeira ajuda como genro. Eu tinha uma prima que ia se casar logo e convenci os pais dela a comprarem a cama de castanheiro, e assim Georges teve o dinheiro de volta. Aliénor e eu podíamos esperar por uma cama de casal.

Graças a essa minha ajuda, as coisas ficaram um pouco mais fáceis para Georges - embora de vez em quando eu percebesse que ele me olhava, intrigado.

Devia estar pensando como eu pudera ter estado com Aliénor sem ele ter percebido e por que eu fizera aquilo. Antes, ele confiava em mim, mas agora não sabia mais o que pensar.

Tinha de me aceitar como genro, mas em vez de me receber bem na família estava canhestro e sem jeito.

Georges Lê Jeune também era estranho comigo e menos simpático do que antes, embora agora fôssemos considerados irmãos. Já Thomas e Luc gostavam de rir e brincar comigo, o que não me surpreendia. Pelo menos deixavam Aliénor em paz. Ninguém disse nada para ela.

Foi mais fácil suportar tudo isso porque Christine era gentil. Ela deixou claro que me aceitava na família, e assim os outros se pouparam de dizer o que estavam achando da situação. Ninguém parecia entender o que realmente havia acontecido, mesmo com a pista nas tramas da tapeçaria bem debaixo do nariz de cada um. Como eram muito bons tecelões, talvez estivessem próximos demais do trabalho para poder avaliar. Nunca pensaram em Nicolas; acharam que o unicórnio era eu. Assim tudo ficava mais fácil.

Mas também não havia muito tempo para essas considerações, pois estávamos quase terminando a Visão e o Tato. Os dias de inverno eram curtos e escuros. Às vezes, parecia que os sinos da Chapelle tinham acabado de repicar anunciando o início do dia de trabalho e já tocavam o final, com a nossa produção rendendo pouco. O frio não ajudava. Os ateliês de tapeçaria são especialmente frios porque as portas e janelas precisam ficar abertas para entrar luz e não têm lareiras, por receio de que as brasas provoquem um incêndio. Muitos ateliês fecham ou diminuem o ritmo de trabalho nos meses mais frios, mas claro que Georges não podia fazer isso. Embora ainda fosse o Advento, já estava tão frio como se a Epifania tivesse passado há tempos.

Madeleine tirava baldes de brasas da lareira e colocava-os aos pés dos tecelões, mas isso não fazia muita diferença. Os artesãos também não podiam usar roupas pesadas, pois atrapalhavam o movimento dos braços e dos ombros. Usavam luvas sem os dedos, que Christine tricotava com sobras de lã, e mesmo assim tinham frieiras nas pontas dos dedos.

Georges enfrentou com determinação os dias de inverno. Os meses que ele passou preocupado com o trabalho deixaram marcas: olheiras escuras e olhos vermelhos.

Do dia para a noite seus cabelos embranqueceram. Ele ficou com os ombros caídos e passou a falar pouco e sem ânimo. Christine não deixava que trabalhasse aos domingos, mas ele estava tão cansado que dormia na Missa da Notre Dame du Sablon. Ninguém tentava acordá-lo, nem mesmo quando devia levantar ou ajoelhar-se. O padre não dizia nada. Ele e todos os demais sabiam que o ateliê passava por problemas.

Quase todos os dias eu ia ajudar. Não havia cartões para eu desenhar em outros ateliês, pois os lissiers não recebem muitas encomendas no inverno: nenhum cliente vem de Paris nem de outros lugares. Além disso, eu queria ir lá-mesmo que fosse só para ficar perto de minha esposa. Aliénor ajudava Madeleine, ou costurava as tapeçarias quando havia espaço para ela trabalhar. Mas, na maior parte do tempo, éramos como dois gatos vagando pelos cantos em busca de alguma coisa para fazer.

Era triste ver os outros trabalhando tanto e não poder participar. Eu invejava a disposição de Christine, embora ainda me causasse medo vê-la tecendo tapeçarias que passariam pela Guilda. Claro que eu não dizia nada; agora fazia parte da família e não podia contar os segredos dela.

Fizemos poucas comemorações pelo Natal. Tivemos só a véspera, pois a comida foi pouca e sem graça; não havia dinheiro para comprar carne, bolos ou vinho. Só Joseph e Thomas não trabalharam no Dia de Santo Estêvão, 26 de dezembro. Christine foi à Missa dos Santos Inocentes e insistiu para todos assistirem à cerimônia da Epifania, mas depois trabalhamos em vez de comemorar. Nem Joseph nem Thomas participaram dos festejos nas ruas, pois estavam quase terminando o Tato, e queriam acabar logo.

Eles estavam à frente dos outros tecelões - embora nosso trabalho não fosse uma competição, nem houvesse vencedores - por causa de um problema na tapeçaria da Visão.

Um dia, Georges deu uma olhada e não gostou das folhas de um carvalho que Christine havia tecido.

- Faltou um pedaço de galho. Olhe só, o galho termina aqui e começa de novo lá, com folhas onde devia ser o galho.

Christine olhou bem o que fez, enquanto os outros tecelões ficaram em silêncio.

Georges Lê Jeune veio olhar.

- Isso tem problema? Ninguém vai perceber! - concluiu, depois de examinar as folhas.

Georges olhou sério para o filho e depois disse: Christine, saia daí. - Ela ficou ao lado de Aliénor na noveleira e chorou quando o marido começou a desmanchar a tapeçaria. Eu nunca a tinha visto chorar.

- Bonjour! - disse alguém, e todos nós olhamos para a cabeça que surgiu na janela do ateliê. Era Rogier Lê Brun, lissier que viera inspecionar o ateliê em nome da Guilda. Georges também fazia essas visitas inesperadas a outros ateliês e assim a Guilda garantia que seus membros respeitassem as leis, que os lissiers não fraudassem e que fosse mantida a alta qualidade das tapeçarias de Bruxelas.

Eu não saberia dizer há quanto tempo Rogier Lê Brun estava nos observando da janela. Se tivesse visto Christine tecendo, poderíamos ter ainda mais problemas.

Certamente, ele a viu chorando e devia estar pensando no motivo. Estávamos todos pensando nisso enquanto Christine enxugava as lágrimas na manga da blusa e corria para receber o lissier com Georges.

- Você vai aceitar um caneco de cerveja e alguns bolos de especiarias que sobraram da Epifania.

Madeleine! - chamou Christine, entrando na casa.

Rogier Lê Brun agradeceu, mas recusou gentilmente o oferecimento de comida e bebida. Devia saber como o ateliê estava passando dificuldades. Os bolos haviam sido presente de um vizinho generoso.

- Madeleine saiu - informei para Aliénor, baixo, que imediatamente me entregou a lã que estava enrolando e foi ajudar a mãe.

Rogier Lê Brun seguiu-a com os olhos pelo ateliê, a barriga aparecendo no vestido. Quando ela saiu, Rogier me olhou por um instante, como se tentasse adivinhar como um tímido como eu tinha conseguido engravidar aquela moça. Corei de vergonha.

- Desmanchando trabalho, hem? O aprendiz fez uma confusão como sempre, não? - disse Rogier, vendo o carvalho que Georges desmanchava na tapeçaria.

Rogier deu um tapinha na cabeça de Luc, que olhou para ele, mas teve a gentileza de não contradizer o visitante. É um rapaz inteligente e sabe quando deve se calar.

Rogier sorriu e voltou a falar com Georges: - Sinto muito, Georges, não há nada pior para um lissier do que desmanchar um trabalho. Mas numa tapeçaria como essa, cada ponto tem de ser perfeito, não é? Não adianta ter tecelões que não trabalham direito, pois a Guilda não aprovaria a tapeçaria.

O ateliê permanecia em silêncio.

- Luc cometeu poucos erros - resmungou Georges.

- Claro, tenho certeza de que você foi um excelente mestre para ele. Mas isso vai atrasá-lo, n'est-cepás? Exatamente quando você mais precisa de tempo. Qual o prazo das tapeçarias?

- A Festa da Candelária.

- Candelária? E como você vai conseguir?

Antes que Georges pudesse responder, Christine apareceu com os canecos de cerveja.

- Não se preocupe conosco, Rogier, vamos dar conta. Veja, essa tapeçaria está quase pronta e logo em seguida os tecelões passarão para a outra.

Thomas zangou-se. - Se ganharmos um pouco mais.

Rogier não ouviu direito o que Thomas disse, pois estava avaliando o que ainda restava fazer, a quantidade de tecelões (será que incluía Christine?) e o tempo que faltava para entregar o trabalho. Todos nós o olhávamos fazendo os cálculos. O banco onde os tecelões estavam sentados rangia a cada vez que eles se mexiam.

Esfreguei os pés no chão. Apesar do frio, pingava suor da testa de Georges.

Christine cruzou os braços. - Vamos dar conta, como espero que você dê conta de tudo quando Georges visitá-lo em nome da Guilda - disse ela, sorrindo para Rogier.

Fez-se um curto silêncio enquanto Rogier entendia o que ela dissera: que os membros da Guilda se ajudam. Ele olhou para ela e viu o pomo-de-adão de Rogier mexer quando engoliu em seco.

Aliénor, então, apareceu e se aproximou devagar de Rogier.

- Por favor, Monsieur, prove um - ofereceu, mostrando um prato de bolinhos.

A essa altura, Rogier sorriu, mordendo um bolinho: - Georges, você pode ter problemas no ateliê, mas suas mulheres compensam!

Depois que ele foi embora, Georges e Christine se entreolharam.

- Georges, acho que São Maurício deve estar nos protegendo. Se eu não tivesse errado naquele carvalho, estaria no tear quando Rogier chegou. E se me visse tecendo, talvez ele não fizesse vista grossa.

Georges sorriu pela primeira vez em semanas. Foi como o gelo partindo num lago após um longo inverno, um quebranto que acabou. Os rapazes sorriram também e começaram a imitar Rogier enquanto Christine foi buscar mais cerveja. Quanto a mim, cheguei perto de Aliénor e dei um beijo em sua testa. Minha esposa não levantou a cabeça, mas sorriu.

Duas semanas antes da Festa da Candelária, os tecelões terminaram o Tato. Cortar a tapeçaria do tear não foi uma cerimônia longa, como Georges Lê Jeune, Joseph e Thomas gostariam, mas rápida e apressada. Depois, a tapeçaria foi desenrolada e virada para cima - Georges gostou e elogiou o trabalho, mas estava com os pensamentos nos próprios dedos, que queriam tecer.

Christine percebeu o desapontamento dos rapazes e cutucou Georges, que então deu suas últimas moedas para eles gastarem na taberna.

Georges Lê Jeune foi ajudar o pai e Luc no tear da Visão, e Christine foi fazer a bainha do Tato. Ela e Aliénor dobraram as pontas dos fios de urdume e costuraram-nos com lã marrom para dar o acabamento.

Fiquei perto de Aliénor, olhando-a e à mãe costurando, e pedi, de repente: - Mostre-me como se faz isso. Christine riu e Aliénor franziu o cenho.

- Por quê? Você é pintor, não é mulher.

- Quero ajudar. - O que eu queria dizer era: "Você é minha esposa, quero ficar perto de você."

- Por que não procura o que fazer?

Tive então uma idéia: - Se você me ensinar, poderei ajudar na bainha enquanto Christine ajuda os outros.

Christine olhou para Georges, que pensou por um instante e concordou.

- Está certo, Aliénor vai lhe mostrar como fazer - disse ela, enfiando a agulha na lã e levantando-se.

- Mamãe! - chamou Aliénor, parecendo aborrecida. Christine virou-se para ela e disse: - Ele é seu esposo, menina. E melhor você se acostumar com a idéia e ser grata. Pense em qual seria a outra opção.

Aliénor abaixou a cabeça enquanto Christine sorria para mim. Agradei com o olhar.

Aliénor não deixou que eu fizesse logo a bainha na tapeçaria; deu-me um pedaço de pano para praticar. Era muito fácil, mas eu não conseguia fazer os pontos tão iguais quanto os dela e furei tanto os dedos que Aliénor riu.

- Mamãe, se você deixar Philippe fazer isso, nunca terminaremos. vou ter de desmanchar e refazer tudo que ele fizer. E ele ainda vai deixar o tapete pingado de sangue por causa dos furos nos dedos!

- Deixe-o experimentar, você poderá se surpreender disse Christine, sem levantar os olhos.

Depois de passar um dia errando, comecei a melhorar e, finalmente, Aliénor me deixou fazer a bainha, embora eu costurasse bem mais devagar do que ela. No começo, não falávamos muito, mas ficarmos sentados durante tantas horas parecia facilitar as coisas entre nós. Ela sempre gostou do silêncio. Aos poucos, começamos a conversar - sobre o frio lá fora, a bainha que fazíamos ou as nozes em conserva que comemos na ceia. Pequenos comentários.

Estávamos quase terminando a bainha e tomei coragem para perguntar algo mais importante. Olhei o barrigão onde ela apoiava as mãos como se fosse uma mesa coberta

pela tapeçaria. - Que nome daremos ao bebê? - perguntei, baixo, para que os outros não ouvissem.

Aliénor parou de costurar, colocou a agulha sobre o pano. Como os olhos dela não enxergam, é difícil saber o que está pensando. E preciso ouvir sua voz. Esperei um bom tempo. Quando respondeu, o tom não foi tão triste quanto eu esperava: - O bebê vai se chamar Etienne, como seu pai. Ou Tiennette, se for menina.

Sorri.-Merci, Aliénor.

Minha esposa deu de ombros. Mas não continuou a costura. Enfiou a agulha no pano, virou-se para mim e disse: - Gostaria de sentir seu rosto com os dedos, para saber como é meu esposo.

Inclinei-me e coloquei as mãos dela em meu rosto. Ela passou as mãos e apertou todo o meu rosto.

- Seu queixo é pontudo como o do meu gato! - gritou. Ela gosta do gato, eu a vi com o bichano no colo, afagando-o por horas.

- É, como o seu gato - concordei.

Uma semana antes da Festa da Candelária, Georges terminou a última volta do rabo do leão. Três dias antes da data, Christine e depois Luc chegaram ao fim da tapeçaria.

Georges continuava fazendo um coelho, que é a assinatura dele - um coelho com a patinha na cara - enquanto Georges Lê Jeune terminava o rabo de um cachorro.

Aliénor foi para o banco onde estavam o pai e o irmão para costurar as tiras, embora estivesse com a barriga tão grande que tinha de ficar longe da tapeçaria. Fiquei olhando quando ela parou por um instante, apertou a barriga com as mãos e franziu o cenho. Voltou a costurar. Minutos depois, ela fez o mesmo gesto e percebi que o nascimento estava começando.

Se ela não dissesse nada, sei que não gostaria que eu comentasse. Por isso, puxei Christine para um lado e fiz sinal, mostrando a filha: -Achamos que ainda faltam umas semanas, está cedo disse Christine.

- Não é melhor ela ficar deitada? - perguntei. Christine balançou a cabeça.

- Ainda não. Depois do nascimento ela vai ficar muito tempo na cama. Ainda pode demorar dias. Deixe-a trabalhar; se quiser, vá distraí-la da dor.

E assim Aliénor costurou durante horas naquele dia, até bem depois do anoitecer e de os tecelões terem parado de trabalhar. Mesmo quando todos foram dormir, ela continuou costurando. Fiquei acordado, deitado num catre e ouvindo-a se mexer e se esticar no banco. Finalmente, tarde da noite, ela gemeu: - Philippe, chame mamãe.

Eles a colocaram na cama dos pais e Georges foi dormir no ateliê. De manhã, Christine mandou que Luc chamasse a parteira. Dali a pouco, Luc irrompeu de volta no ateliê, avisando: - Os soldados de Jean Lê Viste estão aí. Soube na rua que foram à Guilda na GrandPlace perguntar seu endereço.

Pai e filho levantaram os olhos da tapeçaria.

- Ainda faltam dois dias para a Candelária - disse Georges pai, e olhou para as mãos deles. - Terminamos hoje, falta fazer a bainha e as mulheres estão ocupadas.

- Olhou para a casa, de onde vinha um longo urro, que terminou num grito.

- Posso fazer a bainha - anunciei, satisfeito por finalmente ser útil.

Georges me olhou e disse: - Bon. - Pela primeira vez desde que Aliénor e eu nos casamos, senti que eu era útil no ateliê.

- Não se preocupe, rapaz - disse ele para Luc, que pulava de um pé para outro, nervoso. - Os soldados esperam. Tiens, vá dizer a Joseph e a Thomas que venham à tarde para acompanhar o corte da tapeçaria - eles vão querer participar. Não poderemos contar com as mulheres.

Outro gemido vindo de dentro da casa fez com que pai e filho enfiassem a cara no trabalho e Luc saísse correndo do ateliê.

Aliénor gritava na hora em que cortamos a lã da Visão. O corte é um momento que deve ser alegre, mas os gritos dela fizeram com que cortássemos o mais rápido possível.

Só quando viramos a tapeçaria para cima e vimos a cena por completo pela primeira vez foi que me esqueci dos gritos.

Georges olhou e começou a rir. Era como se estivesse prendendo a respiração há meses e de repente a soltasse. Já Georges Lê Jeune, Luc e Thomas começaram a se cumprimentar com tapinhas nas costas. Georges ria sem parar e Joseph também. Riram tanto que tiveram de se apoiar um no outro, as lágrimas escorrendo. Foi uma estranha reação para uma longa viagem, mas eu também ri. Realmente, havíamos percorrido um longo caminho.

Aliénor gritou de novo e todos pararam. Georges enxugou as lágrimas, olhou para mim e disse: - Vamos para o Lê Vieux Chien. Avise-me quando o bebê nascer ou quando os soldados chegarem; quem vier primeiro. - Então, depois de quase dois anos de trabalho que embranqueceram os cabelos dele, fizeram-no andar curvado e deixaram seus olhos vesgos, o lissier afastou-se da tapeçaria sem sequer olhar para trás. Acho que não quis.

Depois que eles se foram, fiquei observando a Visão por um bom tempo. A Dama está sentada e o unicórnio pusera a cabeça em seu colo. Pode-se dizer que eles se amam.

Talvez se amem. Mas a Dama tem um espelho e o unicórnio pode estar amando a si mesmo, em vez de amar a Dama. O olhar dela está desviado; as pálpebras, pesadas.

O sorriso é preocupado. Talvez ela nem o veja.

É o que acho.

Fiquei satisfeito por Georges confiar em mim para fazer a bainha. Peguei fios de lã marrom, agulha e tecido, e dobrei com cuidado o fio de urdume para baixo, como

tinha visto Aliénor e Christine fazerem. Depois, sentei ao lado da janela e dei um ponto, outro e mais outro. Costurei bem devagar, como se estivesse contando os cabelos na cabeça de um bebê dormindo. Cada vez que Aliénor gritava, eu rangia os dentes e continha minhas mãos trêmulas.

Já havia costurado a metade de um lado quando os gritos cessaram. Parei também e fiquei só esperando. Devia ter rezado, mas tive medo até de fazer isso.

Finalmente, Christine apareceu na porta com um monte de linho macio nos braços.

Sorri para mim mesmo.

- Como está Aliénor? - perguntei. Christine riu da minha expressão.

- Sua esposa está ótima. Toda mulher grita desse jeito; nascimento é assim mesmo. Mas você não quer saber? Temos um novo tecelão - disse ela, mostrando o neto.

O rosto do bebê era amassado, vermelho, e ele era careca. Pigarreei e estendi meus braços para Etienne.

- Você esquece quem é o seu pai - eu disse. - Ele será um pintor.

V

PARIS

A Septuagésima de 1492

NICOLAS DÊS INNOCENTS

Jamais gostei das semanas que antecedem a Páscoa. Faz frio, um frio que já dura meses e que entra por todo o meu corpo. Não agüento mais as frieiras, os ossos rangendo e meu corpo rígido, porque se eu relaxar os músculos, sinto mais frio ainda. A comida é pouca e o que sobrou não tem gosto - conservado em temperos, salgado, seco e duro para resistir ao inverno. Tenho vontade de comer alface fresca, carne de caça fresca, uma ameixa ou um morango.

Não trabalho muito no período da Septuagésima minhas mãos ficam duras de frio e não conseguem segurar um pincel. Também não encontro mulheres que me agradem.

Estou aguardando esse tempo terminar. Prefiro a Quaresma, apesar de sua austeridade.

Pelo menos a cada dia a temperatura aumenta e os dias ficam mais claros, mesmo que ainda haja pouco o que comer.

Numa gelada manhã, eu tremia embaixo de vários cobertores e pensava se ia me dar ao trabalho de levantar da cama, quando recebi um recado para encontrar Léon Lê Vieux em SaintGermain-des-Prés. Não fui mais lá, temendo encontrar Geneviève de Nanterre, embora sentisse um pouco de medo e nenhuma esperança de ver a filha dela.

Um amigo ficou atento à rue du Four (onde eu não ousava aparecer) e me informou que Claude havia sido mandada para fora da cidade no verão anterior e que nenhum dos criados sabia para onde. Béatrice também havia sumido.

Enrolei-me em todas as minhas roupas e corri para o sul de Paris, atravessando as pontes de Change e de St Michel sobre o Sena congelado. Não parei em Notre

Dame - estava frio demais até para isso. Quando cheguei em Saint-Germain-des-Prés, olhei dentro da igreja, pensando se não veria Geneviève de Nanterre ajoelhada por ali.

Mas não havia ninguém - era um intervalo entre duas missas e fazia frio demais para alguém estar lá.

Finalmente, encontrei Léon no pátio da igreja com seu jardim de plantas secas.

Quase nada crescia naquela época do ano, embora houvesse alguns galantes e outros brotos surgindo da lama. Eu não tinha a menor idéia do que nasceria ali. Aliénor tentara me ensinar sobre plantas, mas eu precisava de mais do que uma ponta verde para saber o que aquilo viria a se tornar um dia.

No inverno, Léon Lê Vieux usa uma bengala para andar melhor na neve e no gelo.

Naquele momento, a bengala servia para mostrar as moitas de lavanda e alecrim.

Levantou os olhos para mim e disse: - Sempre me impressiono com a resistência dessas plantas no inverno, mesmo quando tudo está morto. - Pegou, então, umas folhas de cada moita, amassou-as nas mãos e cheirou-as. - Claro que agora não são tão perfumadas; o perfume vem do sol e do calor.

- Elas também dependem do jardineiro, n'est-cepas?

- Talvez. - Léon largou as folhas e virou-se para mim.

- Chegaram as tapeçarias de Jean Lê Viste.

Senti uma inesperada alegria com a notícia.

- Quer dizer que Georges conseguiu terminá-las antes da Candelária! Você já as viu?

- Recuso-me a enfrentar essas estradas no inverno; não iria a Bruxelas nem se o Rei mandasse. Na minha idade, eu devia estar sentado ao lado da lareira e não cavalgando a noite inteira na neve e na lama para trazer tapeçarias no prazo marcado. Quero morrer na minha cama e não numa estalagem suja de beira de estrada.

Mandei recado pelos soldados, e um comerciante de Bruxelas conferiu o trabalho para mim.

Claro, a Guilda dos tapeceiros de lá também as aprovou isso é o importante.

- Ainda não viu as tapeçarias? Como ficaram?

Léon apontou com a bengala, encaminhando-se na direção do arco da saída. - Vamos até a rue du Four e você verá com os próprios olhos.

- Será que me receberão?

- Monseigneur Lê Viste dependurou-as nas paredes e quer que você diga se a altura está certa. - Olhou para mim e acrescentou: - Tiens, comporte-se! - E riu.

Nem nas minhas mais embriagadoras fantasias no Lê Coq d'Or jamais pensei que seria convidado a entrar pela porta da frente da casa de Claude Lê Viste. E lá estava eu, com o mordomo de cara azeda nos fazendo entrar. Se eu não estivesse com Léon, iria atrás dele para revidar a surra que me dera. Mas tive de segui-lo, humilde, até a Grande Salle, onde nos deixou para buscar o patrão.

Fiquei no meio do salão, com Léon do lado, passando os olhos de uma Dama para outra, tentando vê-las todas ao mesmo tempo. Olhei mais do que jamais observara qualquer coisa. Léon também estava calmo e quieto. Era como se estivéssemos congelados num sonho. Eu não sabia se queria ser acordado.

Quando finalmente Léon se mexeu, abri a boca para dizer alguma coisa - mas só consegui rir. Não era a reação que eu esperava. Fiquei pensando: "Como pude me preocupar com leões com cara de cachorro, unicórnios gordos, laranjas que pareciam amêndoas quando havia aquelas Damas? Eram todas lindas, tranqüilas, satisfeitas.

Ficar no meio delas era fazer parte da magia de suas abençoadas e mágicas vidas. Que unicórnio não ficaria seduzido por elas?"

Não eram só as damas que faziam as tapeçarias tão atraentes, mas as millejleurs também. Qualquer defeito que houvesse nos desenhos desaparecia naqueles campos azuis e vermelhos com centenas de flores. Era como se eu estivesse no meio de um campo no verão, apesar de estar num dia escuro e frio em Paris. Aquelas millejleurs davam unidade ao salão, juntando as Damas e seus unicórnios, os leões, as criadas e eu também. Senti como se fizesse parte das tapeçarias.

- O que acha? - perguntou Léon.

- Maravilhoso! Ficaram melhores do que jamais imaginei. Léon riu. - Vejo que você continua orgulhoso. Lembre-se de que fez apenas uma parte de tudo isso. Georges e o ateliê dele merecem também os maiores elogios. - Era o tipo da coisa que Léon Lê Vieux gostava de dizer.

- Georges vai ficar em boa situação.

Léon balançou a cabeça. - Rico não vai ficar, pois Jean Lê Viste é mão-fechada.

E, pelo que eu soube, Georges talvez não consiga mais trabalho. Meu amigo comerciante em Bruxelas contou que o lissier está sempre bêbado ou dormindo, além de ter ficado vesgo. Foi o cartonista que teve de ajudar Christine a fazer a bainha da última tapeçaria; Georges estava bêbado e a filha teve um bebê. - Ao dizer isso, Léon sorriu para mim. - Você sabia do bebê?

Dei de ombros, embora, por dentro, achasse graça: Aliénor conseguira o que queria de mim. - Desde maio não vou a Bruxelas, como poderia saber?

- Há nove meses não vai a Bruxelas, hem? Não tem importância, ela se casou com o cartonista.

- Ah. - Fiquei mais surpreso do que dei a entender. Philippe não era tão tímido com as mulheres quanto pensava. O fato de eu tê-lo apresentado àquela dama da noite certamente o ajudou. Mas fiquei satisfeito por

Aliénor. Philippe é um bom homem, além de não ser Jacques Lê Boeuf.

- Tiens, você não disse o que achou das tapeçarias observei. - Você queria que as mulheres fossem reais. Será que eu, Georges e Philippe conseguimos?

Léon olhou outra vez as paredes da sala, depois deu de ombros e sorriu. - Tem alguma coisa nelas que nunca vi nem senti. Você criou um mundo para elas viverem, embora não seja como o nosso.

- Você se sente atraído?

- Por elas? Non.

Ri. - Portanto, não conseguimos mudá-lo. As Damas não são tão poderosas quanto pensei.

Ouvimos um ruído do outro lado da porta: Jean Lê Viste e Geneviève de Nanterre entraram na Grande Salle. Rápido, fiz uma reverência para disfarçar a minha surpresa, pois não esperava vê-la. Quando levantei a cabeça, ela estava sorrindo para mim como no dia em que a conheci: a primeira vez que flertei com Claude. Madame sorria como se soubesse o que passava pela minha cabeça.

- Alors, pintor, o que acha delas? - perguntou Jean Lê Viste. Será que esqueceu meu nome?, pensei. Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: - Estão na altura certa?

Acho que deviam ficar mais um braço acima do piso, mas Léon diz que assim estão ótimas.

Foi bom eu não ter respondido, pois percebi que ele não queria falar da beleza das tapeçarias ou da habilidade dos tapeceiros, mas no fato de enfeitarem a sala dele. Olhei-as bem. Estavam a um palmo do chão, o que fazia com que as Damas ficassem só um pouco acima de nós. Se ficassem mais acima ainda, elas nos dominariam.

Virei-me para Geneviève de Nanterre: - O que acha, Madame? A Dama deveria estar mais no alto?

- Não, não é preciso - disse ela.

Concordei. - Monseigneur, todos nós concordamos. A sala está ótima assim.

Jean Lê Viste deu de ombros. -Vai ficar adequada para o evento. - E virou-se para sair.

Não resisti a perguntar: - Por favor, Monseigneur, qual das tapeçarias prefere?

Jean Lê Viste parou e olhou como se só então tivesse percebido que as tapeçarias eram para ser vistas. Franziu o cenho.

- Esta - respondeu, mostrando a da Audição. - A bandeira está ótima e o leão numa postura nobre. Vamos disse para Léon Lê Vieux.

- Vou ficar aqui um instante para falar com Nicolas de Innocents - anunciou Geneviève de Nanterre.

O esposo pareceu mal ouvir e se dirigiu para a porta, seguido de Léon. Antes de sair do aposento, o velho deu uma olhada para mim, como para lembrar da recomendação de me comportar. Achei graça da idéia. Estava com a mulher errada para fazer travessuras.

Depois que os dois se retiraram, Geneviève de Nanterre riu baixinho.

- Meu esposo não tem uma tapeçaria preferida. Escolheu a que estava mais perto dele, você percebeu? Não é a melhor, as mãos da Dama estão esquisitas, e a estampa da toalha de mesa é muito quadrada e rude.

É evidente que ela havia observado as tapeçarias com atenção. Pelo menos não disse que o unicórnio era gordo.

- Qual prefere, Madame?

Ela mostrou. - Aquela - disse. Fiquei surpreso por escolher o Tato; esperava que preferisse À Mon Seul Désir; afinal, era ela a Dama.

- Por que essa, Madame?

- A Dama é muito pura; tem pureza de alma. Está na soleira da porta, entre uma vida e outra, e olha para a

frente com alegria. Sabe o que vai acontecer com ela.

Pensei no que me inspirara a fazer a Dama daquele jeito: era Christine na soleira da porta do ateliê, satisfeita porque poderia tecer. Era tão diferente do que Geneviève de Nanterre tinha acabado de dizer, que precisei me conter para não corrigi-la.

- E essa Dama aqui, Madame? - Mostrei À Mon Seul Désir. - Ela também não sai de um mundo para outro?

Geneviève de Nanterre ficou calada.

- Pinte-i-a especialmente para a senhora; assim, as tapeçarias não seriam somente sobre uma sedução, mas sobre a alma também. A senhora vê: pode começar por esta tapeçaria da Dama colocando o colar e percorrer a sala acompanhando-a na sedução ao unicórnio. Ou pode ir pelo outro lado, com a Dama dando adeus para cada sentido, e terminar com essa cena, em que ela tira o colar - para se afastar da vida material. Viu o que fiz por Madame? Quando a Dama segura as jóias, não sabemos se as está colocando ou tirando. Podem ser as duas coisas - este é o segredo que quis presentear a senhora nas tapeçarias.

Geneviève de Nanterre balançou a cabeça. - A Dama parece não saber o que prefere: a sedução ou a alma. Eu sei o que quero e gostaria que a escolha dela ficasse clara.

Tiens, é melhor que as tapeçarias sejam sobre a sedução de um unicórnio, pois devem acabar sendo presenteadas para a minha filha. Ela vai gostar da sedução. - Olhou para mim, e enrubesci.

- Lastimo que não goste delas, Madame. - E realmente lastimava. Eu achava que havia sido muito esperto, mas a minha esperteza me enganara.

Geneviève de Nanterre olhou em volta, apreciando todas as tapeçarias mais uma vez.

- São lindas, e isso basta. Claro que Jean gostou, mesmo que não tenha demonstrado. Claude também vai

adorar. Para lhe agradecer, eu gostaria que você viesse aqui amanhã para a recepção.

- Amanhã?

- Sim, na Festa de São Valentim, o dia em que os pássaros escolhem seus pares.

- E o que diz a tradição.

- O senhor virá, então. - Ela olhou para mim antes de se retirar.

Fiz uma mesura às suas costas. Uma das damas de companhia pôs a cabeça na porta e saiu junto com a patroa.

Fiquei sozinho com as tapeçarias. Passei muito tempo na sala, olhando e pensando por que estavam me causando melancolia.

Eu nunca tinha ido a uma recepção da nobreza, pois pintores não costumavam ser convidados para tais eventos. Não sabia bem por que Geneviève de Nanterre me havia pedido para ir. Rápido, e por um alto preço, encomendei uma nova túnica: de veludo negro com barra amarela e uma capa combinando. Lustrei as botas e me banhei, embora a água estivesse gelada.

Quando cheguei à casa iluminada por tochas na rue du Four, os escudeiros me conduziram sem piscar, como se eu fosse um nobre no meio dos outros. Antes, quando eu estava no meu quarto, achei muito elegantes a túnica nova e a capa - e foram elogiadas pelos homens e mulheres no Lê Coq d'Or -, mas, quando entrei na Grande Salle, os ricos trajes das damas e dos cavalheiros fizeram com que eu me sentisse um camponês.

Três meninas iam e vinham no meio dos inúmeros convidados. A mais velha era Jeanne, que olhava para dentro do poço do pátio no dia em que conheci Claude. A segunda era parecida com ela e devia ser a caçula das Lê Viste. A menor batia nos meus joelhos e não parecia com uma Lê Viste, embora fosse bonita, com caracóis

ruivos que caíam nos ombros. Perdida entre os convidados, ela se prendeu nas minhas pernas, e, quando a ajudei, olhou-me séria, de um jeito que me pareceu familiar.

Correu antes que eu pudesse perguntar seu nome.

A sala estava cheia, comjongleurs se apresentando, dançando e fazendo acrobacias, mordomos oferecendo vinho e acepipes - ovos de codorna em conserva, costeletas de porco, almôndegas decoradas com flores secas e até framboesas, que costumam ser impossíveis de encontrar no inverno.

Jean Lê Viste ficou num lado do salão, próximo à tapeçaria do Olfato - usava uma túnica vermelha com barra de pele, e estava com outros homens vestidos com o mesmo traje. Deviam estar falando do Rei e da Corte, assuntos que nunca me interessaram muito. Eu preferia o lado do salão onde se encontrava Geneviève de Nanterre e de onde podia ver as damas nos seus vestidos de brocado ornados de peles de mink, raposa e coelho. A dona da casa estava vestida com simplicidade, de seda azul-celeste e pele de coelho cinzento, ao lado de À Mon Seul Désir.

As tapeçarias foram muito elogiadas, mas, embora aquecessem o salão e abafassem as vozes, não ficavam tão bem em meio ao barulho, como quando fiquei sozinho com elas. Percebi, então, que uma batalha, com seu clamor de cavalos e soldados, seria mais adequada num salão de festas, enquanto aquelas deveriam ficar no aposento de uma dama. Jean Lê Viste tinha finalmente razão.

Procurei não pensar muito nisso e bebi tanto vinho temperado quanto os criados quiseram me servir. Primeiro, fiquei sozinho, assistindo aos acrobatas e às damas dançando, e comi um figo assado. Até que fui chamado por uma nobre cujo rosto certa vez pinteí.

Depois disso ficou mais fácil conversar, rir e beber como se eu estivesse numa taberna.

Quando Claude entrou no salão com seu vestido de veludo vermelho, cercada de suas damas (inclusive Béatrice), senti um peso nos ombros e meus braços caíram como se fossem barbantes. Claro que eu esperava que ela aparecesse, mesmo enquanto bebia, flertava e comia meu figo, e até na hora em que dançava uma galharda com uma dama animada. Claro que Claude estaria na festa. Havia sido por isso que eu aceitara o convite.

O salão estava cheio, e acho que ela não me viu. Pelo menos não demonstrou.

Estava bem mais magra do que na última vez em que a vira. Os olhos ainda eram como dois marmelos, mas não mostravam mais a mesma vivacidade; estavam cravados nas damas de companhia, em vez de acompanhar os dançarinos. Em seguida, ela olhou para alguma coisa que estava longe - talvez para uma das milkfleurs na cena do Olfato ou do Paladar, do outro lado do salão, e não exatamente para a Dama das tapeçarias.

Ousada, Béatrice me encarou com seus olhos negros. Também havia emagrecido. Não se inclinou para falar com a patroa, segredar ou apontar: ficou me observando até eu desviar os olhos.

Não tentei me aproximar de Claude. Sabia que seria inútil - alguém me impediria, ou o mordomo seria chamado para me tirar dali e me jogar na rua, talvez me dando outra surra. Sabia disso sem que ninguém precisasse me dizer. Percebi, então, por que Geneviève de Nanterre havia me convidado: para me castigar.

Dali a pouco a música e as danças foram interrompidas e as trombetas anunciaram o início da ceia. Claude ficou na mesa principal com os pais e mais algumas pessoas, aquela mesma mesa de carvalho onde eu subira para medir as paredes. Os demais convidados

foram distribuídos em mesas sobre cavaletes nas laterais do salão.

Coloquei-me bem ao fundo - no lugar mais longe de Claude. A meu lado estava a tapeçaria do Paladar; em frente, o rosto delicado e triste de Aliénor, na Visão, fazia-me companhia.

Veio um padre de Saint-Germain-des-Prés para nos fazer rezar. Jean Lê Viste, então, ficou de pé e levantou a mão, indicando que ia comunicar alguma coisa aos convidados.

Ele não adoeceu as palavras, falou bruscamente, de forma que, quando ouvi, o golpe foi fundo: - Estamos aqui reunidos para anunciar o enlace de minha filha mais velha Claude com Geoffroy de Balzac, integrante da noblesse d'épée e primeiro mordomo do Rei.

Teremos orgulho de chamar de filho um membro de tão honrada família. - Indicou com a mão um jovem de barba castanha, que se levantou da mesa principal e fez uma pequena mesura para Jean Lê Viste e Claude, que manteve os olhos fixos na mesa.

Geneviève de Nanterre não inclinou a cabeça, olhou para a mesa sobre cavaletes no fundo, onde eu estava sentado. O olhar dela dizia: "Eis o seu castigo."

Baixei os olhos para meu trinchante e vi que o pão servido no almoço tinha esculpidas na casca as iniciais CLV e GDB entrelaçadas. Pássaros encontrando seus pares, realmente.

Depois, não escutei mais o que Jean Lê Viste disse; só ergui a taça junto com todos para os brindes que não ouvi. As trombetas soaram, os mordomos entraram carregando as baixelas de aves assadas - um pavão exibindo a cauda para a pavoia, mais um casal de faisões com as asas arrumadas como se estivessem prestes a voar, e dois cisnes com pescoços enlaçados. Olhei tudo aquilo com desgosto e não estiquei meu trinchante para

cortar uma fatia sequer. Meus vizinhos de mesa devem ter-me achado uma péssima companhia.

Quando trouxeram um javali laqueado a ouro, vi que eu não ia esperar os muitos pratos que estavam sendo anunciados, a bebida, a comida e o espetáculo prosseguindo pela noite toda e pelo dia seguinte. Não tinha mais interesse pela festa.

Levantei-me, dei uma última olhada nas tapeçarias (sabia que não iria mais vê-las) e me encaminhei para a porta. Para chegar até lá, tinha de passar pela mesa principal, e, ao fazer isso, percebi algo. Claude havia batido a mão na mesa e sua faca caíra no chão.

- Oh! - exclamou. Uma das damas de companhia fez menção de pegar a faca, mas ela a impediu com um riso - primeiro sinal de alegria que vi em seu rosto naquela noite.

- Eu pego - disse ela, e entrou embaixo da mesa. Não a vi - a toalha branca pintada com o brasão dos Lê Viste caía até o chão, escondendo tudo.

Esperei um instante. Ninguém parecia me notar. Béatrice estava atrás da cadeira da patroa, falando com um homem que servia Geoffroy de Balzac. Geneviève de Nanterre conversava com o futuro genro. Jean Lê Viste olhava para o meu lado, mas parecia ver através de mim. Já não devia lembrar quem eu era. Quando ele pediu mais vinho ao mordomo, tirei o capuz da cabeça, deixei que caísse no chão e me ajoelhei para pegá-lo. Num segundo, entrei por baixo da toalha e fiquei embaixo da mesa.

Claude estava sentada, abraçando as pernas, o queixo encostado nos joelhos.

Sorria para mim.

- Seus encontros são sempre embaixo de mesas, Mademoiselle? - perguntei, colocando o capuz.

- As mesas são ótimas para nos escondermos.

- Foi onde você ficou escondida todo esse tempo, bela? Embaixo de uma mesa?

Claude parou de sorrir. - Você sabe onde eu estava. Nunca foi me procurar. - Colocou o rosto entre os joelhos, escondendo-o. Só pude ver sua coifa de veludo vermelho entremeada de pérolas, o cabelo cuidadosamente arrumado por baixo.

- Eu não sabia onde você estava; como poderia saber? Claude olhou outra vez para mim. - Sabia, sim. MarieCéleste me disse... - Parou de falar e demonstrou dúvida.

- MarieCéleste? Não a vejo desde a última vez que estive com você, quando levei aquela surra. Você mandou recado por ela?

Claude fez sinal afirmativo com a cabeça.

- Jamais recebi. Ela mentiu para você se disse que recebi.

- Oh.

- Maldita, por que mentiu?

Claude colocou a cabeça sobre os joelhos. -Têm lá seus motivos... Fui má com ela.

Um galgo entrou embaixo da mesa, procurando sobras de comida, e Claude estendeu a mão para acariciá-lo. Quando o pulso apareceu sob a manga do vestido, vi que tinha sido arranhado com força por unhas que precisavam de corte. Segurei com carinho o pulso de Claude.

- O que houve, bela? Você se machucou? Claude puxou a mão.

- Às vezes, a única forma de me sentir viva é me arranhando. Alors, não tem importância, você não ia conseguir mesmo que eu saísse de lá - disse ela, coçando os arranhões.

- Aonde você estava?

- Num lugar que é um paraíso para mamãe e uma prisão para mim. Mas descobri que a vida de uma dama

é assim mesmo.

- Não diga isso. Você ainda não está presa. Venha comigo, fuja do seu noivo!

Por um instante o rosto de Claude se iluminou como o sol sobre o Sena, mas ela pensou melhor e sua fisionomia voltou a se anuviar, com a cor escura que o rio costuma ter. Fosse lá onde ela havia estado, o lugar alterara seu espírito. Era triste de ver.

- E mon seul désir? Esqueceu dele? - perguntei, gentil. Claude suspirou. - Perdi o desejo. Era isso que mamãe queria. - O cachorro cheirou o colo dela, e Claude colocou as mãos em concha na cabeça dele, acrescentando: - Obrigada pelas tapeçarias; alguém lhe agradeceu?

São lindas, embora me entristeçam.

- Entristeçam? Por quê, bela?

Ela olhou para mim. - Elas me lembram como eu era antes, tão leve, tão feliz, tão livre. Só a do unicórnio no colo dela é como sou agora - aquela Dama é triste e sabe um pouco como o mundo é. Gosto mais dela do que das outras.

Suspirei. Pelo jeito eu havia entendido mal todas as Damas.

A toalha da mesa se mexeu e a menininha ruiva engatinhou para baixo da mesa. Ela viu o rabo do cachorro e veio atrás dele. Não estava interessada em Claude nem em mim; ficou apertando as costelas do cachorro com as duas mãos. O cachorro não parecia se incomodar: tinha achado um osso de carneiro e não parava de roê-lo.

- Sabe, descobri uma coisa boa na prisão - disse Claude, mostrando a menina. - Eu a trouxe comigo. Nicolette, leve o cachorro. Béatrice arrumará um osso maior para ele. Vá! - disse, empurrando o cachorro.

A menina e o cachorro não se importaram de sair.

- Quando ela crescer, será uma das minhas damas de companhia. Claro que precisará ser ensinada, mas terá muito tempo para isso. Ainda é quase um bebê.

Então perguntei: - Ela se chama Nicolette?

Claude riu de novo, um riso de menina, cheio de esperança.

- Mudei o nome dela; não podia haver duas Claudes no convento, não é?

Ela riu de novo quando levantei a cabeça com tanta força que bati no tampo da mesa. Então aquela menina era a minha filha. Olhei estupefato para Claude, que me encarou com seus olhos claros. Por um instante, senti o antigo desejo me lançar até ela e tentei segurá-la.

Jamais saberei se Claude teria me deixado tocá-la. Exatamente como da última vez em que ela e eu estivemos embaixo já de uma mesa, Béatrice enfiou a cabeça em nosso esconderijo. Era tarefa dela colocar-se sempre entre nós dois. Nem se surpreendeu ao me ver; devia estar ouvindo tudo, como fazem as damas de companhia.

- Mademoiselle, sua mãe a está chamando - disse. Claude fez uma careta, mas ficou de joelhos.

-Adieu, Nicolas - disse ela, com um suave sorriso. Em seguida, acrescentou: - E não se preocupe, ficarei sempre com ela. - Saiu, então, debaixo da mesa.

Béatrice ficou me olhando e disse: - Achei você, passei nove meses infernais por sua causa! Tive de interceptar todos os recados. Agora não deixarei mais que desapareça.

- Tirou a cabeça e sumiu.

Continuei de joelhos embaixo da mesa, pensando no que ela acabara de dizer.

Finalmente, também saí do esconderijo e levantei-me. Ninguém percebeu. Jean Lê Viste tinha saído da mesa e conversava com Geoffroy de Balzac, de costas para mim.

Geneviève de Nanterre estava com Claude na outra ponta da mesa. Béatrice cochichava no ouvido dela.

Geneviève de Nanterre olhou para mim. - Bien sûr disse ela, alto, levantando a mão e ficando entre mim e Béatrice. - Nicolas dês Innocents, como fui me esquecer de você? Béatrice me disse que está cansada de trabalhar e preferia ser esposa de um artista. Não é, Béatrice?

Béatrice concordou com a cabeça.

- Claro que não me compete acertar isso, já que Béatrice agora é dama de companhia de minha filha, e quem resolve é ela. O que diz, Claude? Pode dispensar Béatrice para se casar com Nicolas dês Innocents?

Claude olhou para a mãe e depois para mim, os olhos brilhando de lágrimas. Ambos estávamos sendo castigados.

- Nós duas vamos sentir sua falta, Béatrice, mas minha filha autorizará, não é, Claude? - insistiu Geneviève de Nanterre.

Um instante depois, Claude meneou os ombros de leve.

- Autorizo, mamãe. Como você quiser.

Claude não olhou para mim quando a mãe segurou a mão de Béatrice e colocou-a sobre a minha: cravou os olhos na tapeçaria do Paladar.

Quanto a mim, não vi as tapeçarias com as Damas olhando das paredes, nem os nobres comendo, bebendo, rindo e dançando. Não precisava olhar para eles, para saber que todos estavam sorrindo.

EPÍLOGO

Nicolas dês Innocents recebeu a encomenda de um vitral para a catedral de Notre Dame de Paris. Teve mais três filhos; nenhum deles com Béatrice.

Claude Lê Viste e Geoffroy de Balzac não tiveram filhos. Depois que ele morreu em 1510, ela se casou com Jean de Chabannes. Também não tiveram filhos. Quando Claude faleceu, as tapeçarias de A Dama e o Unicórnio passaram para a família de seu segundo marido.

Nicolette foi dama de companhia de Claude Lê Viste por toda a sua vida.

Jean Lê Viste faleceu em 1501 e, após a sua morte, Geneviève de Nanterre entrou para o convento de Chelles.

Philippe e Aliénor tiveram mais três meninos. O primogênito deles, Stéphan, e Etienne tornaram-se pintores, enquanto os outros dois, tapeceiros.

Georges recebeu várias encomendas de tapeçarias de unicórnios, mas recusou todas. "Dão muito problema", disse para Christine.

Christine fez uma pequena tapeçaria de millefleurs para o sempre adiado enxoval da filha. E depois não trabalhou mais no ateliê.

Léon Lê Vieux morreu em sua cama, tendo ao lado a esposa e os filhos.

NOTAS E AGRADECIMENTOS

Este livro é uma obra de ficção, baseado em hipóteses sobre as tapeçarias de A Dama e o Unícórnio. Não se sabe ao certo qual dos membros da família Lê Viste as encomendou, nem por que foram feitas, nem exatamente em que época - embora os trajes das Damas e as técnicas de tapeçaria mostrem que deva ter sido no final do século XV Jean Lê Viste era o único com direito a usar o brasão da família na época. Também não sabemos por quem foram feitas, embora a técnica e o estilo indiquem que o ateliê deveria estar localizado no Norte da Europa, provavelmente em Bruxelas, onde as millefleurs eram uma especialidade do país na época.

Devido ao seu alto custo e à glorificação do brasão dos Lê Viste, as tapeçarias não permaneceram muito tempo na família - após a morte de Claude (algo em torno de 1544), elas passaram para os herdeiros de seu segundo marido. Aproximadamente em 1660, foram dependuradas num castelo em Boussac, no centro da França. Em 1841, Prosper Mérimée, inspetor de monumentos históricos, descobriu-as. Foram encontradas em péssimas condições de conservação, pois haviam sido roídas por ratos e cortadas em alguns pedaços - aparentemente, os moradores das aldeias próximas usaram pedaços delas como cortinas e toalhas de mesa.

A escritora Georges Sand tornou-se sua admiradora, escrevendo artigos, romances, e citando-as em seu diário. Em 1882, o governo francês comprou-as para o Museu de Cluny (atual Museu Nacional da Idade Média), em Paris, onde se encontram até hoje, restauradas e expostas numa sala especial.

Tentei ser fiel ao pouco que se sabe acerca delas, mas, em termos gerais, tomei algumas liberdades, como os romancistas costumam fazer. Talvez a maior de todas elas tenha sido fazer com que os habitantes de Bruxelas falassem francês, quando é bem mais provável que usassem o flamengo entre si, exceção feita com visitas.

Há muitas fontes sobre a França do final da Idade Média e do começo da Renascença, e sobre a vida medieval de um modo geral. Um dos livros mais interessantes é *Life on a Mediaeval Barony*, de William S. Davis (1923). Os livros que me ajudaram sobre temas mais específicos são, entre outros: *La Tapisserie au Moyen Age*, de Fabienne Joubert (2000); *Tapestry in the Renaissance: Art and Magnificence*, organizado por Thomas R Campbell (2002); *The Lady and the Unicorn*, de Alain Erlande-Brandenburg (1991); *The Unicorn Tapestries*, de Margaret B. Freeman (1976); *Medieval Tapestries in the Metropolitan Museum of Art*, de Adolfo Salvatore Cavallo (1993); *The Oak King, the Holly King, and the Unicorn: The Myths and Symbolism of the Unicorn Tapestries*, de John Williamson (1986); *Sur la terre comme au ciel: Jardins d'Occident à la fin du Moyen-Âge*, organizado por Élisabeth Antoine (2002); e *Lê Château d'Arcy et ses seigneurs*, de A e C.-M. Fleury (1917).

Gostaria também de agradecer a Élisabeth Antoine, do Museu Nacional da Idade Média, em Paris; a Philip Sanderson, a Katharine Swailes e, especialmente, a Caron Penney, do Tapestry Studio, no West Dean College, em Sussex - eles estão recriando outra famosa tapeçaria de unicórnio e me mostraram em primeira mão como as tapeçarias medievais eram tecidas -; a Lindsey Young; a Sally Dormer; a Katie Espiner; e também a Susan Watt e a Carole Baron, a Jonny Geller e a Deborah Schneider.

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini Rio de Janeiro, maio de 2008